

**A N C H I E T A**

732



CELSO VIEIRA

# ANCHIETA

TERCEIRA EDIÇÃO DEFINITIVA

Vou falar de selvagens desumanos... colonos não menos cruéis... alguns caracteres nobres, cujo renome não transpôs os limites do seu idioma e do seu credo. Há nisso, contudo, certa vantagem: do ignóbil guerrear e das empresas desses homens obscuros advieram consequências mais amplas e provavelmente mais duradouras que as produzidas pelas conquistas de Alexandre e Carlos Magno.

SOUTHEY — *História do Brasil*

COMPANHIA EDITORA NACIONAL  
SÃO PAULO

1 9 4 9

---

IMPRESSO NOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL  
Printed in the United States of Brazil

**P R E F Á C I O**

(JUIZOS CRÍTICOS)



## A FIGURA HISTÓRICA DE ANCHIETA

Já se chegou a dizer que sem a Companhia de Jesus o Brasil não teria existido...

Por mim, prefiro que se exagere assim a obra dos Jesuitas, a não entendê-la na sua grandeza.

A hiperbole é perfeitamente legítima.

O Jesuita representa, em nossa história, pelo menos dois entre os mais poderosos factores do nosso espírito nacional.

Sem o seu esforço pela defesa da terra, e sem a sua mediação entre as duas raças que se encontravam em tão grande disparidade de cultura — não se saberia dizer (e isto é que é cabal) se a nossa história teria tomado o rumo e a orientação que tomou e portanto se o Brasil seria hoje o que é.

Penso que é assim que se há de definir a função da catequese na América Oriental, pois, do outro lado do continente, deram-se os fatos de outro modo.

Até meados do primeiro século sabe-se que os intentos de colonização não tinham feito mais do que agravar a solução do mais formidável entre os problemas que se nos deparam no dia em que pusemos pé na terra. E foi o Jesuita que a tempo acudiu, e tornou possível a obra que empreendemos na América.

Não é, pois, demais tudo o que se tem feito em relação a Joseph de Anchieta, desde o primeiro século, e o que fazemos ainda hoje.

Anchieta é a personificação de toda a gloriosa milícia no Brasil. Desde os seus dias até os nossos tempos vem-lhe a figura sendo desenhada, antes de tudo, pelo seu próprio testemunho, pelos grandes lances da sua legenda, depois pelo testemunho dos seus próprios irmãos, pelo dos cronistas estranhos à ordem, pelo dos biógrafos, pela coerência de todos os historiadores, em admirável unanimidade, onde não se encontraria a mais vaga reserva acerca do mínimo detalhe sequer de vida tão extraordinária.

É assim que veiu avultando na consciência da posteridade, até fixar-se em nossa história, num perfeito relevo.

Agora (com que ufania escrevo estas palavras!) veiu o artista que devia esculpir-lhe a estátua. Reunindo toda a justiça, toda a veneração e o entusiasmo de quatro séculos, projectou-os num monumento, de cujas proporções ressalta, nítida e brilhante, toda a grandeza do Apóstolo.

Não é menos do que isso o que acaba de fazer Celso Vieira no livro com que, da sua vida de silêncio recluso, de meditação e discreto labor, nos surpreende no meio destes tumultos em que anda o mundo.

Este largo estudo *Anchieta* é na verdade tão integral como história, tão perfeito como arte, tão sábio como obra de pensamento, e tão sereno e decisivo como sentença de juiz, que é preciso seja lido mais de uma vez para que se logre, do conceito histórico, uma impressão distinta; pois o fulgor da forma chega a fascinar de tal modo o espírito do leitor que este hà — de, em primeira leitura, sacrificar alguma coisa da inteligência do texto.

Como adverte o autor nas poucas linhas preliminares, os seus predecessores têm cuidado mais do taumaturgo que do apóstolo, do poeta e do herói; e explica que, aproximando-se o quarto centenário do natalício de Anchieta,



aproveita o ensejo de, fora do domínio das lendas, dar uma vida do apóstolo em síntese documentada.

Aliás, nem por isso, excluiu de todo a parte lendária. Nem poderia fazê-lo.

Numa vida como esta, que é toda de maravilhas, a lenda completa a história, e é por ela que a história entra na imaginativa popular.

O que é essencial é sentir-se que o autor faz com efeito mais história propriamente que apologética.

E é nessa altura que ele põe character magistral em todo o trabalho.

Revela-se ainda Celso Vieira um grande pintor da natureza. As suas descrições parece que são mais vivas que as próprias paisagens...

Vêm depois os grandes lances do nosso drama: a fundação do Colégio S. Paulo; a vida do apóstolo, na capela, na escola, na floresta; o martírio de Pedro Correa, talvez o maior milagre da Companhia no Brasil; a epopéia de Iperoig; a capital do sul etc.

A psicologia de Anchieta ainda adolescente é inimitável.

Uma parte nova na legenda do taumaturgo é a em que se refere a Anchieta como orador. É de lamentar que se não possam coligir-lhe os sermões.

Em quase todo o texto, intercala o autor grande número de episódios, anedotas, lendas e milagres.

Quando faz a síntese do homem, dá-nos um *pobresinho* de Assis parece que ainda maior do que aquela outra maravilha.

Em suma: não é possível sugerir idéia desta obra sem escrever outro volume. A meu ver, o livro de Celso Vieira aparece já clássico.

ROCHA POMBO

(*Correio da Manhã*, 26 dezembro 1929)

## ANCHIETA

“Na bibliografia do assunto ocupará de agora em diante lugar eminente o grande livro do Dr. Celso Vieira, livro que, pelo elevado da concepção, concatenação das matérias e primor da forma, bem pode ser qualificado de composição epopéica.

“Define-se a epopeia: poema em que se descrevem acções heróicas; poema épico baseado em elementos históricos, entrelaçados com a lenda, o maravilhoso ou a mitologia.

“À excepção do fator mitológico, tudo mais se encontra no *Anchieta* do Dr. Celso Vieira.

“É na verdade uma série de feitos extraordinários, de esforços sobre-humanos, prodigiosos, tanto mais sobre-humanos e prodigiosos quanto realizados com humildade genuinamente evangélica, e escrupulosamente atestados por testemunhos e documentos irrefragáveis.

“Impressionaram eles de tal sorte a imaginação e a sensibilidade dos contemporâneos e seus sucessores, que engendraram muitas amplificações lendárias, perpetuadas na tradição popular.

“Estudando a matéria com máximo cuidado, com o carinhoso ardor de quem ama, venera, deseja enaltecer sem deslize da exactidão o objecto do seu labor, o Dr. Celso Vieira produziu obra merecedora, por vários títulos, de calorosos encómios e que lhe perpetuou altos foros de conhecedor, registrador e narrador das coisas pátrias.

“Dignidades de homem de letras já as havia ele adquirido, mediante consideráveis trabalhos anteriores.

“Destacara-se igualmente como jurista e crítico.

“Desta última aptidão é bela amostra a sua monografia sobre Varnhagen.

“*Anchieta* consolidou-lhe e dilatou-lhe a nomeada.

“Admira-se, em primeiro lugar, nas centenas de farras páginas do volume, a sólida e variada erudição do autor, que recorreu para informar-se a todas as possíveis fontes, assimilando, coordenando, unificando muitas versões e textos esparsos.

“Admira-se, em seguida, a ordenação dos capítulos, ou cânticos, em surto luminoso, desde os prenúncios da vocação do santo missionário até o seu trespasse tão singelo quanto tocante, e a sua apoteose.

“Admira-se ainda o burilado da linguagem, clara, elegante, eloquente, recamada não raro de refulgências poéticas.

“Sente-se que o escritor a traçou sinceramente comovido, sinceridade e comoção insupríveis nas lídimas obras de arte.

“A par disso, fina dialéctica, no debate e elucidação de certos episódios, como o referente ao aventureiro João de Bolés, episódio na exposição do qual ficaram para sempre destruídas falsas incriminações assacadas pela ignorância ou má fé contra a infinita meiga bondade de Anchieta.

“Tópicos há descritivos de cenas, costumes, paisagens, apreciações de incidentes e caracteres, com direito a figurar em selectas antológicas.

“Joseph, o taumaturgo — conclue o Dr. Celso Vieira — exalçado por decreto de 10 de agosto de 1736, quando o Papa Clemente XII lhe reconheceu, em grau heróico, as virtudes teológicas e cardiais, ainda não saiu do

Vaticano para os altares, do processo de canonização para a magnificência da liturgia e do calendário. Através dos séculos, porém, vibra na mesma lenda selvagem, como na mesma glória cristã, o culto de Anchieta, *pobre e inútil Joseph*, santificado pela consciência de um povo.”

“Em suma: é conhecido o conceito de um prelado: — a Companhia de Jesus é um anel de ouro, tendo Anchieta como pedra preciosa.

“A essa gema conseguiu o Dr. Celso Vieira, realçando-lhe as facetas, dar novas lindas cintilações.

AFONSO CELSO

(*Jornal do Brasil*, 12 novembro 1929)

## ANCHIETA

Dominando a confusão estrepitosa da Idade Média Brasileira, acima do fragor dos combates e dos epílogos dramáticos das capitânicas feudais, uma figura de asceta resplandece, já postada no altar da Pátria como um santo canonizado pelo sentimento nacional. Pomba branca revoando sobre um mundo bárbaro, Anchieta paira no período inicial e tumultuoso da formação do Brasil com o tríplice prestígio da santidade, da poesia e da acção.

Compleição mística da mesma linhagem espiritual de S. Francisco de Assis e de Santo António, Anchieta encontra-se indissolivelmente associado aos acontecimentos máximos, que determinaram em seus mais transcendentales germes espiritualistas a implantação da nacionalidade. A presença desta figura angélica nos pródromos tenebrosos da História do Brasil, movendo-se entre as selvas de um mundo virgem, constitue um dos contrastes mais impressionantemente empolgadores que a imaginação poderia conceber. Nesse mundo de florestas em que imperam os instintos selváticos e animais da Natureza, Anchieta é a quintaessência do espírito liberado pela fé das suas algemas terrestres: um santo de lenda mística extraviado entre uma humanidade ainda em sua aterradora infância nua e canibalesca.

A função distribuída a um missionário jesuita, enviado a um mundo bárbaro, não podia circunscrever-se ape-

nas à esfera mística. Esses apóstolos eram conquistadores desarmados e também, como Nóbrega, estadistas sem alvará régio. Servido pelos arroubos de uma alma poética, e posto em contacto com aquela humanidade bárbara, o misticismo de Anchieta fez dele uma espécie de Orfeu cristão, encantador e domador de feras. Com ele o mito órfico se renova, e o que perde em helénica beleza plástica, ganha em formosura espiritual.

O pálido, o doentio, o corcovado evangelizador, desembarcado com seus companheiros de catequese da flotilha do governador D. Duarte da Costa, ia desempenhar uma missão de predestinado, em confronto da qual empalidecem as proezas de muitos heróis.

O descrever essa vida beata quase importa em descrever a infância de uma nação: infância trágica e truçulenta, de que alguns historiadores destituídos de visão não prescrutaram os apocalípticos aspectos. Essa infância acaba, finalmente, de ser narrada com sublime eloquência por um dos mais admiráveis ourives da nossa língua. A biografia de Anchieta, composta por Celso Vieira, é, antes de tudo, uma poderosa obra de historiador dramaturgo, decerto a mais opulenta de linguagem que até nossos dias se incorpora na História nacional, porquanto nem as figuras máximas de Varnhagen e Capistrano possuíram o condão, reservado aos artistas, de transfigurar o verbo em beleza.

Até hoje, a bibliografia anchietana era principalmente constituída com panegíricos exaltadores da vida sublime do taumaturgo. Um historiador, no sentido objectivo e erudito da palavra, não ensaiara ainda reconstituir em seu realístico cenário histórico a existência de Anchieta e determinar a influência que ele tivera, como artífice, na embriologia da nação, nem tão pouco fixar-lhe a posição culminante no nosso património espiritual.

O sr. Celso Vieira realizou essa obra arqui-difícil e complexa, que exigia, além da cultura documentada e investigadora de um historiador perspicaz, a sutilíssima e quase anacrônica capacidade espiritual de compreensão de um santo e os dotes requintadamente literários de um ressuscitador de ambientes retrospectivos, dos mais difíceis de fixar em literatura, em cujos cenários haveria a movimentar a colisão do autoctone selvagem com os invasores europeus. Um labirinto de selvas na posse dos tapuias e dos tupis, onde um punhado de homens brancos se empenhava em fundar o esboço de uma nação; e no fragor dessa peleja, que se prolongava desde os redutos feudais do castelo de Olinda até aos planaltos de Piratininga e às praias da Bertioga, um santo macerado pelas disciplinas e os cilícios, uma alma com forma humana, que esparge sobre a tragédia a mais diáfana luz espiritual, — eis em resumo o que esse historiador tinha a descrever, quando de posse de todos os subsídios e aquisições de ordem histórica, religiosa, militar, étnica e naturalista exigidos para a *mise-en-scene* de uma tal acção.

Se, enlevado pela fascinação que a sublime figura exerce sobre as inteligências sensíveis que a contemplam, o seu admirável biógrafo nela condensasse o mérito exclusivo do prodígio operado, a história teria sofrido em sua substancial verdade. Isto, porém, não sucede. O que o Sr. Celso Vieira nos narra é a vitória da aliança entre o Estado e a Igreja, entre o Governo e a Companhia de Jesus, na formação do Brasil.

Tomé de Souza, Manuel da Nóbrega, Men de Sá e Anchieta são as cariatides que sustentam o primeiro pavimento do edifício. Em volta dessas figuras proeminentes move-se a pleiade de cavaleiros e de padres que constitue a *élite* construtora da nacionalidade. É dessa aliança do arnez com a sotaina, da espada com o cruci-

fixo, da lei com o evangelho, da autoridade com a fé, que resultou o Brasil. Esta a história confortadora e verídica que nos narra este livro magistral — verdadeiro e excepcional título académico, — em uma sucessão de quadros onde nunca afrouxam e empalidecem as tintas rutilantes da eloquência, e em cuja rigorosa composição descritiva se aproveitaram todos os mananciais de informação histórica.

Pode afirmar-se que não demorará que para as antologias e selectas serão dentro de pouco transferidas como modelos literários e lições de história pátria muitas das páginas deste livro exemplar, que ocupa nos domínios da história retrospectiva um lugar simétrico ao ocupado pelos *Sertões*, de Euclides da Cunha, na história contemporânea.

CARLOS MALHEIRO DIAS

(O CRUZEIRO, 2 novembro 1929)



## IV

### JOSÉ DE ANCHIETA

Dono de um formoso estilo e de uma cultura acumulada com silenciosa e beneditina paciência, o sr. Celso Vieira considerou oportuno e necessário escrever, também, o seu livro sobre Anchieta. Após a leitura de quanto sobre ele se publicou durante quatro séculos, teve a ideia de, como artista, e como estudioso, realizar obra nova e imprevista. E deu-nos este volume curioso, que faz lembrar certos altares das catedrais espanholas, em que as imagens são vestidas de seda e enfeitadas de joias, mas que, despidas das suas alfaias sumptuosas, serão reconhecidas como os mesmos íconos do agiologio católico. Eu quero dizer com isso que, vestindo a figura de Anchieta com as galas da fantasia própria e das que lhe forneceram os cronistas imaginosos, não desfigurou o sr. Celso Vieira a legítima entidade histórica. Sob os ouropeis da sua imaginação e da sua opulência estilística, movimenta-se um vulto humano, esculpido conscienciosamente pela pena de um historiador.

Esse milagre do talento e do estudo vem criar, todavia, para a crítica, uma dificuldade inopinada. O *Anchieta* do sr. Celso Vieira é uma obra histórica admiravelmente escrita ou um poema em prosa que ele ajustou intimamente à história? Alguem dirá, talvez, que se trata daquilo que se chama, hoje, uma biografia romanceada. Mas isso seria praticar uma injustiça, imaginando que

um escritor com a sua responsabilidade pudesse contentar-se com imitações exóticas, no momento em que esse gênero literário abriu falência nos países de origem. Tivesse ou não Strachey aparecido na Inglaterra com a renovação literária da biografia; e tivesse, ou não, o sr. André Maurois se tornado o profeta da religião em que o outro é Alá, e, estou certo, o sr. Celso Vieira teria escrito, da mesma forma, este seu livro. Escreve-lo-ia porque é modalidade específica do seu talento animar com um alto sopro de beleza os motivos mais áridos, e porque nunca lhe saiu da pena trecho de prosa em que não pusesse, como Flaubert, o seu cérebro, a sua carne e o seu sangue.

.....  
 .....

Esteta por temperamento, nutriu sempre o sr. Celso Vieira horror irreprimível ao escândalo e, mesmo, à nomeada merecida. Escrevendo belas coisas desde 1900, só em 1918 nos deu o seu primeiro livro, *Endimião*, cujo título é toda uma confidência de artista. À semelhança do neto de Júpiter, dormia ele o sono do seu silêncio na asperidão do seu monte Látmos, onde a glória, nova Diana, debalde o namorava. Em 1919 dava-nos ele *O Semeador*, atirando nas urzes agressivas da nossa planície literária punhados de belas ideias. Em 1923 publicava um excelente estudo sobre *Varnhagen*. E, como consequência, tirando de um assunto inspiração para outro, este belo volume sobre *Anchieta*, aparecido em 1929 e, já hoje, em segunda edição.

O primeiro espanto de quem examina a vida é a atividade do sr. Celso Vieira consiste na tranquilidade de que ele as cerca. Numa época e num ambiente propícios ao cabotinismo, em que os candidatos à glória despem os loureiros das suas folhas para tecerem clandestinamente

às próprias coroas, ou se agrirem na praça pública para as arrancarem uns à cabeça dos outros, ele é o trabalhador sem pressa, consciente do seu valor, e pago do próprio esforço com a íntima alegria de tê-lo feito. Conta Fabre, relatando as suas experiências de entomologista, ter aprisionado, certo dia, dois efímeros, a que deu destino diverso : um em lugar escuro, e outro sujeito à claridade. Este durou apenas quatro dias; o outro viveu cinco. E o naturalista explica: o que ficou sob a acção directa e constante da luz consumiu dia e noite a energia orgânica em movimentos desnecessários, ao passo que o outro a reservou, prudente, para a própria conservação. O sr. Celso Vieira compreendeu cedo essa verdade, isto é, a inconveniência de consumir-se na conquista de uma popularidade vã. “Triunfar tarde não é triunfar: é atingir ao mesmo tempo a immortalidade e a morte”, — pensava Disraeli adolescente. Mas a glória é um peso grande demais para que o homem o carregue toda a vida, quando começa a carregá-lo cedo. O homem de letras, que se tornou popular aos vinte anos, pertence, já, ao passado, quando atinge os quarenta. A boa glória é, pois, essa, que a sua prudência e os seus talentos lhe conquistaram. O seu nome não foi escrito na areia, como os versos de Anchieta; mas gravado na pedra, como o dístico do farol de Rodes, zombando permanentemente da impertinência do sol, da força das águas e da marítima inconstância dos ventos.

“O que me interessa mais vivamente no sr. Celso Vieira, — escrevia eu há doze anos quando ao aparecimento de *Endimião*; — o que me interessa mais vivamente no sr. Celso Vieira não é a soma de ideal que ele põe nesse livro: é o escritor mesmo, na complexidade dos seus recursos”. E no mesmo artigo: “Um escritor estudioso não tem, jamais, uma feição definitiva. Defi-

nir-se é estacionar. E estacionar é atingir a monotonia, de que nasce o fastio. Eu não compreendo, nem compreenderia nunca, um espírito que procure energias no vácuo. Escrever sem leituras é edificar sobre a areia. E é porque o sr. Celso Vieira não se detem na absorção de conhecimentos, que eu, admirando a beleza da sua obra realisaada, adivinho, maravilhado, o esplendor da sua obra futura". *Anchieta*, com as suas qualidades de obra de crítico e de esteta, confirmou, integralmente, aquela previsão.

.....  
 .....  
 É para fixar esse vulto estranho, e a natureza nova destinada a servir-lhe de moldura, que o escultor grego de *Endimião* borda a ouro, catolicamente, os trinta e seis capítulos deste seu livro. Foi o sr. Celso Vieira, lembro-me bem, que me poz em contacto, há dezoito anos, com Paul de Saint-Victor, lendo-me alto, com entusiasmo e devoção, algumas páginas do III volume de *Les deux masques*, em que o estilista francês analisa a obra de Shakespeare. O estilo em *Anchieta* é, sensivelmente, uma irradiação daquelas páginas magistraes, em que se encontra, associados, o que há de mais colorido em Ruskin e de melhor desenhado em Flaubert. Elegante, gracioso, musical, a arte é mantida á grande altura, do primeiro capítulo ao último, preenchendo com a beleza da palavra os lugares em que falha o interesse do assunto. Colorista minucioso, completa o autor com a imaginação as omissões do desenho da História.

.....  
 A descrição, que nos dá, do selvícola da época da descoberta, é obra de estatuário a que se associasse um pintor enamorado das cores fortes... É ainda com a

mesma pena molhada no arco-iris ou nas nuvens do poente que nos conta com alma virgiliana a marcha do cortejo que conduz o caixão mortuário de Anchieta, entre Reritiba e Vitória...

É possível, é provável mesmo, que todas estas cenas tivessem ocorrido de modo diverso, e que essas nuances de beleza provenham do talento do sr. Celso Vieira. O índio que ele nos dá, magnífico e decorativo, não é o selvagem comum que os portugueses encontraram na plaga americana, mas um ou outro chefe deles, preparado para a guerra ou para as festas rituais da vitória. Da colaboração do seu espírito na ornamentação da narrativa, dá-nos, aliás, ele próprio, o documento, quando descreve e comenta a luta da esquadra de Men de Sá para desalojar os franceses e indígenas da ilha do Governador.

.....

É certo que, aqui e ali, temos a impressão de deparar um anacronismo no livro do sr. Celso Vieira. Este é, porém, um escritor tão escrupuloso e bem informado, que eu, em tais casos, prefiro atribuir a minha estranheza á minha própria ignorância, a admitir que a falha seja do autor. (\*)

Trate-se, porém, de lapsos da pena do sr. Celso Vieira ou de erros do meu julgamento, é incontestável que ele nos deu um dos livros mais bem escritos porventura publicados no Brasil. A sua prosa realizou, nele, prodígios de sonoridade. E lembra, em todos os seus capítulos, a obra sinfónica de certos compositores italianos, desses que, ao fim de cada partitura em que embalaram docemente

---

(\*) Foram corrigidos nesta edição alguns lapsos, entre os quais, dada a procedência do reparo, dois anacronismos indicados por Humberto de Campos.

o auditório, o levantam para o entusiasmo ou para as emoções prolongadas, fazendo entrar em jogo, de súbito, a massa coral de todos os violinos.

HUMBERTO DE CAMPOS

(Do livro "CRITICA" — 2.<sup>a</sup> série)

## A RECONSTRUÇÃO DO APOSTOLADO

O historiador de uma época necessita de um espírito capaz de vibrar ao ritmo do ambiente, das instituições e dos factos que recompõe; o biógrafo, que é o historiador de herois, deve possuir no temperamento e nos traços peculiares da mentalidade alguma coisa que seja o reflexo da figura, por ele evocada, do mundo crepuscular das sombras dos homens extintos.

Para dizer de Anchieta, ninguém, na nossa geração, poderia disputar a Celso Vieira a missão predestinada de erguer um monumento literário, que o Brasil devia ao patriarca jesuita da civilização nesta terra. Se entre os escritores da lingua portuguesa, tanto actuais como passados, muitos não são os que podem ombrear com o nosso grande artista da palavra no cinzelamento aprimorado do vernáculo, nenhum dos que hoje fazem a literatura do nosso idioma tem, como Celso Vieira, qualidades de temperamento, sagacidade peculiar de estesia e tendências características de espírito para sentir, compreender e reconstituir em forma viva de presença o místico iniciador do apostolado cristão no Brasil.

Dessa harmoniosa conjunção do autor e da matéria da sua obra resulta, no grande livro que Celso Vieira acaba de produzir, uma projecção de luz sobre a personalidade de Anchieta, que surge daquelas páginas com a perfeição escultural completada pela irradiação do vibrante dinamismo da sua alma intrépida de crente e de homem

de acção. Durante quatro séculos, o missionário foi o centro do culto discreto, formado em torno das ingénuas e sinceras narrativas dos cronistas, que recolheram para a glória da Companhia os feitos e as lendas daquela vida de esforço, de beleza e de fé. Mas, com a obra de Celso Vieira. Anchieta ressurgue como primeiro marco dominador a assinalar, com as linhas austeras do seu perfil de asceta, o ponto de partida do ciclo da brasilidade.

Era tempo de ser feita, como o destino permitiu, por mão de mestre, essa ressurreição do apóstolo e reconstrução do apostolado. As origens da nossa história são pobres de tipos dignos de ocupar peanhas de uma galeria carlyleana de heróis. Sòmente mais tarde, os vultos robustos dos aventureiros paulistas nos proporcionam, com um Fernão Dias, homens capazes de agitar a imaginação com o sopro rijo da epopéia. Mas, até à eclosão das Bandeiras, a formação embrionária da nacionalidade prossegue na mediocridade de personagens secundários. Entre eles, o jesuita da Nivaria Insula ergue-se em uma preeminência quase super-humana, como as geleiras invernais do seu pico natal acima da topografia do arquipélago canário. E o estudo de Anchieta não interessa apenas pelas proporções da sua grandeza em relação ao meio, onde viveu e agiu. O catequista é ainda, e por outros motivos, a mais forte e fascinadora figura exponencial da obra criadora, que o gênio da Europa, ainda flambado pelo baptismo de fogo da Renascença, veio realizar, imprimindo os valores da cultura mediterrânea na matéria plástica da selvageria americana. Assim, a personalidade de Anchieta parece-me tornar-se a magnífica altitude da qual podemos apreender, em uma visão panorâmica, as linhas imensas de um dos mais empolgantes momentos históricos.

.....



No belo livro de Celso Vieira reaparecem, com a intensidade dramática de uma evocação, as batalhas travadas em terras do Brasil pelos legionários de Calvino e de Loiola, na disputa fremente de uma supremacia antártica. Essa é a significação mais profundamente interessante do papel de Anchieta no lançamento dos alicerces da nossa nacionalidade. Muito mais que a acção frágil dos donatários das capitanias e do governo geral estabelecido mais tarde na Baía, a combatividade religiosa do jesuíta contribuiu para o insucesso das incursões exóticas, que, entre os anos da década de cinquenta do século XVI e a expulsão definitiva dos holandeses do Nordeste, quase cem anos mais tarde, tentaram arrancar o Brasil ao círculo da influência mediterrânea.

No desempenho do papel histórico, que o destino lhe preparara, Anchieta sobrepuja todos os outros protagonistas desse drama de incalculável alcance nos destinos do Brasil, por uma extraordinária combinação da força propulsora do idealismo místico e de notáveis aptidões práticas e executivas. No grande missionário transparecem a mentalidade e a fisionomia moral dos paladinos da teocracia, formados na escola de Loiola e na disciplina de Calvino. O apóstolo do Brasil lembra, em alguns traços característicos da sua personalidade, as figuras representativas do puritanismo, dos fundadores da Nova Inglaterra e dos grandes caudilhos parlamentares da luta contra os Stuarts. É o mesmo conceito da síntese do poder político e da autoridade religiosa, em que parece sobreviver a mentalidade bíblica dos juizes de Israel. O homem de quem Celso Vieira nos conta tantos feitos demonstrativos de energia organizadora, de aptidão de comando, de agilidade diplomática e de sabedoria política é o mesmo iluminado, que atravessa o oceano impregnado do ardor místico do autor da Epístola aos Hebreus, ina-

balável na convicção de que da sua alma irradia, pela graça divina, a força criadora da fé, que é “a substância das coisas que estão para acontecer” nas terras virgens do continente de Colombo.

As vicissitudes do processo histórico não permitiram que a visão do apóstolo se tornasse realidade. Mas as paredes mestras do edifício por ele fundado configuram uma estrutura social, que não diverge completamente do seu sonho. Lançando através das páginas de Celso Vieira um golpe de vista retrospectivo sobre aquela idade heróica da gênese nacional, podemos talvez encontrar na deslumbrante audácia dos homens de fé o estímulo compensador da perturbadora agitação do cepticismo contemporâneo. Em crentes, como Anchieta, denunciam-se potencialidades ignotas da psiqué humana no conflito eterno com os enigmas esmagadores de um universo, que Bernard Shaw julgou uma vez possível ter sido apenas uma tirada humorística do Absoluto e que muitas vezes chega a tomar as formas macabras de síntese estranha dos delírios cósmicos de um manicómio de deuses.

(Excerpto do prefácio á 2.<sup>a</sup> edição)

AZEVEDO AMARAL

## VI

### PARA O GRANDE ANCHIETA UM GRANDE HISTORIADOR

Apareceu, enfim, o livro máximo de Celso Vieira. Explico-me sobre o qualificativo.

Anchieta absorveu cinco anos, em obstinada faina, ao prosador de *Endimião*. Um quinquênio consumido em pesquisas, em anotações, em exame do copioso material acumulado, em identificação dos textos, em assentamento do plano da obra, por fim, na composição desta, segundo métodos rigorosos de crítica histórica — um quinquênio assim esgotado em buscas, consultas, investigações, através de fontes em maioria difíceis, omissas ou precárias, e por um escritor cuja probidade mental é sabidamente irreprochável, só poderia produzir a obra realmente forte, realmente admirável, que qualifiquei de máxima, na rutilante carreira literária de Celso Vieira.

Até então, Anchieta tivera biógrafos panegiristas da sua taumaturgia. A comemoração do centenário da morte, em 1897, cingiu-se a evocações esparsas dos seus feitos místicos. Ficou por fazer a reconstituição da personalidade excepcional na realidade histórica, situando-a na sua época e no seu elemento, maximamente como civilizador, ou plasmador genial do nosso esboço de civilização no primeiro século do descobrimento.

A esse cometimento de múltiplas exigências foi que se consagrou Celso Vieira, acompanhando o sulco terreno

do Apóstolo desde a Vocação, transitando pela Escola de Piratininga, fulgindo no poema de Iperoig, exaltando-se nas lutas da fundação do Rio de Janeiro até à apoteose da Ascensão e ao ocaso de Reritiba.

São 287 largas páginas de texto, apoiadas em mais de 50 de notas, revelando a impressionante erudição desse bandeirante da história no enalço dos bandeirantes da catequese, os campeadores da fé, sublimes de altruísmo e de estoicismo, Anchieta e seus irmãos jesuitas, que, batalhando na brenha da terra e na brenha das almas, precipitaram o “prelúdio da nossa vida cristã” com o “epílogo do nosso mundo selvagem”.

A obra é completa e definitiva. Alteia-se e rebrilha entre os monumentos da nossa literatura histórica — monumento que entre eles se realça pela transparência do estilo, pela fluidez da língua, pela vernaculidade lapidar.

De ordinário, entre nós, a história enerva, em penúria de atractivos na forma dos que lhe versam os temas e analisam os episódios. Arrolam-se acontecimentos e criticam-se fenômenos com aridez e mazorrice, e a história, mestra da vida, perde toda a fascinação, desencanta e entedia.

Poucos hão de ser os que, por predicados opostos, se evadam a essa contingência negativa da escrita sem sedução, áspera e rude, amortecendo a vivacidade anedótica, amortalhando em bocejo e sono a graça, o interesse, a alegria de tantas minúcias que, à margem das acções culminantes, revelam, não raro, a exacta psicologia de figuras singulares.

Publicista, cronista, ensaísta, conferencista, historiógrafo, Celso Vieira é, em longos anos de actividade mental, o mesmo uniforme perdulário da frase impecável no idioma impecável.

Tudo que escreve não é transitório. Cuida a prosa com o esmero de um cinzelador, mas sabe transmitir-lhe uma sonoridade e uma claridade que a subtraem à conjuntura do efêmero e do perecível.

Seu estilo é uma permanente vibração harmónica do som e da luz. Provoca sempre as emoções mais altas de que é capaz a sensibilidade de um artista enamorado da beleza; e tal é o seu poder de transfiguração dos episódios menos seducendo em motivos de sensação e impressionismo, aureolados pelos requintes da sua estesia, que a sua obra é, toda ela, de uma homogeneidade perfeita como sentimento, como pensamento e como arte.

Ao serviço da ressurreição histórica de Anchieta, o santo, o evangelista, o poeta, o civilizador, por Celso Vieira, neste livro inconfundível, todos aqueles atributos do seu espírito criador, da sua idealidade "brasileira", da sua luminosa virtuosidade estilística.

Eu saúdo com entusiasmo esse poema de verdade, de justiça, de exaltação heróica, como um património que em 1934, quarto centenário do nascimento, será a peanha mais sólida e mais bela sobre a qual o reconhecimento de toda uma Pátria apresentará a imagem do Apóstolo ao zelo e á prece da nossa veneração perene.

ALVES DE SOUZA

(O PAÍS, 22 outubro 1929)

## VII

### DOIS EXCERPTOS

#### I

“Em seu espírito aproximam-se, aparentam-se as obras primas de Ernest Renan e Celso Vieira. É que em ambas se humanizou aquilo cuja sublimidade se evola para o divino, se refugiara na mitologia. Tal qual Celso Vieira nô-lo representa, é Anchieta, como foi Cristo, no trabalho de Renan, uma síntese de toda a possível perfeição humana. E eis porque esse evocador vai tornar-se, conforme disse, do outro, Maurice Barrès, um cristianizador involuntário de seus contemporâneos e pósteros”.

#### II

“Cabe a Celso Vieira, uma das mais perfeitas organizações de escritor até hoje produzidas por este país, espírito que vive a transbordar não de erudição — simples adubo — mas de cultura — maravilhosa florescência, mestre de estilo como da arte de pensar, velho poeta incorrigível que procura, nas epopéias vividas heróica ou misticamente pela raça, os desejados motivos de exaltação; a Celso Vieira cabe, dizia eu, a glória de haver inaugurado a luminosa galeria de catequistas, sem a qual o

estudo, a reconstituição da iluminada “bandeira” espiritual, em que se elaborou a civilização brasileira, ficariam fatalmente incompletas.

Desse livro (*Anchieta*) que veio classificar definitivamente Celso Vieira entre os primeiros escritores de sua época, consolidar a reputação do historiógrafo, que a brochura sobre Varnhagen revelara, quero destacar o capítulo intitulado o Herege de Guanabara, um dos mais documentados e empolgantes do volume...

BENJAMIN LIMA

(d'O PAÍS, 26 novembro e 19 dezembro 1929)

## VIII

# RECEPÇÃO DE CELSO VIEIRA NA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

(Excerpto do discurso de Aloysio de Castro,  
em 5 maio 1934).

“Sois dos raros entre os nossos escritores em quem se pode conhecer o estilo, o donaire da forma, a palavra luzindo pela beleza de si mesma, nos mil valores que exprime, de idéia, contorno e som. Mas o estilo, flor de distinção e nobreza, dando ao artista a sua nota pessoal e única, como ao músico, no tanger o instrumento, o modo de desferir-lhe as cordas, o estilo reclama uma sutileza de sensibilidade que é verdadeiramente um dom de eleitos.

Nos recamos da vossa prosa tudo é alinhado e decoro...

Vê-se que possuis a qualidade mestra do escritor, o saber do idioma. Já parece coisa de espanto amar as riquezas da nossa lídima linguagem, quando hoje ela por aí vai, desbotada, relaxada, desprezada, enquanto prosperam as chulices da gíria e o falar enxacoco. Pos quem mais se atreve à paciência de estudar por muitos anos e ainda pela vida inteira? Isso de linguagem ninharias, coisas de nonada. Se os erros gritam, vem por desculpa o uso, o uso que faz lei. Cômodo e simples.



Mas que esplendor essa lingua quando vasada com tão venusta forma e tão ricos matizes, como nas vigorosas páginas do vosso "*Anchieta*", desse livro que há de durar, monumento da nossa literatura histórica.

Versando assunto copiosamente tratado em quatro séculos, por penas eruditas de cronistas, alcançastes fazer contudo obra pessoal em que a figura do grande apóstolo do Brasil se nimba como de um halo de beleza nova. .

Fostes fiel aos factos históricos. Tão formosa a vida de Anchieta, dir-se-ia que porventura a esmaltastes com a imaginação. Mas é que a verdade nua, também pode ser bela. E a mais bela verdade é sem dúvida uma bela vida...

Que esplendor e variedade de quadros e tons, aqui e ali nos dais, com força de estilo comparável à do Euclides da Cunha, dos "Sertões"...

Magnificando as nossas letras com o vosso "*Anchieta*", mostraste-nos, sr. Celso Vieira, uma pena digna da Legenda Áurea ou de um Florário dos Santos. É um livro edificante pelo fervor espiritual e pela luz da fé, que radiando lhe atravessa as páginas. Não há nele exortações tonitruantes. A palavra é serena, mas cheia de unção, daquela força simples que nos influi a verdade e comove e acende ainda as almas regélicas. Lendo-se um livro assim, sente-se vivo o alento de Deus. E então é peito por terra, para levantar a esperança ao Criador e subir-lhe os apelos de nossa alma, ao Criador, que do pecado e da miséria nos ressuscita para a virtude e para a glória.

Essa luminosa força de crença se sobredeira na obra do poeta, porque o vosso livro é como um poema, eu dissera outro "*Evangelho nã's selvas*", capaz de irmanar-se ao portentoso canto de Varela.

## O PANORAMA E O HOMEM

Um ilustre acadêmico brasileiro — Celso Vieira — compoz a biografia do Padre Anchieta. É uma vida bela como um romance na evocação do Brasil primitivo. Mistério, aparições de índios e anjos, constância, dor, e uma obra imensa de civilização.

Historiadores, sabemos do Padre Anchieta o que nos diziam, repetindo-se, alguns documentos e algumas obras. Com esta biografia, hoje, muda por completo a notícia do grande missionário. Seguimos-lhe a história desde o berço até à morte. Compreendemos-lhe os impulsos, que lhe decidiram a vocação. Assim o vemos partir, chegar ao Brasil e viver nas selvas. É todo um ambiente de conquistadores, colonos, aventureiros, índios e bandidos. Celso Vieira, além de historiador e erudito eminente, é um poeta nos sentimentos e na linguagem. A descrição do Brasil, em que actuou o Padre Anchieta, foi magistralmente elaborada. O leitor sente a angustiosa sensação de lhe percorrer as cidades recém-nascidas e os bosques palpitanes e encantados. Por vezes, parece-nos ler uma novela fantástica, mas na realidade estudamos um momento histórico e um ambiente social de ressurreição insuperável. Costumes, religiões, lendas, músicas e cantos, eis aqui todo o mundo selvagem e todo o mundo hispano-português transplantado da Península para a América. O trabalho de penetração de Celso Vieira na

história luso-brasileira não pode ser mais profundo. Transmitem-lhe os documentos, em linhas ocultas, visões formosas, dados reveladores, um colorido imprevisível. Ele sabe, como poucos, reconstruir com os documentos esparsos todo um panorama, que se extinguiu e renasce. A verdadeira história, considerada como arte e como vida, é precisamente essa ressurreição. E o jornadear do Padre Anchieta é a linha central dessa amplíssima visualidade, através das selvas. Depois do Brasil, da colônia, do ambiente, vemos o herói, o santo, avançar na vida e na imortalidade, passo a passo, como quem vai deixando, na história, um rastro imperecível...

A conquista da América não foi una. Já o dissemos infinitas vezes. Houve muitas conquistas na América, porque houve muitos ambientes espirituais diversos. Para compreender a conquista de uma parte do Novo Mundo é preciso conhecer as idéias dos seus habitantes. Os conquistadores do Paraguai, por exemplo, não foram os do Panamá nem os do Chile nem os do Brasil. Todos eram espanhóis, mas eram as idéias que os agrupavam, os repartiam pela identidade dos seus desígnios e davam à história de cada região os seus mártires próprios... Celso Vieira estuda a formação espiritual das primeiras gerações que os missionários educaram. Vê nas suas características a herança do sangue primitivo com todos os seus vícios. Não queremos negar totalmente a herança do sangue, mas acreditamos na herança das ideias. Obter sinceras conversões foi para os missionários um trabalho aspérrimo. A luta da moral cristã com a indiferença de alguns portugueses e a incompreensão ou o ódio dos indígenas fez-se no Brasil intensa e dramática. A esse propósito, algo dissemos, ao descrever as primeiras expedições dos bandeirantes em nosso livro "*As Missões Jesuíticas e os Bandeirantes Paulistas*". Celso Vieira traz

depoimentos impressionantes. É um artista da evocação e um mago das biografias. Junto aos missionários agitaram-se hereges semi-enlouquecidos e aventureiros tenebrosos: um deles, extraordinário, passava por dominicano renegado. As colónias francesas na costa do Brasil deram maior colorido às cenas e ao ambiente cheio de surpresas e de sucessos fantásticos...

Celso Vieira descreveu neste livro a vida de um santo e a vida de um povo. Anchieta possui todos os dons e atributos de um perfeito santo. Não vamos agora especificar o que é a santidade. \* Já intentamos fazê-lo em outras páginas e seria inútil reproduzi-lo. Santidade, conforme a entendemos, não é um conjunto de milagres. Os milagres impressionaram outras épocas e muitos ainda crêm neles, à maneira de outras pessoas, crentes do espiritismo, da teosofia etc. O milagre como realização do impossível não vale hoje senão o mesmo que a fé com os olhos cerrados. Mas o milagre como supremo esforço de vontade, constância, amor, dentro do humano e do sensível, é admirável e pode comunicar o prestígio de um santo a quem se eleva nesse rumo com o exemplo da sua vida. Mais santo é um homem por toda uma existência de sofrimento, caridade, luta e espiritualismo que pela mudança de espinhos em rosas. Mais pura, bela e milagrosa nos parece a mesma transformação operada num cérebro, em vez de o ser na realidade, se acaso fosse possível. Não importa que estejam nos factos as grandes concepções, quando já existem na imaginação. Tudo nasce e brota do nosso cérebro. Tudo quanto existe, fora da realidade, é nossa concepção. Em lugar do homem feito à imagem de Deus, bem o sabemos, fez-se Deus à imagem do homem. Ocorre o mesmo com a santidade. Não está fora do ser humano; não advem, como graça, ao coração do eleito, mas reside no ser, do qual deriva

e chega à compreensão ou negação de outros homens. Assim ocorreu com a vida de inúmeros santos: — reconhecidos uns pela Igreja, não reconhecidos outros, viveram eles em regiões onde foram barbaramente sacrificados por seres de aparência humana e acharam entre os seus coevos ou na posteridade a admiração de outros seres, a consagração da máxima reverência. Anchieta foi um desses exemplos. Viveu na miséria, no combate e na dor incompreendida; viveu na iminência da morte em mil ocasiões. E nele reconheceu o futuro um santo, a maior perfeição humana.

Neste livro, repetimos, vive também o Brasil. De algum modo, é a biografia espiritual do Brasil-colônia. Os povos têm uma vida sua como a têm os homens. Celso Vieira soube uni-las, a do homem e a do povo, com a harmonia e a perfeição de um panorama, que tem alma, tem corpo, e revive ante os nossos olhos, para a nossa emotividade.

## ENRIQUE DE GANDIA

(Excerpto do prefácio à tradução castelhana de Benjamin de Garay, *El Padre Anchieta*, publicada em Buenos Aires, 1945, pela Editorial Claridad).

\* \* \*

“O acadêmico correspondente da Academia da língua espanhola, sr. Luis Guimarães, ministro do Brasil, ofereceu à douta corporação um livro célebre da literatura brasileira, intitulado “Anchieta”. Essa obra é a história documentada do grande jesuita Joseph de Anchieta, que foi para o Brasil em 1553, acompanhando o governador Duarte da Costa, e ali morreu depois de quarenta e cinco anos de missão evangélica.

Anchieta foi ao mesmo tempo comediógrafo e poeta, médico e artífice, oráculo e taumaturgo, architecto e missionário. Foi o maior antepassado da literatura brasileira na sua fase embrionária, a personalidade múltipla da sua vida colonial, e o super-homem por excelência. Para todos os brasileiros o nome de Anchieta é o de um ídolo e representa um símbolo.

O livro de Celso Vieira, verdadeira obra prima de uma das mais perfectas mentalidades do Brasil, deve interessar à Academia Espanhola, porquanto José de Anchieta era espanhol de nascimento, natural de Tenerife e filho de illustre pai guipuzcoano.

(ABC, de Madrid — 1932)

\* \* \*

Á Editorial Claridad, de Buenos Aires, fez recentemente aparecer, traduzido em espanhol, o “Anchieta”, do sr. Celso Vieira, incorporado, sob o n.º 17, à coleção — “Hombres e Ideas,” (o *pensamento e a ação postos ao serviço de um mundo melhor*) — sob o título — “*El Padre Anchieta — La vida de um apóstol en el Brasil primitivo.*”

Apaixonando-se por esse livro, publicado no Rio em 1930, verteu-o para o castelhano com esmero, e anotou-o com erudição, o saudoso escritor argentino Benjamin de Garay, que foi o tradutor perfeito dos *Sertões*, de Euclides da Cunha, e um grande amigo do nosso país e das nossas letras.

Mais valorizada surge a tradução, agora, pelo estudo que fez da obra e do tema, com a profundidade e a intensidade características dos seus trabalhos, o historiador Enrique de Gandia, um dos nomes illustres da bibliografia

hispano-americano. O seu longo prefácio de 40 páginas, dividido em três capítulos — “*El Panorama y El Hombre; La expansion del cristianismo en las tierras nuevas. Historia de cuatro estrellas*”, — situa no mais alto plano a obra do sr. Celso Vieira. Esse autor brasileiro é para ele, textualmente: “um artista da evocação e um mago das biografias”; esse livro é a síntese espiritual do Brasil-colônia. — “Os povos, escreve o historiador argentino, têm a sua vida como a têm os homens. Celso Vieira soube uní-las, a do homem e a do povo, na harmonia e perfeição de um panorama, que tem alma, tem corpo, e revive ante os nossos olhos e a nossa emoção”.

Acham-se esgotadas as duas primeiras edições, em língua portuguesa, desse trabalho de ressurreição histórica do nosso primeiro século e de evocação anchietana do apostolado nas selvas, estudo consagrado, ao surgir na literatura contemporânea, por eminentes publicistas como Rocha Pombo, Afonso Celso, Augusto de Lima, Carlos Malheiro Dias, Medeiros e Albuquerque, Rodrigo Octávio, Luis Guimarães Filho, Alves de Souza e Azevedo Amaral, quando o saudaram como um livro clássico e lhe predisseram o êxito, que se renova e se alarga, quinze anos depois, em toda a América do Sul.

Os próprios interesses da cultura nacional e da formação educativa das novas gerações brasileiras indicam, depois do exemplo dado pela *Editorial Claridad*, de Buenos Aires, que se lance no Brasil a terceira edição do “Anchieta”, do sr. Celso Vieira.

No seu prefácio, o sr. Enrique de Gandia considera o autor desse livro — “além de historiador e erudito eminente, um poeta nos sentimentos e na linguagem” —, confirmando assim o juízo que em 1930, no Brasil, externou o insigne Rocha Pombo:

— “Anchieta é a personificação de toda a gloriosa milícia no Brasil. Agora (com que ufânia escrevo estas palavras) veio o artista que devia esculpir-lhe a estátua... projectou-o num monumento, de cujas proporções ressalta nítida e brilhante, toda a grandeza do apostolado. Este largo estudo *Anchieta* é na verdade tão integral como história, tão perfeito como arte, tão sábio como obra de pensamento, e tão sereno e decisivo como sentença de Juiz, que é preciso seja lido mais de uma vez para que se logre, do conceito histórico, uma impressão distinta, pois o fulgor da forma chega a fascinar de tal modo o espírito do leitor que este ha — de, em primeira leitura, sacrificar alguma coisa da inteligência do texto.”

O livro do sr. Celso Vieira constituiu uma das fontes a que se reportou em 1931 o curso efectuado na Academia de Direito Internacional pelo Ministro Rodrigo Octávio, em Haia, sobre a condição jurídica das tribos selvagens na América e especialmente no Brasil, como se vê de referências e notas constantes da sua monografia *Les sauvages américains devant le Droit*.

Ainda em 1932 a imprensa de Madrid exaltou-lhe a significação como “verdadeira obra prima”, quando o então Ministro do Brasil na Espanha, sr. Luiz Guimarães Filho, ofereceu por iniciativa própria um exemplar do “Anchieta” à Academia da língua espanhola.

(*Jornal do Comércio* — Rio de Janeiro 1946).

\* \* \*

“O Jesuíta canário José de Anchieta é uma das nobres figuras do apostolado católico em nossa América. Tendo ido em 1553 para o Brasil, onde faleceu em 1597, consagrou esses quarenta e quatro anos a uma das mais fecundas obras de catequese e progresso. Desde que



pisou o solo da América, sentiu-se por ela enfeitado, como pelos seus habitantes; estudou a flora e a fauna do Brasil, os costumes e os idiomas dos aborígenes, que ele conseguiu, após incalculáveis perigos e lutas sangrentas, converter ao cristianismo, inculcando-lhes ainda rudimentos culturais de poesia e de música, noções transfiguradoras da sua alma e dos seus costumes.

“O acadêmico brasileiro Celso Vieira, autor do substancioso livro “O Padre Anchieta (vida de um apóstolo no Brasil primitivo)” descreve esse labor e essa existência minuciosamente com extraordinário poder vital, revelando-se artista no mesmo nível do historiador. Paralelamente a essa biografia, delinea “a biografia espiritual do Brasil-colônia”, como bem o assinala no prólogo da obra o historiador Enrique de Gandia.

“Em nossa América, foram escritos acerca da sua História poucos livros de tão empolgante e proveitosa leitura como “Anchieta”, síntese de uma época, de um país imenso e de um homem de alto relevo humano e intelectual”.

(LA PRENSA, de Buenos Aires, fevereiro 1946).

## ECCE LIBER

(da 1.<sup>a</sup> edição)

Pero Roiz, Beretário, Simão de Vasconcelos, todos os biógrafos-panegiristas de Anchieta, religiosos professos da Sociedade de Jesus, narram copiosamente os feitos do taumaturgo, escassamente as obras do poeta e do herói civilizador. Nos seus livros orienta-se a vida anchietana para o sobrenatural.

A lenda secular dos milagres, constituindo nas biografias anteriores o núcleo vital do próprio tema, não compõe nestas páginas senão o claro-escuro, em que se projecta e se define a realidade histórica do homem, coligida através das fontes mais veneráveis.

Em 1897 o terceiro centenário da morte de Anchieta produziu algumas evocações fragmentárias, nove magistraes conferências, que exaltam a força mística do predestinado, mas não logram situá-lo na sua época e no seu elemento, como só um livro poderia fazê-lo.

Aproximando-se o quarto centenário do nascimento (19 de março de 1934), a literatura histórica do Brasil ainda requer, fora do agiológico e da tribuna, em síntese documentada, uma biografia anchietana. ECCE LIBER.

FOI O PADRE JOSEPH DE ANCHIETA DE  
ESTATURA MEDIÓCRE, DIMINUTO EM CAR-  
NES, EM VIGOR DE ESPÍRITO ROBUSTO, E  
ATUOSO, EM COR TRIGUEIRO, OS OLHOS  
PARTE AZULADOS, TESTA LARGA, NARIZ COM-  
PRIDO BARBA RARA, MAIS NO SEMBLANTE  
INTEIRO, ALEGRE E AMÁVEL.

*SIMÃO DE VASCONCELOS.*

*Vida do Venerável Padre Joseph de Anchieta.*



LIVRO I

**VOCAÇÃO**

**...onde convém ser santo para ser Irmão  
da Companhia...**

**ANCHIETA**



**Nascimento e infância de Anchieta. Os seus estudos em Coimbra. Misticismo. O patriarca Ignacio de Loiola, fundador da Companhia de Jesus. Prestígio da Ordem. Ingresso de Anchieta no Colégio dos Jesuitas.**

Joseph de Anchieta nasceu em 19 de março de 1534 (1) na ilha de Teneriffe, princesa e pérola das Canárias, a ilha branca dos antigos, *Nivaria insula*. Teve o berço em Laguna, outrora capital do arquipélago, cidade bucólica de pomares e nascentes, a verdejar num plaino ataviado de giestas em flor. Cavaleiro e dona de pura linhagem foram seus pais, o imigrante Juan de Anchieta, espanhol de Guipúzcoa, e Mencia Diaz de Clavijo y Larena, doce beleza indígena.

Primeiro biógrafo e contemporâneo de Anchieta, o padre Quiricio Caxa, em 1598, identifica-lhe as origens de mameluco: — “Seu pai era biscainho, sua mãe pro-

---

(1) *Compendio de la vida del apostol del Brasil* (ed. de 1677), por D. Baltazar de Anchieta. E' esse (19 de março de 1534) o dia exacto do nasoimento de Anchieta para o dr. Brásilio Machado — conferência denominada — *Anchieta, narração da sua vida no Centenário do Venerável Joseph de Anchieta*, ed Aillaud & Cia., 1900. — E' essa a data consignada nas *Ephemerides Brasileiras* pelo Barão do Rio Branco (págs. 190 e 299, ed. de 1918). Charles Sainte-Foy, autor da *Vie du Venerable Joseph de Anchieta*, parece confundir no seu livro o dia do nascimento com o do baptismo — 7 de abril de 1534, — também especificado por d. Baltazar. Não particularizam dia e mês os biógrafos portugueses Pero Roiz e Simão de Vasconcelos, ambos da Companhia de Jesus, mas datam de 1533 o

cedia dos gentios que nela se acharam (Ilha das Canárias), quando foi pelos Cristãos conquistada."

Destarte, o canarino era um afro-castelhano, trazendo nas veias, embora diluído, sangue remoto dos bérberes. O sentimento religioso e fraternal, que o vincularia mais tarde aos selvícolas brasileiros, oprimidos e exterminados como os zagais nativos das Canárias, os *guanches*, aflorava do próprio subconsciente, por misteriosas determinantes hereditárias.

Placidamente, correu-lhe a vida em S. Cristovam da Laguna, até aos quatorze anos ou talvez pouco menos, à sombra dos palmares, das tamareiras, dos pinheirais, entre cêrros vulcânicos e ondas azuis. Menino, galgando o pico insular de Teyde, como tantos outros, viu Joseph algum dia, em sete côres, a projeção da sua imagem na fluidez cambiante das nuvens, que refrangem a luz solar. condensadas à base da montanha? (2) Não

---

nascimento de Anchieta, erro seguido pelos demais biógrafos, mesmo no *Grand Dictionnaire* de P. Larousse. Posto que lha omitissq o ano do nascimento, ao escrever a *Imagem da Virtude*, o padre António Franco, jesuita, determina o ingresso de Anchieta na Companhia: "Tendo 17 anos de idade, nela entrou ao primeiro de maio de 1551". Para contar, feitos nêsse ano, 17 de idade com que o admitiu a Ordem, — e assim depõem, ainda, Pero Roiz e Simão de Vasconcelos — deveria ter Joseph de Anchieta nascido em 1534, o que se harmoniza inteiramente com a data fixada por D. Baltazar de Anchieta: 19 de março de 1534.

(2) "Parmi les volcans, cette montagne est unique par sa hauteur et son isolement au milieu du cratère primitif: le rebord de l'ancienne bouche d'éruption n'est plus maintenant, en proportion du cône géant, qu'un ourlet à faible relief *limitant le pourtour de sa base*. Le pic de Teyde est "um mont dressé sur un mont". ELISÉE RECLUS, *Geographie Universelle*, t. XII, *L'Afrique Occidentale*, pag. 121. Nessa obra não se alude ao fenómeno de reflexão multicolor, do qual nos dá noticia, entre tanto, o *Grand Dictionnaire*, de P. Larousse:



o sabemos. É certo, porém, que essa infância já se espelhava nos céus. Alvorando como inteligência, florindo como bondade, fazia o encanto dos pais e o enlévo dos mestres.

Torturada pelo fogo, a natureza das Canárias exhibia rudes vestígios de conflagrações ou esboroamentos geológicos: a igniscência extinta das massas desconformes, o revólto despenho dos fraguedos, a desolação dos barrancos. Crateras mudas e frias, de onde em onde, escancaradas sob a neve dos píncaros no mar morto das lavas, eram ainda reminiscências de voragens tonitruantes, marés incandescentes. Mas a violência da chama se esvaira na doçura do clima. Outeiros e vales abrigavam toda uma flora edênica sob o louro e o mirto, com os seus vinhedos, as suas messes, os seus laranjais, tufos apendoados de canas ou flabelantes de palmas. A menina de Anchieta brincava, fulgia à maneira da luz pelos vergeis, pelas escarpas, nesse contraste do mundo plutônico e do mundo paradisiaco, entre as *doradilhas* flavescentes e as dragoeiras sanguíneas das *ilhas afortunadas*, terras amáveis como noivas para o desejo dos antigos. Varando os espaços, rigidamente, o anuviado pico do *Teyde* simbolisava o Atlas de Homero, na *Odisséa*, o de Hesíodo na *Teogonia* (3). E ao pé do vulto lendário crescia

---

“En montant au sommet du pic, il arrive quelques fois que, dans les nuages qui couvrent le bas de la montagne, on voit un instant un phénomène que les voyageurs naturalistes ont eu occasion d’observer plusieurs fois dans les hautes montagnes: on aperçoit tous les contours de son corps dessinés avec les belles couleurs de l’arc-en-ciel sur les nuages qui sont au dessous de soi, du côté opposé au soleil. Les rayons solaires, qui se décomposent en passant sur la surface des corps, donnent une explication fort simple de ce brillant phénomène”.

(3) O filólogo, cronologista e astrónomo alemão Luis Idler comunicou a Humboldt: “Em resumo, o Atlas de Homero e

outra força espiritual ainda maior, o vindouro Apóstolo do Brasil, atlante fadado a suster o novo templo cristão.

\* \* \*

No lar do piedoso cavaleiro Juan de Anchieta multiplicava-se a prole. Terceiro dos seus filhos, Joseph não se destinava à carreira militar, consagrada pelo braço da família. Em torno dele, alvoroçando os irmãos belicosos, estrugiam longas de prata, ondeavam pendões de seda no fumo dos combates irreais, no simulacro dos jogos infantis. Ao estrépito das armas, porém, Joseph preferia o silêncio fecundante dos livros, a música interior das idéias.

Ouvindo nos serões domésticos, por vezes, a narração da conquista espanhola de Teneriffe, só ultimada em 1497, à ferro e fogo, com o baptismo dos reis autoctones, o extermínio ou o cativoiro dos *guanches*, sentiria ele uma onda de ternura e piedade marejar-lhe o azul dos olhos inocentes. Porque os mais idosos ainda recordavam esses lindos pastores bérberes da terra natal, desnudos ao sol, entre as rochas nuas, quando não vestiam apenas um saiote de ervas ou uma pele de cabra. Homens e mulheres, tingindo-se de verde, rubro e amarelo, conforme o seu estado de alma, davam às próprias afeições os matices de uma voz cromática, modulavam nas côres a eloquência dos próprios sentimentos. Eram fortes e ágeis, bravos e bons, querendo acima de tudo a liberdade. Adoravam as tintas, os cantos, as flores, e no seu paganismo sem fereza os gênios das montanhas umbrosas, dos ma-

---

do Hesíodo não pode ser outro senão o pico de Tenerife, e é preciso procurar na África septentrional o dos geógrafos gregos e romanos. *Quadros da Natureza*, por Alexandre Humboldt, versão de Assis de Carvalho, ed. de 1884, Buenos Aires, livro I, pág. 176.

nauciais borbulhantes, dos arreboes instantâneos. Mas nada restava desses zagais morenos, em cujos olhos negros ardia a pastoral ingênua e heróica da idade insular de pedra. Nada sobrevivera dos seus costumes, da sua linguagem, somente algum traço maternal, indelevel, no semblante da prole mestiça (4). Trucidados às mãos dos piratas e dos conquistadores, vendidos como negros em Sevilha e Cadiz, sucumbindo à *modorra* letárgica, peste das Canárias, ou à própria amargura de viver, pelo suicídio, haviam findado todos sem o amor e a prece de um santo, que os redimisse. Não existiriam no mundo — perguntava Joseph, talvez, a si mesmo — outros *guanches* escravos ou enfermos, que ele pudesse livrar do jugo e da morte, quando fosse homem, vibrante de humanidade fraternal?

Seduzidos pela fama universitária de Coimbra, os pais decidiram enviá-lo a Portugal, e o adolescente deixou a pátria, foi ali estudar, levando já princípios de gramática e latim. Com a sua feliz memória, o seu fácil entendimento, sobresaiu desde logo, em prosa e verso, nos trabalhos da primeira classe, mais tarde nas aulas de filosofia e dialética. Se lhe não davam orgulho esses triunfos, por um lado, não lhe atraíam, por outro, a inveja dos condiscípulos. Todos o amavam. Era-lhe tão fascinante a adolescência, vagueando entre os choupos do Mondego, tão acariciadora a palavra, no encantamento de rouxinóis daqueles ares, que lhe puzeram o apelido de *canário*, não só pela sua origem, como também pelo seu gorgoeio (5).

---

(4) ELISÉE RECLUS, op. cit

(5) PADRE ANTÓNIO FRANCO, *Vida do Admirável Padre José de Anchieta*; "Tinha tal ar e alma, tanto espírito e menêio e suavidade, que por antonomasia lhe chamavam o Ca-

\* \* \*

Com a puberdade inquieta não tardaria a grande hora mística de Anchieta. Devotamente, à proporção que vinham brotando na metamorfose humana outros germes, sob outras flamas, o seu espírito buscava libertar-se do tempo ilusório e da terra condenada, num desencanto sem revolta. O anseio da eternidade consumia-lhe a própria vida. Predestinado, ele não tinha posto o desejo, como os demais, no mundo versicolor e efêmero dos sentidos, na poeira estonteante das formas transitórias, no deleite e no engano das vaidades. A fascinação do mundo interior subjugava-lhe a alma, que ainda não fôra iniciada, já renunciava ao contacto do mal, com a vidência melancólica de um anjo proscrito na selva dantesca.

Por vezes, roçando a obscura, incerta fronteira dêsse mundos tão diferentes, passariam breves tentações: a da carne, Afrodite, sob a espuma dos véus ondeantes e olórosos; a do ouro, magnífica senhora de galeões da Índia e castelos de Espanha, todo o fausto do Oriente no lar da cristandade, enriquecendo os fortes homens ibericos; a da ciência, velha bruxa decifradora de enigmas e leis, mais arrogante na sua torre que Salomão no seu trono; a do poder como um idolo voraz e de ferro, erguido sôbre o cativeiro das multidões, que o alimentam e adoram.

Mas a alma não se abandonava ao prestígio dessas formas enleantes. Blindada pela fé contra a insídia ou a volúpia das tentadoras, já descobria, com aparências humanas, a realidade anti-cristã dos sete pecados mortais; na carne insatisfeita a luxúria, a gula

---

nário, por alusão a esta ave, a quem as ilhas Canárias deram o nome, ou elas às ilhas, e a melodia do canto, e a estimação em que é tida."

e a preguiça; no demônio do ouro a hedionda avareza; nas ostentações do poder e nos antagonismos da ciência o orgulho, a ira e a inveja. Toda a glória e todo o gôso da vida eram pecado e morte. Bem-aventurados os castos, os pobres, os simples... Ansiosamente, o espírito de Joseph pairava na suprema visão católica da eternidade: em baixo o inferno, a raivar e rugir, tremendo sorvedouro de abominações; nos intermúndios astrais o purgatório, vibrante lugar de suspiros e lágrimas; acima, o resplendor de santos, virgens, profetas e arcanjos, o paraíso, donde se inclinava para êle a **Regina Coeli** das litanias, sorrindo e abençoando.

Tocado por essa luz eterna, o adolescente revia no contôrno de Eva pecadora a ilusão escultural, que aos olhos ainda maravilhados pelo seu encanto se deforma ou se decompõe. Vedou os sentidos à passagem, ao perfume da mulher. Detestou os amores embebidos na terra como plantas venenosas. A hiperdulia, culto de Maria, foi o seu grande e puro amor, com êxtases, preces, arrebatamentos indizíveis aos pés da Senhora, erguida num altar da Sé de Coimbra. Misticamente, um dia, fez voto de perpétua castidade(6)

---

(6) "...a primeira destas plantas foy hũ eficaz desejo, da pureza dalma e corpo, com auorresimento de todos os vícios, e em particular dos torpes e desonestos em signal do qual desejo estando hũ dia na Sé de Coimbra de gíolhos diante de hũ altar em q estava hũa imagem, de vulto de Nossa Sra. fes uoto de perpetua virgindade, em q Ds. Nosso Sõr. o conseruou por toda a uida". *Vida do Padre José de Anchieta* pelo Padre Perroiz, conforme a cópia existente na Biblioteca Nacional de Lisboa, *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, vol. XXIX, pág. 197.

\* \* \*

Fogueiras de arraial, cantigas de tricanas, diversões de estudantes, serenatas ao luar, nada mais o atraía. Ocupava-lhe a imaginação, despoticamente, o vulto daquele fidalgo espanhol de Guipúzcoa, D. Inácio de Loiola, que abandonara a sua dama, em plena mocidade, pelo culto de Nossa Senhora, mais tarde pela regra da Companhia de Jesus.

Como se folheasse um poema, feito de aventura e glória, êle via Inácio ainda criança, lindo pajem do rei Fernando, o Católico, na cõrte aragonesa. Via-o depois, esbelto cavaleiro, devoto de S. Pedro, na turbulência do carnaval de Guipúscoa, no heroísmo dos recontros sônoros, abrasado o coração pelo desejo da bela Germana de Foix. Via-o, enfim, resistindo ao assalto francês, cair entre os muros desfeitos da cidadela de Pamplona, coberto de sangue e pó.

Entalando-lhe a perna direita, que fôra três vezes fracturada, tantas outras recomposta, a cirurgia condenára o valente ao repouso. Longas semanas, turvos meses de inércia e dor prenderam Inacio no castelo de Loiola, em Azpeitia. Esgotados os devaneios, as reminiscências, êle tinha só dois companheiros silenciosos, dois livros, para vencer nessa imobilidade a monotonia das horas infindáveis — uma lenda espanhola de santos e uma *Vida de Cristo*, do frade cartuxo Ludolf, o saxônio. Através da leitura, pouco e pouco, veiu-lhe a idéia de ser um grande santo, como Francisco de Assis ou Domingos de Gusmão. Certa noite, apareceu-lhe a Madona, trazendo ao colo o menino Jesus. Era um apêlo do céu. Inválido para o officio das armas, claudicante, o herói de Pamplona decidiu fazer-se religioso.

Apenas convalescera, mandou arrear o seu mulo, partiu, fechando no coração êsse alto desejo de santidade, já experimentado por angústias e disciplinas mortificantes. Num alvorôco matinal, entre aromas e côres, a primavera beijada pelo sol enflorava os caminhos. E o único episódio, na jornada primaveril, foi o encontro do mouro, que vinha blasfemando contra a pureza de Nossa Senhora. O bravo chegou a pensar num desafio ao incrêu, num rijo combate sob as oliveiras. Mas preferiu, largando a rédea, que o próprio muar escolhesse o caminho da guerra ou da paz, e a besta levou prudentemente o cavaleiro à porta do santuário de Montserrat, na Catalunha.

Inacio depôs no altar da Senhora a espada e o punhal, vestiu o hábito de peregrino, fez uma vigília d'armas em\* estilo medievo. Cavaleiro da Virgem, queria seguir para a Terra Santa, com o fim de catequisar os musulmanos, mas a peste de Barcelona e a falta de transporte o retiveram quase um ano em Manresa, no hospital de Santa Lucia. Recresceram-lhe aí os cabelos e as unhas, tornou-se-lhe fealdade o abandono do corpo miseravel. Sob os andrajos, de porta em porta, Inacio mendigava, apupado estri-dentemente pelos garotos, como o pobresinho d'Assis. Definhava no cilício e na penitência. Erguia-se á meia noite, como um espectro, para desfiar o seu rosário. Cada dia lhe impunha deveres mais árduos: três visitas á igreja, sete horas de prece. No campo de miragens do seu extase, a alucinação visual, criada pelo jejum, pela idéia fixa, pela tensão contínua dos nervos, entremostrava-lhe Jesus num disco de ouro celeste, o Espírito Santo a flamejar ou a Trindade semelhante a uma esfera ignea. Ele avistava Deus e a Madona, claridades supremas; encarava na

sombra, por vezes, uma prodigiosa multiplicação de olhos acesos e perversos, que eram os olhos de Satan. Contemplando a espumosa torrente do Cardoner, ao pé de uma cruz, sentiu que a sua razão, iluminada estranhamente, decifrava os enigmas da ciência e da fé. Mas recaira logo depois, tudo esquecendo, na órbita crepuscular da inteligência humana.

Enfim, ao cabo de penosos trabalhos, havia chegado á Terra Santa, donde fôra despedido, quasi rudemente, pelo bom provincial dos franciscanos, que se arreceava de perseguições a outros missionários naquele país de turcos. Novas tormentas, novos perigos afrontou Inacio de Loiola no seu regresso a Barcelona, transpondo mares escapelados, temerosas linhas de fogo espanholas e francesas. Aos trinta e quatro anos, mais do que nunca resolutô, desejando por bem dos homens o sacerdôcio, começou a estudar teologia, com a ferro, nas aulas de Barcelona, Alcalá e Salamanca.

Mal findara um biênio escolar, porém, quando as suas tentativas de confraria, as suas prédicas fascinadoras entre as mulheres despertaram suspeitas à Inquisição. Encarcerado a princípio como herético, perseguido com interdições à obra dos conventículos, onde o ascetismo delirava, Inacio teve de seguir para França. Aí reatou sem desânimo os estudos, que encheriam ainda um septênio laborioso, na grande universidade católica de Paris, e o seu ideal, através da teologia, era sempre a catequese dos maometanos, outra invasão apostólica da Terra Santa. Como sedutor de jovens, para missões evangélicas entre os islamitas, fôra publicamente açoitado no Colégio Montaigu. Que importavam açoites, porém, ao espírito flagelador da própria carne? Em 1534, na ca-



pela subterrânea de Notre Dame de Montmartre, com alguns colegas, Inácio de Loiola fundava uma associação católica de estudantes, que seria em 1540, data da bula confirmatória de Paulo III — *Regimini militantis Ecclesiae* — a Companhia de Jesus (7).

Quebrando a unidade eclesiástica de Roma, o século XVI pluraliza em suas variantes doutrínarias a idéia reformadora, esboçada como tendência, desde o século XV, nos concílios de Constança e de Basiléia; precipita os antagonismos e as dissociações latentes na vida tumultuosa da Igreja; soergue em conflitos religiosos a alma ocidental, exploradora de novos mares, conflagradora de velhos mundos. O gênio rebelde, criador de cultos independentes, seitas indomáveis, chama-se outra vez legião, evocado por Lutero e Calvino, Zwingli e Farel. Mas a reacção do catolicismo, vetusta monarquia espiritual, faz surgir de imensas ruínas um exército — a Ordem dos Jesuítas —, ao apelo da grande alma estratégica e imperialista de Loiola, cujas proporções e cujos trabalhos fixaria a Igreja, matematicamente, na síntese de uma estátua colossal, tendo aos pés o monstro da heresia.

\* \* \*

O adolescente Joseph de Anchieta, como todas as voações religiosas do seu meio e da sua época, lembrava de certo em Coimbra o iluminismo dessa vida gloriosa, a energia desse coração ainda palpitante no seio marmóreo da Igreja. Tal o criador da nova Ordem. E a fundação maravilhosa, começando apenas com o saboiano Pierre Faber, os espanhois Francisco Xavier, Lainez, Afonso Sal-

---

(7) Os dados sôbre a vida de Inácio de Loiola foram recolhidos na obra — *Les jesuites*, por Boehmer, trad. francesa Monod, ed. Colin, 1910.

meron, Nicolau Bobadilla, e o português Simão Rodrigues de Azevedo, contava já em 1551 estabelecimentos e províncias. Humildemente, pela imitação dos teatinos, sacerdotes de caridade infatigável, os jesuitas haviam captado o amor e a reverência das cidades italianas. Instruindo os menores, confessando os adultos, reconquistavam para Jesus as multidões, que o Anti-Cristo arredava dos templos. O seu prestígio conciliava desafeições no recesso dos lares; a sua piedade erigia orfanatos e asilos; nas pestes e nas fomes eram eles a providência das turbas miserandas. Onde a regra episcopal ou monástica perdia o vigor, não se desejava a presença de outros reformadores. Já em Roma, Gândia, Messina, Palermo, Tivoli, Ingolstadt, Veneza e Coimbra, ao apelo do Vaticano ou dos príncipes, avultava o professorado jesuítico em universidades, ginásios, colégios. Emissários do papa, os mais ilustres já influíam nos concílios ou desempenhavam missões secretas. Não tardaria que a Ordem fosse o exército inumerável de Jesus no mundo civilizado e no mundo selvagem, convertendo os infieis, reprimindo os hereges, sustentando a Igreja Romana — *ad majorem Dei gloriam*.

A esse toque de alvorada cristã, sonorizando-lhe a alma, em primeiro de maio de 1551, mês de Maria e mês das rosas, Joseph de Anchieta foi alistar-se, devotamente, no Colégio dos Jesuitas de Coimbra, sob o novo estandarte da Cruz. Tinha dezessete anos de idade (8). Como na manhã gorgeante, em que Inácio de Loiola saíra do seu castelo, a primavera beijada pelo sol reflorescia os caminhos...

(8) Talvez por lapso de revisão, as *Ephemerides Brasilienses* pelo Barão do Rio Branco, ed. do Inst. Hist., 1918, consignam, à pág. 299, como data de ingresso de Anchieta na Companhia, a de 1.º de maio de 1553, dando-lhe, assim, 19 anos, em lugar de 17, idade com que o noviço entrou realmente na Ordem.

O noviço. — Primeiros exercícios espirituais  
Misterio da Eucaristia. Devoção e doença. Con-  
selho do padre mestre Simão Rodrigues. Vinda  
para o Brasil na missão de 1553.

O adolescente de olhos azuis e de alma lirica não era mais o estudante *canário*, bemfadado e bemquisto. Era apenas Joseph, o noviço, que a tudo renunciara pelo isolamento e pela devoção do Colégio de Coimbra.

Nada mais possuía, nada mais desejava. Esquecendo o nome da família, o braço dos antepassados (9), supunha-se o derradeiro dos servos de Jesus. Reflectindo na sua miséria, não ousava comparar-se ao pó erguido pelas sandálias dos irmãos. Preferia com humildade as tarefas silenciosas, obscuras e desprezíveis. Ansiosamente rastejava para a cruz, para a dor, para a morte. Chegava à plenitude evangélica, desde o primeiro instante, com o aniquilamento do próprio Eu, mas no silêncio e na solidão, orando, conhecera os divinos efeitos da Graça.

Um por um, recompuzera inicialmente, em quatro semanas de noviciado, os temerosos aspectos chamejantes dos *Exercícios espirituais*, de Loliola, que ao poder da imaginação exaltada lhe encadeavam os cinco sentidos. Na estreiteza de uma cela, *viendo* a profundidade e a incandescência do bátrato, *ouvindo* o tropel aos demônios e o

---

(9) Vide a gravura das armas da família de Anchieta no *Compendio de la Vida del Apostol del Brasil*, de d. BALTAZAR DE ANCHIETA, ou na obra: *III Centenário do Venerável Anchieta*.

clamor aos réprobos, que se estorciam nos borbotões das correntes de fogo, *aspirando*, em visita ao inferno, o odor tresandante do enxofre, do fumo, do pez, da sanie, *tactéando* labaredas, *sorvendo* o sal de lágrimas inestancáveis, êle atravessara a Geena, todavia, com a serenidade melodiosa de Orfeu. Tinha nas mãos uma lira invisível, cujos sons aplacavam as fúrias. E harmoniosamente subira a outros planos dos *Exercícios espirituais*, breviário alucinante, folha por folha, sentido por sentido, até *ver* num halo de plenilúnio a Sagrada Família, *ouvir* pelas alturas o verbo da Santíssima Trindade ou num horto nazareno o diálogo vespéral de Maria e do anjo, *haurir* o perfume, *gostar* a presença do Senhor, *tactear* a veste e o rastro das figuras celestes.

Dest'arte, sentia-se levado para Deus através de suplicios e êxtases, fulgurações e abismos, vertigens e nevoeiros... A ideação religiosa transpunha a humanidade, atingia o supra-sensível no seu temperamento poético. David, modulando salmos, Jesus, recitando parábolas, tinham dado à poesia e à fé uma coessência imutável, magnético eflúvio das origens cristãs. Para a crença e para o culto vinha agora o novo discípulo com essa flama inextinguível, a maior entre as luzes da alma e do templo. Como que se reacendia no âmago do seu próprio ser, transubstanciada misticamente, a natureza vulcânica do solo nativo, por igual trepidante e flórea. Desabotoavam-lhe as preces como os lírios, afluíam-lhe os sonhos como as lavas de Tenerife. Mais uma vez se realisava a síntese espiritual da terra e do homem.

A beleza humana desaparecera aos olhos do noviço, amortalhada com a estrela d'alva no dilúculo de outra existência, cujo brilho findara aos dezessete anos. Só a beleza eterna lhe arrebatava o espírito; só o amor divino lhe enchia o coração — amor suave, forte, pleno, — “que

nasce de Deus e em Deus repousa", conforme a idéia claustral da Idade Média.

Transfigurado pela meditação, absorto na penitência, que o deixava macilento e exangue, Joseph sentiu êsse amor como o sentiram no claustro os cenobitas medievais. Dêle poderia dizer com o mais fervoroso misticismo da Igreja Católica, a inspiração monástica de outras eras: — aligeira todos os fardos, aclara todas as sombras, adoça o fel de todas as provações, aperfeiçoa o homem. Único amor que se desenleia das cousas materiais, se desata das afeições terrenas, sobe na luz para Deus, transubstancia-se ardentemente em Deus com a certeza nupcial da *Imitação de Cristo*: "sois todo em mim e eu todo em vós."

Mas nada lhe comunicava o sentimento dessa união como o prodígio da Eucaristia. Cada vez que o sacerdote consagrava as espécies, corporificava-se Jesus Cristo para sustentar e redimir a fragilidade humana. Ainda muito jovem, não explicaria a transcendência desse mistério com as razões aventuradas pelo Doutor angélico. Sob a impressão delirante dos *Exercícios espirituais*, dando-se todo ao enigma carnal da hóstia, ao milagre do vinho feito sangue, Joseph não dissociava, porventura, das realidades imediatas a teofagia simbólica. É mesmo possível que êle, ao comungar, sentisse a divindade circulando-lhe nas veias, batendo-lhe no coração, fulgindo no próprio azul dos seus olhos.

Hipnotizado pelo dogma da presença real, o noviço ajudava "oito, dez e mais missas", cada dia, como refere o padre Quiricio Caxa. Orações, jejuns, cilícios, trabalhos, nada lhe bastava á piedade, num desejo violento de sacrificio.

Não tardou que adoecesse. O encurvamento da espinha nas genuflexões intermináveis, diante do sacrário, ter-

-lhe-ia produzido uma escoliose. Dizem certos biógrafos que ainda lhe caíra pesadamente uma escada sobre a coluna vertebral. Enérgico e sofredor, Joseph não interrompera as suas devoções, os seus labores. Quando mais padecia, mais apertava aos rins o hábito de noviço, até que a moléstia, crescendo, lhe anuviou o espírito e o semblante. Dolorido, já deformado na linha anatômica dos ombros, do torso, pela cruciante enfermidade, receava que o despedissem, por inútil. Esperanças de sacerdócio, idéias de apostolado, sonhos de martírio entre os infiéis, tudo se desvanecera, sob o mal torturante. Quanta lágrimas, vertidas na penumbra da cela, não lhe teriam crestado a face angelical?

O padre-mestre Simão Rodrigues, provincial da Ordem, fleumático e experiente companheiro do grande Inácio de Loyola, adivinhava-lhe a tragédia interior. Certo dia, em que o noviço baixava os olhos à sua passagem, cosido aos muros do claustro, dissera-lhe com ternura:

— Filho Joseph, deixai êsse cuidado com que andais, porque Deus vos não quer com maior saúde.

Joseph compreendera a intenção religiosa do bom provincial: na obediência perfeita à vontade de Deus reside toda a paz. Veiu-lhe de novo ao coração a paz beatífica dos eleitos. Não marchava também com a sua deformidade, apoiado a um bastão, para a glória canônica dos altares, o fundador sublime da Ordem? Esvaiu-se-lhe o pesar, como névoa desfeita aos raios do sol nascente.

Insidiôsa, porém, a moléstia aprofundava raizes na debilidade e na transparência desse corpo. Em 1549, partira do reino Manuel da Nóbrega para o trevoso ignoto das selvas de Santa Cruz, na comitiva do primeiro governador geral, Tomé de Souza, com os padres Leonardo Nunes, Aspilcueta Navarro, Antônio Pires e dois irmãos, Diogo Jacome e Vicente Rodrigues. Em 1550, por ini-

ciativa do padre Miguel Torres, visitador da província de Portugal, segunda missão viera. — a dos padres Afonso Braz, Salvador Rodrigues, Manuel de Paiva e Francisco Pires, trazendo os sete primeiros órfãos do colégio de meninos Domenech, em Lisboa, para o convívio e exemplo dos meninos índios. Como pedissem de Lisboa, três anos depois, outro socorro da Ordem para o Brasil, decidira o provincial, aconselhado pelos médicos, que o irmão Joseph de Anchieta acompanhasse os missionários, incorporados ao séquito do novo governador, d. Duarte da Costa, armeiro mór do reino. Terra selvagem de copioso arvoredo, bons ares, doces águas correntes, esta remoçaria, sem dúvida, a planta delicada e enfêrma, que os jesuitas viam desmedrar, palidamente, na estufa de Coimbra.

Em oito de maio de 1553, conduzindo o novo governador e as duzentas e cincoenta pessoas da comitiva, saiu do Tejo a flotilha, composta de três caravelas e uma náu. Vinham a bordo os padres jesuitas Luiz da Grã, superior, Braz Lourenço e Ambrosio Pires, mais quatro irmãos da Companhia, que eram Gregorio Serrão, Antonio Blasquez, João Gonçalves e Joseph de Anchieta (10).

Nessa viagem segura e plácida o canarino exerceu com humildade, mesmo com alegria, o mistér de cosinheiro. Piedosamente, no intervalo das suas occupações, ensinava aos marujos o catecismo. Em dois meses de travessia e caridade, o neófito semeava nas almas obscuras a doutrina evangélica.

• Ao bafejo do oceano, como se o espírito de Deus errasse ainda sôbre as águas, tudo rejuvenescendo e purificando, o mês de Maria trouxe-lhe o vigor de uma efflorescência nova. Ao marulhar das ondas, voltou-lhe exu-

---

(10) ANTÓNIO BLASQUEZ foi o autor illustre das cartas sôbre o Brasil, escritas no colégio da Baía, entre 1556 e 1565.

berante a saúde, respirada nas emanações da própria força, que lhe envolvera o berço, lhe embalara o sono tranquilo da primeira idade. E ultrapassadas as ilhas africanas, transposto o Equador pelos mareantes, êle viu, certa noite, arquear-se outro firmamento, resplandecer na magia das constelações outro céu. Viu extaticamente fulgurar entre os sóis, feito de quatro estrêlas incomparáveis, e acima do polo aústral, o signo da sua fé, o Cruzeiro do Sul, que os lusitanos haviam descoberto (11), velejando por êsses mares em busca de terras ocidentais. Dentro da noite emudecia a *Buzina* polar, trombeta sidérea dos navegantes, para os quais cessava o *Regimento da Estrêla do Norte*. Sôbre o caminho de outro hemisfério cintilava outro guia, que era nas imensidades nebulosas o Cisne, em vez da Ursa menor. Os pilotos marcavam as horas pela cruz radiante de estrêlas, mediam por ela as alturas insondáveis. E o noviço compreendeu que ali estava o regimento polar do seu destino. Ajoelhou, bendisse a glória de Deus entre as vagas do Mar Tenebroso.

(11) LUCIANO PEREIRA DA SILVA, *Astronomia dos Lusíadas* — Coimbra, 1915: "Não pode haver dúvida que ao Cruzeiro do Sul se refere o piloto Mestre João na sua carta de 1.º de maio de 1500, designando-o já com o nome de Cruz. Esta carta e o *Tratado da Agulha* de João de Lisboa, de 1514, no qual se mostra o conhecimento completo do seu uso náutico, são os documentos mais antigos em que se menciona o *Cruzeiro*."

O reconhecimento da origem portuguesa, dessa constelação e do seu uso náutico, segundo o erudito e saudoso professor de astronomia da Universidade de Coimbra, foi retardado pela tendência a identificar o Cruzeiro do Sul onde quer que se mencionasse um grupo de quatro estrelas, como nos versos de Dantê:

Io me volsi a man destra e posi mente  
All'altro polo, e vidi quattro stelle  
Non viste mai fuor che alla prima gente.



Ed egli a me: "le quattro chiare stelle  
Che vedevi staman, son di là, basso,  
E queste son salite ov'eran quelle."

Mas a ciência astronómica, na opinião do sábio português, não pode confundir as quatro *stelle* do poeta com as do Cruzeiro, incidindo no erro de Américo Vespúcio, cuja *mandorla* assimilada àquele é tão duvidosa quanto a própria autenticidade, suspeitíssima, da carta dirigida em 18 de junho de 1500 a Lourenço de Medicis. Rizzacasa foi o primeiro a impugnar semelhante hipótese, levemente aceita, sem exame das posições estelares indicadas pelo florentino, e a demonstração de LUCIANO PEREIRA DA SILVA, neste sentido, consta do seu valioso trabalho *A arte de navegar dos portugueses, Hist. da Col. Port. ão Brasil*, vol. I, pgs. 70-72:

"As *quattro stelle* do poeta não podem também ser as do Cruzeiro, que, em 1300, estavam situadas entre 31 e 37 graus de distância polar. Quando Dante sai do Inferno com Vergílio, encontra-se na ilha do Purgatório, numa situação antípoda de Jerusaleme, em 32° de latitude austral. Aproxima-se o romper d'alva, e o poeta contempla com prazer o azul da safira em que brilham as estrelas. No oriente sobe Venus, acompanhada dos Peixes. As quatro *chiare stelle* vão a chegar à sua culminação superior.

"Basta tomar um globo celeste atual, colocá-lo numa posição correspondente ao Purgatório, com o polo austral elevado de 32 graus, e trazer o ponto de Aries ao horizonte do lado do oriente, para se verificar logo que o Cruzeiro desce no ocidente já muito longe do meridiano. O afastamento da culminação superior seria maior num globo do anno 1300. Não é pois a esta constelação que o poeta faz referência.

"O Sr. Angelitti, professor da Universidade de Palermo, num estudo magistral de astronomia dantesca, publicado nos annos de 1912 e 1913 (*Sugli accenni danteschi ai segni, alle costellazioni ed al moto del cielo stellato da occidente in oriente, di un grado in cento anni, in Rivista di Astronomia*, Torino, tom. VI, VII) concluiu, depois de uma análise completa e rigorosa, que as quatro estrelas, a que Dante por duas vezes se refere no Purgatório, são as das Chamas da constelação da Ara, se não são antes quatro astros fictícios, imaginados pelo poeta na região circumpolar austral, inobservada pelos astrónomos do Egipto.

a qual o catálogo de Ptolomeu deixava vazia. Qualquer que seja a hipótese explicativa, a ciência astronómica excluiu já da *Divina Comédia* a constelação do Cruzeiro do Sul. Humboldt entendia que as quatro estrelas simbolizavam as quatro virtudes cardiais, que no *Purgatório* (XXXI, 106) dizem: Nós aqui somos ninfas e no céu somos estrelas.”

Certamente os antigos conheceram as estrelas do Cruzeiro do Sul, visíveis em Alexandria no século II, mas não chegaram a individualizá-las num asterismo próprio, segundo a mesma lição. Delas figuram três no catálogo de Ptolomeu como partes integrantes do *Centaurus*. Só os pilotos de Portugal, muitos séculos mais tarde, passando o equador e entrando na zona tórrida, fizeram dessas estrelas um grupo distinto.

Quanto ao uso náutico do Cruzeiro do Sul, escreve ainda Luciano Pereira da Silva: “Os navegadores portugueses descobriram este grupo estelar, fruto da sua observação directa, reconhecendo-o de precioso valor para a navegação, e fizeram dele uma constelação nova. Mestre João fala dela a d. Manuel, em 1500, como de asterismo já conhecido pelo nome de *Cruz*; e os pilotos João de Lisboa e Pero Anes, em 1506, estudam cuidadosamente o *Cruzeiro*, em Cochim. Foram os antepassados dos Brasileiros que ensinaram aos navegantes de outras nações o Regimento para se dirigirem por esse brilhante fanal do novo hemisfério. A origem portuguesa do Cruzeiro do Sul é cantada nos *Lusiadas*, V, 14:

Já descoberto tínhamos diante  
Lá no novo Hemisfério, nova estrela,  
Não vista de outra gente, que ignorante  
Alguns tempos esteve incerta dela”.

Contrariamente à opinião de Luciano Pereira da Silva, no tocante ao grupo estelar do *Purgatório*, leia-se a terceira parte, *História de quatro estrellas*, do prólogo feito por Enrique de Gándia, notável historiador argentino, à edição castelhana de *Anchieta*:

— “Algunos críticos han querido decir que estas estrellas son alegóricas. Se trata de un error. Dante habia leído en el libro II de la obra de Aristoteles, *De Coelo*, la existencia de la Cruz del Sud y sabia muy bien que los primitivos habitantes

de Europa la habian visto cerca del Polo Norte. También sabia, por fuentes musulmanas, que aquellas cuatro estrellas, sólo vistas por la antigua gente, se acercaban cada vez más al otro polo: el Sud. La identificación de estas cuatro estrellas con la Cruz del Sud ha sido negada por algunos autores... Los investigadores portugueses tienen especial empeño en negar que Dante pudo conocer la existencia de la Cruz del Sud. Este problema no es astronómico, sino histórico. Basta saber que Dante leyó textos en que la Cruz del Sud era mencionada para no dudar que pudo referir-se a ella y no a otras estrellas."

Mas o próprio Enrique de Gandia, no seu belo estudo, reconhece que os navegadores portugueses foram os primeiros a descobrir neste Hemisfério a nova constelação:

— "Cristóbal Colón fué el primer hombre de Europa que en el año 1500 reconoció haber hecho un viaje a "un nuevo cielo y mundo." En el mismo año de 1500, el 1 de maio, el piloto portugués, maestro Juan, dió en una carta al rey Manuel el nombre de Cruz a la que sería más tarde Cruz del Sud... Los viajeros y poetas italianos fueron los primeros en cantar la Cruz del Sud. Los portugueses, los primeros en descubrirla después del viaje de Colón."

Assim o Cruzeiro do Sul, podendo emergir dentre as névoas da antiguidade, talvez, como signo de origens dantescas na poesia, é em todo o esplendor da Renascença uma constelação de origens camonianas.

### III

**Desembarque de Anchieta na Baía. Indumentária do tupinambá. O arquétipo selvagem. Animismo e canibalismo.**

Enfim, a 13 de junho de 1553, bafejadas propiciamente as caravelas de d. Duarte da Costa, ancorava a flotilha em plena baía de Todos os Santos. Havia chegado os nautas à região brasílica das palmeiras agrestes — Pindorama —, formidável reino dos antropófagos. O lagamar translúcido, móbil, semeado argenteamente de conchas e calhaus, ondeando ao sol por vinte léguas, deslumbraria a alma poética e naturista de Anchieta. Verdejante e frondosa na espessura dos matagais, à esquerda, Itaparica defende e abriga a enseada. Por encostas e soccos, à direita, encurva-se o anfiteatro de colinas, onde mal branquejava a *urbs*, desentranhada pouco e pouco do âmago da selva, que embebia na terra vermelha, cingida pelo mar vibrante, os seus milhões de raizes. Ao fundo, vaporizam-se os montes como nuvens tranqüilas, imóveis; azulam-se cabeços pedregosos, sobre os quais se desatam véus tecidos de névoa, bordados a ouro, desfeitos em chuva. E todo o Reconcavo, além, desdobra o cenário multiforme com o seu numeroso arquipélago, o alvor das praias longínquas, o entrelaçamento dos mangues recobertos de ostrás, a diáfana pureza dos ares, a fluidez murmurante das águas correntias.

Fascinado pela terra imensa, virgem deslumbradora, o irmão Anchieta mal relanceava a minúscula e devota cidade, que Tomé de Souza levantara na crista de um outeiro,

havia quatro anos, dando-lhe como brazão a ave da paz, um voo sobre uma legenda: *sic illa ad arcam reversa est*. Acima da muralha de taipa, erguida pelo fundador, voltavam-se duas torres para o mar, quatro para a terra, vigilantes e armadas. No casario disseminado entre roças e ervais, á orla da floresta milenária, sobre os vales ainda cobertos de tabas, eram manchas humildes a capela-matriz da Ajuda, a casa dos governadores, o colégio dos padres jesuitas.

Desembarcando no séquito do novo governador, saudado por tropas rigidamente alinhadas, berços e falcões trovejantes, o irmão Anchieta galgou entre os seus companheiros, devagar, a ladeira oblíqua e extensa, que subia da praia à cidade. Branquejava nos ares tropicais a bandeira de Portugal, com o seu escudo d'armas sob a coroa aberta: repicavam os sinos da Ajuda, inquietos e festivos; uniam-se vozes de trombetas e charamelas ao côro dos instrumentos selvagens — a inúbia, o toré, o maracá. Tumultuante em redor, brandindo armas primitivas, com esse genticio semi-nú e glabro, vistosamente pintado, acudia ao desembarque, num alarido, sob a plumagem rutila do manto e do cocar. Era o novo mundo, selvático e adornado para a visita de Orfeu.

Longe dos mais, vencido o terraplano da encosta, pôde Anchieta considerar, pensativo, como já o fizera Manuel da Nóbrega, em 1549, a imensidade aquática e o formigueiro indígena da Baía. Ilhotas, angras, restingas, penhascos, mangues à flor das águas irisadas pelo sol, tudo resplandecia. Densamente, por vales e colinas, a habitação numerosa dos índios mosqueava o horizonte. Milhares de almas brancas, ermas de toda a luz e toda a fé, aguardavam na sombra das ocaras o evangelista e a boa nova. Como o padre Nóbrega, exultaria Anchieta, presentindo a colheita oferecida a Jesus, com abundância, por

essa humanidade escravizada ao instinto, sem idéia alguma de Deus.

Mas no colégio da Baía os recém-vindos não acharam senão o padre Salvador Rodrigues e dois irmãos, Vicente Rodrigues e Domingos Pecorella (ovelha), que era assim chamado pela sua extrema candidez e em breve morreria louco. Até ao mês de outubro, nessa residência, o irmão Anchieta ocupou os seus dias, possivelmente, como discípulo e mestre, ora aprendendo a lingua indígena, com os próprios neófitos, ora ensinando a estes o alfabeto, segundo informa o padre Simão de Vasconcelos.

Pretendem alguns que êle houvesse composto, desde logo, a sua gramática da linguagem tupi-guaraní, conjectura inadmissível, tão breve lhe foi a estadia, menos de um trimestre, na cidade do Salvador.

Não podendo compor a *Arte da Gramática*, entre julho e outubro desse ano, teve Joseph de Anchieta na Baía a noção primordial da língua, dos tipos e usos aborígenes. Orfeu respira o ambiente feroz, ouve o canibalismo das praias e das selvas. Como revelação, essa voz de animalidade guerreira e devoradora, impetuosa e sensual, teria dito à alma do noviço, entre os cajueiros frondosos, alguma cousa semelhante ao índice da nossa pre-história.

Estava diante dêle o tupinambá, selvícola da Baía (12), contente nas sombras do labirinto — a flora —, nos elos do cativeiro — a fauna. Uma lasca de sílex, negrejando e reluzindo com aspereza cortante, dera-lhe o machado; outra de imbaúba ou de pau d'arco, irmão robusto e secular, a grande arma vitoriosa. O trovão era o seu pavor: Tupan...

---

(12) Sôbre os tupinambás vide GABRIEL SOARES, *Tra-  
tado Descritivo do Brasil em 1587*, 2.<sup>a</sup> ed., capítulos CXLVIII  
e seguintes,

Canibal da era neolítica, em pleno delírio cromático, num país de fogo e de sangue, o índio traz o sexo apenas velado pela tanga, penas amarelas grudadas ao cocoruto, manilhas de outras, policromas, nos pulsos e nos tornozelos, ramais de búzios ao pescoço, tembetás de osso, de âmbar ou de quartzo na beijoleta, pingentes nas orelhas, adornos de barro cosido na face esburacada. Sinuosamente, por todo o corpo depilado, feitos a tinta de genipapo ou de urucú, ondeiam labores negros ou rubros; sob a plumagem dos cocares, outras vezes, ostenta-se às ancas uma roda de penas cinzentas, largas penas de ema, balouçantes. Vagueia o tupinambá por brenhas, aldeias, rios, à mão direita o arco, derribador de feras, à esquerda o maracá, evocador de mortos, sepultos nas igaçabas com os seus instrumentos de trabalho. Ressoam-lhe cascavéis no andar, proezas no canto. Vaidoso e ameaçador, exhibe nas festas selvagens a tangapema dos sacrifícios, colares de três mil dentes — os dentes dos inimigos, onças ou homens...

Absurdo e taramelante, impulsivo e rancoroso, vive para nadar como os peixes no abismo, girar como os pássaros sobre rochas e boqueirões, lutar como as feras. Nômade, corre; homem-marinheiro, flutua; homem-felino, retalha. O canibal tem a pele rija do tapir, a dissimulação do tatú, rastejante no sub-solo, ou da cobra verde, enroscada nas folhas, o grito da araponga e o salto do bugio. Instintivamente, respira á distância o cheiro da caça, do fogo, do mel. E a sua fome não espera; o seu ódio não perdôa. Matando e ferindo, vive com alegria o tupinambá. Se lhe desgosta viver, morre na solidão, comendo terra.

Quem lhe fôra o mestre das origens desvanecidas? Sumé, o estrangeiro lendário de imensas barbas, ensina-lhe o uso da mandioca nutriz; a natureza ensina-lhe

o resto: flechar o veado e a cotia, o mutum e o bijupirá; colorir os braços e o dorso; espremer o sumo capitoso das frutas para a fermentação e a embriaguês. São livres os apetites, comuns todas as cousas da tribo, em que os amigos bebem o fumo da erva santa pela mesma cangoeira em brasa. Violento néctar do guerreiro, o cauim efervesce; cosida ou moqueada nos alguidares das bruxas, resce a carne humana, o seu manjar de herói. Em pleno terreiro, alvejante de ossadas, à hora sanguisedenta da festa, sob o luar, dançando, bebendo, rugindo em volta do prisioneiro atado á mussuarana, o antropófago recorda, no bater dos pés, o das asas de um gavião real sôbre um despôjo inerte.

Lavrador, o índio cultiva a mandioca, o milho e o algodão nas suas aldeias; construtor, levanta o seu tecto de pindoba no centro das caiçaras; artífice, produz com esmero os seus utensílios de pedra, osso e barro, aprimora em silêncio a moldagem dos vasos ou a tatuagem das fêmeas. Escava no tronco dos angelins e dos jequitibás a canoa esbelta. Caçando, imita perto do fojo o grunhir ou bufar das alimarias e entre a ramaria o vozeio dos pássaros. Navegando pelo Recôncavo, lança o apêlo misterioso da inúbia aos ventos ocultos ou dispersos.

Poligamicamente, o desejo das índias, esbraseante como o pêlo da tataúrana, requeima-lhe o sangue bravo. Ele arrebanha, mas não escravisa as *cunhãs*, ora insensível, ora implacável, se o atraíçõam. Cada noite, arde-lhe o instinto como o fogo aceso entre as rêdes, onde as *temirecôs* se balançam, nuas, à espera do fecundador.

Adâmicamente, a curiosidade infantil da terra já o levava a denominar plantas e bichos, lagôas e rios, montes e grutas. De um poder sobrenatural, porém, não tinha êle senão uma idéia confusa, expressa num dissílabo — Tupan, — o que ameaça, o que estrondeia, o que fulmina.



Pouco e pouco, do sono e do medo havia brotado um animismo burlesco, informe, vago. A feitiçaria dos pagés dominava a selvageria loquaz, traduzindo-lhe os sonhos ingênuos, predizendo-lhe as formas do bem e do mal, propinando-lhe o suco das plantas, que envenenam ou enlouquecem, haurindo-lhe o morbo secreto, que adormenta e aniquila. Contra os feiticeiros e encantadores, a virtude mágica do sôpro e do gesto, clamariam mais de uma vez no Brasil os apóstolos.

À cadência dos tamboris e das flautas, o índio era sensível ao prestígio da música e do canto. Povoava de espírito e lendas a floresta, donde nasciam os gênios do mal, sobrepairantes ao nosso amanhecer: Jurupari, monstro dos pesadelos, Anhangá, veado branco e de olhos chamejantes, Caapora, hirsuto e colossal, montando um javardo espinhoso, Urutagua, com o seu grito de coruja nos tremedais, Corupira, demônio estridente e flagelante das brenhas. Anchieta conheceu desde logo, na Baía, alguns desses avejões infernais, espanto da nova terra e da gente bruta. Não sabia êle, ainda, que o antropófago, na sua evolução natural, já buscava também divindades luminosas, à maneira do sol raiando entre nuvens, Coarací, ou da lua revendo os marés, Jací. Outras imagens nasciam dos ares transparentes, das águas borbulhantes: Perudá, o amor que passa na ventania, desfolhando os ipês dourados e as sapucáias floridas; a Iara, desprendendo os cabelos úmidos, entre as ninféias dos igarapés, na sua rêde aquática. Pela curva das montanhas azuis, vaporosamente, fugiam guerreiros espectrais... E o índio repetia lendas graciosas, lendas grotescas. Ora falava do *sip-sá*, o que trazia como um germe sideral, no bojo da cabaça, o fulgor de uma estrêla; ora do saci-pererê, velando o sono dos antros e das ocas, a coxear, a capengar, com os joelhos abertos em chaga e o topete côr de pitanga.

Voraz e caprino, bestial no amor e na fome, o tupi-nambá desafia com arrogância a morte. Sob o rodopiar do tacape, que lhe vai romper a cabeça, entre uivos e guinchos, êle repuxa a corda, prisioneiro, e arremete, peleja, insulta os vencedores. O seu deleite maior não é a dança ou o vinho, mas a caça ou a luta em que as tribos se despedaçam, fatalmente desaparecem, como num suicídio colectivo da própria raça.

É a guerra que estala, de repente, sôbre as choças dos antropófagos. Os tupis madrugam, aligeirados pelo sonho da vitória. Cercando a taba inimiga, ululam, abraçam, desvairam: ao soar das inúbias, tempesteiam os ares incandescentes, varados por gritos de batalha, e vingança, e terror. Chovem as setas, zunindo, com os seus dentes de tubarão (12.<sup>a</sup>); caem feridos, bradando; uma cobra de fogo rasteja nas palmas secas, desenovela-se toda em labaredas. Vôa e revôa a morte, ao sibilo das flechas, mas a grita das mulheres e das crianças alegre os combatentes. Rompe-se a caçara, e uma onda vem, outra flue, chocam-se as duas, espumantes e sanguinolentas. O machado de pedra e o tacape brutal fendem cabeças; o pau ferro das lanças rasga peitos e ventres. Delícia feroz da carnagem! Miolos, entranhas, sangue a jorrar... Longe, propaga-se o nome assustador, entre os soldados cristãos e os missionários aflitos: Canibal!

\* \* \*

---

(12.<sup>a</sup>) VARNHAGEN, *Historia Geral do Brasil*, 2. edição, tomo I, secção, III pags. 33-34: — "Alguns iam até a nado arremeter os tubarões com um pau agudo que lhes encaixavam pelas guélas; com o que os afogavam, e os traziam a terra, e tiravam deles os dentes para as frechas".

Em torno dos selvagens, o malaventurado feudalismo das capitâneas deixara na costa brasileira, entre S. Vicente e Pernambuco, quatorze ou quinze povoações, onde seriam mais de dois mil os conquistadores brancos, tumultuariamente esparsos no litoral, com os seus vícios, as suas paixões, os seus crimes. Lidando e sofrendo, avultavam parcelas de gentio escravizado às fadigas da lavoura e do transporte. Havia começado, talvez em 1532, a incorporação do homem negro à vida americana. Com o ingresso no litoral e o encontro das raças quase terminara a função histórica dos capitães-móres.

Se as variantes extremas de caracter pululavam nas alturas ou adjacências do escol, entre os senhores e os nobres, a complexidade redobrava na peonagem branca e mestiça. Degredados e contrabandistas, náufragos e desertores iniciavam o cruzamento, do qual brotariam gerações indomáveis de curibocas e mamelucos, nas aldeias de João Ramalho, ao sul, e Diogo Alvares, o *Caramurú*, ao norte, dois símbolos erectos da poligamia ibero-americana, modelos robustos dessa conjunção, extravasante de seiva humana, que produziu mais um povo à face da terra. O seio da índia, frutificando nesse amplexo, tinha a mesma fertilidade exuberante do solo.

Entre os povoadores mais antigos, circulavam os grandes línguas da terra, intérpretes da civilização e da selva-geria, medianeiros tão preciosos á conquista sertaneja quanto os pilotos de Sagres à navegação do Mar Tenebroso, fortes ilhéus, montanhezes do reino, artífices ou pescadores, tipos rurais da vida agrária ou da vida pastoril. Abaixo, na flutuação do próprio destino, confundiam-se os mercadores, os traficantes, os corsários, os aventureiros, perpetuando com a sua rapacidade o estado de guerra. Enfim, a torrente humana carregava na salsugem de outras impurezas a delinquência, transportada para os novos lu-

gares de homízio e degredo. Borbotavam nela as forças instintivas do mal, como nas origens de povos solares, o grego e o romano, haviam coexistido a pirataria, o bandidismo e o cativo.

Homem da idade neolítica, tapuia ou tupi, o aborigine vagueava na dispersão, rugia no embate das hordas inconciliáveis, sob o arco dos morubixabas e o maracá dos feiticeiros. Os missionários avistavam não sabemos quantas nações no pandemônio das tribos designadas por alcunhas ilustrativas ou pejorativas de bandos da mesma raça, articuladas pelo gentio na dialectação do idioma geral, que se expandia através das florestas, desde o Amazonas ao Uruguai, propiciando a conquista das terras aos sertanistas, a catequese dos índios aos sacerdotes.

Um pouco mais decaídos os tapúias, refluindo para os sertões, um pouco mais diferenciados os tupis, avançando à beira-mar, não se definiam, sociologicamente, por atributos diversos do seu estádio: eram apenas cambiantes próximos da mesma selvageria turbulenta e voraz.

#### IV

**Barbaria colonial. Tomé de Souza. União da Igreja e do Estado. D. Duarte da Costa e D. Pero Fernandes Sardinha.**

Nesse microcosmo social, o espirito de aventura e a predominância do estado de natureza, a febre da conquista e o furor da ambição exasperavam os instintos mais bravos e mais torvos. Eclipsara-se a idéia religiosa. Como na embriaguês de fogo e sangue das guerras, a alma cristã desaparecera, e a gentildade assoberbava a cristandade, em quase todos os núcleos.

Dir-se-ia que o europeu, vindo para a América, instantaneamente se barbarizava, descristianizado, sob as influências do meio físico e da vida agreste. Por adaptação violenta ao clima tropical, ao novo regime de alimentação, de vestuário, de trabalho, de comércio, degradava-se até à poligamia ostentosa e à carniceria hedionda, embrutecido pelo convívio dos antropófagos, encadeado pelos braços ardentes da flora e da fêmea. Sem o temor de poderes inibitórios ou compressivos, os malfeitores provocavam não só a desordem no interior das capitâneas, mas ainda recíprocas hostilidades entre os feudos. Alguns deles viviam na ignomínia de ajuntamentos sexuais quase inumanos, vendendo os filhos como animais ou escravos.

Com a fúria dos apetites, a depravação de usos e sentimentos, o egoismo brutal dos móveis e dos actos, o choque das raças inimigas, principiara talvez a derrocada. Os aborígenes devastavam as capitâneas; os corsários franceses da Normandia e da Bretanha já iam do Cabo de

S. Agostinho ao Cabo Frio. Ousadamente, aparelhando em algumas colônias os seus caravelões, a pirataria infestava os nossos mares territoriais. Em 1547, Francisco Pereira Coutinho, donatário da Baía, era devorado pelos tupinambás. Em 1548, anunciando a ruína do Brasil português, Luiz de Goes conseguira abalar o trono com a força dramática de um apelo a d. João III: — "... Roubam os portugueses a terra e mais que os franceses, porque já não ha capitania que não esteja roubada e alevantada por êles, e por sua causa; e antes que se perca, socorra V. S. e tenha piedade de muitas almas cristãs..."

Influíam para essa dissolução, da parte do branco, a rapina, a luxúria, a desumanidade. Mercador, avezado a extorsões ignóbeis, êle pratica nos aldeamentos, nas malocas, nas feiras, toda a sorte de embustes. Caçador, transviando-se do rastro das onças para o dos homens, aprisiona o índio no seu laço, escravisa-o à sua gleba. Salteador, abatendo os flecheiros a golpes de espada e a tiros de arcabuz, empolga mulheres e crianças. Devastador, arrasa à própria miséria do incola os tectos de palma, as roças de milho e mandioca. Incita a discórdia, sugere a violência, propaga nas capitánias a guerra entre os selvagens, para os acometer e apresar, divididos.

Quanto aos padres, não valem mais que os leigos. Manuel da Nóbrega, em 1549, escreve aos irmãos da província de Portugal: "Os clérigos desta terra têm mais officio de demônios que de clérigos; porque, além do seu mau exemplo, e costumes, querem contrariar a doutrina de Cristo, e dizem públicamente aos homens que lhes é lícito estar em pecado com suas negras, pois que são suas escravas, e que podem ter os salteados, pois que são cães..."

Por seu turno, o índio volta a ser fera, sedento de vingança, cuja explosão o leva a morder o calhau, trope-

çando, ou a quebrar a flecha, que ainda vibrante lhe rasga o peito. Dissimula o rancor, premeditando as ciladas aos brancos. Desafia a morte, injuriando os verdugos no próprio terreiro em que o abatem. Se é êle o algoz, escarnece o chôro da vítima, que se amedronta, de joelhos, sob o tacape. Não concebe o herói sem a idéia religiosa da vingança nem o heroísmo sem a surpresa mongol do ataque. Ao estalar o grito de guerra contra os *perós*, nas tabas e nas canôas, são morticínios as suas desforras. Em represálias de faunos, se os colonos arrebanham as índias para a luxúria fecundante dos serralhos, os indígenas raptam as brancas, mergulhando com elas na floresta, como antropóides, e o canibalismo devora, bramindo, o que a libidinagem conspurca.

Entre a deslocação da tribo americana e a fixidez da colônia européa, o individualismo crescente desta e o comunismo errante daquela, estranho ao domínio singular dos bens, às modalidades jurídicas da posse, amiudavam-se contrastes irredutíveis, conflitos inevitáveis. Não raro, a instabilidade emocional do gentio mudava-lhe o affecto em ódio, e os flibusteiros, os contrabandistas, os intrusos, acosados nas reintrâncias do litoral, persuadiam continuamente o selvagem a repelir ou abater os colonos. Precipitara-se o desfêcho. Sòmente o velho Duarte Coelho, acastelado na torre de Olinda, constituia excepção triunfante à nossa ruína feudal.

Mas o cristianismo adveiu em 1549 com o primeiro governador geral, Tomé de Souza, fundador da primeira cidade, e o padre Manuel da Nóbrega, fundador da catequese no Brasil.

Antes dos jesuitas, só alguns franciscanos haviam estado no Brasil: em 1503 na Paraíba do Norte; pouco antes de 1551, em Porto Seguro. Nenhum vestígio de

catequese, entretanto, deixaram êles à história evangélica das missões.

D. João III abria um período novo, ao dizer no Regimento de 17 de dezembro de 1548: "Querendo el-rei conservar e enobrecer as terras do Brasil, e dar ordem à sua povoação, tanto para a exaltação da fé, como para proveito do reino... há por bem nomear Tomé de Souza, para governador geral..." O catequista Manuel da Nóbrega, por sua vez, consagrava historicamente nele as virtudes próprias do governo, quase as do sacerdócio: "...eu o tenho por tão virtuoso, e entende tão bem o espírito da Companhia, que lhe falta pouco para ser dela..."

Nos dois vultos representativos do poder temporal e do poder espiritual, Tomé de Souza e Manuel da Nóbrega, um dêles envergando a armadura de capitão, outro a roupa de jesuita, observa-se a mesma religiosidade. O governador é ainda mais supersticioso que o missionário. Quando a expedição desembarca na Baía, as armas de Portugal fazem séquito a uma grande cruz, erguida pelos sacerdotes, que entoam preces e hinos durante a marcha. Seiscentos guerreiros caminham processionalmente; o signo da fraternidade avança ao encontro da selvageria; o estado de guerra pretende já difundir o estado de crença, e tudo que era inumano, pelo combate, aspira nesse momento ao divino, pela catequese.

Ao norte de Vila Velha, o patriarca Diogo Alvares, Caramurú, acolhera em barracas e choças os expedicionários, que se apressaram devotamente em reerguer naquele sítio a capelinha da Vitória, quase esboroadada. Tomé de Souza ideou a capital da América Portuguesa, ocupando as eminências, donde avistava o mar. Então, os artífices deram começo à tarefa com alegria.

Maravilhoso instante da história colonial! Incolas e reinóis, leigos e padres, mulheres e crianças, todos labo-



ram na construção da *urbs*, piedosamente, como se erigissem o próprio santuário de uma raça nova, sobranceiro às ondas, no âmagô virgem da selva. Transforma-se o arraial em município, a feitoria em govêrno, o acampamento em cidade. Alvorece a grande metamorfose. Golpeadas no cerne, fundamente, baqueiam as árvores com fragor; bandos de jornaleiros destocam e nivelam o campo; da visinhança trazem os índios serviçais, para a obra encetada, madeira e barro, calhaus e fibras; a colectividade escava os alicerces, levanta muros e tectos, delinea ruas e praças; até o governador moureja nas fortificações, imita os alvaneis, recalcando o barro dos taipais, carregando vigas e troncos. Entre os artífices, Tomé de Souza é o primeiro dêles, antevendo já o Brasil, não sumptuariamente, coberto de ouro e seda, no voluptuoso abandono das possessões asiáticas, mas profissionalmente, como terra e como labor de operários, incessante esforço para mãos limpas e destros. Ao seu lado, em vez de ministros e eunucos, parasitas e jograis, veem-se dois rijos constructores — Diogo Peres, mestre pedreiro, Luiz Dias, mestre das obras da fortaleza.

Enfim, alteia-se para os céus, rica de ares saudáveis e águas perenes, a cidade do Salvador da Baía, acastelada num outeiro, em quadrilátero, com os baluartes sôbre o mar, outros vigiando a terra, Nossa Senhora da Ajuda na sua ermida, e como rebanho a descer pela encosta o casario montez.

Aos nucleolos preexistentes, esparsos e hostis, sobrepõe-se agora o núcleo político e espiritual, onde se agregam, indissolúveis, fôrças regidas por uma lei, subordinadas a um pensamento. Fundando a cidade católica e monárquica, Tomé de Souza cumpre o Regimento de 17 de dezembro de 1548, pelo qual se ordena o começo da povoação, que “venha a ser cabeça de tôdas as mais

capitanias". Entre o ouvidor-geral, sentinela da justiça, e o provedor-mór, claviculário do fisco, êle traz consigo a Ordem magestática, revelando já o Estado na tendência para a coesão e a unidade.

Detentor da autoridade régia no Brasil, terra imensurável por defender e cristianizar, Tomé de Souza inaugurou, com a cidade, uma tradição governativa. Edificada a *urbs*, instituídas nela as primeiras formas da vida municipal, o governador concedeu lotes agrários, semeou vergeis nos arredores, decidiu que fossem abertos novos caminhos, obteve que se fundassem novos engenhos, fez vir das ilhas de Cabo Verde o gado, e rebanhos povoaram os latifúndios, pôs na arquitectura naval todo o empenho, e bergantins, caravelas, até mesmo galeões cindiram as ondas.

\* \* \*

Depois da cidade, o Recôncavo — a submissão dos *brasis* ao poder lusitano e à fé católica. Religiosamente, a cultura desses frutos selvagens começa a prosperar com o ensino, a indústria, o apostolado, o martírio dos padres jesuitas. Politicamente, a visão e o tacto, a integridade e o acerto de Tomé de Souza consolidam as bases morais da catequese. Ajudado pelo Caramurú, êle atrai os chefes indígenas ao comércio e à aliança, que pacificam no seu govêrno o Recôncavo, fechando os aldeamentos à incursão de traficantes odiosos, cujo mercantilismo operava sôbre a liberdade humana.

A tolerância cristã do governador, porém, não obsteu a que êle reagisse duramente, por vezes, contra a selvageria das tribos indomáveis.

Nesse homem piedoso e severo, conciliador e benfazejo, reaparecia, então, o cabo de guerra, formado na escola do Oriente, e o revés da sua bondade apavorava. Como as Instruções de 1548 lhe recomendassem que, depois de

conhecer os selvagens inimigos, saísse a destruir-lhes as aldeias, “matando, cativando e expulsando o número bastante para castigo e exemplo”, o administrador meticoloso assim o fez com exactidão regimental. É certo que mandou atar um criminoso indígena a uma boca de fogo, dispará-la com tôda a solenidade reboante, exemplificadora. Mas não divergia do pomposo estilo sanguinário, cultivado pelos heróis lusíadas: Pedro Álvares Cabral, em 1500, aprisiona dez navios árabes na costa de Kalikòdu e passa a fio de espada 500 tripulantes; Vasco da Gama, a um gesto negativo do rajá nessa mesma cidade, envia-lhe um barco atulhado de corpos sanguinolentos, escravos de guerra, aos quais êle tinha feito decepar as orelhas e as mãos; d. Francisco de Almeida, cujas vitórias navais ecoaram terrificamente sôbre a morte do filho, sauda Kananor, de regresso, atirando-lhe cabeças e membros de prisioneiros, esfacelados, pela boca das bombardas vingadoras. O primeiro governador do Brasil cursara a mesma escola.

Ainda no começo do govêrno, ele procura conhecer e explorar os sertões a oeste, em busca de pedraria e metais, como lhe insinua a côrte portuguesa, ofuscada pela notícia das minas do Perú. As suas tentativas, desde o convite ao minerador espanhol Felipe de Guillen até à expedição acompanhada pelo jesuita Aspilcueta Navarro, um santo perdido entre caçadores de gemas e canibais da selva, preludiam remotamente no Brasil-colônia a idade terrível do ouro. Tomé de Souza vincula o seu nome e a sua obra ao ciclo dos bandeirantes, cuja filiação remonta às alturas nebulosas do século XVI.

Mas não esquece também a sorte das capitâneas indefesas e incultas, que êle visita, inspeciona, ordena quanto possível: em cada qual, reforça muralhas e tranqueiras, provê de soldados e artilheria os baluartes, fortifica engenhos e povoados, inaugura cadeias ou templos, faz erguer

ao centro das vilas o pelourinho. Com a notícia dessa peregrinação e as advertências pessoais do governador a el-rei, fixamos os elementos orgânicos da nova fase colonial.

Tomé de Sousa concluiu em 1553 uma obra simples, mas forte, cuja sabedoria lograra vencer desmandos e erros do confuso período inicial. Daí por diante, graças ao plano que ele concebera, nítido como desenho, sólido como doutrina, a elaboração católica do Brasil terá outro desenvolvimento, sob novas diretrizes.

Assenhoreando-se da colônia, o Estado e a Igreja realizaram jesuiticamente a sua aliança, imperativamente a sua unidade moral. Se havia baixado a própria religião ao nível das grosseiras formas rituais, quase do fetichismo em que vegetavam as almas primitivas ou supersticiosas, o apostolado veio de novo espiritualizá-la como idealismo sacro. No evangelho dos missionários, então, culminaria o sacerdócio, defendendo e catequisando os aborígenes, mas também refundindo para os colonos, uma por uma, as táboas da lei de Deus, quebradas nesse deserto americano, entre a vileza do tráfico e os horrores da luta pela existência. (13).

\* \* \*

Unidos laboravam Tomé de Souza e Manuel da Nóbrega, o Estado e a Igreja, com os mesmos objectivos: humanisar o gentio, reprimir o colono insaciável. Bruscamente, porém, voltando ao reino o primei-

---

(13) OLIVEIRA LIMA. *A Nova Lusitania, em a Historia da colonização portuguesa no Brasil*, vol. III, cap. VII.

ro governador, a consonância fez-se incompreensão e discórdia, num período novo e grave.

Desde 1553, o esboço administrativo em cujas linhas se patenteava o espírito de outras formas sociais aparece trunçado, sob o governo de d. Duarte da Costa, armeiro-mór do reino, desavindo por causa do filho, d. Álvaro, com o primeiro bispo, d. Pero Fernandes Sardinha. Como o litígio foi circunscrito às razões ou sem-razões dos litigantes, articuladas aos pés d'el-rei, a História suspendeu o julgamento, convertido há quatro séculos em diligência inútil. Não achamos no processo dados seguros, testemunhas idôneas.

Que informava o príncipe da Igreja ao soberano português? Desafiando na rua os homens prudentes, inquietando as mulheres honestas no lar, o moço d. Álvaro, seguido por outros fidalgos e amigos, mais tunantes que fidalgos, inquietava a polícia episcopal de costumes. Urgia refrear os excessos ao turbulento, os impulsos ao libertino. Mas d. Pero Sardinha falara em vão a d. Duarte da Costa. O pai adorava o filho, que servira na África, era bemquisto na corte, e apenas vinha pagando, nessas aventuras baianas ou africanas, o seu tributo de soldado moço à violência dos climas adustos.

Então, do púlpito, o bispo letrado, porque fora aluno da Universidade de Paris e mestre da Universidade de Salamanca, reprovava em termos discretos, alusões mais ou menos veladas, ao d. Juan colonial a impudicícia, ao chefe do governo a indulgência. Do sermão vingaram-se pai e filho, exasperados, hostilizando o pregador.

No ambiente faccioso da colônia surgiram dois partidos violentos — o do Governo e o da Sé. Houve ameaças e vexames à dignidade episcopal. D. Álvaro

instigou os cónegos da própria diocese contra o bispo, que os remeteu à prisão, disciplinarmente, para ver logo depois, com indizível assombro, desrespeitado à porta da cadêia um acto da Mitra. Por ordem do governador, o carcereiro não quis aferrolhar os insubmissos. Nesse mesmo cárcere, entretanto, fora trancado, sob o peso de algemas, um cónego exemplar, fiel ao príncipe da Igreja. De tudo fez devassa o bispo, e enviou-a com os seus lamentos ao rei.

Contra o venerável delator, porém, forjaria d. Duarte um libelo ainda mais escandaloso. O bispo caluniara-lhe o filho. Quem era o bispo, caprichoso, irascível, prepotente, avaro, odiento e cruel, perseguidor de clérigos, protector de facinoras, dissessem outros a S. Altesa. Outros como Tomé de Souza, verídico e austero, os padres da Companhia de Jesus, todos os padres, todos os diocesanos. Qualquer depoimento lhe confirmaria os maus antecedentes de provisor e vigário geral das Índias, esboçaria o quadro vergonhoso da sua diocese. Pregadas às portas das igrejas baianas, lidas nas missas conventuais, não cessavam as cartas de excomunhão, imposta aos adversários, ao próprio Ouyidor Geral pelo bispo, só porque o magistrado não ia ouvir-lhe os sermões, coléricos ou enfadonhos. Arbitrariamente, o pastor da Baía destituirá o deão. Simoniacamente, revogara penas eclesiásticas por dinheiro. Mandava esbordoar os que lhe não eram simpáticos, havendo mesmo quem lhe atribuisse golpes de pugilista. Com a própria mão episcopal, o próprio anel de ametista, feria nas discussões a face dos contraditores. Ordenara que fosse exposto na Sé, à hora da missa, um *bebedor de fumo*, semi-nu, trazendo a erva santa dependurada ao pescoço. Enfim, para d. Duarte, seria mais fácil entender-se com o diabo que atu-

rar o bispo: "...com todo o homem me concertara, ainda que fora o diabo, senão com êle..."

Pouco depois do libelo, entretanto, reconciliavam-se aparentemente d. Duarte da Costa e d. Pero Fernandes Sardinha, por mediação do padre António Pires, jesuita. El-rei chamou a Lisboa, mais tarde, o príncipe da Igreja, e à desavença dos poderes coloniais sobreveiu um final de tragédia para o bispo. Como sossobrasse a nau, que o levava, com outros cem passageiros, nos baixos de d. Rodrigo, foram todos eles abatidos pelos caetés, devorados pelos canibais.

Sob o tacape, de joelhos, impassível o rosto, erguidos os olhos e as mãos para o céu, expirou à margem do rio S. Miguel d. Pero Fernandes Sardinha, que era pessoa de grande autoridade e exemplo, grande eloquência no púlpito, segundo fr. Vicente do Salvador. Ao capucho da *História do Brasil* relataram certos viandantes daquela zona que o lugar onde foi morto o príncipe da Igreja *nunca mais se cobriu de erva*.

No mesmo ano da reconciliação, 1555, d. Álvaro exterminara ou submetera o gentio rebelde, que havia salteado o engenho de Pirajá e as manadas de Garcia d'Ávila em Itapoan. Frechado pelos índios o seu cavalo, depois de outras façanhas, regressou incólume e triunfante o jovem capitão à cidade do Salvador. Mas a própria vitória não o fez popular nem se tornou com ela menos indesejável o governo do pai, d. Duarte. Por fim, suplicando a el-rei o Senado da Câmara, em nome do povo, que lhe mandasse outro governador, *pelas cinco chagas de Cristo*, foi escolhido um homem predestinado à glória das armas e dos feitos cívicos, Men de Sá, irmão do poeta Sá de Miranda.

Com ele recomeçaria a aliança da Igreja e do Estado no Brasil-colónia.

**Visita de Orfeu. Anchieta segue da Baía para S. Vicente com outros religiosos. Tempestade. Chegam os jesuitas a S. Vicente. Em busca de Piratininga. Noivado de Anchieta e da terra do Brasil.**

Era à sombra dessa aliança que o espírito de Orfeu, religioso e profundo, visitava os sertões. Desde a aurora da catequese, atraindo pela música e pelo canto a prole do gentio, Nobrega fôra quasi um segundo Orfeu, no dizer de Varnhagen. Recem-vindo, o irmão Anchieta seria outro caso de orfismo brasileiro como idealidade, fascinação, harmonioso destino, essencialmente católico, entre rochas e brutos.

Transfigurado pelas idéas cristãs, Orfeu sondava a alma pre-histórica das tribos, o gênio da nossa idade de pedra polida, instintivo, falando-lhe ao novo gênio melodioso e culto. Poderiam cristianisá-lo as energias da catequese? Deixaria lugar ao Evangelho o mercantilismo dos chatins, que tudo amoedavam na colônia? A própria fé apostólica do justo sentia-se, às vezes, regelada sob uma dúvida, considerando nessa imensidade o traficante lascivo à beira-mar, os bispos, vigários e colonos indiferentes à salvação dos bugres irracionais (14), e pelos sertões a dentro o

---

(14) ANCHIETA, *Inf. do Brasil e de suas capitaniass* — 1584. “...nem os Bispos fazem muito caso disso, pois com os índios livres... se não faz diligência nenhuma no que toca à sua salvação, quase como de gente que não tem alma racional nem foi criada e redimida para a Glória”.



nômade obtuso, que desconhecia a roda, o ferro, a vela, o arado, saíra da lagoa para a selva e do antro para a taba no deslumbramento inicial do fogo, sem rebanhos, sem vestidos, sem humanidade. O mercador não renunciava à mercância voraz, ainda mesmo sob o látigo de Jesus. O canibal seria eternamente. . canibal, se a fôrça o não domesticasse pelo temor. Únicos frutos da catequese, afirmaria Nobrega, desolado, eram *poucas almas inocentes*, que os apóstolos mandavam aos ceus, baptizando-as à hora da morte.

\* \* \*

Não obstante, a prole infantil dava esperanças aos jesuitas: era dócil, quase dúctil.

. Educadores, desdobrariam êles com inteligência de psicólogos o seu plano escolar. Fundada a escola baiana de ler e escrever, tendo por mestre o irmão Vicente Rodrigues, como obter a frequência dos columins, inacessíveis nos ranchos das aldeias impetráveis?

Argutamente, sabiam os jesuitas que a própria diferença dos idiomas e dos tipos, segregando os adultos, não resiste à lei natural de atração da primeira idade. Urgia levar os pequenos civilizados ao encontro dos pequenos selvagens, como iniciadores e companheiros na mesma vida cristã, fazê-los todos irmãos pela convivência e pela camaradagem. Reciprocamente, uns e outros aprenderiam o português e o tupí, sob a doutrina do mesmo educandário; tornando-se amigos, quando se entendessem, uns e outros seriam mais tarde os acólitos do templo e da selva para os missionários.

Com a segunda expedição jesuítica vieram os sete primeiros órfãos do colégio de Jesus, cujo fundador, o

padre catalão Pero Domenech, arrancava ao mais degradante infortúnio esses vadios sem pais, menores *ladrões* e *maus*, pervertidos na madraçaria da Ribeira de Lisboa, transformados no ambiente educativo do seu orfanato. A vadiagem criminal, para certos alunos, já se mudara em vocação religiosa, e o embarque dos sete órfãos destinados ao Brasil, como auxiliares da catequese, foi solene e comovedor. Dir-se-ia que as almas eclesiásticas ou infantis, quando os órfãos modulavam as suas orações por despedidas, entre os louvores e as lágrimas do povo, se ofereciam na mesma religiosidade aos sacrifícios do apostolado.

Nóbrega revê na colônia os antigos vadios do mercado de peixe, em Lisboa, agora pequenos operários da Companhia. Em 1551, por exemplo, informa a d. João III que o principal exercício dos jesuitas e dos órfãos é ensinar os índios. Antes disso, textualmente, escrevera aos padres da província de Portugal: — “Os meninos órfãos, que nos mandaram de Lisboa, com seus cantares atraem os filhos dos Gentios, e edificam muito os Cristãos.” Harmonicamente, em visitas e canções, fraternizavam os menores lisboetas e os colúmins baianos; havia nas procissões, nos enterramentos, o soar dos maracás e das flautas de taquara, como o estrugir dos borés nas danças da tribo. Os órfãos não queriam só instrumentos, mas também alguns instrumentistas do reino:... se vieram cá alguns tamborileiros e gaiteiros, parece-nos que não ficaria principal nenhum, que nos não desse os seus filhos para os ensinar.”

Já se entremeavam os cantos de Pindorama às vozes de Portugal. Uniam-se os costumes, os sentimentos, os acordos em cerimônias indígenas, musicais, e era grata aos jesuitas a consonância dessa fraterni-

zação no Evangelho e na música, ainda que o bispo d. Pero Fernandes Sardinha, à speramente, sem compreender o espírito da catequese, delatasse formas e usos por ela introduzidos como novos ritos gentílicos.

Desbravadores e catequistas, porem, avançavam os jesuitas com os *piás* instruídos até às aldeias remotas, em peregrinações de sete a oito léguas. Veredas e alagadiços intransitáveis... Ocaras semelhantes a cloacas... Fora, sob a nudez terrosa das índias agachadas ao sol, zuniam mosquitos, enxames atraídos por emanações violentas do sexo. Dentro, na sordidez nauseante dos tijupares, as redes úmidas tresandavam. E o cheiro das talhas de vinho, os odores das tangas de penas, dos corpos besuntados de óleo ou retintos de urucú entonteciam nesse ambiente selvagem os padres, que vinham purificar-lhe as almas. Só os columins, afeitos à exalação das redes maternas, dos seus ninhos de folha de pindoba, corriam para a oca e ensinavam aos pais, com alegria, os mandamentos da lei de Deus em língua brasilica.

\* \* \*

Mas o Brasil não aguardava unicamente do poder de Orfeu a humana transfiguração. Antes e depois dele, com ele próprio, vinha a onipotência de Eros, amalgamando tres raças num só amplexo obscuro e lascivo.

Em 1549, escrevia Manuel da Nobrega a Simão Rodrigues: — "Parece-me cousa muito conveniente mandar Sua Alteza algumas mulheres que lá tem pouco remédio de casamento a estas partes, ainda que fossem erradas, porque casarão todas muito bem. E

digo que todos casarão muito bem, porque é terra muito grossa e larga, e uma planta que se faz uma vez dura dez anos." Posteriormente, em 1551, a rainha d. Catarina enviara ao governador Tomé de Souza uma partida de noivas em que vinham açafatas da sua côrte e donzelas do Mosteiro das Orfãs.

Como rareassem mulheres virtuosas ou erradas, emigrantes de Portugal, casavam-se às índias os povoadores, e em breve a poligamia assoberbante dava tantos frutos que se viu compelido Nobrega a desviar do solo baiano a corrente nupcial, advertir el-rei na sua carta de 1551: — "Para as outras capitánias mande Vossa Alteza mulheres orfãs, porque todas casarão; nesta não são necessárias, por agora, por haverem muitas filhas de homens brancos e de Índias..."

Genésicamente, irrompera a fecundação humana e telúrica. Embora nômade, os escravos gentios lavravam a terra, e o labor do negro da Guiné, estável, robusto e paciente, havia de florir no algodoeiro, viçar no gomo dos canaviais, arder nas cintilações de ouro e diamante, joeirados pelos garimpos, entre as verdes e altas serras nevoentas. Com o trabalho, a riqueza, a fecundidade, surgiria também o homem novo — lavrador, construtor, mestiço das pequenas cidades atlânticas ou dos imensos planaltos ondulados.

\* \* \*

Retido pelos seus planos em S. Vicente, polo Sul da catequese, Manuel da Nobrega determinou em agosto de 1553 ao padre Leonardo Nunes que visitasse por êle as missões longínquas do Norte, lhe trouxesse da Baía o socorro de outros irmãos, entre os quais Anchieta.

Partiram daí os religiosos no mês de outubro, em dois velhos barcos, que, após duzentos e quarenta léguas de boa navegação, foram ter aos Abrolhos, paragem de estreitos canáis e bancos de areia. Salteados ambos pela tormenta, virou na costa um deles, onde seguia o padre Leonardo, bateu nos arrecifes o outro, em que viajava o irmão Anchieta.

Sem leme, rôtas as velas, sacudido pelo furacão, alagado pelos escarcéus, o barco de Anchieta desgarrava, mas afinal, “expostas as reliquias dos Santos... e lançado às ondas o Cordeiro de Deus...”, conseguiu o navio ancorar num pégo rodeado de cachopos e cômoros, entreabrindo sómente, com avareza, uma garganta á proa. Descera a noite sobre o repouso dos navegantes, opressiva. Na mudez caliginosa, súbitamente, convulsionam-se as trevas, esfusiam os ventos do sul, diluem-se as nuvens, desabam as ondas. O navio frágil remergulha, rodopia no vórtice, e a faina dos marujos não esgota o porão inundado. Sob o dilúvio, arfantes, êles rastejam no tombadilho, fendendo mastros, lançando amarras. Vai-se pelos ares, partido o cabo, a única lancha de bordo, e toda a salvação está num fio ainda ligado à terra. É a morte inevitável, desfeito o navio, de chofre, na aresta dos escolhos. Já os cristãos se arremessam aos pés dos sacerdotes, vários a um tempo, confessando-se urgentemente, ansiosamente, para a suprema viagem. Perdem-se orações e gemidos através da noite, cada vez mais tempestuosa e ululante. A impávida crença de Anchieta, porém, confia-se ao relicário dos santos, ao favor celeste da Virgem, e o navio desliza na escuridão, sem governo, arrebatado pela violência da correnteza. Roçando baixios e fraguados, não se detem, e à luz do amanhecer, vencida a tormenta, é conduzido à plaga de Caravelas,

onde vai ser finalmente recomposto, sob a proteção de Maria, com os destroços de mastaréis e velame do outro, pedaços de nave recolhidos pelos mareantes (15).

Ao longo da praia deserta os naufragos temiam a aspreza do vendaval, o suplício da fome, os antropófagos, a vizinhança das matas povoadas de sussuaranas. Mas havia na selva, ao contrário, a doce exuberância dos frutos sazoados; borbulhavam nascentes claras; eram amigos os índios; e Anchieta bendisse mais tarde o naufrágio, porque aí baptizaram os jesuitas, em dia de Santa Cecília, uma criança a expirar. O baptismo era a salvação, o paraíso aberto aos pequenos agonisantes, conforme a doutrina, e eles haviam, desse modo, arrancado ao inferno essa alma gentil. Com o mesmo denodo e a mesma devoção, aparelhada a sua nave católica, cindiram outro vez a onda, fizeram-se outra vez ao largo, para entrar na véspera de Natal de 1553 em S. Vicente.

Manuel da Nóbrega, o fundador, acolheu com imensa ternura os cinco religiosos principalmente Joseph de Anchieta, em cuja mocidade cristã a sua clarividência adivinhava um predestinado. Certo, a notícia de elevação do Brasil à província autónoma da Ordem redobrou-lhe o contentamento. E era ele o provincial, constituído por Inácio de Loiola, tendo nessa investidura um companheiro, Luis da Grã. Assim estimulado, não pela dignidade hierárquica, mas pela confiança do patriarca, Nóbrega resolveu acelerar a fundação do colégio de Piratininga. Muitas razões determinaram esse acto, segundo Anchieta, que lhe

---

(15) A descrição da tempestade vem na carta latina, dirigida por Anchieta ao padre geral, em maio de 1560, sobre as coisas naturais de S. Vicente.

enumera as causas principais: em S. Vicente a falta de viveres e a escassez dos frutos apostólicos, no seu início tão animadores; em Piratininga o caminho aberto à conversão dos guaranis, á conquista espiritual das missões no Paraguai.

Treze ou quatorze religiosos, no começo de janeiro de 1554, marcharam de S. Vicente, pela serra acima, em busca dos campos remotos, onde se aninhavam os índios sem conta. Dirigia-os o padre Manuel de Paiva. Ia com eles Joseph de Anchieta, e os aspectos da terra brasileira sugeriam-lhe acaso novas emoções, novos pensamentos. Já o seu misticismo não era um doloroso anseio eucarístico e sobrenatural, quebrando-lhe as forças, descolorindo-lhe o sangue, despreendendo-lhe o ser da realidade tangível para o abismar entre visões de santuário. Pelos caminhos radiantes ou nevoentos do Brasil, como São Francisco de Assis no **Canticum fratris solis**, teria ele glorificado o Senhor com todas as suas criaturas, em todas as suas obras: o luzeiro solar — *frate sole*, — do qual são lampadas inumeráveis os dias; a magnificência da lua vestida de prata e das estrelas diamantinas; o vento amigo e as nuvens ligeiras; a humilde corrente d'água, *soror preciosa e casta*; o fogo robusto a crepitar no silêncio da noite; e o seio da madre-terra, inexaurível, que produz tanto vigor de flores, frutos e ervas.

Brumas anuviavam, cumes enegreciam os ares. Cada montanha vencida, porém, era um degrau na ascensão prodigiosa: abaixo, descortinava-se a profundesa, ampliada sempre, dos vales frementes de bosques, fragrantes de veigas. Segredavam as fontes, de pedra em pedra, como naiades brancas e frias a correr, num desejo, para a ardência do sol. Vagamente, no espelho dos rios, a luz criava miragens de incêndio, o

arvoredo punha sombras movediças, duplicando a agitação das copas. E através de penedos, chapadas, boqueirões, despenhadeiros abruptos, por onde se retorciam lianas, a formosura da terra semelhava o desafio de uma virgindade ameaçadora, mas irresistível, ao domínio potente dos homens.

Dialogando com essa natureza. Anchieta sentia a complexidade mórfica do Todo e a unidade essencial do Verbo. Quisera enlaçar e entender a terra inviolada, possuir-lhe a graça na curva dos arroios, fixar-lhe o crescimento bíblico à prole, que não cessa nem cansa, indo e vindo, através do Genesis transbordante, com os seus bilhões de asas e pés, antenas e barbatanas.

Enquanto não lhe sondava o reino vegetal e o reino animal como naturalista, gozava-lhe as metamorfoses com poeta, cujo sentimento da natureza se patentearia mais tarde nos dísticos do poema à Nossa Senhora, abrangendo o oceano, os rios, as fontes, as serras, ou adorando nela a transfiguração ideal das árvores e das colinas rescendentes (16). Quase tres décadas após, Fernão Cardim revelaria com emotividade e colorido o encantamento desses peregrinos da terra virgem: "Todo o Brasil é um jardim em frescura e bosques e não se vê em todo ano árvore nem

---

(16) ANCHIETA — *De conceptione Virginis Mariae*:

Nondum lativagi diffluxerat equoris unda,  
Nec vagus obliquis fluxerat amnis aquis;  
Nondum faecundo manarant gurgite fontes,  
Nec juga constiterant ardua mole gravi:

*De ortu beatae Virginis Mariae*:

Tu saneta infantula vitae  
Arbor es eterna fertilitate gravis..  
Tu collis, stillat pingues ubi sylva liquores,  
Puraque de matris cortice odora fluant.



erva seca. Os arvoredos se vão às nuvens de admirável altura e grossura e variedade de espécies. Muitos dão bons frutos e o que lhes dá graça é que há neles muitos passarinhos de grande formosura e variedade e em seu canto não dão vantagem aos rouxinóis, pintasilgos, colorinos e canários de Portugal e fazem uma harmonia quando um homem vai por este caminho, que é para louvar ao Senhor, e os bosques são tão frescos, que os lindos e artificiais de Portugal ficam muito abaixo. Há muitas árvores de cedro, aqui-la, sândalos e outros paus de bom olor e várias cores e tantas diferenças de folhas e flores, que para a vista é grande recreação e pela muita variedade não se cansa de ver" (17).

Anchieta seguia, mais enamorado que os outros da paisagem brasileira. Em vez de aparições indefiníveis ou irreais, surgiam-lhe agora imagens concretas, múltiplas, coroadas de luz, e a beleza esparsa das coisas enfeitava o apóstolo recém-vindo. Sob a estrela d'alva, num lusco-fusco de veus rorejantes, despertava do encanto nocturno a serra, coberta edenicamente de folhagem, para a neblina e o gorgueio das manhãs. De-

---

(17) Trecho da "Informação ta Provincia do Brasil (em 1583) para nosso Padre", a qual foi atribuída inexactamente a Joseph de Anchieta pelo historiador Capistrano de Abreu, com a data de 1585, divulgada nos seus *Materiais e Achegas*. O verdadeiro autor é Fernão Cardim, secretário do vizitador Cristovão de Gouveia, que a subscreveu, conforme evidenciou o P.<sup>e</sup> Serafim Leite (*Jornal do Comércio*, 30 dezembro 1945). SILVIO ROMÉRO no *Livro do Centenário*, pág. 9: "...não é de todo certo que no primeiro momento, no tempo de Anchieta, todos achassem melancólica a terra e tratassem-na com desdem. O próprio famoso jesuíta cantou mais de um ditirambo às suas maravilhas, e o mesmo fizeram Nóbrega, Cardim e Gabriel Soares".

pois, na estonteadora magia do fogo, bailados de horas ígneas crepitavam; os dias recompunham, sinfonicamente, a glória do mesmo andante luminoso; seguiam-se açordes gradativos de violeta e nacar, efeitos de ouro sanguíneo e de ouro cinéreo da tarde, melodias finais do Angelus, desfeito em cores evanescentes, nós torreões de nuvens do sol posto. Anoitecia, rebrilhavam mundos ignotos sobre a face pulcra, o seio intacto da terra adormecida.

Orfeu caminhava para o inferno selvagem de Piratininga, como num perfeito noivado, haurindo o eflúvio poderoso às montanhas. Sentia-se renascer. Misticamente, o sementeiro cristão havia desposado a terra virgem do Brasil.

## LIVRO II

### **A ESCOLA DE PIRATININGA**

Siempre se coge algû fructo per la misericordia  
del Señor...

ANCHIETA



**Fundação da casa de S. Paulo. Os religiosos. Mulheres cristianisadas. Homens inconversíveis. Antropofagia. Esperança dos padres. Baptismo Socorro aos enfermos. Regimen da casa de Piratininga.**

No dia que lhes recordava o caminho de Damasco e a prodigiosa conversão, 25 de janeiro de 1554, os jesuitas disseram a primeira missa num altar improvisado e humilde, fundaram a casa de S. Paulo em Piratininga, núcleo da cidade opulenta. Manuel da Nobrega sintetisara em duas palavras o espirito do novo apostolado: obediência, mortificação.

Erguido pelos índios, o pouso dos jesuitas era uma cabana minúscula, feita de táipa e coberta de colmo, um tecto imperceptível na lomba do planalto, que, entre os ribeiros Tamanduateí e Anhangabaú, se configurava em cidadela triangular, cujos bastiões fossem escarpas. Do viso dessa acrópole, rude preeminência de vinte e cinco a trinta metros, desvendava-se todo o horizonte, a várzea dilatada, o curso do Tieté. Subindo e serpeando, as veredas transitáveis não abriam mais de quatro portas à cidadela — duas ao norte, duas ao sul, vigiadas as primeiras, no vértice do triângulo, pela força de Tibiriçá (o principal Martin Affonso), defendidas as segundas, na base, pela gente de Caiubi, velho e fiel cacique. Olhos d'água brotavam pelas encostas, pelos barrancos de schisto e grez; entre os morros contíguos, perdia-se o cabeço dominante na espessura da mata virgem, sob névoas;

ao poente, verdejavam terras umbrosas de caça e fruto com os seus pinheirais, as suas colmeias, bandos de garças róseas ou nêvas à orla das lagoas (18).

O abrigo dos religiosos media quatorze passos de comprimento por dez ou doze de largura: tinham êles aí, conjuntamente, igreja, escola, dormitório, enfermaria, refeitório, cosinha e dispensa. Mas não invejavam a pompa dos castelos reais, lembrando que um estábulo fôra bastante à divindade infantil de Jesus, um crucifixo à redenção do mundo. Logo depois, com auxílio dos irmãos e dos íncolas, o padre Afonso Braz encetou, dirigiu a construção do colégio e do templo, architectura lavrada em pedra vermelha de limonito (19). No dia de Todos os Santos, em 1556, os jesuitas inauguraram processionalmente a sua nova igreja (20). E à sombra do templo, confiantes, já se aglomeravam as casas de táipa dos indígenas.

Durante a noite, como se abrigassem nessa estreiteza e penúria vinte homens ou mais, entrechocavam-se as redes suspensas do travejamento. Sem agasalho, os irmãos regelados tiritavam sob a invernã brava, entorpecidos já pelo sono, ou se comprimiam, aquecendo-se uns aos outros, macilentos na sua roupeta, derredor do braseiro escassamente nutrido. Lá fôra estrondeava por vezes a tempestade. Um ciclone bra-

---

(18) THEODORO SAMPAIO — *S. Paulo no tempo de Anchieta*.

(19) *Ibid. Ibid.* “As paredes mestras da igreja do colégio, há pouco demolida, oram feitas com esse material” (pedra de limonito).

(20) ANCHIETA — *Carta de Piratininga*, “O prim.<sup>o</sup> de Novembro nos passamos. E entramos cõ peissão em nossa Igreja noua, feita com os trabalhos dos Irmãos mayormente cõ suor do p.<sup>o</sup> Afonso Braz. (fim de dezembro de 1556):

mia, ululante, seguido por um chuveiro de pedras, abalando casas, desfazendo tectos. Oravam os padres, comovidos, entre os horrores da noite fragorosa, mas a alva renascia, com ela a esperança cristã dos missionários. E os ares da floresta, as boas raizes da terra virgem, as duras marchas pelos alcantis davam saúde aos mais débeis.

Em certas horas do dia, era tanto o fumo na choça, escurecedor e asfixiante, que êles preferiam doutrinhar sob a geada, reunindo ao ar livre os catecúmenos. Alguns lidavam como artífices, outros como lenhadores, na sombra da mata visinha, ao entardecer; e a melopéa das orações acompanhava o ritmo do seu trabalho.

Pobre e remendado traziam o vestido sôbre o esqueleto, perpassando através da garôa tenuíssima, descalços, enquanto não souberam fazer de cardo bravo as alpercatas. Como toalhas, usavam folhas de bananeira, estendidas no chão, se o óbulo dos índios lhes dava algum sustento: farinha torrada ou abóbora, ervas ou raizes, em dias venturosos uma febra de macaco ou de tamanduá, um exíguo peixe de água doce. Por vezes, nutriam-se apenas de legumes e folhas de mostarda. Vinhateiros do Evangelho, compunham de milho cosido e mel silvestre o seu vinho. Eram sóbrios, castos, joviais, e aspiravam todos à glorificação pelo martírio (21). Ainda em 1556, o principal sustento da casa de Piratininga — declara Manuel da Nobrega — “é o trabalho de um irmão ferreiro (Mateus Nogueira), que por consertar as ferramentas dos índios

---

(21) *Historia de la fundacion del Collegio del Rio de Hennero, y sus residencias*, Cap. I. “...en todos si veyá mucha alegría en estos trabajos y hambre y deseo de padecer otros mucho mayores.”

lhe dão de seus mantimentos, e é a boa indústria de um homem leigo...”, afóra a incerta esmola d’el-rei e a do povo.

Em tórno dos missionários, por brenhas e várzeas, brejos e lagoas, reverdejava infinitamente o sertão desconhecido; além, por traz de muralhas e cristas da serrania, encrespavam-se os mares do sul. Ao longo da costa reinavam os tamoios, os tupís, os guaianazes, os carijós, os bigobebas, no seio da floresta os abacús, os guanamunins, os tupiaries, os ibigraiares, também chamados bilreiros. Terras misteriosas, tribos indomadas... A catequese imergia no coração dêsse mundo bárbaro.



‘Duas vezes por dia, em Piratininga, a sineta convocava o gentio à igreja, e embora os caminhos fossem íngremes, os ares frígidos, acorriam mulheres em bandos ao toque de matinas ou de vésperas. Algumas vinham nuas, como as suas irmãs da Baía, para as quais Manuel da Nobrega implorava a esmola de uma camisa ao padre-mestre Simão Rodrigues. Trazendo ao culto a virgindade agreste da alma, o odor de planta selvagem do corpo bronzeado, elas depunham mólhos de flores e folhas aromáticas no santuário; ouviam atentamente a lição ou a missa dos pagés brancos; rezavam no seu idioma gutural, de joelhos, cruzadas as mãos sôbre o colo polpudo, os seios pendentes; choravam nas confissões e comunhões; diziam-se pecadoras em voz alta, rojando aos pés do sacerdote, esguedelhadas e contritas, ou desfiando rosários polidos ao tórno pelo irmão Diogo Jacome, sob a corôa de Nossa Senhora. Eram fieis na



taba (22), submissas no templo. As mais devotas lo-gravam ser baptizadas, mesmo admitidas ao sacra-mento da Eucaristia: as mais doentes pediam com instância que as levassem aos padres. Se os remé-dios vegetais ou as sangrias copiosas não debelavam os males, era um consôlo para o missionário dar-lhes a extrema-unção, ve-las morrer com serenidade, ou-vir-lhes na agonia, evolando-se à flor dos lábios roxos e frios, o nome de Jesus. Como nas origens do cris-tianismo, a natureza feminina, receptiva por excelên-cia, propiciava-se mais que a natureza máscula aos germes da boa nova.

Rixentos e glutões, os homens tinham a piedade menos fácil, entranhas mais duras que o âmago dos pedrouços. Não buscavam na igreja senão remédio pronto a mordeduras de cobra, úlceras nauseantes, fe-bres devoradoras. Enfermos, prometiam seguir a lei de Deus; recobrada a saúde, porém, ficavam arrogan-tes e maus, inchando na torpe animalidade como ba-tráquios num pântano. Raros apareciam no templo, aos domingos, com enfeites de osso e pluma, exigindo o baptismo, negado pelo sacerdócio, enquanto fôsse duvidosa a conversão, e nessas almas poucas semen-tes germinavam da prédica em linguagem tupí, desen-volvida após o ofertório. Mais que a índole bestial, como testemunhava Joseph de Anchieta, a malícia fundamente arraigada empedernia-os para a meta-morfose cristã, de modo tal que permaneciam devas-sos, antropófagos e turbulentos, inumanos. Guaia-nazes, carijós e tupiniquins atormentavam os religio-sos, papagueando com estridor, inquirindo se Deus

---

(22) NOBREGA — *Informação das terras do Brasil*: "São castas as mulheres a seus maridos."

tinha cabeça e corpo, era solteiro como os padres ou era casado como eles, qual o seu alimento, e a cor das plumas de que se vestia na sua taba.

Vinham outros confessar-se humildemente, quando se aprestavam para a guerra, e o zelo dos missionários ardentes recrescia, mas a dispersão das tribus guerreiras deixava sem alunos os padres.

\* \* \*

Ainda em 1560, recomendava Anchieta o plano dos vastos aldeamentos, executado na Baía por Men de Sá. Porque os adultos não se aplicavam à doutrina; os menores, depois de instruídos, seguiam na floresta o nomadismo dos pais. Malévola e segredavam aos índios os feiticeiros que os padres corriam as selvas para os atrair, fechar entre os muros da igreja e vender como escravos aos portugueses.

Essa bruteza inconversível ou indomesticável desafiava seis anos de apostolado, o fervoroso gênio da catequese. Revendo o labor e o tempo consumidos, Anchieta significava o desalento da alma evangélica: "... Se escrever a Vossa Paternidade que haja muitos brasileiros convertidos, enganar-se-á a sua esperança..." Enfermo, admoestado pelo catequista, um deles retrucava, obstinadamente, que o deixasse primeiro sarar, tapando os ouvidos, com a surdez da impiedade, aos artigos de fé e aos mandamentos de Deus. Outro, já moribundo, aconselhado a tomar o baptismo, cobria a face tostada com as mãos calosas para morrer inimigo da Igreja. Ainda outros, depois de evangelizados, se deixavam benzer e sugar pelos feiticeiros.

Sacrifícios humanos atribulavam constantemente os religiosos. A quatro milhas de Piratininga, desa-

tentos aos rogos de Anchieta, que lhes verberava semelhante cobardia, e os ameaçava com o Divino Juízo, índios catequisados mataram na sua ausência, bailando e bebendo como loucos, uma formosa criança de três anos, baptizada pelo missionário. Não a devoraram, entretanto, e era já uma alegria para os catequistas essa abstinência, como o foi, mais tarde, no sacrifício de um adolescente de quinze anos, trucidado pouco depois do baptismo. Figura católica de martir, o jovem repeliu nas últimas noites o amplexo da índia, guardadora do prisioneiro condenado à morte. E expirou com a perfeita resignação, que se desprende, maravilhando-nos, da própria narrativa anchietana:

— “Vindo a alva, quando a sua alma havia de ser vestida dos esplendores do Sol da Justiça, o levaram atado pela cintura ao terreiro, estando aí grande multidão. Segura por muitos índios uma parte das longas cordas, que o prendiam, livre e solta rojava a outra no chão. Acercando-se dele o matador, usou primeiro das cerimônias e dos ritos selvagens, com a palavra fatídica — morrerás! Gritaram os irmãos à vítima que se puzesse de joelhos, e assim o fez, erguendo os olhos e as mãos para os Céus, chamando pelo Santíssimo nome de Jesus. Então, brandindo a espada de pau, o sacrificador fendeu-lhe a cabeça, e a alma ditosa buscou a glória imortal dos Céus. *Praza ao Senhor que tal morte nos dê, sendo-nos quebrada a cabeça por amor de Cristo.* Ao morto os inimigos desataram as cordas, nada mais fizeram, e os irmãos transportaram o corpo em uma rede, às costas, para Piratininga, onde foi sepultado na Igreja...” (23).

• • •

(23) ANCHIETA, *carta de 1 de junho de 1560.* — Modernizamos ortografia e sintaxe para melhor compreensão do texto.

Como na Baía, a esperança maior dos jesuitas era a instrução dos meninos, filhos de colonos ou índios. (24). Eles anteviam nesses pimpolhos queimados pelo sol, que os pais vinham trazer de motu-próprio ao colégio, toda uma flora cristã por desabotoar.

O ensino constava só de catecismo em diálogos, leitura e escrita, um pouco de aritmética, música vocal e instrumental, ocupando no dia quatro horas: duas pela manhã, duas à tarde. Havia também para os irmãos e para os catecúmenos mais instruídos a aula de gramática, regida suavemente por Anchieta. Depois da lição matinal, sempre com os mesmos louvores entoados a Jesus e Maria, dispersavam-se os colegiais, indo à caça ou à pesca (25).

Nada igualava, porém, o fervor com que êsses discípulos de Loiola baptizavam os prisioneiros destinados ao sacrifício, os meninos agonisantes, as mulheres grávidas em perigo. Baptizando um selvagem, á hora da morte, supunham arrebatá-lo a alma pecadora ou inocente ao demônio, e Anchieta pormenorizava no seu epistolário, com evidente ufania, os casos de baptismo das mulheres e das crianças *in extremis*. Em cada estertor dos pequeninos moribundos, sob o orvalho bento da Igreja, o apóstolo sentia, radiante,

---

(24) *Ibd. Letras quadrimestres* de setembro até o fim de dezembro de 1556. Do Brasil de Jan<sup>o</sup> até Mayo de 1557: — “por q. como dos pes ou nhua, ou muy pequena esperança aja (porq não faltã algũ q queirão seguir os costumes dos xpãos tudo se õurte em os fos, dos quais algũs inoçentes se uão para o sñor, os outros q são mais grandes, se instrué e insinão sempre diligentemete em ha fee”.

(25) *Ibd. Litterae trimestres a majo ad aug. 1556, ex india Brasilica*. 1.<sup>a</sup> via.

um frêmito de asãs impacientes, que buscavam o paraíso. Guiados espiritualmente pelos novos anjos, bem poderiam cristianisar-se os pais, e um deles jornadaera cem léguas, enfêrmo, até Piratininga, onde se fez baptizar por obediência ao filho morto, que assim o determinara em sonhos.

Fóra dos casos extremos, os missionários sòmente baptizavam adultos já instruidos, possuindo os artigos da fé, conhecendo os misterios celebrados pela Igreja Romana. Mas era infinita a sua caridade. O cansaço e a moléstia não impediam que êles socorressem os habitantes de povoações longínquas. Alquebrados e doloridos, andavam léguas penosas à chuva e ao sol, erguiam-se à noite para atravessar desfiladeiros, capoeirões, tremedais. Não raro, tombavam desfalecidos à margem dos caminhos, na visinhança de alguma tapera, onde agonisava o mais pobre dos pobres, um escravo, ou gemia na sua rede a mais obscura das mães, e a singeleza do estilo de Anchieta é comovedora: "... muitas vezes estamos mal dispostos e fatigados de dores, desfalecemos no caminho de maneira que apenas o podemos acabar... Muitas vezes nos levantamos do sono ora para os enfermos, e os que morrem, ora para as mulheres de parto, sôbre as quais pomos as relíquias dos Santos, e logo parem..." Não obstante, os missionários bemdiziam essas vigílias cristãs. Pesava-lhes só a frieza com que as índias brasílicas, odiando os senhores ou fugindo aos trabalhos maternos, praticavam desumanamente o infanticídio e o abôrto (26).

---

(26) *Ibdã Carta de 1.º de junho de 1560.* O padre Antõnio Colbacchini, da Missão Salesiana, registrou em 1919, no seu livro *A Tribu dos Bororós*, essa mesma tendência da mulher selvagem para o aborto e o infanticídio.



Para ensino e exemplo da gentildade, conseguiu Anchieta que fossem remetidos à escola de Piratinin-ga os alunos do seminário de S. Vicente, filhos de índios localizados naquela paragem. Vinham já instruídos os menores em doutrina cristã, leitura, escrita e canto. Oriundos embora da selva, os pequenos discipulos, que eram sagazes e dóceis, tornaram-se os melhores agentes da catequese. Executavam a música sacra dos officios, comovendo e alegrando os pais; instruíam na escola os recém-vindos. À noite, dispersando-se pelas choças dos arredores, impunham silêncio aos cantadores selvagens, modulavam as canções da lavra de Anchieta, e alguns deles faziam entrever as penas do inferno ao pai ou à mãe, renitentes em velhas torpezas e crueldades. Muitos ajudavam os padres na sua investida contra os bebedores, quebrando-lhes as talhas espumantes de vinho selvagem. Outros se furtavam ao carinho, mesmo ao contacto dos ascendentes, não querendo viver senão para o colégio e para a doutrina. Guardava-se o repouso dominical entre os piás com escrúpulos de monastério; contrito, perante os outros, um deles queimara o cesto, que havia urdido num domingo (27). Todos os dias entoavam na igreja as suas ladainhas. Processionalmente, às sextas-feiras, saíam pela aldeia, cantando os hinos, flagelando-se como penitentes, até que o sangue lhes corresse dos ombros, manchasse o látego feito de cardo bravo (28).

---

(27) ANCHIETA — *Litterae trimestres*, cit.

(28) *Ibd.* — *Cartas quadrimensais* de maio a setembro, 1554. "...em cada sexta-feira, disciplinando-se com suma devoção, até fazerem sangue, saem em procissão."

Tudo não era, entretanto, amargura e ascetismo na Escola de Piratininga. O dom suave da música, revelado pelos columins, solfistas de capela-mór, instrumentistas de còro e procissão, maravilhava os padres. Vencendo rochas e feras, entre os aborígenes, a consonância das suas vozes tinha o poder lendário do canto sôbre o mal. Dançando o catereté, apropriado nas composições anchietanas aos fins religiosos, êsses alunos mazombos se convertiam, a pouco e pouco, em arautos musicais do cristianismo, através das florestas, vagueadas por demônios brasílicos — o corupira, silvante e erradio, o ipupiara das torrentes e dos mananciais, o boitatá fulmíneo, desencadeado em lampejos de meteóro.

Não olvidavam os padres, no enlêvo da sua obra, que essa mocidade trazia consigo, latente, a herança do sangue primitivo: ebiez, concupiscência, instintos carniceiros, impulsos destruidores. Estariam acaso mortas ou só adormecidas tais inclinações? Fôra aniquilado pela doutrina o homem da caverna ou espreitava só a adolescência para de novo bramir e reinar? Quem poderia assegurar-lhes que a idade não divorciasse da fé os catecúmenos, identificando o sentimento da prole com o dos antepassados, no mesmo refluxo para o antro, ou acendendo nela a mesma paixão atávica da guerra? Tristeza e dúvida pairavam, nesses momentos, sôbre a esperança jesuítica. De feito, o nomadismo dos pais arrancava os filhos púberes aos missionários, bruscamente, remergulhando com êles na selva e no vício. Pelos fins de 1556, quasi ninguem acudiria ao apêlo da sineta católica, se os escravos dos portugueses não buscassem ainda o templo (29).

---

(29) *Ibd.* — *Carta escrita em o fim de dezembro, 1566.*  
“...Esse muytas uezes não uiessem á Igreja algús escravos de

Levados à fereza das ocas, barbarisavam-se os pequenos índios, mirravam os frutos do Evangelho. Poucos morreriam exemplarmente, invocando Jesus, como a guaianá de doze anos, que ao expirar dissera: "Tenho agora bons e formosos vestidos". Áia invisível da rainha dos céus, a Morte envolvera-lhe a alma em púrpuras celestes.

---

Portugueses q aqui ãee tocar selia a campanha pr demais. Enão pueria nhû dos Indios q se ensinasse."



O inferno selvagem de Piratininga. Concupiscência, uranismo e poligamia. Explosão do amor livre. A luta pela castidade. Intrigas dos mameucos. Os demônios de S. André da Borda do Campo. Um gigante amável, Caiubi. Epidemias e flagelações. O cancer. Um episódio sinistro. Regressão dos conversos à antropofagia. Holocausto ao gênio da tribo.

Depois do nomadismo, o orgasmo da sexualidade, com a braveza de amplexos violentos como deflagrações, escandalisava o sacerdócio. Em cada mulher, dentro de cada moita, havia a tentação dos cabelos soltos, o apêlo dos gestos lânguidos, provocando os faunos da redondeza ao assalto; vaidosos e caprinos, os homens alardeavam proezas eróticas, ingenuamente supunham atemorisar Venus selvagem com a potência das suas exhibições, a jactância dos seus desafios, ou praticavam no recesso das matas virgens a homossexualidade, que os missionários haviam já surpreendido na Baía, entre os ferozes tupinambás (30).

---

(30) GABRIEL SOARES — *Tratado Descritivo do Brasil*, 2.<sup>a</sup> ed. pág. 287 — "...e não contentes estes selvagens de andarem tão encarniçados neste peccado, naturalmente cometido, são mui afeiçoados ao peccado nefando, entre os quaes se não tem por afronta: e o que serve de macho, se tem por valente, e contam esta bestialidade por proeza: e nas suas aldêias pelo sertão ha alguns que tem tenda publica a quantos os querem como mulheres publicas." (Consulte-se ainda VARNHAGEN,

Mestiços loquazes e árdegos, línguas da terra, bons interpretes, fugiam doidamente dos colégios ao primeiro aceno das índias, remordidos pelo antigo desejo. `Elas impõrtunavam, cingiam com avidez os alunos cristãos, entoscando-se molemente às rêdes, estremecendo como noivas felizes nos seus braços (31). Sensuais até à loucura, os índios applicavam à própria virilidade, exacerbando-a, pêlos de *tatanirana*, larva pubescente e cáustica de borboleta (32).

Em 1554, escrevendo a Inacio de Loiola por mandado de Nobrega, o irmão Joseph insinuava a transferência de alguns seminaristas brasileiros para outro colégio da Ordem na Espanha ou mesmo para o de Coimbra. Só educados longe da floresta, na castidade exemplar do noviciado europeu, os mais religiosos poderiam fazer-se grandes missionários (33).

A poligamia consternava igualmente os padres. Multiplicando-se a tribu pelo convívio familiar da taba, na aliança entre selvícolas da mesma estirpe, o casamento monógamo e religioso era assim dificultado pelo grau do parentesco. Anchieta pedia que se abrandassem as leis da Igreja, vedando ao gentio, apenas, o casamento incestuoso por linha recta ou em pri-

---

*História Geral do Brasil*, tomo I, secção II, 21-22.

(31) ANCHIETA — *Carta de julho de 1554*, p.<sup>a</sup> Nto. Padre M. Ignatio preposito general da Companhia Jhesvs, "...aca, ondo las mugeres andam desnudas y no se saben negar a niunguno, mas aun ellas mesmas acometen y importunen los hombres, echandose com ellos en las redes porque tienen por honrra dormir com los Christianos."

(32) *Ibd.* — *Carta escrita em S. Vicente no fim do mes de Maio*, 1560. GABRIEL SOARES, *Tratado Descriptivo do Brasil*, 2.<sup>a</sup> ed., pág. 287.

(33) ANCHIETA — *Carta de Julho de 1554*.

meiro grau da linha transversal (34). De outra forma, seria uma ambição irrealisável a mudança do concubinato em casamento, sem o qual não era dado às mulheres já possuídas o baptismo.

Por vezes, o amor livre dos naturais enfeitava as próprias mulheres cristãs. Uma delas, casada, teve por amante um selvagem, foi com êle para o sertão. Indo busca-la, em nome da Igreja, falou Anchieta aos dois com eloquência tão vibrante que, miraculosamente, no dizer de um biógrafo, "converteu a pecadora, e persuadiu os gentios a fazer pazes com os portugueses".

Singular foi o caso de outro selvagem, poligamo, a quem os jesuitas haviam negado, como esposa, certa indígena baptizada. Atraído por alguma promessa ou dádiva, o irmão entregou-a, mas a india cristã fugiu, obedecendo aos padres. Como o jaguar de que a presa se desaferra, o tupi foi-lhe no rastro, alcançou-a. Não logrou vencer-lhe, porém, a resistência carnal, gélidamente inexpugnável, e enraivecido, brandindo a faca, decepou-lhe as madeixas lustrosas; arrancando à fogueira um tição, queimou-lhe os seios, o ventre, as coxas invioláveis como portas de bronze. Em vão. Mais forte que a dor, mais pura que o fogo, a crença deu à mulher bravia um halo de mártir. No ádito do templo, sob a mão protectora de Anchieta, o que era carne babujada pela concupiscência tornou-se flor intangível, e outra vez o sátiro, des-

---

(34) *Ibd. Cartas quadr. de maio a setembro, 1554.* "Por isso, parece grandemente necessario que o direito positivo se afrouxe nestas paragens de modo que, a não ser o parentesco de ermão com erman, possam em todos os graus contrahir casamento..."

fechando ameaças de morte contra o apóstolo, recaiu na floresta insondável (35).

Era tremenda a luta pela castidade nessas origens da vida brasileira. Doutrinada por Anchieta no culto da Virgem-Mãe, a devota do santuário de Piratininga, braviamente incorruptível, desafiava a libidinagem do homem primitivo — o selvícola — e a do homem barbarizado — o colono. Açoite, murro, punhal, nada lhe vencia a frialdade, a esquivança, a reação desesperadora. Não raro, aos gritos de uma índia violada, acudiam as companheiras, esbordoando o fauno temerário, que elas deixavam inerte e sangrento, quasi morto na lama, entre folhas mortas como os seus desejos. Guerra dos sexos, implacável, à sombra piedosa da cruz... Lançados pelas unhas, feridos pelos dentes da índia, os machos abandonavam a fêmea terrível para eles, como se estreitassem ao peito, em vez de mulher, uma onça a rugir e morder. — “Porque não obedeces ao teu senhor? De quem és tu escrava?” dizia um colono, exasperado, a uma das suas cativas formosas. E contundida pelo bruto, esbofetada, replicava a mulher triunfante na pureza da carne dolorosa: “Sou escrava de Deus. Fala com êle. se alguma cousa queres de mim.” Abomináveis no seu materialismo, edificantes na sua ideação, tais cenas reconstituíam selvaticamente para Anchieta o martirologio das primeiras virgens cristãs (36).

Num arremêso de paladino baptizado em Jaraibatiba, por êsse tempo, um catecúmeno fiel retomava

(35) *Ibd. Carta de 1.º de junho de 1556; de janeiro a maio 1557.*

(36) *Ibd. Carta de 1.º de Junho de 1560.*

aos salteadores indígenas uma bela imagem de Nossa Senhora, lutando, como se arrancasse o próprio símbolo da castidade à selvageria.



Não repousava o demônio, salaz o destro, omnimodamente corruptor. Pela bôca do gentio indomável, sussurrava aos catecúmenos, ainda e sempre, que era intento dos jesuitas, fechando-os na igreja, submeter os conversos à escravidão, os infieis à morte. Ao mesmo tempo, os mamelucos de João Ramalho, habitantes da vila de S. André da Borda do Campo, a nove milhas de Piratininga, e mercadores de escravos indígenas, arrebanhados por todo o planalto, não toleravam os catequistas. Nos fundadores do colégio descobriam rivais, cuja sedução, congregando em suas estâncias os índios, soberbas peças de resgate, lhes prejudicava o negócio e a fortuna. Assim foi gerado o primeiro antagonismo do comércio e da catequese no Brasil.

Os ramalhistas, como se diz nas crônicas da Ordem, procuravam excitar os conversos, lançando-lhes em rosto a cobardia da sujeição a forasteiros e degradados — os padres. Esse labéu, mais do que outro qualquer, doera aos tupís belicosos. Se haviam de ter senhores — gritavam os mamelucos, — antes fossem eles, combatentes de arco e flechas, guardando nas veias o sangue e a fúria da ascendência brasílica. A ousadia dos bandeirantes latejava na prole de João Ramalho, que o padre Leonardo Nunes fizera sair da igreja em 1549, não querendo celebrar o sacrifício na sua presença. Impenitente e arrogante, o pecador fôra depois excomungado.

João Ramalho, o caminheiro hercúleo das origens coloniais, grande língua da terra e grande aliado das tribos, padrão inicial de cruzamentos luso-indígenas, proliferava desde o comêço do século, entre as índias do planalto. Deixara a esposa em Portugal e era um padreador como Diogo Alvares, o *Caramuru*. Amancebado com Isabel, filha do cacique Tibiriçá, velho senhor dos campos de Piratininga, correria em 1532 ao encontro de Martin Affonso, levando-lhe à Bertioga o apôio de 300 arcos, que sustaram a onda selvagem de tamoios, já empoçada contra o fortim de madeira dos recém-vindos. Guiara com a mesma lealdade o chefe branco até Piratininga, onde fôra nomeado *capitão-mór do campo*. O seu povoado ínfimo, *Borda do Campo*, desenvolveu-se tanto pela fecundidade e pela escravatura num decênio, que Tomé de Souza, indo a S. Vicente, deliberou fazer da aldeia uma vila. Com a trincheira, os baluartes e o pelourinho, S. André da Borda do Campo, afinal, teve João Ramalho por alcaide-mór.

Então, supondo-se viuvo, queria êle casar com a sua índia, e para indagar semelhante viuvez, a possibilidade eclesiástica da licença matrimonial, houve uma carta de Nobrega, em 1553, a um clérigo domiciliado no reino. Quer de João Ramalho e Isabel, depois do matrimônio, quer dos seus próprios filhos, Nobrega esperava grande reforço para a conversão da gentildade. Mas dêsse casamento não adveiu notícia aos pesquisadores. Certo é que o pai dos mamelucos fôra excomungado, antes de tudo isso, pelo vigário secular, e ameaçara o padre Leonardo Nunes, que o expelira do templo à hora da missa.

Ilusionistas da história do Brasil veem nessa figura, hipoteticamente, ora um degradedado, ora um náu-frago; às vezes, um traficante português ou espanhol,

outras vezes, um dos grumetes deixados à terra virgem pela frota de Pedro Alvares Cabral. Exumando-lhe o duvidoso testamento, induziu alguém que êle precedera Colombo na descoberta da América (37). Um historiógrafo já identificou em Ramalho o bacharel de Cananéa (38); um erudito já lhe recompôs nas garatujas da firma o *kaf*, signo hebráico, delatando o judeu (39). Mas tudo isso é fantasioso e contraditório. Positivamente, apurou-se que o ancestral dos mame-lucos, alcaide-mor de S. André, vinha do mesmo tronco de Manuel de Paiva, sacerdote filho de nobres, e que ainda em 1554, com a sua prole feroz de mestiços apenas baptizados, guerreava os jesuitas, conforme a denúncia epistolar de Anchieta: "... uns certos cristãos nascidos de pai português e de mãe brasileira, que estão distantes de nós nove milhas, em uma povoação de portuguêses, não cessam, juntamente com seu pai (Ramalho), de empregar continuos esforços para derribarem a obra que, ajudando-nos a graça de Deus, trabalhamos por edificar... — Êste (Ramalho) atravessou por quasi cinqüenta anos esta região, tendo por manceba uma mulher brasílica, da qual procreou alguns filhos... — o padre Manuel de Paiva, cuidando em atar e aproveitar-se utilmente do parentesco de sangue, que conheceu existir *entre êle e o pai dos mesmos*, julgou por êsse modo fazer alguma cousa por êle. — ... observando que continuavam os maiores escândalos por causa do indecoroso e dissoluto modo de viver

---

(37) FR. GASPAR DE MADRE DE DEUS — *Notícia dos anos em que se descobriu o Brasil*.

(38) CANDIDO MENDES DE ALMEIDA — *Notas para a história pátria*.

(39) HORACIO DE CARVALHO, cit. na *História do Brasil*, de Rocha Pombo, vol. III, pags. 63-64.

não só do pai como dos filhos, que se ajuntavam com duas irmãs e parentas, começaram a exercer algum rigor e violência para com êles, expelindo-os sobretudo da comunhão da Igreja... — ...são de tal modo depravados que nos perseguiram com o maior ódio, esforçando-se em fazer-nos mal por todos os meios e modos, mas especialmente trabalhando por tornar nula a doutrina com que instruímos e preparamos os índios e movendo contra nós o ódio deles” (40).

Tal é a denúncia do jesuita. Dando ouvidos aos maldizentes, os índios de Maniçoba e de outras aldeias tomaram armas, cresceram à face dos padres, rugi-

---

(40) ANCHIETA — *Cartas quadrimensais* de maio a setembro de 1554.

Subsistiam nesse período as hostilidades entre o jesuitismo e o ramalhismo, nada autorizando a seguinte conjectura de CAPISTRANO: “As coisas parece passaram pouco mais ou menos assim: Leonardo Nunes teve atritos com João Ramalho, mas por fim dominou-o... Quando Leonardo foi à Baía buscar os irmãos vindos com d. Duarte da Costa, Nóbrega subiu a serra em companhia de um filho de João Ramalho, informa Polanco, que fixa a data — degolação de S. João Baptista — 29 de agosto de 1553. *Já as desavenças deviam ter cessado*, senão outro seria o proceder do filho.” (Cit. por MADUREIRA, *A Liberdade dos Índios, A Companhia de Jesus, Sua pedagogia e seus resultados*, vol. I, pags. 17-18). As desavenças não tinham cessado; redobriariam mesmo de azedume e de violência em 1554. Seis anos depois, em 1560, é que podemos dar como extinto ou, melhor, sopitado, até à época das bandeiras, o ódio dos mamelucos aos jesuitas: influenciados por estes, chegam aqueles, invocando razões de segurança e de fé, a pedir transferência do foral de S. André para S. Paulo de Piratininga, como obtiveram do governador Men de Sá. Veja-se a *História Geral do Brasil*, de VARNHAGEN, I, pg. 565, 1.<sup>a</sup> ed.; Carta à Rainha dos Camaristas Jorge Moreira e Joannes Alves, de Piratininga, em 20 de maio de 1561.



ram à guisa de onças libertas. Mas o Evangelho, de novo, aplacou a selvageria e deteve a carnificina.

S. André, vila pecaminosa do amor livre, da força livre, continuando a tradição das cidades exterminadas na Biblia, injuriava torpemente o ascetismo de Piratininga, em que depois se fundiu (41). Era o pandemônio da mestiçagem pugnaz, odienta e depravada. Os moradores viviam no deleite carnal da poligamia e do incesto. Gargalhavam diante dos padres, em resposta aos anátemas desferidos contra a sua libidinagem; concitavam os índios a que volvessem ao prazer da chacina e do canibalismo. Repintados de urucú, meneando a clava, êles próprios esfacelavam ao prisioneiro a cabeça, tomando-lhe o nome, e ofereciam aos bugres o cadáver. Impenitentes na sua maldade, arrogantes no seu gentilismo, nada temiam dos céus nem da terra. Observando-se a um deles que os seus desmandos estavam a desafiar o juízo fulminante da Inquisição, retrucara o mameluco:

— Acabarei com as Inquisições a flechadas (42).

Na altivez da réplica lampejava o orgulho avoengo dos tupís, que em plena tempestade, sob o fuzilar dos coriscos, despediam flechas contra o céu. E assim o vilarejo de S. André, núcleo terrível das bandeiras, oposto ao núcleo espiritual das reduções, desafiava o colégio de Piratininga com assoberbante rivalidade, enquanto não sobrevinha a concórdia aparente dos jesuitas e dos mamelucos, em 1560, com a transferência para junto da Casa de S. Paulo, como todos êles pediram a Men de Sá.

---

(41) Acto do Governador Men de Sá, mandando transferir da vila de S. André o pelourinho para Piratininga, em 1560.

(42) ANCHIETA — *Cartas quadr.* de maio a setembro, 1554.

Um biênio após, Ramalho exercia por eleição dos munícipes o cargo de capitão-mór de S. Paulo de Piratininga.

\* \* \*

Os rebentos mais vigorosos da gentildade<sup>o</sup> não eram só anti-cristãos, indomáveis e carneiros. Havia bons gigantes em Piratininga, um deles Tibiriçá, o que em 1562 salvou o colégio, outro Caubi, o principal *Folha verde*, secular e submisso, potente e devoto. Escravo de Jesus, amigo dos padres, saíra das roças de Jaraibatiba para a fundação apostólica. Viera baptizado, com os filhos e netos maiores, formando todos uma aldeia já repartida em casais honestos, acomodados no lugar que é hoje Tabatinguera. De atalaia, os novos cristãos guardavam o caminho de S. Vicente.

Por êsse caminho rústico e sinuoso, do espigão da serra ao litoral, descendo pela várzea em picadas e veredas, meandros alpestres, Caubi marchava com a ligeireza dos moços. Cem anos, mais de cem anos contados ao homem como ás árvores idosas do planalto, haviam-lhe forjado o vigor aos músculos e nervos, aos rins de atleta e caminheiro, ao velho coração infatigável no peito hercúleo e brônzeo. O morubixaba fizera-se patriarca. *Folha verde* exuberava em folhagem, como o pau d'arco amarelo, na ramificação inumerável da prole.

Ouvia missa todos os dias, obedecendo em tudo ao sacerdócio, laborando para o colégio. Durante as obras de fundação, era-lhe forçoso buscar o alimento dos trabalhadores em Jaraibatiba. Mas não partia o velho índio sem pedir licença na igreja a Nosso Senhor; não vinha daqueles matagais e perigos sem lhe render no santuário as suas graças. Em vez do arco e das fle-

chas, retomava nessas jornadas um bordão de peregrino, sôbre o qual fixara uma cruz.

Secularmente viveu, piedosamente findou, robustecido pelo tempo, remoçado pela fôrça genésica da terra, a mesma fôrça vital que em tórno dele ramalhava e frondescia. — "... era para maravilhar, diz Anchieta, ver um homem de tanta idade, que se espantavam todos como tanto vivia... , tão rijo e são, cada vez mais mancebo." Com o verdor imutável dos gigantes de cerne indestrutível, quando alvorece pelas matas e gorgem todos os pássaros, longevidade e mocidade refulgiam à luz do sol, cada manhã, no centenário alegre de Caubi, o *Folha verde*.

\* \* \*

Como se os flagelos naturais devessem agravar as torpezas humanas, sobrevinham doenças mortíferas, epidemias, que dizimavam os índios, mal adaptados ao sistema dos aldeamentos jesuíticos, redobrando com espantosa virulência as infecções transmitidas pelos brancos.

Nos primeiros anos a pleurisia devastou os arredores e essa mortandade foi logo atribuída pelos feitiçeiros ao novo regime católico, ao abandono das velhas crenças indígenas, ao desprêzo dos ritos e usos selvagens. Contra o diabo e a peste decidiram os jesuítas, então, realizar nove procissões aos nove côros de anjos. Homens e mulheres percorriam o triângulo de Piratininga, em filas clamorosas, a rezar, a gemer, a bramir, com os seus lumes de cera erguidos e lacrimajantes; seguiam-se os escolares, vergando ao pêso de longas cruces ou vertendo no delírio das flagela-

ções o próprio sangue. Uivos e preces, lamentos de catastrophe ressoavam no ar nebuloso, encinzeirado.

Joseph e os seus discípulos guiavam os penitentes, assistiam aos moribundos, sangravam os enfermos à ponta de canivete. Sob a invocação tutelar da caridade cristã, o patriarca Inacio de Loiola tranquilisou mais tarde os escrúpulos dos religiosos, autorizando as sangrias eclesiásticas (43).



O devotamento dos jesuitas conhecia todas as provas. Frequentemente, não tinham outros enfermeiros as mulheres indígenas, mesmo as virgens, corroidas pela tenacidade asquerosa e secreta de úlceras más. Uma velha amiga de portuguez, doadora da igreja e do colégio, trazia nas vísceras um câncer. Impossível tentar nesse caso o emprego de barro incandescente, usado pelos selvicolas (144). Com o seu odor de putrefacção estonteante progredira o mal, afugentara os escravos e os filhos da mulher condenada. Sómente dois jesuitas, o padre Afonso Braz e o irmão Gaspar Lourenço, vencendo a repugnância olfactiva, que era invencível nos mais, ficaram de joelhos á cabeceira da agonisante, velaram-lhe a última noite. Que importava a exalação horrorosa da sânie? Dessa impureza talvez brotassem flores, amanhã, para o campo selvagem de Piratininga. E a alma redimida pela crença,

---

(43) SIMÃO DE VASCONCELOS, *Chronica da Companhia de Jesus*, 2.<sup>a</sup> ed., liv. I, pag. 93. "...mandou-se perguntar a questão a Roma a nosso Santo Patriarcha Ignacio para successos semelhantes: a resposta foi por estas palavras: "Quanto às sangrias digo, que a tudo se estende o bojo da charidade".

(44) ANCHIETA — *Carta sobre as coisas naturais de S. Vicente*, 1560.

purificada nessa dor, seria talvez mais um lírio, trescalante e perfeito, desabotoando na glória invisível do seu jardim para Deus (45).



Não raro, embocando a inúbia, um chefe tamoiô soprava a discórdia, e ao encontro da turba-multa, que se aproximava de Piratininga, saíam os catecúmenos. Em uma dessas refregas, intimidados pela fôrça dos contrários, já os cristãos desfalecem, quando a mulher do capitão da aldeia, benzendo-se, exorta os seus à peleja e recomenda o gesto simbólico. Ao sinal da cruz, foge o inimigo, salvando-se todos os guerreiros cristãos, excepto dois, que não se haviam persignado. Nas sombras da noite, porém, os vencidos tornam como as hienas, desenterram os cadáveres, que êles supõem dos vencedores, largados no campo de batalha, donde os arrastam sofregamente para a sua taba. Farejando a nudez terrosa dos corpos ainda sangrentos, bebem e dançam. Mas através da neblina, como através de um sudário, transluz vagamente o dia; sob o palor da manhã funérea, com espanto, os canibais reconhecem na lívida face dos mortos arrancados á sepultura os seus próprios amigos ou parentes... (46).

Outras vezes, inopinadamente, sobrevinha o refluxo da alma colectiva, naquela estância devota, aos appetites canibalescos e às práticas inumanas. Tendo apreendido, em guerra, um valente e polpudo guaianá, resolveram matá-lo e comê-lo os índios conversos de Piratininga. Não tardaria o sacrifício, para o qual estava

---

(45) *Ibd. Carta de 1.º de junho de 1560.*

(46) *Ibd. Cartas quadr. de maio a setembro de 1554.*

já revestido e empenachado o sacrificador, quando surgiram no terreiro o padre Nobrega e o irmão Anchieta, despertados pela grita dos catecúmenos em festa. Mas bradaram em vão contra o pecado mortal da antropofagia, cometido à porta do templo: nada queria ouvir-lhes o principal Martin Afonso, outra vez Tibiriçá, dirigindo os preparativos da cerimonia. Velhas necrófagas, desdentadas, amontoavam lenha para a fogueira: derredor do guaianá, disposto a morrer corajosamente, prosseguiram descantes, libações e rondas. Então, num soberbo impulso de humanidade, Anchieta e Nobrega, rompendo através do terreiro, desligaram o índio cativeiro, afugentaram as bruxas, extinguiram o fogo crepitante, despedaçaram as panelas de barro e as talhas de vinho. Tibiriçá, o principal, bateu o arco e os pés no meio da horda. Seriam dali expulsos os religiosos, que assim perturbavam a desafronta dos guerreiros da tribo. Mas venceu ainda nesse recontro de evangelisadores e carniceiros a eloquência do irmão Anchieta, domando os instintos ferozes: no dia seguinte, arrependido, Tibiriçá, outra vez Martin Afonso, e todos os seus índios violentos caíram de novo aos pés dos missionários (47).

\* \* \*

De quando em quando, a tragédia relampeava sobre o catolicismo de Piratininga, dava aos jesuitas a surpresa das emoções teatrais. Certo índio fôra convidado pelo irmão a procurar com êle um grande pagé, que em 1557 fazia o espanto dos sertões, arrebanhando tribos ingênuas e medrosas. Sob o olhar do feiticeiro,

---

(47) SIMÃO DE VASCONCELOS, *Vida do P. Anchieta*, liv. I, cap. VI.

dardejante como o de um fakir, os mais impetuosos na guerra estremeciam; um rôlo de fumo, que lhe saísse da bôca, transmitia o poder dos espíritos malfazejos. Esse tremendo pagé, inimigo dos cristãos, ameaçava Piratininga, e como o índio tentado pelo irmão já entrevisse a luz verdadeira, já escutasse os padres, não aceitou o convite.

Ao anoitecer, tonto de vinho e ódio, o selvagem repellido esfaqueia três vezes o outro. Cuidando que houvessem rixado pela mulher do primeiro deles, a sogra investe contra a nora. Mordem-se as duas como feras. Do fundo escuro da taba precipita-se um moço, querendo aparta-las, mas a velha enfurecida lhe crava no estômago duas flechas. Tragicamente, ao vê-lo morto, foge para o negrume da selva, brandindo aceso um tição, clamando. Volta pouco depois, sem gritos, pede com humildade e tristeza que a matem, para não atrair sôbre os filhos a vingança da parentela do morto. Na manhã seguinte, à beira da sepultura, que êle próprio rasgára, o seu primogênito enlaça e enforca serenamente a velha índia, depõe os dois cadáveres na mesma cova, abaixo o da criminosa, acima o da vítima, e o esquecimento cái sôbre os despojos, lúgubre, com a mancheia final de terra. É a paz entre vivos e mortos, inquebrantável. Só então, satisfeito com o matricídio, repousa o gênio cruel e vingador da tribo.

João de Bolés em S. Vicente. Perfil do aventureiro. Tragi-comédia religiosa da França Antártica. Villegagnon e Bolés. Expulsão de um teólogo como bôca inútil. Desforra. Monsior de Bolés, herege. Denúncia das suas heresias. Inquérito mandado com o réu à justiça eclesiástica da Baía. Relações do herege e do governador Bolés na tomada do Forte Coligny. Nova prisão, novo processo avocado pelo Santo Ofício de Lisboa. Julgamento. Penitência no mosteiro de S. Domingos. O aventureiro segue de Portugal para a Índia e não torna mais ao Brasil.

No começo de 1558, em Piratininga, o padre Luiz da Grã recebeu, assinada por des Boulez, a mais original das epístolas, onde o signatário, pavoneando-se, alardeava a magnificência erudita das suas letras. Adolescente — dizia êle, — tivera um mestre singular, do qual muito aprendera: depois, cursara a escola *das Pierides* (48), bebendo *inefáveis arroios de sabedoria* à fonte cabalina; imergira com os santos doutores na profundidade da Sacra Teologia; guiado pelos Rabbis, homens graves e puros, decifrara os textos hebráicos da Escritura, os livros mais veneráveis da Sinagoga. Como estivesse agora em S. Vicente, desejava praticar sôbre cousas divinas e humanas com Luiz da Grã, logo que se avistassem. E a comunicação findava por um dis-

---

(48) *Pierides* são as princezas vencidas no torneio fabuloso pelas Musas, que lhes tomam, por vezes, o nome. Livro V das *Metamorfoses*, de Ovidio.



tico, arrogantemente lançado à humildade cristã dos missionários de Piratininga. Anchieta resumiu-a na sua comunicação ao padre geral (49).

Quem era *des Boulez*, signatário da estranha missiva? Um recém-vindo de Guanabara, o francês Jean Cointa ou Cointac, acadêmico da Sorbonne e aventureiro da França Antártica. Ele aportara ao Brasil, em 1556, com os demais forasteiros da expedição católica e protestante de Bois-le-conte, sobrinho de Villegagnon, rei da América em pleno deserto e plena miragem. Inexplicavelmente, a bordo, Jean Cointac adotara o nome de Heitor (50). Passando á colonia de S. Vicente, porém, o aventureiro preferiu chamar-se *des Boulez*, nome do seu lugar de origem, incerto lugar da antiga provincia de Champagne, e, em vez de *Monsieur Hector*, como era tratado pelos companheiros, foi entre os portugueses *Monsior de Bolés*, pessoa de bom sangue, e gentilhomen francês, depois João de Bolés, nome com que entrou na história do Brasil, onde provoca ainda hoje tanta celeuma. Devemos relatar-lhe paçientemente o caso pela sua influência, adulterado como foi, sôbre a memória de Anchieta.

\* \* \*

João de Bolés havia chegado à fortaleza de Bertoga, em 1558, com a notícia da marcha de cinco ou seis mil tamoios, instruidos e acompanhados por sete

---

(49) *Carta de 1.º de junho de 1560.*

(50) LERY — *Histoire d'un voyage, fait en la terre du Brésil, autrement dite Amerique.* "... parce qu'ils n'auoyent pas bonne opinion d'un certain Iean Cointa qui se faisoit appeler Monsieur Hector autres fois docteur de Sorbonne, lequel auoit passé la mer avec nous..." chap. VI, pag. 67.

ou oito franceses, artilheiros, sôbre a capitania de Martim Afonso, que Villegagnon determinara submeter ou arrasar. Expulso do forte Coligny pelo almirante como boca inútil, o aventureiro planeava a sua vinda, refugiado com outros franceses na aldeia de Olaria. (51). O novo projecto de Villegagnon deu-lhe oportunidade para a fuga e para a desforra. Ao brado de guerra dos tamoios, simulando entusiasmo, João de Bolés partiu na expedição organizada contra S. Vicente. Em caminho, porém, adiantou-se à onda selvagem, iludiu os espias da vanguarda, com êles foi em canôa até aos muros de Bertioiga. Aí denunciou o perigo ao capitão, que pôde recolher, concentrar desde logo toda a gente esparsa nos campos, indefesa. Salvando-se a colônia, viram os seus habitantes em João de Bolés o bemfeitor de S. Vicente. Por êle, conheciam já o perigo da França Antártica e nele conheceriam, pouco depois, o da França herética, em luta com os jesuitas.

Era um homem jovial e destemido, vaidoso e loquaz, rixento e volúvel, tipo de fanfarrão, mercenário e letrado, sem valor para nada ou apto para tudo, conforme o ambiente e as circunstâncias. Tinha o desafio pronto, o discurso entremeado de anedotas ou ironias, o argumento fácil dos contraditores habituais. Servia-se da espada com arrôjo, da pena com esmero, da intriga com astúcia, e uma ambição capaz de todas as maldades, todas as ousadias, requieimava-lhe a alma

---

(51) A aldeia de Briqueterle (Olaria) ficava a meia légua do forte, segundo Crespín, *Histoire des Martyrs*. João de Bolés, porém, ao depor na casa do despacho da Santa Inquisição, em Lisboa, a 16 de novembro de 1563, localiza o seu refúgio no continente a duas léguas do forte Coligny.

sedenta de ouro e poder. Havia qualquer cousa de enfático e de cínico, ao mesmo tempo, na sua impetuosa, mas inconstante personalidade.

Doutorado pela Sorbonne, o francez ensinava as artes liberais, o latim, o grego e o hebraico; manejaudo correctamente o espanhol, dava-se à oratória entre os colonos portuguezes; conhecia os textos sagrados e clássicos; possuia todo o curso de humanidades, apanágio do século XVI, e todas as idéias políticas e religiosas da época. Na sua jactância não deixava de ser fascinador, como Joseph de Anchieta reconhecia. O vulgo maravilhava-se de tanto saber e tanta eloquência, dotes apregoados convictamente por Bolés (52).

\* \* \*

Seria êle um dominicano renegado? (53) Ou acaso lhe fôra prometida, entre os fieis de Guanabara, a dignidade episcopal? (54) João de Bolés afirmaria mais tarde, perante o bispo da Baía, não haver professado,

---

(52) Epístola de Bolés a D. Pedro Leitães, junta aos autos do inquérito em 26 de agosto de 1561.

(53) VILLEGAGNON — *Repanse aux libelles d'injures*. "On me reproche ung Jacobin nommé Cointat, lequel, ce dit-il, a trahi mon fort. C'est un de ceux qui me vint trouver avec ceux de Genève, à moy recommandé non par Calvin mais par aultre d'une même chaleur d'affection, il euseignoit la Confession d'August. Au moyen de quoy s'ourdirent les débats qui nous engendrèrent tant de troubles de religion".

(54) CRESPIN — *Histoire des Martyrs*, "...pretendia a Superintendência do Episcopado, alegando que o lugar lhe fora prometido em França (Trad. do tomo II, pag. 448-465 e 506-519, por Domingos Ribeiro). ARTHUR HEULHARD — *Villegagnon — Roi d'Amerique* — pag. 143: "Je ne sais ce qu'on lui avait promis à son départ de France: mais il se considérait comme supérieur aux Ministres par une manière d'episcopat in partibus."

ignorando, contudo, se lhe dera ordens eclesiásticas o cardeal de Bourbon, ao crismá-lo na igreja de Brunel, ainda criança (55). De qualquer modo, a religião era nele uma idéia fixa, o objecto dos seus discursos, o elemento das suas aspirações. Vindo para a França Antarctica, pretendia logo a superintendência do episcopado e nunca perdoara o veto, oposto a essa candidatura pelos dois pastores genebrinos, seus companheiros de viagem, Pedro Richier e Guilherme Cartier.

Ora o catolicismo de Villegagnon, só eclipsado, momentaneamente, por adesão ostentosa, mas insincera, à Igreja de Genebra, não tardaria em hostilizar os calvinistas. João de Bolés, ainda *monsieur Hector* ou *Jean Cointac*, foi no conselho administrativo o demônio sagaz e sutil, rancoroso e persuasivo, multiforme e implacável, que acendeu a discórdia entre os dois ministros de Calvino e o antigo cavaleiro de Malta, seduzido pela sua facúndia. Em pregações e debates, êle revivia sob as palmeiras da França Antarctica as horas de controvérsia teológica e erudita da Sorbonne. Apoucava o saber de Pedro Richier e Guilherme Cartier, desdenhosamente, fascinando cada vez mais o almirante, já inclinado às opiniões do soberbo contraditor. Quando foi celebrada a Santa Ceia, pela primeira vez, Bolés e Villegagnon queriam o uso do pão sem fermento e do vinho com água, a velha prática de Justino Martyr, Irineu, Tertuliano e Clemente, que fôra amigo dos apóstolos. Desatendidos pelos genebrinos, insistiram no seu proposito, lograram mesmo, às ocultas, misturar um pouco de água ao vinho do ritual. Mas logo depois, aparentemente contritos, participaram da Santa Ceia, tendo João de Bolés, antes da cerimonia,

---

(55) Processo de João de Bolés. Interrogatório na Baía.

abjurado o catolicismo em plena igreja, diante dos pastores calvinistas (56).

O acôrdo foi momentâneo. Sentindo-se humilhado e confundido, o abjurante excitou o orgulho de Ville-gagnon, nos dias mais temerosos, contra a autoridade litúrgica e doutrinaria dos ministros evangélicos. Abrasados pelo demônio da contradição, rebeldes ainda ao catolicismo ortodoxo, mas também ao calvinismo integral, decidiram êles fundar a Igreja de Guanabara, insubmissa à de Roma e à de Genebra, independente de ambas, posto que heterogênea, combinando fórmulas de uma e de outra no seu rito.

Como figurassê o baptismo com água e sal, óleo e saliva, entre os artigos do novo estatuto, Pedro Richier, discorrendo sôbre a matéria, considerou leviânos e falsários os corruptores do sacramento da Igreja Primitiva. De insensatez e heresia, por seu turno, os dissidentes acusaram os genebrinos. Irrompeu o conflito.

Homem de vontade colérica e despótica, Ville-gagnon injuriou os ministros perante a congregação, aborreceu-lhes a presença, deixou de comer com êles e de orar no templo. A mediação de alguns colonos influentes, porém, obteve dos beligerantes um armistício, durante o qual seria levado às Igrejas Reformistas da França e da Alemanha o exame da controvérsia pelo ministro mais novo, Guilherme Cartier, silenciando na ausência do companheiro o mais velho sôbre os pontos litigiosos. O anunciado regresso da flotilha de Bois-le-conte facilitaria a viagem.

Desta vez, ainda, não durou o acôrdo entre as duas facções. Apenas desferraram as velas, rumando

---

(56) LERY, op. cit. "...il fut prié par eux de faire confession de sa foy & abiura publiquement le papisme..."

para a França, os navios da expedição Bois-le-conte, disseram Bolés e Villegagnon aos genebrinos, cujo emissário acabara de partir, que só aceitariam o julgamento da Sorbonne. Bolés, pouco antes, desposara uma órfã, que lhe trouxera como dote a herança do pai, o mercador la Roquette de Rouen, cujo espólio, inestimável no trato dos índios, se compunha de facas, pentes, espelhos, anzóis, e outras bagatelas. Tudo lhe era propício. Amor e ódio triunfavam no seu plano de vingança e fortuna.

\* \* \*

Entretanto, haviam começado as perseguições e atrocidades, cuja história deslustra o nome de Villegagnon, *Caim da América*, segundo o anátema da Igreja Reformada. João de Bolés intrigava e sorria, demoniacamente, no incêndio ateadado por êle próprio. Mas não tardou que o seu eclectismo farfalhante desagradasse ao catolicismo renascente de Villegagnon, devoto restaurador, já então, de vários artigos da Santa Madre Igreja — a eucaristia, o culto das imagens, as orações pelos mortos, a crença no purgatório, a missa. Com efeito, os acessos de cólera do almirante, duas vezes apóstata, prenunciavam o martírio, a que em breve seriam condenados os huguenotes Jean de Bourdel, Mathieu Verneuil e Pierre Bourdon, precipitados ao mar, pelo carrasco, do alto de um rochedo. Imprevistamente, certo dia, Bolés foi expulso do forte como bôca inútil.

Arremessado a uma aldeia longinqua, entre selvagens, êle maldizia Villegagnon e ruminava a sua vindicta: aniquilar o traidor pela traição. Ora o contacto dos lusos, em S. Vicente, lhe proporcionava a desforra. Jean Cointac, tornando-se agora o pres-

tigioso *Monsior de Bolés* ou apenas João de Bolés, insatisfeito ainda com o aviso que trouxera ao capitão de Bertioga, queria ir na primeira monção à cidade do Salvador, oferecer a Men de Sá, governador do Brasil e guerreiro esforçado, todos os pormenores, todos os ardis necessários ao assalto e à conquista do forte Colligny. Antevendo as muralhas desfeitas, Villegagnon enforcado na verga alta de um galeão português, o aventureiro sentia dilatar-se-lhe a alma no orgulho da sua desafronta.

Mas a contradição fundamental do espírito de Bolés, em assuntos religiosos, não era menos imperativa que o ódio. Entre os calvinistas do Rio, pendera mais de uma vez para a ortodoxia católica; entre os católicos de S. Vicente, apregoava os erros do papismo e as glórias da Reforma. Fazia-o com eloquência tão persuasiva e perigosa, desviando os simples do caminho real da Igreja, que a sua heresia, em 1560, alarmou os jesuitas da casa de Piratininga, onde o castelhana Pero de la Cruz repetira ao padre Luiz da Grã o que êle comunicara a outros, em S. André da Borda do Campo, sôbre o herege francês.

Nesse depoimento, escrito por Anchieta, as palavras infernais do réprobo desafiavam a ira celeste.

Hereticamente, propalava *Monsior de Bolés* que a Igreja de Roma valia tanto como a de Lisbôa ou de Paris, tanto valia um bispo como o papa, homem cercado de outros homens, impuros e ávidos, submissos ao poder da moeda. Tendo Nosso Senhor destinado Pedro à conversão dos judeus e Paulo à dos gentios, não seria Pedro tão desobediente que abandonasse a tarefa de evangelizador pelo ofício de papa, durante vinte e quatro anos. As bulas mentiam, as indulgências eram actos de compra e venda. Toda a verdade

estava na Bíblia e santos não havia senão os apóstolos, nem havia purgatório, mas apenas céu e inferno. Redimidos pelo sangue de Jesus, só pela sua paixão e misericórdia nos salvaríamos, nada valendo para tal fim as boas obras. Estado mais perfeito que o celibato, impunha-se o casamento aos padres. A presença de Jesus na hóstia não passava de uma ficção e a ceia luterana, evangêlicamente, sobrepujava todas as missas. Esconjuros ou anátemas de padres não lhe inspiravam senão gargalhadas, de sorte que, por um ceítill, podia a Igreja Romana excomungá-lo quantas vezes quizesse. Ninguém devia confessar-se aos clérigos, tão imperfeitos como os outros pela sua natureza humana, sem prestígio celeste para absolver. Ninguém devia abster-se de carne às sextas-feiras e aos sábados ou durante a quaresma: o verdadeiro cristão guardava só o domingo. Lutero e Calvino eram dois homens superiores, e a preeminência da Reforma, incontestável na França, não tardaria em Castela e Portugal. Assim falava o herege às ovelhas católicas dos jesuitas.

Vindo-lhe a notícia dessas e outras heresias, Luiz da Grã desceu de Piratininga á colônia, onde a gaifeira diabolica do francês lhe havia contaminado o rebanho. João de Bolés, recebendo o sacerdote com invectiva sonora, estranhou-lhe o ter desprezado, pela catequese dos índios, a doutrinação dos colonos. Era um germe de Satanaz, caído em terreno fértil; já os antigos fiéis da colônia, seduzidos, aplaudiam o herege, desertando a Igreja Católica. “Tanta autoridade, de repente, conseguiu (Bolés) para com êles — informa Joseph de Anchieta — que muito decresceu a do padre.” O catolicismo de S. Vicente e de Piratininga estremecia nas bases novas e frágeis, quasi a



ruir. Sofregamente, pediu Luiz da Grã ao vigário Gonçalo Monteiro, então, que se opuzesse à dissidência dos católicos e admoestasse o povo em sermões, acabando mesmo por denunciar *Monsior de Bolés* às justiças eclesiásticas. Mas a influência do jesuita declinara: o seu libelo foi verberado como sinal de rancor e despeito. Sumindo-se os autos do primeiro inquérito, Luiz da Grã teimou na denúncia, renovou-se o processo. Anchieta depoz contra João de Bolés.

\* \* \*

O herege foi enviado ao bispo da Baía, mas não era homem que se atemorizasse. Chegando à cidade, procurou Men de Sá, relatou-lhe os planos de Villegagnon, deu-lhe as traças com que poderiam submetelo os portugueses. Fez-se hóspede e amigo do governador. Na primeira expedição contra Guanabara, em 1560, Men de Sá trouxe-o consigo, a bordo da mesma nau em que trouxe o padre Manuel da Nobrega, e é certo que *Monsior de Bolés* combateu rudemente, industriou o governador na tomada do forte Coligny (57). Acrescentaria êle em 1564, respondendo ao libelo, perante a Inquisição de Lisbôa, que fôra golpeado no Rio por flechas de tamoios e perdera mais de tres mil cruzados da sua fazenda. Men de Sá estimava-lhe a traição e os jesuitas lamentavam que a política, nesse caso alarmante, sobrepujasse a piedade. O próprio Anchieta sentia o menosprêzo inconfessável dos cristãos à causa da Fé.

Após a batalha, em Guanabara, o francês supunha-se credor de alviçaras do soberano por bons serviços

---

(57) Assim depôs na justificação requerida por Bolés o governador Men de Sá.

de guerra. Ia velejar para a metropole, deixando as águas de Santos, pouso da frota, o galeão comandado por Estácio. Nele partiu Bolés, mas a nau arribou, forçada pelo temporal, à Baía do Salvador, e o bispo d. Pedro Leitão mandou prende-lo a bordo, leva-lo para a cadeia da cidade, em que êle permaneceu, réu do juizo eclesiástico, até 1563, quando o enviaram à justiça dos inquisidores de Lisboa.

Turbulento e arrogante, enfurecido pela reclusão imprevista, Bolés repetira no cárcere as velhas heresias. Depois, arrependido, por ocasião do primeiro interrogatório, dissera que apenas costumava referir opiniões alheias, ouvidas aos genebrinos. Mas o herexe se atraçoava, imediatamente, fazendo restrições à autoridade pontifícia, divergindo sobre matéria de eucaristia, jejum, adoração da cruz e das imagens, celibato dos padres, resoluções dos concílios, sentenças dos papas, conceitos emitidos pelos santos doutores, ante as Escrituras. Sente-se que, em vez de uma convicção dogmática, de uma fé tranquila ou ardente, mas profunda, havia nele uma sorte de eclectismo religioso, entre o luteranismo e o catolicismo, a Igreja de Roma e a da Grécia, tentando mesclar e fundir, sem resultado, a exegese e a tradição, a indisciplina e a autoridade, o pensamento das novas seitas e o espírito do Vaticano. Perante o bispo, no segundo interrogatório, demonstrou conhecer os dez mandamentos, os sete peccados mortais e a doutrina cristã, o Credo, o Padre-Nosso e a Ave-Maria, mas não soube dizer a Salve-Rainha.

• • •

Como era filaucioso e impulsivo, comprometeu-se ainda mais, escrevendo ao bispo d. Pedro Leitão, em espanhol, uma carta enfática e sardonica, meio qui-

xotesca, meio rescaldada. Proclamava-se aí descendente de Júpiter de Creta, em linha indirecta, por Hércules Tebano e pelos doze Ptolomeus do Egipto. "... sendo menino — diz êle, — davam-me pão com uma das mãos e açoitado com outra, e agora, que sou mancebo, trago sempre livro ou espada. Não aprendi as letras para ganhar com o meu saber, mas estudei as profanas por desenfado e as religiosas para descanso à minha consciência. Entretanto, posso dizer a vossa senhoria que andei por França, Espanha, Itália, e não achei meu rival ou semelhante, mesmo á distância de uma legua, em metafísica, profundidade da escritura sagrada, especulativa profana e teologia prática". O sabichão ainda se gabava de ter decorado todos os commentários dos antigos doutores, hebráicos, gregos e latinos.

Queriam os jesuitas leva-lo à fogueira, sem outras dilações, mas veiu de repente uma ordem do cardeal-infante, d. Henrique, avocando o processo de Bolés para a Inquisição de Lisboa. O réu seguiu a bordo da nau "Barrileira", e em 28 de outubro de 1563, naquela cidade, foi entregue a Pedro Fernandes, alcaide do cárcere da Santa Inquisição. Já em 1562, laconicamente, o padre Leonardo Valle informava na sua carta annual: "O Monsior de Bolés deixa de ser queimado por estar remetido ao cardeal"

\* \* \*

Ouvido pelos inquisidores do Santo Officio, em Lisboa, insistiu João de Bolés, a principio, nas mesmas declarações de amor filial à Santa Madre Igreja. Não tardou, entretanto, a confissão parcial das antigas culpas, seguida pela confissão de fé na verdade infalível da Igreja Romana. O herege dizia-se autor

de um livro contra judeus e mouros, intitulado *Colloquio de João, senhor de Bolés, com Alchana de Farao, capitão turco*: antes disso, alegava ter composto no Rio uma dissertação contra Calvino e as suas obras.

Mas não se contentaram os inquisidores, minuciosos e terríveis. Outros interrogatórios, outras confissões. Gradativamente, confessou o prisioneiro ao Santo Ofício todas as heresias, que lhe haviam imputado os católicos do Brasil. No seu libelo, por duas vezes, o promotor fiscal pedira a condenação do renegado, e em 12 de agosto de 1564 surgiu, afinal, o Acordam proferido pelos inquisidores ordinários e deputados da Santa Inquisição. O réu tinha sido herege luterano, incorrera em excomunhão maior e nas outras penas estatuidas, mas, por haver confessado as suas culpas, implorado perdão, aceitavam os juizes êsse acto reconciliatório, mediante abjuração dos "*hereticos errores*" e cumprimento da penitência imposta".

Abjurados todos os erros, João de Bolés entrou no mosteiro de S. Domingos como penitente: não decorridos três meses, porém, consentiu S. Alteza que êle cumprisse o resto da penitência em liberdade. Os dominicanos atestaram-lhe a conduta exemplar no mosteiro.

Dois anos após a sentença, em 1566, foi editada pelo impressor Marcos Borges, de Lisboa, a versão portuguesa de um opúsculo do *fidalgó francês J. Cointha, senhor de Boulez* — "Paradoxo ou sentença filosófica contra a opinião do vulgo: Que a natureza não faz o homem, senão a indústria." Com êsse opúsculo desapareceu da circulação essa personalidade contraditória, insubmissa e teatral.

Anchieta não esqueceu em toda a sua vida o homem singular, que fôra o pesadelo da escola de Piratininga e do colégio de S. Vicente. Identificou-lhe os vestígios, inquiriu-lhe o destino, e em 1584, na vetusta *Informação do Brasil e das suas capitánias*, que lhe atribuem pesquisadores ilustres (58), resume para a História o caso original de Bolés, deixando-nos entrever o obscuro epílogo na Índia misteriosa e longínqua:

“Um dos moradores desta torre era um Joannes de Boles, homem douto nas letras latinas, gregas, hebraicas, e mui lido na Escritura Sagrada, mas grande herege. Este, com medo de Villegagnon, que pretendia castigá-lo por sua heresia, fugiu com alguns outros para S. Vicente, nas canôas dos tamoios que iam lá a guerra, com título de os ajudarem, e chegando à fortaleza da Bertioga se meteu nela com os seus, e se ficou em S. Vicente. Ali começou logo a vomitar a peçonha de suas heresias, ao qual resistiu o p. Luiz da Grã e o fez mandar prêso à Baía, e daí foi mandado pelo bispo d. Pedro Leitão a Portugal e de Portugal à Índia, e nunca mais appareceu”.

• • •

João de Bolés nunca mais voltou ao Brasil, conforme o testemunho do padre Anchieta. Não obstante, por um êrro fatal dos panegiristas, como veremos em outro lugar, propalou-se que êle fôra executado no Rio de Janeiro em 1567 e que fôra Joseph de Anchieta, evangêlicamente, o redentor da sua alma e o instrutor do seu carrasco, ao pé da fôrca...

---

(58) VARNHAGEN, CANDIDO MENDES E CAPISTRANO DE ABREU.

## IV

### Martírio dos irmãos Pedro Corrêa e João de Souza. Comêço de uma lenda. Bruxos e padres. O taumaturgo-beluário.

Já o primeiro ano evangélico em Piratininga, 1554, lera ao *Flos Sanctorum* do Brasil dois mártires — os irmãos Pedro Corrêa e João de Sousa, coadjutor.

No dia de S. Bartolomeu, 24 de agosto, haviam êles partido com o irmão Fabiano, a mandado de Nóbrega, para descobrir a nação dos ibirajaras ou bilreiros, índios monogamos, afamados pelo decôro e pela brandura dos costumes; desempecer o caminho a uns nobres espanhóis, que se arreceavam de antropófagos, indo com as suas donas para Assunção do Paraguai; finalmente, reconciliar os tupís e os carijós de Patos em guerra. Pedro Corrêa, discípulo de Anchieta e homem de boa linhagem, afeito ao idioma e ao trato dos selvicolas, desde quando tinha por ofício acomete-los e cativá-los, entrara na Companhia de Jesus, em 1549, convertido por influêcia do padre Leonardo Nunes. Fôra mesmo um dos fundadores do colégio de S. Vicente, ao qual doara as suas terras, como doara aos meninos o seu rebanho (59). Eloqüen-

---

(59) AZEVEDO MARQUES, citado na *História do Brasil de Rocha Pombo*, vol. III, parte IV, cap. VI: "Doou Pedro Corrêa estas terras ao colégio da Companhia em S. Vicente, por escritura de vinte de março de 1553, na qual declarou que tinha sido um dos fundadores do dito colégio". NOBREGA, *Carta ao*

te, destemeroso, incansável, reunia os índios à meia noite, pregando sob as estrelas, e só a da manhã brilhava, ao terminar a sua prédica. Depois de ser temido como perseguidor das tribos, era amado como apóstolo dos sertões.

No pouso dos tupis, hoje Cananéa, a missão foi uma dupla vitória: Pedro Corrêa assegurou o trânsito dos castelhanos e obteve o compromisso da paz, até mesmo a entrega de dois cativos, atados para a ceva e para o festim. Aí deixou o irmão Fabiano como enfermeiro de um deles, certo espanhol aprisionado na última guerra pelos tupis, e partiu em 5 de outubro com o irmão João de Souza, demandando a terra dos carijós. Tudo correu propiciamente aos dois enviados da fé e da paz, que só não lograram acercar-se dos ibirajaras, cujas aldeias remotas, com o alarido e a surpresa da guerra nos caminhos, eram por esse tempo inacessíveis.

Então, decidiram voltar, mas o ódio lhes vinha no encaço. Um castelhano perverso e frascário, intérprete, que o padre Manuel de Chaves ou o próprio irmão Pedro Corrêa livrara da morte, (60) não perdoava aos missionários a conversão de uma bela índia, dele apartada pela Igreja. Tendo chegado com outro português à estância dos carijós em novembro, denunciou-os como espiões do inimigo aos hospedeiros versáteis e crédulos. Sobreveiu o Natal, quan-

---

*padre Inácio, de 1556: "...aquelas vacas, que são dos meninos, ficarem ao colegio nosso, no qual não haverá cá escandalo nenhum; porque, como se houveram por contemplação do nosso irmão Pero Correa, todos as têm por dos irmãos, mas, elas, na verdade, delas foram doadas com umas terras, assim mesmo do Irmão Pero Correia."*

(60) SIMÃO DE VASCONCELOS, *Vida do P. Anchieta*, livro I, cap. VII.

do seguiram os hóspedes até á fronteira dos tupis, acompanhados por 10 a 12 principais da tribo. Indo-lhes á caça, os flecheiros da taba, donde haviam êles partido, encontram os dois na planície, rezando, amparados aos seus bordões. Das matas irrompem vozes atroadoras; zunem flechas no ar. João de Souza, ajoelhado, com um leve cesto de pinhões suspenso do braço, cái sob as primeiras setas, invocando os nomes de Jesus e Maria. Pedro Corrêa implora, braceja, vendo o companheiro trucidado, mas logò o trespassam dezenas de flechas. Vasam-lhe os olhos, crivam-lhe o flanco, rompem-lhe o coração. E aseteado pelos indígenas, bendizendo o martírio como S. Sebastião de Narbonna, entre os sagitários pagãos, sucumbe o maior discípulo de Anchieta.

Quando a notícia chegou à Piratininga, sombriamente, os índios proromperam em lágrimas e clamores. De porta em porta, lastimoso e inconsolável, desde meia-noite ao alvorecer, bradava Tibiriçá, o principal Martin Affonso, — “Morreu o senhor da linguagem, aquele que nos dizia sempre a verdade e nos amava com todo o seu coração, morreu o nosso pai, o nosso irmão, o nosso amigo” — (61). Os jesuitas, porém, não choravam, apenas diziam orações pelos dois mártires. Secretamente, recalcando a sua mágoa, todos êles desejavam a mesma glória cristã: morrer pelo seu ideal. Joseph de Anchieta escrevia: “. . . muita consolação nos causou essa morte e pedimos outra semelhante ao Senhor, e agora cremos que êle quer fundar aqui sua igreja, lavrando-lhe pedras tais para o fundamento” (62).




---

(61) ANCHIETA — *Carta a los padres y hermanos de la compañía de Iesus en Portugal.*

(62) *Ibd. Ibid.*



A igreja nascente de Piratininga, florescendo já no martírio, produziria cedo o milagre, que é dádiva necessária das igrejas à comunidade. Personalizando essa tendência, deveria formar-se pouco e pouco, espontaneamente criado pela fé, um centro de gravitação espiritual — o adivinho, o oráculo, o taumaturgo — para o desejo colectivo de outros bens mundanos e outra vida celeste.

Com o seu voto de pureza inquebrantável, a sua caridade e a sua medicina, o saber das cousas naturais e da língua tupi-guarani, o melodioso encanto de poeta-adolescente, o realce de mestre-escola, ainda tão moço, dos índios e dos padres, Anchieta fascinava colonos e selvagens, os próprios jesuitas. Raiando para a tenebrosa ignorância do gentio, foi o herói-civilizador e o curandeiro-mago; surgindo para o catolicismo peninsular dos brancos, visionários e supersticiosos, foi o apóstolo da nova Igreja.

Nasceu-lhe do pó das sandálias o primeiro milagre. Depois do padre Leonardo Nunes, que os índios chamavam Abaré-bebé, padre Voador, não havia como êle outro andarilho, a distanciar os religiosos por meandros e escarpas. Anchieta era o grande escoteiro da Ordem de Loiola e alguma dessas caminhadas prodigiosas deu início à lenda, em que o santo fez trinta léguas no breve espaço de uma noite, indo de S. Paulo a S. Vicente, daí tornando com a Bula do Jubileu para a festa do orago de Ibirapuera. Comenta o seu biógrafo Simão de Vasconcelos: “Ou fôsse que neste breve tempo andasse trinta léguas, que tantas havia de ida e vinda, ou que algum Anjo lha administrou no caminho, qualquer que fosse, não pode ser senão milagre”.

Outras novas circularam, depois disso, atribuindo-lhe faculdades maravilhosas, sempre contestadas por Anchieta. Divulgavam-se casos anchietanos de premonição, vidência, êxtase: havia mesmo quem dissesse, portas a dentro do colégio, que a cela de Joseph, alta noite, resplandecia como um lugar do paraíso. Seria, talvez a fosforescência dos vagalumes, estrelejando-lhe o retiro aberto aos enxames (63). Tudo rodeava de assombros, porém, a mentalidade primitiva, mais dada que outra qualquer, no absoluto desconhecimento das leis naturais, à confusa germinação dos mitos e das lendas. O animismo do selvagem, povoando-lhe o caos interior, manifestava-se duplamente pela imaginação, actividade produtora de espírito, gênios, fantasmas, quasi sempre malignos, e pela cega obediência aos feiticeiros, que traziam a alma indigena suspensa de avisos, predições, ameaças, entre a esperança e o medo.

Essa mentalidade crepuscular não distingue do feiticeiro o sacerdote, do bruxo o missionário, do pagé o abaré, senão para ver ou supor no religioso, intrépido evangelista das brenhas, poderes mais eficazes sobre os ventos e as nuvens, os bichos e as sementes, a vida e a morte dos homens. Travou-se o conflito, des-

---

(63) A iluminação da cela de Anchieta por mamoaés ou pirilampus não parece absurda, como hipótese, ao leitor do *Traçado Descritivo*, de Gabriel Soares, cap. CXVII: "Na Baía se criam uns bichos, a que os índios chamam mamoaés, aos quais chamam em Portugal lucernas, e outros, vagalumes, que andam em noites escuras, assim em Portugal como na Baía, em cujos matos os há muito grandes; os quais entram de noite nas casas às escuras, onde parecem candeias muitos claras, porque alumiam uma casa toda, em tanto que às vezes acorda uma pessoa de súbito vendo a casa clara, deitando-se às escuras, do que se espanta cuidando ser outra coisa; dos quais bichos há muita quantidade em lugares mal povoados."

de o começo, entre soldados de Cristo e servos de Anhangá, príncipe das trevas e das matas, ao qual os primeiros vinham arrancar o gentio, escravo do terror. Como libertá-lo, sem amoldar ao espírito cristão, por vezes, práticas e fórmulas selvagens, mas de certo as únicas eficientes ou empolgantes? Educadores e psicólogos, assim o compreenderam os jesuítas, desde o início da catequese.

Oráculo, adivinho, curandeiro, intérprete de sonhos, tradutor de visões, o bruxo das ocas dera lugar nos meados do século XVI, para a alma bravia do índio, ao sacerdote mágico e perfeito, cujo ritual, com outros símbolos, outras cerimônias, outros poderes, havia ofuscado o prestígio dos maracás e dos nigromantes, quando o padre Nóbrega vencera, no famoso encontro de 1549, o maior feiticeiro dos sertões e oitocentos adeptos da feitiçaria vermelha.

Em plena zoomorfia, os tupís viam na anta a madre soberba da raça, e o primitivismo dessas fabulosas origens multiplicava as lendas animais do jabuti, da raposa, da onça e do gigante Caapora. Aos pés de outro gigante lendário, o Anchieta miraculoso, projectado em sombras, reflectido em ecos na imaginação autóc-tone, as estampas agiográficas deixariam mais tarde, quieta e submissa, toda essa animalidade voraz, corporificando os apetites e a força inconsciente das tribos. Desde logo, porém, cercado realmente de feras deslumbradas pelo seu olhar fascinante, em Piratininga, é ele o taumaturgo-beluário da catequese, domador cristão e veloz dos grandes carnívoros da selva.

**Trabalhos e vigílias de mestre-escola. Anchieta catequista. Mistérios e autos. Diálogos e cantos populares. Cerimônias da Igreja de Piratininga. O Auto da Pregação Universal. Anchieta e a nuvem. Sugestão. O herói da catequese.**

Oprimido por novos trabalhos, salteado por novas preocupações, Anchieta iniciava em Piratininga o ciclo espiritual da santidade. Como na Baía, a faina de mestre-escola fôra o primeiro dos seus encargos no colégio de S. Paulo: cumpria-lhe reger, dividida em três classes e desdobrada em humanidades, a aula de gramática.

Nessa escola, teve Joseph por discípulos, segundo o padre Simão de Vasconcelos, doze religiosos da Companhia, nomeadamente Pedro Corrêa, Manuel de Chaves, Gregorio Serrão, Afonso Braz, Diogo Jacome, Leonardo do Valle, Gaspar Lourenço, Vicente Rodrigues, Braz Lourenço, João Gonçalves, Antonio Blasquez e Manuel de Paiva, afóra os seminaristas de S. Vicente, os moços e meninos aborígenes, os mestiços de reinois e índias, a prole analfabeta dos colonos.

Era tanta a frequência na aula de Anchieta que o dia já lhe não bastava, acrescida a tarefa do mestre por deveres piedosos do crente. Faltando-lhe compêndios de arte latina, êle próprio, infatigável, traçava a lição para cada neófito em longas noites de vigília, penosamente escrevia, muitas vezes, até ao raiar da aurora, e os seus cadernos substituíam os livros escolares. Para a nossa tradição, o mais opulento dos pergami-

nhos não vale o mais pobre dêses manuscritos. Com efeito, a alma religiosa de Anchieta, cada manhã, dava ao Brasil vindouro, sacrificando-lhe as horas do sono e da prece, letras em que fulgiam destinos de outras gerações, humanisadas pelo verbo (64).

Ao mesmo tempo, com os seus discípulos selvagens, o missionário aprendia em seis meses o tupí, aquisição fundamental para os desígnios da catequese. Já em 1554, de S. Vicente, escrevia aos irmãos enfermos de Coimbra: — “Quanto à língua eu estou adiantado, ainda que é mui pouco para o que soubera, se me não ocupara em ler gramática; todavia tenho coligido toda a maneira dela por arte, e pera mim tenho entendido quasi todo o seu modo; não o ponho em arte porque não ha cá a quem aproveite”.

Na incerteza da cronologia, recorreremos a probabilidades, notando que êle deve ter composto em Piratininga, nessa ordem de conhecimentos filológicos, a *Arte de gramatica da lingua mais usada na costa do Brasil*, o vocabulário e o catecismo, talvez uma sinopse de valores comparativos entre o latim, o português, o espanhol e o tupí, afora outros enumerados pelo seu biógrafo Quirício Caxa: *Diálogos das coisas da fé, Confessionário, Instrução para os que hão de ser baptizados, e para ajudar os que estão para morrer*, como tambem as suas

---

(64) SIMÃO DE VASCONCELOS, *Vida do V. P. Joseph de Anchieta*, L. I, cap. V: “Ainda naquele tempo nam havia copia de Livros, por onde podessem aprender os discipolos os preceitos da grammatica: Esta falta remedeava a charidade de Joseph, a custa de seu suor, e trabalho, escrevendo por propria mão tantos quadernos dos ditos preceitos, quantos eram os discipolos, que ensinava. E passando nisto as noites, sem dormir, porque os dias occupava inteiros nas obrigações do officio, e cõversam dos Indios. Acontecia, nam poucas vezes, romper a manhã e achar a Joseph cõ a penna na mão.”

*Cantigas* devotas, oferecidas aos moços indígenas (65). Os instrumentos mais necessários à catequese, nesses primórdios, seriam talhados assim por Joseph de Anchieta.

\* \* \*

Para as cerimônias eclesiásticas vinham dos arredores, nas vésperas de Natal ou da Semana Santa, catecúmenos e peregrinos, conversos ou curiosos em bandos incontáveis. Festejava-se o nascimento do Messias com exuberante alacridade, lutas e danças bárbaras à porta da igreja re florida; consagrava-se à Paixão de Cristo o silêncio dos botocudos, tristonhos e penitentes. Dramatisado o sermão pelo gesto, animada a oratória pela mímica, era certo o poder teatral dos jesuitas sobre a emotividade, o sentimento do homem primitivo, tão volúvel quanto impressionável. Ouvindo os pregadores, enterneciam-se velhos canibais até às lágrimas. No ofício de Trevas, sem canto, soava três vezes o *miserere* como final, três vezes caíam sibilantes as disciplinas, aparelhadas por mãos de brutos guerreiros, sobre a nudez retinta dos ombros, das costas, dos rins, donde borbotava o sangue terrível desses ogres, antigos comedores de carne humana, em face do altar velado e negro. Com as suas ladainhas, os seus luzeiros, as suas lanças e palmas, estolas do sacerdote, auréolas das imagens, não eram menos edificantes as procissões, em que se flagelavam padres e índios por amor de Jesus, novas dores ardiam, para a

---

(65) Da lista bibliográfica de SOTIVEL: *Ars grammaticae linguae brasiliicae. Dictionarium eusdem linguae brasiliicae. Doctrina christiana pleniorque catechismus eadem lingua explicatus. Institutio ad interrogandos inter Confessionem penitentes. Syntagma monitorum adjuvandos moribundos. Dialogi de Religionis mysteriis scitu dignis.*

nova terra cristã, sob um látigo de ouro implacável — o sol reverberante.

Essas e outras cerimônias davam oportunidade à representação dos autos e mistérios de Anchieta, ora em Piratininga, ora em S. Vicente, onde substituíram os actos profanos, que o padre Nobrega expelira das igrejas, por indecorosos. Composições moldadas para a catequese, as mais das vezes em língua geral, tinham algo dos vilancicos da Idade Média, como doutrina religiosa, desferindo com agudeza, porém, a crítica de usos e tipos locais. O tema era sempre a dualidade eterna do bem e do mal, corporificado este no paganismo das tribos, aquele no cristianismo das missões, radiante e vencedor. Joseph entremeava o tupi-guaraní, o castelhano e o português na urdidura de algumas peças, mas fazia sempre em vernáculo as indicações de cenário e contra-regra (66).

Heterogeneamente, o estreito local de *Jesus na festa de S. Lourenço* — uma aldeia brasílica — encerra diabos da mata e santos lidadores, vultos romanos e quimeras indígenas, anjos e beleguins, recomendando o anjo da guarda aos gentios que abandonem feitiços e augúrios, deixem o rito dos pagés e o gosto da carnagem, não adorem a palmeira, não façam mal ao próximo, não sejam vingativos, enredadores ou invejosos, não atirem flechas aos contrários, porque só assim os justos escalam o céu, enquanto rolam no braseiro infernal os demônios selvagens — Guaixara. Aimbiré e Saravaia.

Escrito para os colonos de S. Vicente, destina-se o *Auto da Pregação Universal*, no dizer do padre Simão de Vasconcelos, a “impedir as indecências que se co-

---

(66) P. GONZAGA CABRAL, *Jesuitas no Brasil*, pag. 166-69.

metiam em actos representados na Igreja". Dura três longas horas, sob a cadência dos septasílabos, êsse modêlo pio do teatro colonial, e entre as figuras satânicas ou paradisiacas se intercalavam dois moradores de S. Vicente, o perverso Francisco Dias e o lascivo Pero Guedes, que exibem as suas mazelas diante de todas as almas da capitania.

Assim fala o primeiro deles:

A viagem está acabada,  
A nau vai se alagando,  
E desfa vida, em que ando,  
Por tantas coisas errada,  
Meus dias já não são nada,  
Pois peço por tantas vias.  
Triste do Francisco Dias!  
Não lhe sinto salvação,  
Se vós, Mãe da Conceição,  
Não pagais as avarias.

Geme aos pés da rainha do céu o outro pecador:

Virgem pura, sou quem vêdes,  
Diante de vós me venho.  
Tirai, vós peço, estas rêdes,  
A este pobre Pero Guedes,  
E quantos pecados tenho:  
Acho-me tão enredado,  
Que hei medo da perdição.  
Quero deixar o pecado,  
E ser devoto casado  
Na vila da Conceição (67).

Foi sôbre o recitativo e o auditório da Pregação Universal, junto ao adro da igreja, em S. Vicente, que esteve suspensa por três horas a fio, re-tendo no bojo a tempestade, uma nuvem maior que

---

(67) SIMÃO DE VASCONCELOS — *Vida do P. Anchieta*, livro I, cap. IX.



todas as nuvens, descrita pelo biógrafo Pero Roiz. Ao vê-la, desconforme e gotejante, os espectadores quiseram debandar, mas foram tranquilizados pela vidência meteorológica de Anchieta. — “Não choverá, enquanto durar a representação”; — dissera êle, assoando a uma janela; e a nuvem ficou imóvel nos ares, como um toldo sombrio, até que os ouvintes, concluído o auto, se retiraram para as suas casas. Três horas anchietanas haviam decorrido. Só então, despenhou-se a nuvem com estridor de lufadas e coriscos, num tremendo aguaceiro.

\* \* \*

A poesia, o teatro, a oratória, a música, a ornamentação de altares e andores, a arte de curar, o poder sugestionante de predições fundadas na experiência, a própria mímica, tudo comunicava a esse apostolado, sob formas rudimentares, eficácia e autoridade. Certo, biografando Joseph de Anchieta, não ousaremos denominá-lo *criador da literatura pátria* ou *fundador do lirismo no Brasil*. Nenhuma dessas cousas repontava ainda para a colônia. Era cedo. De qualquer modo, porém, exímio em compor mistérios e diálogos, tecer alpercatas ou disciplinas de cardo, sangrar enfermos com o único estilete que possuía, expelir da alma pecadora tentações e demônios, foi êle em Piratininga, ao mesmo tempo, comediógrafo e poeta, médico e artifice, oráculo e missionário, escriba e tau-maturgo, mestre-escola e architecto. Foi o antepassado maior das nossas letras na sua fase embrionária, a personalidade múltipla da vida colonial, o herói benfazejo e necessário aos meios sociais ainda não diferenciados como inteligência nem subdivididos como trabalho.

## VI

**Anchieta, o naturalista. Carta descritiva de seres e cousas do Brasil. Influências meteorológicas. Singularidades da fauna. Virtudes e aspectos da flora. A pedra elástica.**

Aguilhado pela curiosidade insaciável, conduzido pela inteligência metódica e minudente, Joseph de Anchieta, o naturalista, bosquejava o primeiro capítulo da história natural do Brasil em seis anos de Piratininga. Na permanência dêsse contacto as suas impressões, tanta vez coloridas à mesma luz, coordenadas no mesmo ambiente, haviam fixado a pletora, o tumulto, a surpresa das formas vivas. Eram agora dados evidentes e exactos, dos quais surgiria, em 1560, a carta descritiva de seres e cousas do Brasil: *Epistola quam plurimarum rerum naturalium, quæ S. Vincentii provinciam incolunt, sistens descriptionem.*

Nessa misteriosa província, remirando-lhe as névoas douradas como nimbos, Anchieta não sabia formular precisamente o declínio das sombras, o curso dos astros, o ritmo das fases lunares. Mas pudera contar as horas, uma por uma, entre o levante e o poente, ao dia mais breve e ao dia mais longo dêsse clima. Notara a passagem das estações mal definidas com alternativas bruscas de claridade e penumbra, de soalheira e dilúvio. Pedira aos céus o milagre da ressurreição vegetal; quando a sêca devastadora, emurhecida e esfolhada a glória das frondes, apenas deixava aos campos a nudez bracejante de imensos es-

queletos, arraigados à terra morta. E orações ou lágrimas da sua piedade haviam tentado aplacar, mais de uma vez, o fluxo torrentoso das enchentes, sob o qual se afogavam as plantas, desmedravam raízes apodrecidas — as boas raízes de que se nutriam os homens.

Ele conhecera o inverno regelante de Piratininga nos campos estiolados sob a garoa; o verão abrasador, mas torrencial; e desgrenhada pelos temporais uma violenta primavera, que irrompia com os seus trovões e relâmpagos nas manhãs de setembro.

Deslocando pedras, comovendo almas, reboavam tempestades nas eminências, de súbito, por entre clareões vertiginosos e ofuscadores. Erguia-se do sul, crescia a noroeste o vendaval, e casas, montes, selvas, tudo era contorcido ou arrasado. Tremulamente, os padres fugiam das habitações vacilantes, invocavam Nossa Senhora, desfiando o seu rosário, intercedendo pelo seu rebanho, mas a natureza conflagrada não arrancava o gentio aos descantes habituaes. Filhos mais novos de Tupan, nebuloso e trovejante, continuavam os índios, destemerosos ou desatentos, a beber, a dançar. Anchieta perguntaria a si mesmo, em tais momentos, como infundir o temor de Deus nessas almas, feitas para a violência, tão insensíveis quanto as pedras, ainda mais inabaláveis que elas, sob a espantosa fúria dos ventos e dos raios.

Terra singular, por onde as calamidades perpassavam, mas a abundância de pesca e de caça permanecia... Se os rios extravasavam, caudalosos, a enchente destruidora das plantações deixava nas ervas, fora do álveo profundo, reluzentes cardumes vindos à margem para a desova, entontecidos pelo suco do timbó, que os índios lançavam á água, e apanhados

à rede ou à mão na quadra fervilhante da *piracema* ou do *pirá-iquê* (68). Vendo as multidões repletas e contentes, nutridas para a catequese, Anchieta pensava na multiplicação evangélica dos peixes, na fecundidade cristã da natureza, evocada por Deus. E havia para deleite do ictiólogo, além dos cardumes espelhantes e miudos, o *iguaraguá*, peixe-boi no Brasil, peixe-mulher na África oriental, erbívoro dos rios, imprevisto pela enormidade, pela côr de elefante, pela grandeza das barbatanas, pela configuração bovina da cabeça. O ventre do peixe-boi, como o da baleia de Jonas, poderia alojar um profeta.

Ainda mais desconforme, vinha das águas claras e frescas a *sucuriuba*, que aos olhos de um irmão da Companhia semelhava, nadando, o escuro mastro de um navio. Era a serpente constrictora, sem igual pela tenacidade, esmoendo nas roscas formidáveis, ou pela voracidade, tragando inteiros, devagar, os veados e as antas. Lustrosa e farta, sonolenta, quedava-se depois à margem do rio. Propalavam os índios, mesmo os colonos, que os urubús lhe rompiam nessa imobilidade o ventre, a bicadas famintas, e logo se recompunha o monstro semidevorado, anatomicamente, para serpear outra vez.

Joseph de Anchieta recordava a maldição do Eden, considerando o serpentário infinito, que era o Brasil daqueles tempos, na sua variedade metalescente de reino dos ofídios. Tantos os passos, tantas as cobras em toda a espessura das matas inextricáveis, onde a sotaina dos jesuitas roçava, por vezes, alguma jararaca indolente e mortífera, estendida ou enovelada

---

(68) ANCHIETA, *Carta do S. Vicente*, 1560: — “*piracema*, isto é, “a saída dos peixes” *piraiquê*, isto é, “entrada dos peixes”.

ao sol. Por entre as alpercatas dos evangelisadores, frequentemente, deslisava a *boicininga* crepitante, meneando o cascavel furioso, trazendo com a mais leve picada, em vinte e quatro horas, surdez e cegueira, paralisia e morte. A *boiquatiara* ardentemente colorida e a *ibibobóca* mais linda que um ramo de coral punham nas fôlhas sêcas irisações de joias animadas; a *boipeba* contrátil, patenteando a sua elasticidade, semelhava uma espátula sob os golpes, sem perder o veneno; a *boiroçanga*, cobra de regelante mordedura, esfriava o sangue nas veias. Por meandros e escarpas, rios e grutas, clareiras e matagais, ondeavam serpentes gelatinosas e informes. Eram inevitáveis, pelo número, indestrutíveis, pela fecundidade, e Anchieta vira sair do ventre de uma, ovovivípara, que êle matara com o bastão, persignando-se antes de a golpear, nada menos de onze filhotes, dos quais só não viviam dois. Alguem contara no abdomen de outra quarenta reptis. Precisamente diria Joseph que os missionários, confiados só em Jesus, andavam incólumes por cima das cobras.

Rondando as habitações, iam e vinham as onças através da noite, calidamente ruivas ou belamente pintadas. Fortes e ágeis, voracíssimas, abocavam junto das fogueiras extintas os viandantes adormecidos; crivadas embora de flechas, levavam a prêsa com o mesmo vigor e a mesma fúria para o seu antro; ao pé das árvores corpulentas, em cuja ramaria se agachava o índio perseguido, quedavam-se toda a noite, espregando e rugindo, sem largar um só instante a caça. O terror da sua presença comunicava-se às tabas numerosas, por elas dizimadas, e partiam às vezes quarenta homens, ou mais, todos armados de escopetas, de trabucos, de forquilhas, de arcos, para matar uma onça. A lenda fez de Anchieta o melodioso encantador das

cobras, o domador tranquilo e paciente das feras noctívagas.

Ele observara meticulosamente a vida e a forma de outros bichos: o jacaré, lagarto escamoso, voraz, desmedido, rebuscado pelos índios, que lhe estimavam a carne, o sabor e o cheiro de almiscar dos testículos; a capivara domesticável, pastando nos ervaçais dos rios e dos lagos; a lontra inquieta, macia, revolvendo-se com estridor e volúpia, a guinchar, na delícia de um eterno banho. Depois dos anfíbios, havia estudado ao longo das praias revôltas os crustáceos, variedades inúmeras de caranguejos, alguns vermelhos e negros, bicolores, outros azulados, hirsutos, e os guaiamus de blindagem metalicamente azul, escavando moradas subterrâneas.

Não lhe era menos familiar a praga dos insectos, desde o escorpião, chamado pelos indígenas *boiquibu* (cobra de pés pequenos), até à larva oblonga e cáustica da borboleta, cujo pêlo os índios applicavam às partes genitais, como excitante venéreo. Entre as aranhas de todo o gênero, havia uma com que as índias, perfidamente, envenenavam bebidas na tribo. Como ignorasse a lei de metamorfose dos insectos Joseph de Anchieta supunha que o *rahú* — bicho de taquara, narcotizante, doce alimento dos sonhos indígenas, — pudesse metamorfosear-se em borboleta, rato ou lagarto. Palmilhando os campos alagados, soffrera com paciência a tortura infligida por nuvens de mosquitos ferroantes, zumbidores, insaciáveis, que não podiam voar sob o peso do sangue haurido e só o fumo dispersava. O espinho animal do coandú, repontando nas selvas em dois tons, lívido e negro, era utilizado pelas mulheres como instrumento, que lhes perfurava

o lóbulo das orelhas, sem dôr, para os enfeites selvagens. Quasi imperceptíveis, mas inexoráveis, os *marguis* fervilhavam. "São êles tão pequenos — dizia Anchieta, — que mal podes percebe-los com a vista; és mordido, e não vês quem te morde; és queimado, e não ha fogo em parte alguma; ignoras donde te veiu repentinamente semelhante mal; se te coças com as unhas, maior dôr sentes; por dois ou três dias, renova-se e cresce a ardência das ferroadas no corpo".

Aiegremente, o naturalista contara vinte gêneros de abelhas úteis, que enxameavam pelos cortiços, ora escavados na rijeza dos troncos, ora escondidos entre as vergôntes, até mesmo debaixo da terra. Com êsse mel curavam os jesuitas quasi toda a sorte de chagas; por vezes, só dêsse mel se nutriam; mas o da abelha *eiraquaieté*, o mel de muitos furos, produzia vômitos e tremores. Precioso alimento das aves e dos índios eram formigas aladas (*içá*), que se erguiam do subsolo na primavera, enchendo os ares luminosos. Anchieta saboreara, torradas ao fogo em panelas de barro, essas formigas ruivas. "Quanto é saboroso êste alimento e como é saudavel, dizia êle, conhecemos nós próprios, que o experimentámos" (69).

Em tórno da sua breve figura evangélica, do seu halo espiritual, recrescia o tumulto da fauna brasileira. Nas frondes altas cabriolavam os guaribas,

---

(69) ANCHIETA — *Carta sobre as coisas naturais de S. Vicente*. Notamos aqui fenómeno semelhante ao registrado por Maeterlinck em *La vie des termites*, pags. 109-110: "...Les oiseaux notamment se gorgent à tel point qu'ils ne peuvent plus fermer le bec; l'homme même prend part à l'aubaine, il ramasse les victimes à la pelle, les mange frites ou grillées ou en fait des pâtisseries dont le goût, paraît-il, rappelle celui des gâteaux d'amandes et, en certains pays, como en l'île de Java, les vend sur le marché."

outras variedades simiescas, e bandos de macacos, através das copas viridentes, passavam de uma a outra árvore sôbre o corpo do guia, o maior deles, seguro pela cauda e pelas mãos a dois galhos opostos. Invulneráveis e lentos sob a carapaça, os tatús solapavam os campos em flor. Veados galheiros corriam pelas brenhas, solitários; veados brancos e leitos, aos magotes, saltavam nas planícies ermas. O tamanduá microcéfalo, extranho animal de pescoço afilado e braços terríveis no amplexo, revolvía os formigueiros com a língua desmesurada. Por entre a ramagem, o pêlo mosqueado e sedoso dos maracajás luzia ao sol. Cai-tetús fossavam nos pântanos. Sariguéas em fuga levavam na bolsa os filhos recém-nascidos. Morosamente, com o focinho de velha, as unhas recurvas, ia-se aferrando a preguiça ao tronco das imbaúbas para subir, colher, trincar os renovos mais verdes. Bravia e maternal, como simbolo das tribos guerreiras, vinha com estridor pelas matas e pelas trevas a anta, que era o tapir dos índios, nocturno, silvante, espêsso, e lhes dava o couro dos broquéis, *impenetráveis às flechas*.

No espaço fremente de vôos e cantos repassavam as asas. Longe, desciam aves marinhas ao rés das águas encrespadas; perto, oscilavam ramos sob o adejo da estrepitosa pomba do mato ou o solo trepidava sob as patas da ema corredora e gigantesca. Beijaflores havia tão graciosos que, para Anchieta, se alimentavam de orvalho; para os índios, nasciam lendariamente das borboletas. Mas a delicadeza do *guainumbí* era um cambiante sutil na violência dos instintos alados. Papagaios devastavam milharais num tremendo côro ensurdecador; gralhas armadas de esporões, bèlicamente, afugentavam as próprias matilhas; e sôbre as aves menores, com o ímpeto da sua fôrça, a



crueza do seu olhar, esvoaçavam pelas alturas ofuscantes os gaviões reais.

Como os tipos da fauna, conhecia Anchieta os da flora, as virtudes essenciais de fôlhas e frutos, raízes e caules. Esquadrinhava o reino vegetal, surpreendendo e anotando os contrastes, desde o veneno da mandioca, transformada pelos aborígenes em alimento primário, até ao veneno das sementes de jeticopé, que fortalecia os pulmões. Outros aspectos maravilhavam: aqui, tortuosos e ásperos, os mangues nos braços do mar, com os seus entrelaçamentos e encurvaturas chegando às marés, onde recaíam as lanças vermelhas e altas da canapaúba; além, a reflorescência de trepadeiras eternamente viçosas ou a deiscência das urnas de castanhas das sapucaias. Verdejavam nos alcantís os pinheirais.

Nesse labirinto da flora já o guiava a medicina. Orientado pelos selvagens, êle aprendeu a escolher na invasão tropical de ervas e de arbustos o remédio mais simples, mais fácil para os males, que lhe seguiam os passos. E a sensitiva era a imagem da sua castidade, retraíndo-se ao mais leve contacto, de repente, sôbre pantanais ou abismos. E o simbolo da sua bondade, a frondescer no imenso arvoredado, como se fôra uma benção, era a prodigiosa copaíba, vertendo o bálsamo infalível para todas as feridas humanas.

Sôbre o reino mineral já escrevia Anchieta, em 1554, na Casa de S. Paulo, que se descobrira uma grande cópia de ouro, prata, ferro e outros metais, perspectiva necessária à vinda de muitos cristãos, que submetessem os índios ao jugo de Cristo, obrigando-os a fazer por fôrça o que não se resolviam a fazer por amor. Quanto às pedras raras, de todas a mais preciosa, assemelhada por ele ao couro, hiperbolica-

mente, seria a pedra elástica ou flexível, em que os soldados portugueses afiavam para outros golpes, contra os hereges as suas espadas fiéis (70).

---

(70) *Notícias para a história e geografia das nações ultramarinas. N. III. Annotationes: "Arenarius flexilis. Linn. vulgo Pedra elástica: Certe flexilis, sed vere elasticus a me nondum est visus, nec valde (neque ex omni parte evidenter) flexilis. Et Anchieta dum tractabilem manibus velut corium dicit, hyperbolice dicit; is enim, quem magis flexilam vidi, nunc in Reg. Academiae Museo collocatum, 16 circiter poll. longum, et 4 lin. altum, 20.º arcum modo efficit."*

LIVRO III

**O POEMA DE IPEROIG**

Tu mihi cum chara sis unica Prole voluptas,  
Tu desiderium cordis, amorque mei.

ANCHIETA



# I

**Assalto dos portuguezes ao forte Coligny em 1660. Confederação dos tamoios. Defesa de Piratininga. Tibiriçá, o lidador. Anchieta e Nóbrega, emissários da paz, no quartel-general do inimigo.**

Men de Sá, o governador justiceiro e bravo, látego dos hereges, amigo dos padres, abatera em 1560 o reduto do *Caim da América*, Villegagnon — cavaleiro de Malta e vice-almirante da Bretanha, que renegara o catolicismo pelo calvinismo, desfraldando sobre as ilhas de Guanabara o pavilhão da França Antártica. Desde 1559; ausentara-se do Brasil o corsário francês, deixando em seu lugar o sobrinho, Bois-le-Conte.

Por terra e mar, fôra a batalha rudemente pelejada nos dias 15 e 16 de março, contra o parecer do capitão-mór Bartolomeu de Vasconcelos e dos outros capitães da pequena frota lusitana (71), acrescida com o socorro dos jesuitas de S. Vicente: um bergantim artilhado, canôas alígeras como gaivotas, combatentes selvagens e mamelucos. Haviam troado de sol a sol, nas estâncias de madeira, os canhões retirados aos navios; espoucara incessante a fuzilaria dos mosquetes; rarefaziam-se nuvens de flechas sobre as on-

---

(71) MEN DE SÁ. *Instrumento*. “18. Detreminei de hir em pessoa por mo sua alteza mandar e fuj com muy'pequena armada e pouqua jente ao menos do Reinno que não trazia mais que jente do maar e no mejo do dia combaty contra vontade dos darmada do reino e do seu capitão moor e dos mais capitães a fortaleza por todas as partes...”

das, sem que a sorte das armas se definisse. Consumida toda a pólvora, disparados todos os pelouros, já os nossos, que eram 120 portugueses e 140 índios, alguns desarmados, começavam a recolher falcões e berços, quando os tornou vencedores uma surpresa. Inexplicável, a despeito do número e da posição, da força de homens e armas (72), debandavam num alarido mais de mil franceses e tamoios, fugindo em canoas imensas, através da noite. O inimigo deixava aos portugueses sem munições a posse de uma fortaleza invulnerada. E os lusos ocuparam Villegagnon, por milagre, como sentiram Nóbrega e Anchieta (73).

No gozijo dessa fortuna imprevista arrecadaram peças de bronze e ferro coado, pólvora, barcos e remos para a navegação costeira, mas o governador geral, depois disso, abandonara toda a baía ao possível regresso dos fugitivos. Celebrada a missa entre

---

(72) Carta de MEN DE SA ao rei, S. Vicente, 16 de junho de 1560: "Havia nella: 74 franceses ao tempo que cheguei e alguns escravos; depois entraram mais de 40 dos da nau e outros que andavam em terra e havia muito mais de mil homens dos do gentio da terra, tudo gente escolhida e tão bons espingardeiros como os franceses; e nós seríamos 120 homens portugueses e 140 do gentio, os mais desarmados e com pouca vontade de pelear; a armada trazia 18 soldados moços que nunca viram pelear."

(73) NOBREGA carta de 1.º de junho de 1560 ao Cardeal d. Henrique. "A segunda maravilha de Nosso Senhor foi que depois de combatida dois dias, e não tendo já os nossos pólvora, mais que a que tinham nas câmaras para atirar... mostrou então Nosso Senhor a sua misericórdia, e deu tão grande medo nos franceses e nos índios, que com eles estavam, que se acolheram da fortaleza e fugiram todos..."

ANCHIETA, carta de 1.º de junho de 1560: "...é de crer que mais fugiram com espanto que lhes pôs o Senhor do que com forças humanas".

os morros, demolidas as fortificações e arrasadas várias aldeias inimigas, a frota velejou para Santos. Urgia reparar os navios, avariados pelas bombardas francêsas.

Hospedando o governador geral, Nóbrega sentiu azado o momento à consecução de um velho plano, que era a mudança do pelourinho, com os habitantes de S. André, para S. Paulo, tirado assim a Ramalho o carater de alcaide-mór, ao seu arraial o predicamento de vila. Persuasivas foram as razões topográficas e religiosas do fundador. Encravado no mato, S. André não tinha defesa contra o gentio, que viesse de chôfre, nem sequer padres, que sacramentassem os moradores. Tudo aconselhava a transferência para S. Paulo, estrategicamente situado, com o sacerdócio instituído já pela Ordem.

Era pensamento do fundador, como jesuita, absorver a impiedade ramalhista de S. André na religiosidade inaciana de S. Paulo e encaminhar o jesuitismo, alargando-lhe o roteiro até aos campos do Paraguai. Mas a fusão dessas vilas antagônicas, uma de mercadores e guerreiros, outra de missionários e catecúmenos, teria consequências imprevisíveis, formidáveis para o Brasil. Da várzea de Piratininga, do mesmo ambiente consagrado pelas vigílias cristãs de Anchieta, irromperiam mais tarde os bandeirantes — devastadores de reduções, ocupadores de territórios. Prevaleceriam na fusão os germes do sangue mame-luco e da braveza indomável contra as forças místicas da Companhia de Jesus.

Inclinado às razões do jesuita, Men de Sá ordenou que se mudasse para S. Vicente o colégio de S. Paulo, a vila de S. André para Piratininga, e se abrisse um caminho novo, mais seguro, entre o planalto e a ma-

rinha. Ao partir, julgava consolidada a paz em toda a capitania.



Mas o assalto ao forte Coligny não submetera nem apaziguara o índio rebelde. Com efeito, vindos da serra e da costa, os guerreiros tamoios pelejavam, raptando mulheres, filhos e escravos aos colonos, dizimando-lhes o gado, queimando-lhes as plantações e os engenhos. Parcela da grande família tupí, esse gentio, que apenas considerava da sua linhagem os tupinambás, hostilizara sempre as demais tribos. Devorador de prisioneiros, índios ou brancos, não excluía da carnagem senão as mulheres, guardadas para concubinas.

Instantaneamente acirrados pelos francêses, de uma parte, gravemente ofendidos, de outra, pela cubiça dos reinois, caçadores de escravos e assaltantes das ocas, haviam determinado os tamoios, aliando-se, às ordens de Cunhambebe e de Aimbiré, varrer da costa o lusíada. Atraídos por Villegagnon à escola da França Antártica, muitos deles conheciam já o próprio manejo das armas de fogo. Eram sagitários e arcabuzeiros, meneavam espadas de pau-ferro ou de aço com igual destreza. Sorria-lhes a fortuna cada vez mais nos recontros, e os tiros da confederação haviam suplantado, em campo raso, a mosquetaria lusitana. Já os desertores de Guanabara, exultantes, regressavam ao núcleo da antiga miragem, a França Antártica de Villegagnon, e os portugueses entreviam, desbaratados, o ocaso do seu poder (74).

---

(74) P. GALANTI. *Hist. do Brasil*, tomo I. "Não satisfeitos com a vingança (os tamoios), visavam a desarraigá-los do país os portugueses. Reuniram estes a força que puderam para atacá-los, e foram miseravelmente derrotados".



Anchieta reflectia melancolicamente: — ” parece que a Divina Justiça tem atadas as mãos aos portugueses para que não se defendam e permite lhes venham estes castigos, já por outros pecados, já pelas muitas sem-razões feitas aos brasis, dantes nossos amigos”.

Ora a mentalidade primitiva dos índios não resistia à fascinação da vitória. Soprando fumo através dos maracás, os feiticeiros prediziam, convulsivos, a hora de libertação e vingança. Tribos ainda neutras, mas aguerridas, incorporaram-se às hostes vencedoras, e os tupis do sertão, no começo indecisos, largaram afinal por essa nova aliança a velha amizade portuguesa.

Nos meados de 1562, a gentildade mais numerosa das serras e das brenhas remotas, contada por milhares de arcos, dezenas de nações, marchou em segredo, vorazmente, sobre Piratininga. Ovelhas corruptas e perdidas, guiando os lobos ao redil, vinham com ela os catecúmenos fugitivos, aos quais eram familiares todos os caminhos da vila. Mas um dêles, ainda fiel aos padres, correndo por veredas mais breves e ganhando cinco dias à marcha dos assaltantes, pôde avisar os religiosos. Sem esse aviso, dado a 3 de julho, teria sido fatalmente surpreendida e arrasada a vila cristã.

Piratininga era o celeiro e abrigo dos jesuitas, que ali permaneciam, desde novembro de 1561, fugindo á horrivel penúria de S. Vicente, onde não havia sequer farinha para os moradores (75). Em 1562 lá estavam, sob a direção de Vicente Rodrigues, dez mis-

---

(75) ANCHIETA, carta de junho de 1561 até ao mês de março.

sionários da Companhia, entre êles Joseph de Anchieta, que testemunhou e descreveu os combates de 8 e 9 de julho (76). Se lhe atribuem façanhas de comando, nesses episódios sanguinolentos, dois autores modernos (77), biógrafos mais antigos, Pero Roiz e Simão de Vasconcelos, nada revelam á posteridade sobre a iniciativa do apóstolo-guerreiro.

O verdadeiro salvador de Piratininga foi Martin Afonso, Tibiriça, o vigia da terra. Mobilizando o gentio de nove ou dez aldeias fieis, êle repelira os oferecimentos do filho de Araraig, o seu feroz sobrinho Jagoanhara (*Onça brava*), que lhe propusera abandonar a causa dos jesuitas. Valorosamente, em resposta, o grande Tibiriçá deteve na manhã de 8 os inimigos com a sua lealdade e o seu arrojo.

Anunciara-se a luta pelo tremendo bater de arcos e pés, entre silvos e urros. Velhas bruxas, à retaguarda, com alguidares monstruosos, já se aprestavam para cozer a carne dos vencidos, quando se travou a batalha, ao clarão sanguíneo da aurora. Milhares de flechas dos agressores, coloridos e empenachados, caíam sobre Piratininga; centenas de outras voavam sobre os atacantes. Crescendo o furor e a grita das hordas invasoras, os *grandes alaridos*, de que fala Anchieta, seriam mais tarde, para Simão de Vasconcelos, como o ruir dos montes no estrondo e na poeira da refrega: "...dão os inimigos de improviso sobre a

---

(76) *Ibd.* Carta de 16 de abril de 1563.

(77) TEIXEIRA DE MELLO — An. da Bib. Nac., vol. I, f. n.º 1: "Piratininga foi atacada; Anchieta, porém, salvou a todos com a mais denodada coragem, conseguindo repelir a investida e arredar os assaltantes para longe." J. J. RIBEIRO, *Cronologia Paulista*: "...animou Anchieta os moradores da vila".

vila de Piratininga, com tão grande estrondo de gritos, assovios, bater de pés e arcos (como costumão) que parecia se vinha o mundo abaixo, e se arruinavão os montes vizinhos (Chr., liv. II, n.º 135).” Mas o *Onça brava* logo morreu, asseado, junto à horta dos padres, quando investia o refúgio das mulheres e dos meninos — a igreja. Lá dentro, à noite, com as suas velas acesas, mestiças devotas oravam diante do altar. Duramente lanhavam com açoites indígenas a carne bronzeada e nua, sem um tremor, sem um ai, deixando retintos de sangue os muros e bancos do templo. As disciplinas mortificadoras, no dizer de Anchieta, “pelejavam mais rijamente contra os inimigos do que as flechas e arcabuzes.”

Tão arrojada, tão imprevista foi nos seus contra-golpes a defesa de Piratininga, que os sitiantes, descoroçados pela morte de Jagoanhara, levantaram o cerco ao segundo dia, e os sagitários da bandeira católica ainda os perseguiram na retirada. Dois prisioneiros, caindo aos pés de Tibiriçá, bradando que eram cristãos, imploravam a graça do herói, a clemência dos padres, mas o principal respondeu, inexorável: “Para o vosso crime não há perdão.” E alçando a tangapema, herculeamente, floreu-a no ar, estilhaçou a cabeça aos dois renegados.

Martin Afonso expirou, contrito, pouco depois da vitória, “com tanto senso e madureza que não parecia homem do Brasil”, escreveu Joseph de Anchieta em sua carta a Diogo Laínez. Todos os cristãos da capitania lhe prantearam a morte. Sepulto na igreja, como filho dilecto, o herói teve do santo as orações e os louvores, por êle foi proclamado não só benfeitor.

mas ainda fundador e conservador da casa de Piratininga (78).

\* \* \*

Na quaresma de 1563, em plena guerra dos tamoios contra os lusos, Anchieta visitou as povoações de Santos e Itanhaem, confessando, instruindo, baptizando, convertendo o gentio e os seus escravos. Um velho indígena de cento e trinta anos foi então doutrinado, redimido pelo catequista. Ao regressar para S. Vicente, o apóstolo encontrou Manuel da Nóbrega inquieto pela sorte da capitania, onde haviam os dois pregado aos colonos, desde o começo das hostilidades, a mortificante expiação de culpas e vícios, contra os quais se rebelavam os índios, outrora mansos. Não bastavam, porém, cilícios e orações, penitências e romarias, lâmpadas acesas junto à peanha das imagens, lágrimas vertidas no recesso do santuário. Urgia salvar a colónia por mediação religiosa — um ato de heroicidade, talvez de sacrificio.

Nóbrega comunicou a Anchieta o plano, que lhe acudira e amadurecera, de entabolar directamente a paz com os tamoios de Iperoig, onde a visita dos padres era desejada (79). Levaria o irmão como intérprete. Iriam os dois áquellê bravio lugar de penhascos

---

(78) ANCHIETA, carta de 16 de abril de 1563.

(79) *Historia de la fundacion del Collegio del Rio de Henero y sus residencias — An. de Bib. Nac.*, vol. XIX: "...y assi com preces de todo el pueblo fue en unos navios com el P<sup>o</sup> Joseph a las Aldeas de los contrarios y dandoles algun rescate concertó com ellos las pazes..." ANCHIETA, final da carta de 16 de abril de 1563: "...pelo que mostrão grandes desejos de nos ter comsigo, para lhes ensinar os filhos".

e tormentas, quartel-general das nações confederadas para extermínio dos portugueses, numa das barcas de José Adorno, fidalgo genovês e amigo dos inacianos.

Com êles seguiu o colono Antonio Luiz ou Dias uma espécie de Job, a quem os índios haviam tirado mulher, filhos, cunhados e servos (80). Ajuntando em S. Vicente os últimos bens, reunindo os últimos escravos, tentaria nessa emergência, mais uma vez, o resgate das criaturas amadas, que ainda vivessem, por acaso, na taba de algum cacique. Desiludido continuamente, a jornadas com as suas feridas por terras inhóspitas, sentia renascer-lhe agora a esperança. E em busca das sombras do seu lar, desfeito pelos tamoios, esse homem, o mais infeliz dos homens, acompanhava Manuel da Nóbrega e Joseph de Anchieta ao exílio.

Foram de S. Vicente a Bertioga em canôa, na primeira oitava da Pascoa de 1564. Apenas desembarcados, trovejou a borrasca, enegrecendo, conflitando os ares, e nisso reconheceram o favor de Deus, que a suspendera, enquanto navegavam. Como se antecipassem os dois religiosos aos navios de José

---

(80) PERO ROIZ, na *Vida do P. Anchieta*, escreve: "Com esta resolução se partiu o pe Manoel da Nobrega com seu fiel companheiro o Irmão Jozé, o outro homem por nome Antonio Luiz, para a terra dos Tamoyos..." Na sua *História do Brasil*, concluída em 1627, informa também Frei Vicente do Salvador que o Padre Nóbrega, decidindo apaziguar os bárbaros de Iperoig, "tomou por seu companheiro o Irmão Joseph de Anchieta, e hum Antonio Luiz, homem secular." Posteriormente, na *Crônica da Companhia*, Simão de Vasconcelos mudou o nome de António Luis para António Dias, que os modernos autores têm como verdadeiro. Anchieta não lhe declara o nome na carta de 1565 ao P. Diogo Lainez.

Adorno, esperaram cinco dias, sob os muros da fortaleza, a confessar moradores e escravos. Lentamente aparelhados, vieram afinal os dois barcos, que saíram com êles de Bertioga em 23 de abril, demandando Iperoig (81).

Os missionários conheceram na travessia o perigo dos tufões e dos abrolhos, estiveram de passagem numa ilha deserta e rude, S. Sebastião, covão de feras, onde celebraram missa no dia de S. Felipe e S. Tiago. Enfim, rodeados de canoas dos indígenas, que iam e vinham, suspeitosos, farejando alguma cilada, algum estratagem, enquanto os dois refens cedidos por tres ou quatro dos seus não os lograram dissuadir, tranquilamente fundearam os navios, sob vento próspero, nas aguas de Iperoig, praia situada entre S. Sebastião e Ubatuba (82).

Reconhecidos pelos tamoios como padres, cautelosamente, porque de tudo, agora, desconfiavam os indios assanhados contra os lusos, Anchieta e Nô-

---

(81) Todos os episódios da viagem a Iperoig e do exílio entre os selvagens constam de uma longa carta, dirigida por Anchieta, em 8 de janeiro de 1565, ao padre Diogo Lainez, geral da Ordem. Quem os levou a Iperoig não foi o capitão *Francisco* Adorno, erro comum aos nossos historiadores, procedente da noticia dada por Símão de Vasconcelos, Cr., liv. III n. 5. Foi o capitão *José* Adorno, como se vê da carta de Anchieta (1565) e da seguinte passagem de Pero Roiz, op. cit., liv. I, cap. VII: "levou-os no seu navio hũ homem de muito respeito, e vertude, e grande amigo dos padres, por nome Jozé Adorno, de naçam italiano, da principal nobreza de Genoua, tio do nosso pe *Francisco* Adorno, etc...."

(82) P. AMERICO DE NOVAES. *Métodos de ensino e catequese dos Indios usados pelos Jesuitas* e por Anchieta, T. SAMPAIO — *O tupi na geografia nacional — Iperoig, corr. Ypiru* — yg., o rio ou água do tubarão... (...) Pode proceder tambem de *iperóyy*, que se traduz — rio das perobas."

brega desembarcaram no terceiro dia. Em face do mar e do céu, ajoelhados, renderam graças à Divindade nessa hora incerta, cheia de milagres e perigos. Depois, em visita às duas aldeias da povoação, Anchieta falou com evangélica doçura à braveza do gentio, agachado na sombra das suas tocas.

— Alegrai-vos com a nossa vinda e o nosso amor. Queremos ficar entre vós, ensinar-vos as coisas de Deus, para que êle vos dê farto alimento, boa saúde, vitória sobre os vossos inimigos. (83)

Fascinados já pelo missionário de olhos azuis, lingua sonora da catequese, os tamoios escancaravam a mandíbula, compreendendo e rindo... Além do mais, trazia-lhes o barco de José Adorno, como resgate, machados e missangas, espelhos e laçarotes, alfinetes e outras bagatelas.

Nesse entendimento os abarés, os padres, souberam deles as primeiras condições da paz. Certo, não a queriam os selvícolas por medo aos cristãos, sobre os quais ainda pesavam as suas tangapemas vencedoras, ou por necessidade, providos como eram pelos francêses, em excesso, de arcabuzes e espadas, vestes e ferramentas, podendo mesmo vender aos colonos o que lhes sobejava. Não. Queriam-na tão só para flechar e comer livremente os velhos inimigos, os tupis, que haviam triunfado mais de uma vez na guerra selvagem, aliados aos portuguezes. Entretanto, como pagavam êles o benefício? Com injúrias aos benfeitores.

---

(83) ANCHIETA, carta de 8 de janeiro de 1565: “. . . Visitamos ambas las aldeas y Entrellas yo hablando en uoz alta pr sus casas como es su costumbre, diziendoles q queriamos quedar entre ellos y Ensiñarles las cosas de Dios, para q el les diese abundancia de mantenimiêtos, salud y victoria de sus Eemigos y otras cosas semejantes...”

Que os portugêses se unissem agora aos de Iperoig para os combater, e assim firmariam a paz, coroada pelo extermínio dos ingratos. Patenteando a sua cordialidade, embora apetecessem a carne saborosa dos tupis com furor, os tamoios obrigavam-se a poupar os catecúmenos daquela origem, que permanecessem fieis aos missionários em S. Vicente.

\* \* \*

Mensageiros da paz, voltavam os dois navios com essas condições preliminares. Iperoig, acolhendo a proposta e aceitando os presentes dos vicentinos, guardava como refens da colônia os jesuitas, mas eram levados a S. Vicente, num daqueles barcos, doze refens das aldeias, moços de que se orgulhavam as tabas pela robustez e valentia. Cinco tamoios, além dêles, seguiam para combinar as treguas com os morubixabas da tribo, aliados, então, aos francêses de Guanabara.

Voluntariamente, ficara junto de Nóbrega e de Anchieta, com os seus escravos e as suas fazendas, o colono desventurado.

À hora da partida, soluçavam os mareantes, que haviam conduzido os religiosos: "Vós ficais entre os lobos." Eram esses, realmente, os gentios mais feroces de toda a costa brasileira, e tudo parecia fadar os dois jesuitas à sorte do bispo D. Pero Sardinha, decapitado no paiz dos caetés. Mas não os apavorava a Morte, clavicularia da porta fulgurante do céu, iniciadora de uma vida sobrenatural. Imperturbáveis, os dois mediadores da paz viram sumir-se, pouco e pouco, mal branquejando nos ares opalescentes, sob a neblina, o velame dos navios frágeis. E outra vez ajoe-



lharam diante do mar, ergueram para Deus, no anseio das mesmas súplicas, o mesmo coração alanceado e bipartido.

A sua fé inquebrantável, desdenhando a vida, confessava nas preces ardente e humildes o erro dos brancos, que haviam exacerbado pela traição, pelo cativoiro, por toda a casta de abominações e atrocidades, os índios da praia e da serra, carnívoros domesticáveis, agora embravecidos como as onças da redondeza.

A sua caridade intrépida, mais que nunca flamejante, envolvia nessas orações os destinos obscuros de tantos pecadores, colonos ou aborígenes, mercenários ou antropófagos, homens inimigos do Homem-Deus, sobre os quais pressentiam a fulminação da ira celestes.

A sua esperança invencível, renovada entre as flores agrestes como seiva e perfume de outra floração ideal, por miraculoso eflúvio, aguardava confiante o dia do martírio, em que fossem transportados ao céu nos braços resplandecentes e poderosos dos anjos, logrando salvar com esse holocausto o Brasil — colônia (84).

---

(84) *Ibd. Ibid.*: "...ut unus aut duo morirentur homines pro populo."

## II

**Primeiros dias de Iperoig. Aula infantil de catismo. Guerra aos canibais. Missa da primavera. Irreverência dos tamoios. Vexames e tentações.**

Anchieta e Nóbrega viviam sob o tecto de um principal daqueles arredores, Caoquiera. Salteado pelos colonos, outrora, e metido a bordo de um navio veleiro, o índio lançara-se ao mar com os pés encadeados, rompera os escarcéus, rojara depois na selva, toda uma noite, volvendo à liberdade sob o peso dos grilhões. Mas o ódio se lhe convertera em affecto aos padres, louvados por uma das suas mulheres, que havia conhecido, entre as penas do cativo, a bondade sacerdotal. Desvelada e amorosa, ella servia os hospedes com ternura, vinha dizer-lhes, em segredo, as perfídias tramadas pelo gentio.

Os missionários estavam afeitos às contradições, aos embustes, às variantes da alma brasílica, desnor-teada sob impulsos naturais, mudáveis como os próprios ventos, que soerguiam as ondas de Iperoig. No instantâneo das emoções, opostas e fugazes, ella reflectia a diversidade ambiente das terras e dos ares, o próprio nomadismo. Oscilava de um a outro polo affectivo, entre a doçura e a braveza, entre a submissão e o frenesi, entre a confiança e o ressentimento. Nada mais inconstante e erradio. Sõ o deleite da vaidade, o espirito de vingança, o canibalismo, a embriaguez, a luxúria, o prazer da mentira e a cega obediência aos

feiticeiros perduravam nessa flutuação de alma primitiva, ora impetuosa e louca, ora dissimulada e crue' (85).

Macilentos, descalços, imateriais como espectros na sotaina de canhamo, talvez farrapo de alguma vela desmontada à carreira das Índias (86), os dois jesuitas vinham de longos trabalhos e duras mortificações para o novo desterro. Já envelhecido e trôpego, arrimado ao bordão, sem largar um só instante o breviário, Manuel da Nóbrega sorria à mocidade virgem do companheiro. Tudo era neles cansaço, palidez, renúncia, mas nos olhos negros do asceta, nos olhos azuis do sonhador, brilhava a santidade como força e poesia, magnetismo irradiante. Consagrado embora a Jesus, o ideal religioso de ambos evocava mais uma vez, na distância nebulosa dos mitos, as jornadas e os encantos de Orfeu... (87)

Eles reuniram todos os meninos das aldeias na aula de catecismo, ao tilintar da campainha, disseram a criação do mundo e a vida de Jesus, como tinham feito nos colégios da Baía, de Piratininga, de S. Vicente. Foi-lhes quasi um enlevo, naquelas plagas,

---

(85) *Ibd.*, *Ibd.* "...cierto que fue mucho siendo aquella gente La mais subtil, que aun oy enel mundo para invêtar mentiras, y facil para Las crer, poderia sufrir, tanto tiempo, que nos nos hiziessen alguna cosa mouidos pr qualquiera y maximo por alguno su hechisero..."

(86) "El vestido era muy pobre, lo comũ era sotanas de canãmo tenidos de prieto q haziã de las velas de las naos de la india que les ombiavã de limosna". *Historia de la fundacion de Collegio del Rio de Henero y sus residencias*, cap. I.

(87) VARNHAGEN, *Hist. Geral do Brasil*, t. I, 2.<sup>a</sup> ed., pag. 244: "Para a conversão dos columins, ou crianças gentias, os meios que melhor se estreadam foram principalmente a musica, o canto e o aparato deslumbrador das cerimoniaes, que os enfeitava."

surpreender vislumbres de inteligência através da espessa animalidade, para a qual se resumia tudo em combater e devorar. Os pequenos discípulos aprendiam sem esforço as primeiras noções do catecismo, interessavam-se pelas figuras do Genesis e do Evangelho, sombrias ou resplendentes, cândidas ou gigantescas, e os seus pensamentos adejavam, tocados de luz cristã, por lendas ingênuas, sonhos castos, parabolas edificantes. O ensino religioso transmitia-lhes o horror do canibalismo, a compaixão pela sorte dos antepassados, que esse pecado mortal condenara ao eterno suplício.

Nenhuma consolação maior para os dois iluminados — peregrinos da mesma via tenebrosa, apóstolos do mesmo reino selvagem... Compreendidos e amados pelas crianças, destacavam-se da hora presente, como que anteviam o dilúculo dos novos tempos, a alvorada já concebida pelo Verbo. No áspero solo vingavam as boas sementes, ia repontar o trigo dourado, promessa de hóstia para as almas. Com seis dias de catecismo, tantos quantos foram necessários à obra universal, poderiam ser baptizadas as crianças de Iperoig. O padre Nóbrega, encantado, recordava nesses momentos o que dissera Jesus aos discípulos, uma tarde, nos confins da Judéa bárbara: - "Deixai que venham a mim os pequeninos." Anchieta completava-lhe a reminiscência evangélica: "Não entrará no reino de Deus aquele que o não receber como se fosse uma criança".

Eles fulminaram com eloquência, desfechada em gritos coléricos, acesa em sarças de fogo, a prática dos sacrificios humanos, a gula de tamoios e tupis, retalhando, remoendo a carne do semelhante nas suas orgias. Como se a natureza selvagem quizesse entre-

mostrar-lhes algumas excepções, havia nessa tribo, de onde em onde, moças ainda não contaminadas pelo vicio-execrando. Veramente, sem a menor fereza nos lindos olhos, nos dentes claros, diziam a repulsão, que lhes causava o deleite dos antropófagos. Em vésperas do festim, aparelhado pela vingança da tribo, elas ocultavam, longe, os seus utensílios, para os conservar impolutos. Sob a nécrografia espantosa, lampejava o amanhecer de outros sentimentos. Mas não se corrigiam as velhas, obstinadas sacrificadoras, golpeando com arte os cadáveres, embebendo as mãos ossudas e ágeis, sofregamente, nos alguidares transbordantes de vísceras humanas. E os guerreiros mais acessíveis à lição evangélica não eram menos dados á antropofagia. Quando muito, prometiam abandoná-la mais tarde, emendar-se a pouco e pouco, depois de terem comido algumas centenas de tupis.

Eles disseram a primeira missa num domingo, 7 de maio, sob a ramada umbrosa e vernal do grande bosque. Chalrava perto o riacho, limpidamente, a gorgolejar nos pedrouços; era infindável a música dos sabiás pelas alturas, entre as palmas dos buritis. Em volta, os índios espiavam, acercando-se mais e mais da imagem de Cristo. As geuflexões, as benções, os transportes da Eucaristia, ao ar livre, tudo maravilhava o gentio nesse ritual desconhecido e harmonioso. Trespessando a ramaria, arqueada como um dossel verde-claro, vinha uma flecha do sol de maio bater e luzir no crucifixo, aureolar os celebrantes, e o passaredo osquestrava, derredor, com alegria ruflante e sonora, a missa da primavera.

Logo depois, como determinara um dos cinco principais, que haviam seguido para o Rio, deram-lhes casa mais espaçosa, onde foi instalado o santuário.

Antes da segunda missa dominical, celebrada em 14 de maio, eles aspergiram com água benta, purificaram esse lugar de concupiscência e de morticínio. Em todas as orações, fervidamente, rogavam a Deus mais uma vitória sobre o demônio, a paz entre os índios e os brancos, para segurança de tantos bens e salvação de tantas almas.

O seu tormento incomparável, à hora da missa, era a inquietude, a irreverência com que os tamoiós cercavam o altar, movendo-se de um a outro lado, comprimindo-se ao pé do oficiante, remirando o calix, a pátena, a imagem do Senhor. Como temessem algum sacrilégio, combinaram os jesuitas madrugarem o officio divino. A estrela d'alva não transluzia ainda sobre os pináculos negros, quando êles se avizinhavam do altar. Na pureza da antemanhã o padre Nóbrega, acolitado por Anchieta, murmurava as palavras sacramentais: *introibo ad altarem Dei*. Mas não logravam os dois, mesmo assim, refrear a bisbilhotice dos intrusos. Furtivamente, de rastos, introduziam-se alguns no santuário, e havia sempre, voltadas para o crucifixo, esbugalhando os olhos fuscos, mas relampeantes de curiosidade, três ou quatro faces bestiais.

A essas atribulações do sacerdócio vinham juntar-se, agora, escândalos e vexames infligidos à sua castidade. Sob os galhos em flor, nas águas da ribeira, crescia o alvoroço do banho comum, em que mulheres e homens guinchavam, revolvendo-se com hilaridade, no prazer das cócegas, dos arrepios, das mordeduras. Desdobrava-se, além, o quadro natural dos amores selvagens, livremente, na doce alfombra das matas, como entre silvanos e oréadas, ou no leito arenoso da praia, como se aí noivassem tritões e ondinas. Por toda a parte, ouvia-se a linguagem crua e

solta dos índios, que a todo o momento se gabavam de proezas sexuaes, rinchavelhando à maneira de faunos ébrios.

Descia a noite, e os selvícolas de Iperoig não eram menos insidiosos que os demônios da Tebaïda. Atiçando o braseiro, sob o frouxel da rede macia, para que eles não tiritassem com a friagem nocturna, vinham sentar-se aos pés de Anchieta e de Nóbrega, mandadas pelos tamoios, esbeltas moças núas, irmãs ou filhas dos maiorais. Havia nos corpos rorejantes do último banho um frescor de planta orvalhada e cheirosa. Negros olhos aveludados, submissos, lânguidos, procuravam magneticamente o olhar dos hóspedes, que despediam as visitantes, com abstracta gelidez, fazendo o sinal da cruz. Adormecidos entre os rumores da floresta, povoada de corujas e batráquios, êles reviam, acaso, em sonhos maus, a tentação dos eremitas no deserto. Como salamandras, enroscavam-se aos justos, serpeandó, ávidas formas pecadoras. Vinham outras roçar-lhes a face com os seios erectos, os cabelos desnastrados, a respiração ofegante, num silêncio mais perturbador que um segredo voluptuoso. O eflúvio da sua carne impregnava o sono dos velhos anacoretas e dos noviços castos; insinuava-lhes no sangue o veneno de uma lenta carícia, enervante e abrasadora, misto de aroma e fogo. Despertando num grito, os dois santos de Iperoig, com a sua prece, afugentavam os súcubos, filhos do ermo e da noite.

Mas não podiam compreender os tamoios como só Anchieta e Nóbrega repelisses o que todos os homens requestavam. Cabatan, nome de abelha ao sol, voando e luzindo, era melhor que um favo na sua dourada nudez. Bori, nome de palmeira ao vento, inclinava-se para o amor com o sussurro e a graça dos

caules flexíveis. Amaitim, rescendente e saborosa, dava nos seus braços de mulher toda a volúpia da selva pagã, a doida embriaguez dos vinhos fermentados para as tribos em festa. Porque não as desejavam eles, então, como desejariam o mel trescalante dos favos, a umbela de palmas das ocas, a polpa dos frutos sazoados? Eles sorriam, explicavam aos índios o voto de celibato, a força do jejum e do látego contra os impulsos alucinadores como tarântulas secretas, que levam as almas ao inferno. Manuel da Nóbrega, envelhecido aos quarenta e seis anos, teria desvendado as cicatrizes e os ansêios de outra idade, velhos desejos mörto, açoados pela correia disciplinar, estalando na carne macerada. Joseph de Anchieta, moço, teria exibido nos vergões ainda sangrentos das espáduas, lanhadas pelo azorrague, o suplício dos novos desejos, ainda frementes sob o castigo. E apoderou-se dos selvagens, polígamos incontentáveis, uma sorte de temor sagrado ante os dois homens, que venciam o prestígio carnal das mulheres com a flagelação da própria carne (88).

---

(88) ANCHIETA, carta de 8 de janeiro de 1565: "...los Indios haziã nos todo el buen tratamêto possible a su pobreza y baxeza, y porq tiene pr grande honrra quando vão algunos xpianos asus casas darles sus hijas y hermanas para que queden por sus yernos y cunhados, quisierõ nos hazer la misma honrra, offeeciendonos sus hijas, y repetiendolo muchas vezes, mã como le diessemos a Entender q no solamente aquello qu era offensa de Dios, aborreciamos, mas q aun nj eramos casados, ny teniamos mugeres, quedarõ espantados assi ellos com ellas, como eramos tan sufridos j continentes, y teniãmos mucho major credito, y reuerêcia"... "...y sabiendo que no teniamos Mugeres se espanto mucho pregutandonos, ny las deseae, quando veys algunas hermosas. Nos otros pr Repuesta le mostramos las disciplinas, eõ que se domaua la Carne, quando se desmandaua a semejantes deseos malos, hablandole tambien de los ayunos, abstinêcias, y otros remedios..."



### III

**As canoas. Hostilidades iniciais dos tamoios. O Gran-Palma. Torna a Iperoig o navio de José Adorno. Um visitante feroz. Perigos e atribuições. O francês luterano e a sua malícia. Os francêses asselvajados e a sua crueza.**

Desde os fins de abril aos de maio, cada novo dia aumentava o sobressalto dos refens, agora vibrantes de susto, à espreita das canoas, onde navegavam os tamoios, e à idéia da morte provável, desfechada pelos inimigos.

Rápidas, esguias, talhadas no cortex ou escavadas a fogo na medula das arvores mais altas, elas iam e vinham sem cessar, entre Cabo Frio e as rochas de Iperoig, salteando naves portuguezas, núcleos do litoral.

Se o marujo as divisava do cesto da gávea, esparsas, pontuando de negro as ondas tranquilas ou revoltas, era um apelo de guerra o seu aviso à equipagem: tamoios à vista! Os artilheiros corriam para as bombardas com o morrão acceso; enfileiravam-se os combatentes, às pressas, armados de escopetas, durindanas, machadinhas; postas as mãos, ajoelhados, entre a palidez e a agonia das mulheres transidas, os padres oravam pela sorte da nau; reluzia a espada, retinia o grito do capitão no convés. Subitamente, nuvens de flechas caíam sobre o mastaréu, a cordoalha, a amurada, rompendo as velas, ferindo os olhos, sangrando os peitos, a sibilar como os ventos doidos pela enxárcia, de proa à popa, na tempestade. Colubrinhas

e arcabuzes, em sucessivas descargas atroantes, defendiam os galeões d'el-rei contra as canoas da tribo

Mas não conjuravam de uma vez para sempre o risco. Duzentas almadias velozes, quasi intangíveis, rodopiando na crista das vagas por toda essa curva atlântica, desvanecidas umas entre as névoas da amplidão ou entre as rugas da penedia, suspensas e errantes outras, a esmo, sobre os torvelins, espreitavam as náus para a abordagem. Na penumbra dos mares, uma noite, o cardume de lenhos flutuantes arremetia. Presentido, alvejado pelos arcabuzeiros de bordo, metamorfoseava-se num enxame feroz. Com o zunir das flechas ervadas e azoiantes, os seus ferões, com o surdo bater dos remos, as suas antenas, perpassavam as canoas brasileiras, como fespas colossaes, irritadas, aguilhoantes, ora dispersas, ora unidas, picando sempre o mesmo corpo boiante e escuro, que os índios vulneravam a machadadas, por vezes, na própria linha d'água. Pelo dorso do navio, então, marinhavam os assaltantes como símios na brenha, intumescidos os músculos, tensas as cordo-veias, cerrados os dentes. Atalhando-lhes o passo, enfurecida, a tripulação fendia crâneos e ventres, decepava braços e pernas a cutelo, a montante, a machado. Na fúria da abordagem sanguinolenta, homem por homem, arca por arca, entrechocavam-se espaldões e tacapes, foices e chuços; miolos espirravam, branqueando plumas e elmos; tingia-se de rubro o convés trepidante. Sob o fulgor impassível das estrelas, a ira humana bradava, a carne humana gemia. De repente, soava uma buzina misteriosa, e os tamboiros desapareciam como espectros de guerreiros lendários na imensidade.

Aves de rapina e combate, em outra metamorfose instantânea, as canoas voavam com a sua presa, riçando a plumagem dos cocares, dos maracás, dos feixes de setas envenenadas. Que vela ou asa poderia segui-las? Que força empolgante, cindindo o mar, poderia detê-las? Como na sombra da tarde os gaivotões, sumiam-se ao longe, demandando o pouso final, e um círculo de rochedos tenebrosos ocultava a direção do seu vôo.

Eram ousadas, ligeiras, invencíveis. Airosamente dançavam nas borrascas; levemente fugiam aos vendavais, arrastando cada qual, sobre o pélagos, vinte a trinta ou mais guerreiros tamoios. Dir-se-ia que o giro macabro e nocturno era traçado pelas ardências fosforeantes. Se a mareta inundava a carcassa, os remadores, nós e ágeis, nadando como delfins, esgotavam o casco, de novo o impeliam no seu rumo. Se o macaréu despedaçava o barco, de encontro aos penedos, eles ganhavam a nado, risonhamente, o coqueiral da praia vizinha. E outras canoas surdiam, inumeráveis, de todas as angras, todas as brumas, todos os folhos azuis da costa meridional do Brasil (89).

\* \* \* .

Ora as duas primeiras abordaram em 23 de maio a Iperoig, trazendo Pindobussú, vernacula-

---

(89) *Ibd. Ibid.* "...son tan grandes q lleua cada una dellas veinte y 25, y mas personas cõ sus armas y victuallas y algunas mas de 30 y pasan ollas y mares tan brauas que es cosa espantosa y que no se pode creer, ne imaginar sino le quiê love..."  
 "...cõ quasi cien canoas, acometierõ una Náo, y un barco qu veniã per a ca, y pusierõ los entanto aprieto q sino fuerã Las grandes ollas, que hazian, oujerã los detomar, porq ala Náo rompierõ por dos partes cõ hachas Junto alagua..."

mente Gran-Palma, chefe de tribo, e um irmão de Caoquira, o hospedeiro ausente de Nóbrega e de Anchieta. Era o consenhor do tecto dado aos jesuitas.

Nesse mesmo dia, ele ordenou aos padres que lhe esviassem a casa. Anchieta desarmava o oratório, quando chegou à porta um selvagem rancoroso e impulsivo, genro do tamoio recém-vindo. Empunhava com arrogância uma espada: cravando o olhar naquele moço estrangeiro, que sorria candidamente à sua braveza, inquiriu:

— Quem é esse?

— Português, disse-lhe apenas o sogro.

— Aqui, um português! rugiu o outro, e o ódio crescia-lhe na voz, a espada vibrava-lhe na mão.

Entre o ódio e a morte, Anchieta falou com suavidade ao canibal:

— Sou o vosso amigo, vim para estar convosco daqui em diante.

Mas o outro, colérico e soberbo, avançava contra o missionário, bradando:

— Não quero a vossa companhia.

Desvairadas, fuzilavam-lhe agora as pupilas; vinha-lhe à boca espumante uma torrente crespada de injúrias; suspenso da beizola, o tembetá de pedra ressaltava no escachoar dos apodos. Correram da vizinhança os índios, alarmados pelo escarcéu. A voz tonitruante e o gesto senhoril do Gran-Palma intimidaram o bruto.

Pindobussú era um amigo novo dos jesuitas, aos quais só estranhava que não amassem a carne das índias. Revelaram-lhe os dois missionários, então, como sofriam e como sangravam, ora mordidos pelo azorrague, ora descarnados pelos jejuns, combatendo a volúpia; descreveram-lhe os tormentos do fogo eter-

no com que Deus castiga os luxuriosos; entreabriram-lhe a porta da Bemaventurança, lugar de resplendores e delícias, fruido só pelos justos. O cacique, maravilhado, seguia-os através dos círculos infernais e da glória celeste, bebia com sofreguidão a verdade católica.

Durante a mudança do santuário, fôra perversamente escondida a sineta, que todas as manhãs ressoava, chamando os piás à doutrina, como um apeio sonoro do Evangelho. Nova atribulação para os dois apóstolos, enredados nessa artimanha, insuperável sem os bons officios do chefe da tribo. Com effeito, ninguem dava notícias da campana, diabolicamente sonogada. Mas o Gran-Palma, de casa em casa, tudo esquadrinhando, ameaçava os ocultadores com as suas razões trovejantes. Ou êles restituiriam a campã aos missionários, grandes pagés dos cristãos, ou seriam todos aniquilados sob a própria maldade. Se os feiticeiros da selva já eram temíveis, lançando o fumo através dos maracás, predizendo a morte aos valentes, quanto mais os padres enraivecidos! O seu poder não tardaria em castigos sobre os índios, se o objecto sagrado não reaparecesse, e os castigos seriam caimbras de sangue, febres arrepiantes e convulsas, dores atrozes de cabeça, enfermidades pavorosas. Amedrontado, o ocultador veio trazer a sineta. Fôra o mesmo selvagem hostile, que os desalojara da cabana. E outra vez a campã de bronze, ecoando por monte e vale, reuniu as crianças em torno de Jesus.

Inopinadamente, em 27 de maio, uma flotilha de dez canoas varou a barra: logo depois, chegava o navio do capitão José Adorno, que interrompera a viagem, avisado de novos perigos naquelas alturas. Vinha na flotilha um principal, Aimbiré, carrancudo ini-

migo dos portugueses e sogro de corsário francês, determinado a matar e comer os dois refens católicos. Mas o próprio genro, comandante de quatro canoas, que se destinavam ao Rio, defrontara na sua rota com o barco de José Adorno: como não fosse português o capitão, demonstrou-lhê amizade, fê-lo retroceder, mandando recados ao sogro, Aimbiré, para que não turbasse vorazmente a paz iniciada. Ele mesmo incumbiu-se de levar aos franceses do Rio as cartas escritas pelo mareante e fidalgo genovês.

Entretanto, como a flotilha abicasse a Iperoig, o principal foi ter com Anchieta e Nóbrega, cujos melhores amigos, errando pelas matas, os haviam deixado quasi sós, indefesos naquela plaga. Aimbiré era um índio de catadura sinistra, ossudo e gigantesco. lendariamente perverso. Dêle se contava nos arredores que, traído por uma das suas vinte concubinas, enlaçara a infiel num tronco, e à ponta de espada lhe fendera o corpo, desde o peito ao pubis. Lançara depois ao fogo a mulher desventrada...

Anchieta e Nóbrega saudaram, acolheram com humildade o visitante feroz, cercado pelo seu bando de feras, entre as quais um francês luterano. Todo êle, porém, no diálogo que se travou acerca da paz, era incredulidade, securra, malevolência. Sombreava-lhe a face empedernida uma tristeza mais densa que o nimbo das montanhas de Iperoig. Envolto na longa camisa, sentado á rede, ouvia os missionários de Cristo, meneando o arco e as flechas, Suspeitava das boas intenções coloniais de S. Vicente, não esquecia os males, que aos índios haviam feito os *perós*. De um navio português fugira êle próprio, arrastando cadeias, e à lembrança do seu cativoiro no mar, da sua fuga intépida, arregaçava as mangas da camisa, brau-

dindo as flechas aguçadas. Por milagre, nesse terrífico instante, alguns passageiros do navio de José Adorno, índios confederados, vieram noticiar-lhe as pazes firmadas entre o genro e o capitão. Menos torvo e mais triste, amortalhado como um fantasma na longa camisa, o principal dos tamoios retirou-se, prometendo voltar no dia seguinte.

Ora o dia seguinte, os outros dias foram de trevas e angústias para as almas cristãs nesse degredo. Tentaram os selvicolas, primeiro, exterminar de golpe os vicentinos, ocupando o navio e atraindo à terra o capitão, mas um pressentimento de Anchieta, que o reteve a bordo, enquanto não saíram daí os tamoios, evitou a cilada. Depois, na conferência da paz brasileira, entre os emissários cristãos e os guerreiros munidos de arcos e setas, adagas e punhais, o maioral truculento, vestindo um saio negro, com uma espada na mão, quizera abater e devorar o comandante genovês, supondo que fosse de origem portuguesa. Anchieta ouviu-lhe a pergunta em lingua tupi-guarani — “Português é esse?” Rapidamente avisou o capitão. Solicitado por José Adorno, o francês lutera no, companheiro do índio taciturno, desfêz-lhe o equívoco, domou o bruto, que exigia agora, carranqueando, a entrega dos caciques aldeados e doutrinados em S. Vicente, para uma grande festa canibalesca, se os perós desejavam reconciliar-se com os tamoios. Apoiado pelo Gran-Palma, respondeu-lhe o genovês que iria consultar as autoridades portuguesas sobre o caso. E velejou finalmente para Bertioga, levando instruções pessoais de Nóbrega e de Anchieta por escrito (90). Os dois apóstolos rogavam aos colonos, de joc-

---

(90) *Ibd. Ibid.*: “Tornado-me agora al proposito começado el Capitan Joseph adorno libie de tã grande Angustia, la q nos

lhos, que não aceitassem a proposta do canibal, preferindo mil vezes perder a vida, entre aqueles rochedos, a sacrificar por ela um fio de cabelo indígena.

Com agudeza, instinto malicioso de raça, o francês herético ainda torturava os jesuítas, narrando as atribulações, que haviam experimentado na França Antártica doze frades, possivelmente da Ordem de S. Bernardo, entre os habitantes calvinistas. Odiados em Guanabara, por dizerem missa, eles procuravam a benevolência do gentio, ensinando-lhe as crianças, mas andavam famintos, com o burel poido, sandálias rotas, mendigando pelas tabas. Em dia de maior fome, desconhecendo o veneno da mandioca, neutralizável por maceração, extrairam do humus, assaram nas brasas alguns tubérculos, sofregamente devorados. O epílogo desse repasto foi uma tremenda intoxicação para os bernardistas. Outra vez, no amanho da roça, o fogo de uma queimada propagou-se-lhes às choças, reduziu tudo a cinzas. Esfomeados e desiludidos, sem pouso, sem altar, os doze servos de Deus reembarcaram. Por um tamoio esperto, soube depois Anchieta que haviam todos morrido — alguns trucidados em viagem, outros chegando à França. E os calvinistas, o francês luterano, os infieis de Guanabara ainda estavam a rir, gostosamente, daquela triste aventura fradesca.

Para maior vexame da Santa Madre Igreja Romana, esses diabos franceses imergiam no mundo selvagem como no próprio elemento. Despenhados da

---

aujla dado major affliction q Lañra propria, se Embarco alqual diximos, y assy lo escriuiemos (assim o escrevemos) a los Regidores destas Villas q en Ninguna man<sup>ra</sup> se diesse nosolo alguno de los Indios iñocentes ñros amigos, mas aun, nj alguno delos Culpados acomer, aunq a nos otros nos Custasse Lavida...”



civilização, incorporavam-se ás tribos com espontaneidade fraternal. Quasi nós, cingindo apenas um leve calção, bebendo os mesmos vinhos tropicais dos indios, cantando no giro monótono das mesma danças, eram apelidados **mairs**, os ruivos, sócios naturais de orgias e guerras primitivas. Folgavam ou combatiam á maneira ornamental dos aborígenes, sob largas plumas versicolores, encoberta a alvura da raça pela tinta, que os avermelhava ou enegrecia. Conforme o ritual das carnificinas, em que se haviam familiarizado com o manejo da ibiracema, quebrando a cabeça aos prisioneiros, tomavam o nome á vítima, e dentre os apetites bravios só não tinham o da carne humana. Mestres do gentio no uso das armas brancas e das armas de fogo, incitavam-no contra o portuguez, abalado pela sua revolta. No campo da visão ortodoxa de Manuel da Nóbrega, do próprio Joseph de Anchieta, esses demônios calvinistas rondavam como inimigos astutos e cruentos, mais perigosos, que era um dever católico exterminar ou expelir com a graça de Deus e a ira dós justos.

## IV

**Anchieta e Nóbrega escapam ás flechas dos tamoios. O Grão-Mar. Socorro imprevisto. Cunchambebe.**

À volta da floresta, os amigos selvagens de Nóbrega e de Anchieta deploraram, com eles, os perigos e traições, que haviam de repente sobrevindo na sua ausência. Deslumbrados, porque de tanta maldade viam incólumes os dois, atribuíram-lhes cada vez mais um poder sobrenatural, divinatório. Aluno idoso dos padres, quase devoto, o Gran-Palma inquiria os sagrados mistérios, olhava as imagens da Bíblia com espanto, queixava-se das lições fatigantes para um velho cacique. E tornava sempre ás mesmas perguntas infundáveis, ao desejo de ouvir e saber.

Mas a nove de julho, véspera de Corpus Christi, debuxava-se o quadro anterior: no ermo da aldeia vagueavam os padres, sózinhos á beira-mar. E uma canoa reponta, esguia, balouçada nos longes nevoentots pela onda turva.

O coração pressago dos jesuitas adivinhou nesse barco a iminência de outros perigos. Cautelosamente, decidiram eles transpor a ribeira e montanha próxima, acolher-se à taba do Gran-Palma, leal discípulo, enquanto não saltavam da canoa os índios ameaçadores. Na praia deserta, porém, alquebrado pela doença, por todas as provações do exílio, mal podia correr o velho Nóbrega ao lado de Anchieta, moço e ágil. Tropegamente, ainda assim, e ofegando na sua lividez, semi-

morto, chegou até á ribeira, que se alargava naquele extremo arenoso da praia, ligada por ela ao monte, em cujo vértice reinava o Gran-Palma. Urgia vadear a corrente, mesmo com água pela cintura, antes que saíssem os índios da canoa, já embicada em terra. O perigo não dava tempo a Nóbrega para tirar as botas, despír as calças, que lhe envolviam as chagas supurantes e malignas de ambas as pernas, sob a roupeta. Levantando-o às costas, num supremo esforço de músculos débeis, o companheiro tentou a façanha herculea de S. Cristovão. Mas o peso mínimo do santo, quase uma pena sutil para ombros de atleta, esmagava a sua fragilidade. Já lhe era aflitiva a respiração, já lhe doíam as costelas amolgadas e enfermas. De chofre, em meio da ribeira, trambulharam os dois, encharcados, a tiritar. Nessa desolação, alcançando a margem oposta, meteram-se pela breuha, galgaram o morro. Às pressas, num recanto frondoso, Manuel da Nóbrega despiu-se, entrouxou a roupeta, as calças, as botas, e seguiu pela escarpa do monte, em fraldas, arrimando-se penosamente ao bordão, através dos espinhos, com o vestuário gotejante às costas. Imperativa, ao lado, a voz de Anchieta segredava: "Correi, padre, correi, que aí vem os matadores". Da ribeira subiam já os gritos dos índios, o seu clamor e tropel, como na perseguição de escravos em fuga. Era tarde para chegar antes deles á aldeia de Pindobussú. Instintivamente, brancos de terro, os dois jesuitas acharam na espessura da mata um esconderijo, donde ouviram o galopar de trinta adolescentes, ferozes e nus, que lhes vinham no encalço. Com uma espada tão nua quanto os selvagens, a reluzir, passou o chefe da horda, Paranábussu, o Grão-Mar, filho do Gran-Palma. Havia jurado matar os pa-

dres a cutiladas. Trémulos de susto, os fugitivos saíram da moita, retrilharam a escarpa, na mesma ascensão para o martírio, ajudado Nóbrega por um índio, forte peão da montanha, que a promessa de boa paga seduzira.

Entrando na aldeia, exaustos, souberam com infinito horror que estava ausente o Gran-Palma. Ocul-tos em uma das choças, a medo, haviam começado a rezar o ofício da véspera, quando assomaram à porta os guerreiros. Findas as orações, um deles veio sentar-se à rede, taciturno, empunhando a espada. Era talvez aquele o verdugo, a remirar de soslaio os dois eclesiásticos. Por traz dos índios aglomerados, surgiu a cabeça de Paranábussu, maligno e curioso, loquaz, arreganhando os dentes. Nada fez contra os religiosos, entretanto, depois de muito inquirir, muito arengar. E à saída teria mais ou menos dito, por outras palavras:

— Vim para matar os padres, mas a sua presença me desarmou. Falando-lhes, senti o coração enfraquecer, não pude ferí-los. Agora, de todos os que venham contra eles, nenhum há de matar esses homens.

Na linguagem do filho, o Grão-Mar, transpareciam os mesmos sentimentos do pai, o Gran-Palma.

Em tudo isso os religiosos viam a misericórdia celeste. De regresso, os índios amigos, mas descuidados, que andavam a caçar na selva, lastimaram de novo a sua imprevidência, o infortúnio do velho Nóbrega, a correr e cair pelas veredas, entre os espinhos. Alta noite, cortando vagas e trevas borrascosas, uma canoa ainda não rematada veio buscar os jesuitas, oferecer-lhes a oca inviolável de outro cacique tamoio. Soturnamente, à proa, negrejava a figura de Cunhambebe...

\* \* \*

Seria esse o gigante do mundo selvagem? André Thevet, na sua *Cosmografia*, universalizou Cunhambebe, dando-lhe os traços colossais de um símbolo americano, temível como os sombrios deuses aztecas. Recortou-lhe o vulto disforme e sanguinário em claro-escuro de lenda; pôs-lhe aos ombros massiços, como se fossem reparos de artilheria, dois falcões vasados em bronze, que ali mesmo troavam, fumegantes...

Chefe de todos os chefes tamoios, aliados para a vingança, ele reinava sobre as gentes brasilicas, desde Cabo Frio a Bertioga; exércitos, flotilhas, os arcos da confederação inquebrantável, pelejando sem treguas, obedeciam ritmicamente a esse morubixaba de torvas feições, largos e rudes membros, possantes armas, em cuja feroz catadura havia a singular tristeza dos monstros.

Padrão e glória do canibalismo, a trovejar no denso crepúsculo da raça, ele costumava dizer com arogância, meneando o tacape, que havia saboreado em festins retumbantes e sanguinolentos quase dez mil prisioneiros. Sob uma pele raiada e retinta, nos seus ócios, tinha bocejos de onça estirada ao sol, fajando em volta a carnagem. Hans Staden, o preso alemão de Bertioga, lançado pelos índios aos pés do cacique, foi encontrá-lo diante de um alguidar, cheio de carne humana. Em colunata erigida funebremente pela sua vitória, assinalavam-lhe a porta do antro doze postes, onde sangravam, espetadas como trofeus, doze cabeças de inimigos. Remoendo, estracinhando uma perna de homem, o carnívoro dos matagais rugia, deleitado: "Como é bom! Sou uma onça."

O eco dos seus bramidos regelava as almas, que sentiam a penumbra da caverna, o frêmito da voragem, o ímpeto do jaguar nesse horrendo filho da terra

misteriosa. Para alguns o nome soturno — *Cunhambebe* — significava o *homem que fala baixo*. Nome de fauna lendário, no conceito de outros, exprimia um vago destino de avejão — *mulher que voa*, signo errante da Morte. Convulsionando os ares a guerra ou escurecendo-os a noite, voava o tremendo poder com asas inumeráveis, flechas sibilantes e emplumadas, sobre o casario dos brancos, as fortalezas d'el-rei, o velame côncavo das naus, a quietação das galés adormecidas no fundeadouro. Vencia o morubixaba truculento. E a vaidade inflava-lhe o peito bronzeo, acendia-lhe os olhos turvos, se lhe gabava as façanhas um homem de pele branca.

Saboreando a lisonja, nesses momentos, Cunhambebe passeava diante dos guerreiros, trômbudo e féro, devagar, como se ostentasse a mais rica das açoiabas (91). Outras vezes, erguido entre caveiras amontoadas na vizinhança da taba, imóvel sob o lavor das joias bárbaras — os pingentes, o botoque e o vasto colar de búzios rematado em caramujo, — era como um ídolo selvagem, pompeando no livor de um ossuário para o culto das tribos. Havia em sua aldeia seis canhões, arrebatados a duas caravelas, e as insígnias de um cavaleiro de Cristo, devorado pelos canibais.

Tal seria o companheiro de Nóbrega e de Anchieta, o mesmo que depois conduziu a Bertioiga o poeta da Virgem, como supõe um dos nossos historiadores (92). Mas para outro não era esse o amigo dos jesuitas: em 1564 já não existia o grande Cunhambebe,

(91) Açoiaba — manto feito de penas.

(92) ROCHA POMBO, *Historia do Brasil*, 1.<sup>a</sup> ed., vol. III, pag. 391: "Pois bem, é este mesmo outrora indômito animal, este monstro abominável que vai, manso e ufano, conduzir Anchieta a S. Vicente!"

terror dos colonos, dos piratas, dos íncolas, com as suas proporções fabulosas, os seus apetites descomuns, e duas peças de artilheria nos ombros, assentadas contra os portuguezes. Logo depois da chegada de Villegagnon, a peste vencera o gigante (93).

---

(93) CAPISTRANO DE ABREU — *Notas á Historia Geral do Brasil de VARNHAGEN*: “Ha mais de um Cunhambebe: o de que fala Anchieta, quando descreve seus trabalhos em Iperoig, nada tem com o de Thevet: este morreu de peste, logo depois da chegada de Villegagnon. — HEULHARD, *Villegagnon, roi d’Amerique*, 144. Tinha em sua aldeia seis canhões tomados a duas caravelas e a vestimenta e a cruz de um cavaleiro de Cristo, que com muito fundamento Rio Branco julga pertencentes a Rui Pinto, *Le Brésil en 1889*, 142, Paris 1889”.

## V

**Na aldeia do grande chefe. Antropofagia.  
Nóbrega volta a S. Vicente. Promessa de An-  
chieta á Nossa Senhora. O poema da Virgem.**

Com alvoroço e estrépito foram acolhidos os missionários na aldeia do grande chefe, que lhes mandara construir, ao centro do terreiro, um pequeno santuário. Da redondeza afluíram os índios, aos quais dissera Cunhambebe, mostrando-lhes os dois visitantes:

— Não lhes toqueis. Se me aborrecerdes, farei convosco, amigos, o mesmo que fiz a um dos vossos.

E ordenara que lhe trouxessem a canela do morto, destinada ao sopro dos guerreiros, como flauta, nas marchas triunfais. Ao vê-la, dois sagitários gulosos bradaram, empolgando o osso ainda não ressecado:

— Se o mataste e comeste, vamos também comê-lo.

Pediram, então, farinha ás mulheres, e ambos roeram a tibia mal descarnada, por longo tempo, com avidez canina.

Tudo acabou em demonstrações pueris e cordiais. Sobressaltados viviam os dois jesuitas nesses lugares de bruta animalidade, não obstante a sua magreza diáfana e o poder selvagem de Cunhambebe. Matava-se aí o semelhante, mesmo sem apetite, para aquisição de outro nome, por desafronta ou por defastio. Nenhuma penalidade refreava os matadores impacientes. Quando muito, o sacrificio dos padres custaria



ao verdugo tamoio uma palavra condenatória do bando: Ruim! Só a mão de Deus tornara inviolável, entre a flama dos incendios e o tropel das guerrilhas, a existência de Nóbrega e de Anchieta.

Decorreram assim oito dias. Os flecheiros, que tinham ido em canoa a Bertioga, na esteira de José Adorno, maquinando hostilidades, voltavam amigos dos colonos, trazendo um rebanho de tupis. Desde o primeiro momento, a linguagem dos refens, mandados ao seu encontro pelo capitão da fortaleza, dissipara neles a lusofobia original. Haviam sido cordatos, renunciando á entrega dos indios abrigados em S. Vicente. Os cristãos haviam festejado, por sua vez, a moderação exemplar do gentio. E á última hora, sublevando-se os tupis de Itanhaem, na fronteira, para matar os refens tamoios, quebrar ferozmente as pazes entabuladas, os portuguezes deram aos novos amigos uma boa presa com que se regaliassem. Lançadas ao mar pelo desejo de outras vitimas, outras dádivas, todas as canoas recém-vindas de Guanabara, hoje onze, amanhã dez, voavam celeremente a Bertioga. Os dois apóstolos viam o canibalismo dessas pazes com evangêlica tristeza, quando surgiu à distância, em 20 de junho, luzindo ao sol nas águas claras, um bergantim airoso e veleiro, que os ia buscar. Estava finda a missão. Desconfiadamente, porém, não concordaram os tamoios no regresso de ambos: iria só o mais velho, ficando o mais novo como refem.

Banhado em lágrimas, á despedida, Nóbrega queria partilhar até ao fim a sorte de Anchieta, viver ou morrer com ele ás mãos do gentio, mas o outro, imperturbável, com os olhos desanuviados de pranto rogava ao superior que se fosse, deixando-lhe a bênção.

Nóbrega partiu sózinho para S. Vicente. Anchieta voltou à sua cabana, prisioneiro dos tamoios de Iperoig.

\* \* \*

Então, como lhe pesasse no espírito o isolamento, e ardesse crepitante o desejo, soprado por um dos três inimigos da alma, a carne, Anchieta prometeu à Nossa Senhora, em meio de tentações desnudas e bravias, narrar-lhe a vida num poema, se lhe fosse dado vencê-las. Com os objectos do culto, ele trouxera alguns livros religiosos, posto que os biógrafos, notadamente Pero Roiz e Simão de Vasconcelos, hajam dito o contrário do que afirma o próprio jesuita, relatando os sucessos de Iperoig (94). Papel, tinta, pena. Tudo isso o capitão José Adorno possuía a bordo. Teria ele deixado material não só para as cartas anchiéticas aos Regedores de S. Vicente, mas ainda para um esboço menemônico do poema de Iperoig, uma sinopse que fosse o itinerário a seguir depois da promessa de Anchieta.

Ou era mesmo impossível ao poeta, naquele âmbito de rochas, como supõem os biógrafos, a notação dos versos melodiosos? Se lhe brotavam sonoros dísticos da alma criadora e musical, orficamente, não

---

(94) ANCHIETA, carta de 8 de janeiro de 1565: "...y dexando yo los libros eõ algunas cozillas en la caixa, como eñprenda de mª tornada y dexando la lloue a una Muger de pindobuçu, q no me queria menos q ahijo, me viue al lugar de Cunhambeba..." De cartas escritas a bordo, sobre a paz luso-tamoia, aos franceses moradores no Rio, por José Adorno, fala o próprio Anchieta nessa mesma epístola. E' inquestionável também, como se vê da nota 90, que ele e o seu companheiro Nóbrega escreveram cartas em Iperoig aos vicentinos,

podia Orfeu, sem buril, gravá-los no tronco das pedras ou na face dos penedos. Nasceriam, acaso, instantâneos e vãos como os efémeros? Onde o artifício, que os retivesse, a materia, que os preservasse? Concebido no ermo, idealizado em versos latinos e elegíacos, hexâmetros e pentâmetros, que se ajustam aos moldes ovidianos, o poema da Virgem, para sobreviver ao instante genésico e fugaz, não teria senão a prodigiosa memória de Anchieta. E a lenda sobrepujou as demais conjecturas. Lendariamente, como papel destinado ao poeta, branquejava a areia molhada pelas ondas, batida pelos ventos (95).

Junto do mar, um dia, com o ramo de arbusto lendário, traçou Anchieta na fímbria espumante e arenosa o verso inicial do poema:

*Eloquar? an sileam, sanctissima Mater Jesu?*

Falar ou emudecer? Vacilava. Se a hiperdulia era o seu culto e a fé inspirava o seu canto, ele temia proferir o nome da Senhora, eternamente puro, brilhando sobre a impureza da lingua humana. Conviariam louvores profanos á excelsa beatitude, clausurada no seio do Omnipotente? Que fazer, pávido coração, lingua encadeada pelo temor? Confiar-se à piedade maternal da Senhora, cuja força levanta as almas inertes, acumula os bens paradisiacos. Se o não tocasse a flama do céu e voz não tivesse a musa para louvar Maria, é que o seu coração invicto, adusto coração, vencera a própria rijeza do silex, do ferro, do bronze, do inquebrantável diamante. Mas não o sustentava contra o pecado, a effigie tutelar da Virgem-

(95) SIMÃO DE VASCONCELOS, *Vida do F. P. Joseph de Anchieta*, livro II, cap. VII. - ...“compunha os versos, e logo virando-os á prain, fazia dela branco papel...”

Mãe? Que ela fosse, pois, com o filho adorável nos braços, o seu amor indivisível:

Tu mihi cum chara sis unica Prole voluptas,  
Tu desiderium cordis, amorque mei.

Rematado assim o prelúdio, Anchieta desdobra os motivos do primeiro canto — *De Conceptione Virginis Mariae*. A concepção radiosa de Maria antecede o levantar dos órbes, a moldagem da terra, porque fôra já concebido na inteligência eterna o seu vulto, predestinado o seu ventre a remir o pecado original. Perfeita e dileta, como um antidoto ao veneno da serpente, que ela esmagaria sob o calcanhar, fôra prometida a segunda mulher, glória da virgindade, reflorescendo á luz das manhãs edénicas, turvadas pelo crime de Eva, a mulher primitiva e pecadora.

Femineo expavit versutus nomine serpens,  
Cujus capta fuit femina prima dolis.

Anunciada aos eleitos, aos profetas, que lhe adinham nos céus a claridade, na música das vozes celestes a doçura, nasce Maria á flor do primeiro canto. É a aurora divina e humana da redenção, alegrando todo o firmamento. Rejubilam a terra e o mar. Exulta o Criador. Só entristece o orco insaciável, quando jaz no seu pélago a noite milenaria. Um sol novo desponta; raia uma estrela virgem.

Devotamente, aos pés de Maria, o justo revê o tesouro, que é a sua esperança em Deus; ansiosamente, o pecador confessa a ignomínia, espera em lágrimas ter purificado nas chamas de outro desejo o próprio coração, atraído, enfim, pelo santuário, pelos votos do sacerdócio.

E através do poema desabotoa a infância da Virgem-Mãe, propícia às lagrimas dos pecadores contri-

tos, acorrentados ao seu degredo. Pequenina, entra no santuário como serva. Fiando a seda e a lã, tecendo veus e mantos, colorindo alfaias, incrusta rubis e sardónicas nas mitras, como o poeta no labor das estrofes; com a mesma diligencia traz o alimento aos pobres. Desce atarefada aos serviços humildes, e varre os aposentos, nutre as irmãs, lava-lhes os pratos, compõe-lhes as camas, trata as enfermas, graciosamente faz nesse convívio tudo quanto fazia Anchieta aos irmãos no Colegio. Humildade e castidade glorificam-lhe a presença aos olhos de Deus.

Servo dos homens, o futuro sacerdote ainda retoma em seus versos o peso das culpas humanas, arrasta-se como pecador imaginário sobre a virgindade perdida, os destroços morais de tantas gerações impenitentes. Mas da confissão por todos nós, em que lhe transparece a mocidade inquieta sob os ardores tropicais, se reergue santificado, imitando a Rainha Universal, que o místico exalça na serie dos louvores alfabeticamente ordenados.

\* \* \*

Em litania, sucedem-se agora os versos iterativos: — como turíbulos de ouro, acesos para a Madona, trescalam os dísticos, vaporando incenso. Todo o fulgor nominal da Senhora, ampliado pelo celebrante em vocativos de ladainha, constela a ordem alfabetica, reproduzindo o esmero torturante das composições abecedárias de Sedulius. Uma após outra, desfilam as imagens, rutilam as iniciais, desde *Arbor*, frutificando em estrelas, até *Virga*, açoitado das macerações eclesiásticas, vara flexível com que se retalham, sob a qual se retorcem os penitentes... Doloroso canto do homem vergastado pelo seu misticismo! Rainha e lá-

tego dos céus, *Virgo* e *Virga*, fundem-se para ele na mesma invocação terrível. Não se traduzem esses gemidos, esses brados, essas convulsões de anacoreta aos pés da grande *Mater* flageladora. Quando muito, a sua interpretação poderia dizer com alguma fidelidade:

— Vergonhea, que expeles o demonio da casa mal possuida, brandamente castigas, docemente afagas os que te amam. Vara piedosa, lacera-me noite e dia as espadas. E'um deleite sofrer das tuas mãos o castigo, ó Virgem! Látego, não me poupes! Açoitame pelo que devo, cai! Sangrando, aligeiram-se as culpas. Não temo findar sob a pena, que nos revitalisa. Só tu, vergonhea, podes cair, sarando as nossas feridas: só tu, caindo, saras o nosso mal. Com os teus golpes renasce mais pura a vida já extinta.

\* \* \*

Vencido o terror da morte, com ele o demónio da carne, Anchieta compunha na grande paz luminosa das altitudes os seus versos latinos. Esvoaçava-lhe aos ombros nesses instantes, conforme a lenda, uma avezinha multicolor. Distico por distico, até à assunção da Virgem, seria metrificado o poemã entre os bárbaros.

E é sempre na mesma incandescência, na mesma exaltação, que o poeta de Nossa-Senhora lhe segue, como já foi escrito, os passos da vida e os passos da morte, ascendendo com ela à sua glória. Os diálogos do anjo e da Virgem, o misterioso noivado espiritual, o nascimento feliz e a prece ao recém-nascido, a oferenda simbólica dos magos, a purificação, a fuga para

o Egito, o regresso da familia sagrada a Israel, Jesus no templo aos doze anos, a humanidade sangrenta da mãe e do filho no drama do Calvário, todo o seu esplendor na ressurreição, o transportè de Maria á bemaventurança e o triunfo em que ella sobrepaira aos coros angelicais, harmoniosamente, constituem a acção poética, numa reflorescencia inesgotável das origens cristãs.

Entremeados a esses cânticos, mais de uma vez, perpassam os louvores místicos ao vulto de Maria, os louvores candentes ao nome de Jesus. Na discordância das almas e do Criador, porém, subitamente irrompe um clangor de offensiva. E os dardos sibilantes, os anatemas relampeiam sobre os nomes de Helvidio e Calvino, deflagrações do ódio religioso contra os que negam a virgindade perpétua de Nossa Senhora.

Helvidio, o heresiarca, discípulo ariano de Auxencio, o **livido**, o **pérfido** Helvidius, combatido no século IV por S. Jeronimo, é fustigado novamente por Anchieta, como por açoitos um ladrador. Em contraste á doçura evangélica, reponta a violéncia do temperamento espanhol com os seus doestos: monstro, sujo animal, cobra venenosa, lingua malvada, cão.

O austero Calvino, teólogo, jurisconsulto e humanista, cuja sobriedade foi tão rígida quanto a sua doutrina, passa através da poesia anchietana como um ébrio cambaleante, um sátiro calvo e tonto, que saísse do banho das ninfas para a escola de Genebra. Na cólera do santo explodia a mesma intolerância com que o seu inimigo lançava os anti-calvinistas ao exílio, á tortura, á morte pelo fogo. Era o século da Saint-Barthelemy, da Inquisição e dos autos de fé, entre os católicos, mas também o da Rochela, do tribunal de Genebra e do curso de Jacques Sore, entre os reformis-

tas. Nada esclarece melhor semelhantes conflitos da alma religiosa que a sátira de Anchieta sobre a intemperança e a concupiscência de Calvino, jejuador sectário:

— Calvino, trocaste a glória de Cristo pela insânia de Baco, e é esse o nume da tua linguagem, o teu amor. Calvino, trocaste a pureza de Maria pela impudícia de Venus, e é para essa que vives, e nessa é que tens a tua mestra, ainda mais, a tua lei, ainda mais, a tua deusa. São idolos próprios do nome e da mente de tal criatura, erguidos no recesso do teu coração. Deuses imutaveis, omnipresentes, Baco inspira a tua lingua; Venus impera sobre a tua vida. Porque o nome te revela os costumes: para tal vida, tais obras. Soando-me aos ouvidos, o nome de Calvino faz-me pensar nos vinhos que têm a cor de Venus. Escalda-te o vinho, e ao seu calor inflama-se a tua luxúria, de sorte que expeles, abrasado nessa dupla chama, a torpeza do ser pela boca vinolenta. Amanhece, entardece ou anoitece, e te revolves sempre no esterquilínio, porco imundissimo, execrável. No mesmo lodo, como desejás, rebolcam-se outros javardos da mesma espécie. Calcas a pérola divina, porco, e ofendes o recato da Virgem. Assim o fazes para que outrem não guarde no exemplo dela os preceitos de uma vida casta, não te condene os vícios. Encharcado de vinho, delirando, é natural que vociferes, Calvino temulento. O vinho desenfrea-te a lingua escandescida; mau grado o teu querer, não poderias falar de outro modo. Ao lembrar o teu nome, a depravação dos teus hábitos, a imagem da tua sordidez, revejo tantas figuras abomináveis quantos os vícios gerados nesse coração infecto. Calvino, tens o nome da cal e do vinho, o duplo nome da vida que levas. Alvadio á maneira da cal, rebri-



lhante de falsa piedade, iludes o vulgo com a tua aparente candidez. Mas o furor do vinho, em que todo mergulhas, baforando, patenteia a ignomínia oculta nesse abjecto ser. E agora sei porque te convém o nome de Calvino, calvo, desornado entre os mais de espirito e de fé.

Mas a colera passa, verberante... Como os lírios aos pés de Maria, desabotoam os — *Laudes Virginis ordine alphabetico*; emana dos colóquios e dos rogos finais um aroma votivo de caçoila e santuário. Enfim, transluzem no epílogo a minúcia, a delicadeza e a arte preciosa de vetustas joias: primeiro, a dedicatória do poema — *Dedicatio operis*; depois, as imaculadas horas marianas; por último, a linda e breve *Recommendatio* de Anchieta à Virgem Mãe, que lhe convertera os pensamentos voluptuosos em ritmos sacros, lhe conservara intacta a pureza do corpo e da alma (96).

Has preces fundo tibi, Virgo Mater,  
 Que cares, naevo speciosa tota,  
 Ut mihi intacto tribuas pudicam  
 Corpore mentem  
 Amem.

Todo esse improvisado dos longos passeios de Ipe-roig, na solidão arenosa da praia, seria depois repolido e rematado por Anchieta, com apuro beneditino, desde o ofertório à encomendação, no colégio de S. Vicente. Ainda em esboço, dera-lhe uma certeza de absoluta invulnerabilidade aos golpes dos tamoios. Por vezes, se o encontravam diante do mar, no enlevo das

---

(96) O poema em louvor de N. Senhora foi transcrito na *Fida do P. Anchieta* e na *Crónica da Companhia*, por Simão de Vasconcelos.

manhãs ou das tardes luminosas, diziam-lhe os canibais:

— Farta-te de ver o sol, porque em breve te haremos de matar e comer.

Brandamente, porém, ele respondia aos antropófagos:

— Não me haveis de matar; ainda não chegou a minha hora.

O indefinível sentimento do próprio destino, criador de beleza, afirmava-lhe que não morreria sem deixar concluído e lapidado o seu poema.

## VI

**Marabá. O filho de Anchieta. Baptismo dos inocentes. Demónios do mar. Gesto sublime de Anchieta. Um paladino cristão entre os selvagens.**

Certa manhã, no oratório da aldeia de Iperoig, estando a rezar matinas, Anchieta ouviu um rumor de terra escavada, ligeiros passos, vozes feminis. Tranquilamente, supondo que fossem índias ocupadas em labores de cerâmica, perto, continuo a folhear, a meditar o breviário. Meia hora depois, vindo ao encontro do religioso uma delas, perguntou-lhe Anchieta a causa desse ruido. Com a simplicidade, a espontaneidade jovial dos seres primitivos, respondeu-lhe a índia que havia dado á luz, momentos antes, uma bela criança e que a sogra lhe enterrara o filho, ainda vivo, conforme a lei da tribo.

No seu imenso espanto, porque não ouvira um ai, um queixume, e Eva multiplicada sem dor, entre os palmares do Eden brasileiro, zombava da sentença bíblica, soube Anchieta que essa mulher, duas vezes casada, trouxera já do primeiro conúbio a gravidez. Ora o produto de mulher bínuba, assim concebido, vinha fadado á sepultura imediata, por acreditarem os índios que se mesclavam nele os germes de dois homens. Dessa confusão, para a tribo, nascia um *piá* ou *guri* sem vigor de seiva e de fibra, — *marabá*, — repugnante pelas suas origens. Era dever da mãe, nesses casos, enterrar com alegria o recém-nado.

Transido o coração, turvado o semblante, ouvindo tais coisas, singulares e desumanas, o jesuita pensava: “Mais um inocente morto sem baptismo, presa de Satanaz!” Correu para a água, molhou um pano, saiu em direcção á cova. Sofregamente revolvida, a terra fresca e fofa entreabriu-se, deixando ver o mais lindo rosto daquele mundo sinistro, um irmão pequenino e trigueiro dos anjos que circundam na igreja, loiros e nús, a assunção da Madona (97). O anhelito sutil revelava uma vida bruxoleante. De joelhos, inclinando-se para a formosa criança desnuda, Anchieta baptizou-a. Salvava-lhe a alma, vencera o demónio. E já se reerguia, sem esperança maior, quando ouviu a uma das índias, boçalmente agachadas em torno, que muitas dessas crianças viviam no âmago da terra um dia inteiro. Pressuroso, novamente ajoelhou á beira da cova para tomar nos braços o menino sepulto, lembrando, talvez, a filha de Jairo, ressuscitada pelo Divino Mestre. Acorreram nisso outras mulheres, precipitou-se com elas um índio cabriolante e feroz, alçada a tangapema, querendo ali mesmo, aos gritos e saltos, esmigalhar o recém-nascido.

Joseph implorou, deteve o braço violento, nodoso como um tronco:

— Não o mates. Esse menino será meu filho.

Deixaram ao santo o filho adoptivo. Mas nenhuma das mulheres tocou o leve corpo desenterrado, palpitante á impressão luminosa do amanhecer. Nenhuma quis lavá-lo e nutrí-lo, apesar de todas as súplicas. Estalavam risadas curtas, pipocas de fogueira selvagem; irrompiam facécias malignas:

---

(97) ANCHIETA, carta de 8 de janeiro de 1565. “... Ya-cabãdo de nacer della un niño muy hermoso; vna vieja su suegra lo entero bivu...”

— O padre já tem filho. Olha o filho do padre.

Era uma alusão á castidade invencível de Anchieta, que sorria ao escárneo. Maternalmente, como se o amor evangélico, esplendendo acima da morte e enfeixando a vida universal, compreendesse todos os amores sagrados, o próprio amor de mãe, ele pousou nos joelhos o menino, limpou-lhe a face manchada de terra sepulcral, os olhitos entrefechados, o débil corpo moreno. Afiada a lanceta, ia cortar-lhe o um bigo rente, mas uma das velhas bruxas acudiu a tempo de evitar o desastre, guiou-lhe a mão inesperta. E o filho adoptivo de Anchieta, vestido e beijado por ele com o mesmo carinho maternal, foi entregue ás aias da corte de Cunhambebe.

Durante quatro semanas, aleitado pelas índias, o minúsculo ser floriu, iluminou a tristeza em que mergulhara Joseph, depois da partida de Manuel da Nóbrega. Por vezes, remirando o menino, ele cuidava lobrigrar-lhe nas feições angelicais, oprobrio da selvageria, enlevada surpresa da alma cristã, o arrebol de outra humanidade menos crua. Havia beleza e doçura nessa imagem, arrancada pelas mãos benfeitoras ao ventre da terra. E apoderava-se dele, flagelador da própria carne, sofredor longamente endurecido no jejum, na penitência, no trabalho, nas mortificações, uma ternura de mãe, sonhando os mais belos sonhos junto ao berço do filho. Retomava nos braços o seu menino, adormecia-o, talvez, á cadência de alguma velha canção indígena ou peninsular, deitava-o sobre palmas viçosas, entre flores agrestes. E as donas do terreiro, índias cacarejantes, aprendiam na escola de Anchieta a delicadeza dos gestos maternais.

Bruscamente, porém, sob a ameaça dos feiticeiros ou o peso da tradição, essas nutrizes robustas ne-

garam ao menino a esmola do seu leite. Desolado, via-o Joseph de Anchieta fenecer, extinguir-se num choro de fome lacerante. Em volta do oratório, a abundância da terra e do mar, plenitude soberba; dentro, a vida inocente e faminta, agonizando. 'O apelo do santo não comovia as índias, que amamentavam ao lado as suas pequenas feras. Uma a uma, iam e vinham, bronzeas, rijas, moças, com o leite a encher os úberes densos. E além desse, extravasante, mas intangível, só havia o leite das onças prenhes nas matas e nas furnas.

Morreu de fome, assim, condenado pelas mães da tribo á inanição, o mais gentil dos seus filhos — o filho espiritual de Anchieta. Sem lágrimas, retendo no coração uma onda tormentosa de piedade, o santo restituiu esse lindo corpo á terra insaciável. Escreveria depois que o anjo fora bem avisado, transmigrando para o céu, em vez de permanecer no degredo inhumano das tribos. A mais adorável Senhora, entre os perfumes da rosa candida, não lhe negaria, certamente, o leite da sua ternura celeste, a comunhão da sua bendita graça...

Então, a idéia católica de Anchieta era principalmente baptizar as crianças moribundas, arrancá-las em pleno abismo ás garras do diabo. Com esse desígnio religioso assistia ao parto de quasi todas as índias da aldeia. Com esse pensamento lustral baptizara certa vez uma recém-nascida, a expirar, toda rubra do sangue da maternidade, não despegada sequer das paredes. Intimamente, ao partir, o missionario sentiu deixá-la viva, entre as fúrias daquele inferno, mas pouco depois rejubilava, á notícia da sua morte. O apóstolo preferia que as almas dos inocentes, por ele baptizadas, voassem desde logo ao Paraíso.



Dias amargos, penosos dias sucederam ao exílio de Anchieta, com atribuições e ameaças, evangelicamente sofridas... O seu ementário negreja, sob duas terríveis datas: 1.º de julho — chegam cinco canoas do Rio: 6 de julho — chegam as de S. Vicente, e do Rio mais dez. Que trazem esses lenhos arrojados pelo vento a Iperoig, um após outro? Bandos de matadores, vozes de inimigos, o embuste ou a cólera do gentio.

Na primeira flotilha haviam embarcado os piores demónios da selva. Tais foram os visitantes de Anchieta, exactamente quando a Igreja celebra a Visitação de Nossa Senhora — 2 de julho. Eram grotescos e ferozes, vinolentos e palradores; desamavam a paz; queriam tactear os objectos enfardelados por Antonio, companheiro de Anchieta, subtrai-los ao resgate da mulher e da prole. Cercavam o jesuita, a correr e grulhar como pernaltos ruidosos; depois, cada qual vinha dizer-lhe monotonamente, infundavelmente, as origens, os nomes, as façanhas; imóvel, bem segura a flecha na corda retesa do arco, esperando o sinal combinado, um sagitário visava o apóstolo. De repente, em debandada, iam-se todos aos pulos, aos gritos, na explosão da loquela infernal. Sossegavam os arredores no âmbito de ouro e cinza da tarde, que lentamente desçia. Ao anoitecer, porém, voltavam os índios com as mesmas assuadas, bafo-rando vinho, chocalhando facécias ou escárneos, e havia entre eles os consoladores, que tinham palavras untuosas para Anchieta e o companheiro, afagando-lhes a cabeça: “Não vos assusteis, não havemos de comer os nossos amigos. Podeis engordar sem cuidados...”

Assim escorria a linguagem dos consoladores, meliflua, desmentida pelo arreganhar dos dentes luzidios. E alta noite, como Anchieta erguesse os olhos no intervalo das preces, viu á porta um guerreiro sombrio, tendo na dextra a espada nua. Viu que passava e repassava, junto a ele, devagar e em silêncio. Joseph encomendou-se a Deus, pressentindo e abençoando a morte. Nisso, alguém chamou lá fóra o verdugo, que ainda uma vez se deteve, a espiar o santo genuflexo, mas afinal saiu para as trevas, cabisbaixo, com o ferro desnudo na mão espessa.

A mentira e o pavor desorientavam a segunda flotilha, composta de onze canoas, que haviam tomado o rumo de Bertioiga, em junho, antes da escuna de Nóbrega. Um escravo fugido aos colonos, em S. Vicente, apregoara entre os refens e hospedes tamoios que os brancos desejavam concentrá-los aí com os principais, nomeadamente Pindobussú e Cunhambebe, para aniquilar todos eles sob o mesmo golpe. Dizia mais que um flecheiro da hoste de Caoquira, ausente desde muito, fora trucidado por Domingos Braga, português, e entregue depois á gula dos tupis. Houve pânico entre os guerreiros tamoios, acampados em S. Vicente, á espera de bonança, que lhes permitisse cair sobre os tupis vorazes, com alegria e reforço dos colonos. Reembarcaram de chofre nas onze canoas, arrastando Cunhambebe, e só em Bertioiga é que ele descobriu a mentira ignóbil, experimentou a vergonha da fuga, trovejantemente disse aos companheiros amedrontados:

— Cunhambebe não foge. Torna daqui a S. Vicente, só, para morrer.

Fugiram os outros, porém, aturdidos no balanço das canoas, acurvados sobre a pá dos remos, deman-



dando Iperoig. Mal chegaram esses, o grande Caquirá foi ter com Anchieta:

— Ó padre, exclamava o índio, — aqui estão os guerreiros fugitivos, ameaçados de morte pelos teus! Para isso é que mandaste a S. Vicente os chefes tamoios...

Anchieta protestou a sua lealdade, a sua veracidade. Perante Deus e perante os homens nunca mentira. Se os vicentinos, de feito, quisessem atraiçoar os tamoios, ele pagaria com a vida essa traição. Replicou-lhe o selvagem que não falasse de morte, pois vinha defendê-lo, como viriam mais tarde Cunhambebe e Pindobussú.

Nessa mesma data chegou a Iperoig nova esquadilha, a terceira, conduzida pela vingança. Um companheiro do principal sucumbira em guerra contra os vicentinos e urgia a desafronta. Como os tripulantes, que enchiam dez canoas, maldizendo a paz, reclamassem de Anchieta os índios mansos, agregados ao colégio de S. Vicente, o apóstolo bradou, erecto e impávido:

— Nenhum deles será entregue aos tamoios. Aqui estou ás vossas ordens. Se me quereis tragar, fazei-o, mas no sacrifício dos nossos não hei de consentir.

O heroísmo vibrava, espantando os selvagens, no acento da voz dominadora. A horda recuou, intimidada por esse verbo, lampejo de força psíquica. Mas recrudesceram as hostilidades, apenas dissimuladas. Rondavam-lhe o pouso cada noite. A' sua passagem, havia semblantes carrancudos, olhares dardejantes, palavras más. Propunham alguns que se levasse a guerra com estrondo aos **perós** de S. Vicente. Menos belicosos, outros não queriam senão a morte de Anchieta e do seu companheiro ou o espulho da fazenda amontoada num

recanto da choça. Venturosamente, como se o trouxesse a mão invisível de Deus, chegou á aldeia, em breve, o flecheiro da hoste de Caoquira, imolado por Domingos Braga e devorado pelos tupis, segundo a versão mentirosa do escravo. O medo tiranizara-lhe a alma, desde o primeiro contacto dos brancos, e ele havia corrido sempre, ora através das matas, ora ao longo das praias, durante um mês, fugindo como louco a um espectro imaginário. Nessa evidência da mentira forjada pelo escravo, subitamente, Anchieta recuperou a vassalagem de algumas feras amigas.

Pindobussú, o Gran-Palma, regressava de Bertiooga a Iperoig, mais que nunca devotado ao jêsuita. A insolência dos tamoios de Guanabara, que os outros desejariam ver longe, no interesse da paz, não deixava o apóstolo em sossego. Veiu-lhes o chefe ao encontro, certo dia, com o seu espadagão de pau e a sua voz reboante. Bateu os pés, bateu as mãos, em som de guerra, e assim falou aos tamoios:

— Pindobussú não quer tumultos na sua aldeia. Se haveis de o ajudar contra inimigos, quando ele faz pazes com os brancos, andais a pedir cabeças de cristãos! Mas o braço de Pindobussú é forte. Avançai.

Ninguém avançou. Os tamoios de Guanabara emudeciam, acobardados. Ao estrépito das palmas e dos gritos de Pindobussú, vinham dos arredores os selvagens, correndo, para gozar o duelo, que supunham travado. Sob o valor do chefe, a sua durindana de pau, encolhiam-se os mais arrogantes. Ele abaixou o espadagão, teve um gesto de soberbo desdém, e accendendo ao principal da hoste, amigo seu, confidenciou-lhe á parte sobre Anchieta:

— É ele que trata das coisas do Pai Tupan, o verdadeiro mestre dos cristãos. Ou terá o nosso respeito ou serenos destruídos pela ira de Tupan,

A fé ingénua de Pindobussú, attribuindo ao missionário tanto poder, vínculos sobrenaturais, criava a lenda miraculosa de Anchieta no Brasil nascente. Supunha o Gran-Palma com inabalável firmeza, depois de ser doutrinado pelo jesuita, que a existência deste envolvia a da tribo, que os índios pereceriam fatalmente, um por um, se o molestassem. Anchieta não lhe explicava de outra forma a dedicação paternal. Idoso, mas robusto, amando a longevidade, o Gran-Palma dizia constantemente ao apóstolo:

— Filho Joseph, não tenhas medo. Ainda que os brancos lhe matassem os parentes, longe, Pindobussú havia de ser contrário á tua morte. Falas verdade ao cacique dos tamoios, e a vingança dele seria nos teus, não em ti, pelos danos feitos á gente da sua taba. Vês como Pindobussú te defende, ouves o que diz a sua boca, em teu favor, aos principais de canoas e aldeias. Reza por ele a Tupan, consegue para ele uma vida bem longa e farta.

## VII

**Sacrifício de um tupi. Anchieta em face da Morte. Anchieta em face de Deus, através dos sonhos. Expansão da lenda nos rochedos de Iperoig. Prodígios da caridade anchietana. Um prisioneiro indomável. Novas desventuras de Antonio, companheiro de Anchieta. O seu regresso a Bertioga.**

Nesse ergástulo cingido pelas montanhas, pelo oceano, restava sómente ao irmão Anchieta a solidária tristeza de um companheiro, Antonio, o malaventurado.

Ouviram os dois na sua cabana, um dia, o clamor vinolento dos índios, que pretendiam matar ao companheiro de Joseph um escravo tupi. Interrogado pelo jesuita, simulara espanto e dúvida o principal defensor dos hospedes, Caoquira: ninguém ousaria transpor o limiar da choça inviolável para matar o escravo. Não obstante, os selvagens cantavam, ébrios de vinho e ódio, batendo os pés, brandindo os arcos. As suas melopéias ressoaram, cadenciadas pelo quebrar das ondas, até á hora do sol posto. Lugubremente, a escuridade envolveu as penedias, e ao cair da noite; em algazarra, um bando feroz invadiu o rancho. Fêmeas alucinadas como fúrias gritavam: "mata! mata!" Outras pediam aos guerreiros, cingindo-lhes os braços musculosos, as pernas robustas, vermelhejantes da tatuagem: "Não o mateis, que os nossos maridos e filhos pagarão pelo escravo em Bertioga!" Anchieta quis interpôr-se, falar, mas dois

índios leais o dissuadiram com o seu aviso: era a Morte o que ele provocava, tão assanhados vinham os tamoiós. De rojo, bestialmente, o escravo foi levado para o terreiro, entre golpes e urros. Aí estava já um tupi, condenado a igual sorte. Duas vezes, surdamente, ouviu-se o baque fulminante da tangapema, estilhaçando os crâneos. Miosos extravasaram das membranas rotas; dos corpos mutilados escorreu o adipe; a sangueira empoçou... Rodopiavam mulheres, cantando, em vertiginosa coreia. Bailadeiras nuas e trágicas vinham cravar lentamente as facas de madeira, aguçadas como punhais, no róseo das vísceras esparsas. Outras besuntavam os dedos, retalhando os cadáveres; iam depois lambusar mascarrões e bocarras, através da turba, com alarido carnavalesco. Uma delas, vampírica, esbraseados os olhos de loba pela sede nocturna, inclinou-se para um dos mortos como para uma fonte, encharcou as mãos no sangue derramado, lambeu-as com avidez.

Terminado o festim, e antes de raiar o dia, propalaram as índias alojadas perto da óca de Joseph, enfurecidas contra os matadores, que não tardaria a vingança dos brancos. Funesta linguagem! Mal relampeou o boato, armou-se de novo a tempestade. Era mais uma razão, segundo a lógica dos selvagens, para devorar também Anchieta, a quem muito custou despersuadí-los, apoucando os horrores da noite bárbara. Nada importava aos cólonos a morte de um escravo, dizia ele, sorridente, ainda que a dor lhe apertasse e enegrecesse o coração (98). Serenaram com essas palavras os canibais.

---

(98) *Ibd. Ibd.*: "...nos fue necesario hablar en particular cõ los principales Autores daquela muerte, y dizirles que nose

Lucidamente, porém, compreendeu Anchieta que a Morte, caçadora sinistra, lhe andava no rastro, dia e noite, por florestas e despenhadeiros. A dissimulação, a hipocrisia, a maldade obliqua dos tamoios precipitariam o instante supremo. Todo o áspero mundo circunvisinho com arvoredos e penedias, o mar bramindo em torno, a fereza dos homens, desvanecia-se para Anchieta nos longes da sua espiritualidade como um floco de panna. À idéia do julgamento divino, ele concentrava nas orações todas as energias do ser, pedia á infinita misericórdia, ansiosamente, que lhe perdoasse os erros e desobediências de outrora por aquela submissão aos desígnios do alto. Nas longas horas de prece, quando em lágrimas vinham as sílabas ardentes, requeimando-lhe a alma, desejava a morte com sofreguidão. Os pensamentos iam-lhe para o céu, desatando-se da terra como asas impacientes; a vitalidade em flor queria exalar o último eflúvio num ocaso de sangue. Revoltada, afligia-se a carne moça; o terror do aniquilamento, aos trinta anos, crispava-lhe os nervos doloridos, as fibras latejantes. Era a vida terrena, ciosa do seu império, da sua forma, prendendo-se a novas raízes, abrolhando novos desejos. Mas a oração borbulhava em pranto, a alma escudada na fé vencida a carne, e outra vez, sobrepairante ao medo, tocada pela graça, contemplava das alturas, num resplendor, toda a poeira humana.



Ele conheceu a tortura silenciosa da fome, a dor cruciante de novas enfermidades, os calafrios e an-

---

Curassen de palabras de Mugerres, que los urós no aujan de hazer caso dela muerte de un esclauo, etc...”

gústias do medo, a onnipotência da mentira, incubada por velhas e feiticeiros, sobre o espírito daquela gente crédula, **tão sutil no inventar e fácil no crer** todo o gênero de atoardas ou imposturas.

Passaram dias, semanas, e a longa ausência de Cunhambebe e dos seus arcos preocupava os guerreiros inertes, as mulheres saudosas. Te-los-iam comido os tupis de Itanhaem? Te-los-iam matado os cristãos de S. Vicente? Algum deles escaparia sem dúvida á carnificina para trazer notícias. Mas não vinha o fugitivo das brenhas ou das águas circundantes, evocado pelo desejo dos tamoios, que se acotovelavam derredor de Anchieta, oráculo das selvas, perguntando com impaciência o que Deus lhe havia dito sobre a demora de Cunhambebe, o seu destino, o ardil mais engenhoso para acabar de vez com os inimigos. Em nome do próprio Cunhambebe, o Gran-Palma insistia para que ele alcançasse de Deus o extermínio dos tupis. E uma noite, porque o não houvesse encontrado na choça, indagou do companheiro de Joseph:

— Onde está o padre? Já dorme?

O outro sorriu, apenas murmurou:

— Quem o vê dormir? Ele passa toda a noite falando com Deus. Só adormece ao vir da madrugada:

— E ainda não te disse o que sucedeu a Cunhambebe? Não perguntaste?

— Perguntei, mas o padre oculta o que sabe, e até hoje nada quis dizer-me.

Esse mistério e essa linguagem fortaleciam nos tamoios a certeza de comunicações divinas, feitas em sonho a Anchieta. Foi-lhe necessário dizer que não acreditava nem deviam acreditar na magia nocturna dos sonhos. Bem tratados pelos vicentinos eram os seus irmãos, como veriam em breve. E sabendo que o

padre Nóbrega, generoso para eles, quando inimigos, não traiçoeira de certo a nova amizade, em S. Vicente, retiravam-se as índios satisfeitos com a palavra do oráculo.

A ilusão da clarividência de Anchieta era manifestada nos próprios casos domésticos. Veiu um índio confessar-lhe que, por suspeita de infidelidade, acutilara em vão uma das mulheres, vergando a ponta da espada, ao primeiro golpe. Como Deus não tinha segredos para Anchieta, o selvagem queria fazer-lhe duas perguntas: “Era ela culpada ou inocente? Devia matá-la ou não?”. Com inefável doçura, lembrando o perdão suavíssimo de Jesus á mulher adúltera, só respondeu Anchieta á última pergunta:

— Deus proíbe matá-la. Se o fizesses, não te perdoaria.

O tamoio saiu desanuviado, contente. Ao procurar o missionário, bem sabia como Deus já lhe dissera tudo.

Essa intimidade nocturna do jesuita e do sobrenatural, começo da sua lenda, em Piratininga, era omnimodamente aproveitada pelos índios. Um prisioneiro fugira, e o Gran-Palma rogava ao mestre que falasse a Deus, para o extraviar nos caminhos da selva, o restituir aos tamoios de Iperoig. Contra o feroz desejo, pedia Anchieta nas suas orações o livramento do índio, condenado á morte pelos antropófagos, mas aconteceu que o fugitivo, sem coragem diante de brenhas tão cerradas, fraguedos tão ásperos, na imensidade hóstil daquela região, voltara espontaneamente ao cativo. E os tamoios bradavam, jubilosos:

— O abaré falou a Tupan, não dormiu toda a noite. Assim fez voltar o inimigo para ser de novo amarrado e comido.



Entre os mais confiantes nessa virtude secreta, havia certo indio, a quem uma velha feiticeira desviava das armadilhas a caça, porque lhe negara o caçador, egoisticamente, um quinhão na sua presa. Depois disso, nada mais tinha caçado, rastejando em vão pelas moitas. Ave ou bicho da selva, nada podia oferecer ao irmão Anchieta, que o visitava. Espirito claro e forte na sua crença, detestando a selvageria e a superstição, o jesuita verberou a fraqueza do indio:

— Até quando haveis de acreditar, pobres homens, no engano dos vossos feiticeiros, como se eles tivessem algum poder sobre as coisas do céu e da terra? Ouve-me bem, caçador infeliz! Poderoso é somente Deus. Crê nas minhas palavras e ele te dará outra vez uma rica presa nas matas de Iperoig.

— Tanto melhor! gritou o indio, visado pelo sortilégio. Faze com que Deus mande para os meus laços toda a caça dos montes, e haverá um banquete.

Foram armados de novo os mondéus, colhidas pelo selvagem duas capivaras, entre as ervas densas. Anchieta e o companheiro, que andavam penosamente em jejum, desde muitos dias, tiveram no banquete uma boa porção de farinha, alguns pedaços de carne. O prestígio do santo miraculoso assoberbava a feitiçaria diabólica da tribo.

Esse renome de oráculo e taumaturgo desabrochava a seu pesar, contra a sua modéstia. Nunca se arrogou Joseph de Anchieta semelhante poder, teve sempre naqueles dias a explicação natural do bom senso e da fé cristã, limpidamente, para todos os successos de Iperoig. Crendo na força interior e suprema da oração, nunca se exhibiu o missionário, entretanto, como adivinho, mago, confidente ou eleito de Deus. Formou-se a lenda carregada de milagres, ilu-

soriamente, a despeito da sua palavra singela e verídica.

Toda a consciência de Anchieta resplandecia em doutrina e caridade. O médico dos selvagens não repousava, administrando infusões e drásticos, fazendo sangrias e curativos. Diplomado só pela experiência, no curso doloroso e universitário dos males de cada ser, de cada dia, tinha por laboratório a floresta, e uma lanceta como instrumental cirúrgico.

Foi com essa lanceta que ele operou a mão inturgescida e corrupta, meio gangrenada, ao seu inimigo mais perverso, um tamoio do Rio, cujo sonho era matá-lo. A inflamação alastrara, deformando-lhe o braço, atingindo-lhe o ombro, e tão repelentes vinham as úlceras que todos fugiam dele, abandonado como um lázaro á dor e á fome. Só Anchieta e o companheiro, Antônio, velavam o enfermo repugnante. Não querendo os índios alimentá-lo, nem ao menos buscar-lhe nas matas um pouco de mel, bom para tais feridas, Anchieta rasgou a própria camisa, fez-lhe compressas de azeite. Depois, recalçando nas vísceras o grito e o anseio da fome, deu-lhe o escasso alimento do seu degredo, tirado á própria boca. Porque a doença manietara infectamente o selvagem, era nutrido; agora, pela mão carinhosa de Anchieta, como se fôra uma criança no regaço da aia. E o santo ainda tentou iniciá-lo no Evangelho, mas o bruto, apenas curado, partiu com a mesma bruteza e o mesmo rancor.

Para a vida ou para a morte, resistiam assim os tamoios e tupis, muita vez, á influência da caridade evangélica. Desafiando perigos, certo dia, Anchieta desceu o monte para baptizar no terreiro de outra aldeia um índio valoroso, predestinado a morrer sob o

tacape. A gota d'água do baptismo, porém, não logrou insinuar-se religiosamente naquela vontade, impermeável como um bloco de aço.

— Não quero ser cristão, dizia o selvícola com arrogância, porque não morrem como valentes os que vós baptizais, e eu prefiro a morte dos bravos.

Quatro jovens tamoios, atando-o solidamente pela cintura, distenderam-lhe as cordas, em pleno terreiro, lugar do sacrificio. Ele rugiu e pulou, à maneira de um belo tigre acossado. Contraindo o peitoral de bronze massiço, reerguendo a cabeça firme e ampla, com todo o orgulho dos avós guerreiros a lampear-lhe nos olhos, assanhava a tribo vingadora, ufanava-se de ter devorado, só ele, o pai deste, o irmão daquele, o filho daquele outro. Era um demónio em festa na sua flama, parecendo abrasado pela recordação e pelo contentamento de tantos malefícios. Chispavam-lhe as pupilas; saiam-lhe as palavras certeiras e agudas como flechas mortais. A sua alegria de matador, condenado á morte, vinha toda em labéus, em chufas, em risos á cara dos inimigos, e tão arrogante, que os outros não esperaram, sequer, a presença do algoz, sob o manto de penas rutilas, com a ibiracema enfeitada de cascas de ovos multicores. Na impaciência furiosa da vingança derribaram o atleta, com estridor de assovios, palmas, gritos, a pedradas e cutiladas. Raivosamente, deceparam-lhe a cabeça, que ainda conservaria na boca exangue o mesmo rictus de força inexorável.

\* \* \*

Antônio, o homem que perdera mulher e filhos, rebanhos e servos, adoeceu gravemente, para que tudo lhe fosse arrancado, em tudo lhe fosse dada a

sorte de Job. Era aquele, sem dúvida, o perfeito exemplar cristão da alma sem ventura. Não bastando os males, cuja sombra lhe havia feito o deserto na vida, enoitecendo-a, redobravam agora inquietações e dissabores.

Curada por Anchieta a doença, irrompera contra o homem desafortunado, insolitamente, a aversão dos selvagens, que não prezavam nem temiam senão o jesuita. Negavam-lhe comida, por maldade, nos próprios dias fartos, exigiam-lhe rosários, foices, machados, todo o resgate da família cativa, empobrecendo-o cada vez mais, alegando que não tinham pelos seus mortos indemnização alguma dos colonos de S. Vicente.

Um azar misterioso, imutável como as leis naturais, era o fadário de Antônio, o signo das suas horas, e até o Gran-Palma, tão amigo de Anchieta, não lhe estimava o companheiro, ainda menos o protegia. Sentindo-lhe a vida ameaçada, e estando já disposto a sacrificar-se por ele, Joseph disse ao Gran-Palma:

— Esse homem, que aí vês, é construtor das igrejas de Deus. É pedreiro. Se o molestarem, ficará o Senhor tão irado, como se o mal fosse feito a mim mesmo. Fala por ele aos teus. Defende-o.

Então, o Gran-Palma começou a tratá-lo com benevolência, proibindo aos tamoios que lhe fendessem, como desejavam, a cabeça malaventurada.

Não cessava, porém, a desolação de Anchieta, quase estarecido em face daquela animalidade obscena e perversa. Dia e noite, sob o mesmo tecto, sob os olhos do casto irmão Joseph, enevoados pela tristeza, rolava a insânia das orgias bramantes. Quebrava-se a linha dos corpos vigorosos e nús em flexões grotescas ou macabras; rebolcavam-se homens e mulheres ~~A~~ embriaguez do *cauim* ou no espasmo do

coito; e vozes, gestos, movimentos, olhares tudo exprimia não só a loucura, mas também a degradação de seres humanos, convertidos em bestas por um deus maligno. Ferido no seu pudor, na sua idealidade, Anchieta saía para o ermo da noite pluviosa, abrigava-se ao pé de uma arvore espectral, fustigado pelo vento, coberto de lágrimas pela oscilação dos ramos desfolhados. Exposto ao flagelo da ventania, ao relento ou á geadá, por vezes á fúria diluvial dos águaceiros. encharcado e trêmulo, o jesuita quedava-se longas horas, enquanto bramava o cio feroz dos indios. Mas a friagem nocturna, outras vezes, trespassando-lhe os ossos, reconduzia-o glacialmente ao fogo da taba, onde a sua castidade revia o mesmo delírio animal, tripudiante. E os bebedores não lhe perdoavam esse horror de místico á depravação dos costumes, ao desenfreamento dos instintos, mirando-o já de soslaio, rancorosos.

Felizmente, em 14 de agosto, vespera da Assunção de Nossa Senhora, chegou o principal Cunhambebe, trazendo mais um tupi enlaçado na praia de Itanhaem. Exultantes com a nova presa de guerra, os indios viam agora em Joseph o emissario dos cristãos de S. Vicente, amigos favoráveis á captura dos seus inimigos. Cunhambebe trazia, além do prisioneiro, noticia da reconciliação dos indios mansos, aldeados entre os portuguezes, e reunidos por influência de Nóbrega, primeiro na igreja de Itanhaem, depois na de Piratininga. Contentes, mas inflexíveis, os tamoios aparelharam as canoas para tornar a S. Vicente, na esperança de novas presas, que lhe seriam fáceis nessa campanha, aliados aos vicentinos.

Propício era o momento, cuidava Anchieta, ao regresso do companheiro sofredor. Ainda uma vez,

porém, negrejou-lhe a má sorte: antes do embarque, despedaçara-se á vista de Iperoig a canoa utilizada para transporte da fazenda, que ele trouxera em vão. Foi necessário aguardar um barco á vela, durante quatro ou cinco dias; foi preciso que Anchieta dominasse as hesitações do Gran-Palma e de outros chefes, o sussurro das mulheres desconfiadas, vendo partir um refém dos tamoios, quando os maridos estavam ainda em poder dos colonos de S. Vicente.

Antônio partiu, afinal, com a sua desdita e uma parcela do seu resgate em cinco de setembro. Não podiam ser mais deploráveis as condições do navio. pouco depois, levando Job a bordo. Vento contrário, leme partido. Os mantimentos rareavam; os tripulantes indígenas queriam voltar ao porto de Iperoig. Como tivessem desembarcado em uma ilha, de passagem, o colono prometeu-lhes bom vento em nome de Deus; sózinho, consertou o leme avariado, encomendou-se á Nossa Senhora da Conceição, e á meia-noite fez um apelo aos índios, que dormiam sob o arvoredor: "Naveguemos com a brisa de terra!" Lentamente navegaram, mas no dia seguinte, em meio da viagem, foram surpreendidos pela calmaria. Nem um sopro na vela murcha! Que fazer, ainda tão longe da terra, sem água, sem comida? Esquife boiante, quase imóvel na onda plumbea, mal flutuava o navio de Job... Sem vacilar na sua fé, Antônio mandou içar o pano ao topo do mastro. Deus o enfunaria. E a vela subiu, logo o vento soprou, rijamente, á popa da escuna, cessando apenas em Bertiooga, que era o final da viagem. Outra vez na terra de Hus, sem mulher, sem filhos, Job desesperançado continuou a viver, entre as mesmas ruínas, para o seu luto infundável.

## VIII

**Conclusão da paz. Anchieta obtem de Cunhambebe a sua liberdade. Rixa de mulheres. Um oratório em chamas. O regresso do santo na canoa de Cunhambebe. Salva-se a colônia. Tristeza de Anchieta.**

Só, entre os penedos de Iperoig, vendo concluída a paz de que fora emissário, Anchieta sentiu o desejo primitivo da liberdade, a ânsia de rever os irmãos, principalmente o velho Nóbrega, que por ele definhava, longe, e estivera quase a morrer, oprimido pela incerteza amarga do seu destino. Falou a Cunhambebe:

— Estão feitas as pazes, como sabes, e prometeste ao padre Nóbrega levar-me depois disso. Podemos ir?

O morubixaba tergiversou. Com efeito, havia tomado esse compromisso, mas devia consultar os moços da aldeia, vinte moços astutos e bravos, antes de uma resposta definitiva. Embora tremenda, a sua autoridade procurava na guerra ou na paz a solidariedade, manifestada pelas vozes da tribo. Sem maior insistência, abandonando-se á vontade de Deus para o livramento ou o cativeiro, Anchieta desceu o monte, pousou na aldeia do Gran-Palma, onde aguardaria a decisão dos índios.

Não tardou a resposta favorável de Cunhambebe. Pressurosamente, o jesuita fechou os seus livros, algumas ninharias mais na maleta, deu a chave á mulher do Gran-Palma, que lhe votava um amor in-

trépido, quase maternal, e seguiu escoteiro, pela montanha, ao encontro do morubixaba.

A ressaca do mar de Iperoig, estrondeando nas praias, sob névoas que tudo abafavam, tudo escureciam, ainda lhe deteve por oito dias a esperança fortemente, encadeada aos rochedos. Mais angustiosa se fez a expectativa, para Joseph, com a divergência das mulheres, o debate acerca da viagem, por umas aplaudida, por outras condenada.

— Levai-o, diziam as primeiras. Levai o abaré convosco, antes que venham os tamoios ruins de Guanabara e lhe quebrem a cabeça.

— Não, clamavam as segundas, não o leveis ainda... Quando não o tivermos sob as mãos, para o matar e comer, se os *perós* nos atraçoarem, veremos fuzilados por eles os nossos maridos.

O ódio retinia em cada grito, chamejava em cada olhar. Nuas, esguedelhadas, ferozes, não podendo imolar o santo, como desejariam, as tamoias lançaram fogo ao oratório da aldeia do Gran-Palma. Repuxando-lhes os cabelos doidamente, clamavam nesse tumulto as devotas de Anchieta:

— Queimai a oca dos abarés, a casa onde falavam com Deus, e haveis de morrer desgraçadas.

Assim o destino de Orfeu melodioso, despedaçado pelas mulheres na Tracia, roçava mais uma vez a sotaina de Anchieta. Como o perfeito amante, repelira Joseph o amor lascivo, trazendo no coração uma só imagem; como o poeta apolíneo, fora quase espostejado pela fúria selvagem das bacantes, que ele desdenhara, sob a idealisaçãO do amor celeste. E a sua cabeça órfica, dilacerada a argila humana, rolaria igualmente na onda perene, de uma a outra idade,



murmurando em versos latinos, através do poema composto á Virgem, o nome da sua Euridice cristã, cheia de graça e de glória.

Finalmente, no dia em que as almas católicas memoram a exaltação da Santa Cruz, partiu uma grande canoa, talhada para vinte homens, levando Joseph, que prometera voltar, brevemente, em busca da sua maleta.

O demónio, pai da mentira, ainda quis impedir-lhe a viagem na primeira escala, a vila dos Porcos, onde a tripulação de um barco do Rio, gente refalsada e maliciosa, aconselhou Cunhambebe a voltar, calunian-do os portugueses.

— “Acabam de matar um dos nossos em Piratininga — diziam os noveleiros, — e agora mesmo fugimos aos bertioгуenses, que nos perseguiram a fogo de arcabuz.”

Imperturbável, porém, alçando o remo, á guisa de clava, respondeu Cunhambebe:

— Os cristãos de Bertioга e de Piratininga são bons. Se vos trataram assim, fostes vós os provocadores.

E no dia seguinte, ao compasso dos remos, desprendeuse da ilha a canoa, fez-se de novo ao largo. Foram, então, quarenta e oito horas de travessia por mares encapelados. Ao dobrar de um cabo, veio a tormenta, empolando serras, castelos de água, sobre os quais rodopiava o lenho dos índios. Joseph nunca sentira a iminência da morte como nesse transe, ainda que òs remadores o encorajassem com o seu destemor, prometendo salvá-lo a nado, se a canoa fosse emborcada pela tempestade, e vogando através dos mares a toda a força. Devotamente, confiante só no poder das alturas inacessíveis ao escarceu, Anchieta rezava. Cu-

nhambebe, o antropófago, ia dizendo á prôa, conquistado já pela fé:

— Padre Nosso, que estais no céu, Senhor Deus, amansai o mar.

Continuavam as águas embravecidas e espadanantes, mas a canôa passou, incólume, por onde não passaria um grande navio sem grande risco. Da terra próxima, a que foram ter inundados, reembarcaram os tamoios, vinte e quatro horas depois, em direção a Bertioga. Ladeado por dois ou três peões, Anchieta preferiu seguir entre os cômoros da terra firme, trilhar cansadamente a areia mole da praia, com o rosto a escorrer água do mar pelo caminho, sal nos cabelos gotejantes, á boca um amargor de naufrágio, arrasando o peso das vestes encharcadas, sofrendo o jorro diluviano em que se desfaziam sobre os campos, de chofre, nuvens largas e plúmbeas. Vencida meia légua, chegou exausto á vila, súbito alvoroçada com a presença do missionário, que todos imaginavam perdido. O seu regresso era quase uma ressurreição.

Entre as boas vindas, porém, nevoava-se a luz do olhar de Anchieta. Núncio da paz, com o seu heroísmo salvara a colônia, prestes a ser destruída pela confederação dos tamoios: poeta da Virgem, trazia mais de cinco mil versos latinos, desabotoando em segredo, como lírios intactos, na penumbra de um jardim espiritual. Ao serviço da fé cristã e do nome português, haviam triunfado o sentimento, a vontade e a inteligência. Mas o irmão de Loiola sofria, intimamente, porque Deus não lhe concedera a glória de verter o sangue ao pé da cruz, findar como um apóstolo, visitante das novas terras, mensageiro dos novos tempos, esfacelado pelas eumênides selvagens.

Nessa tristeza só o consolava a esperança do martírio, a antevisão do holocausto em que ele se transfigurasse um dia, perdoando o mal, bendizendo a morte, depois de haver cumprido os seus votos na humildade e na dor.



L I V R O   I V

**FUNDAÇÃO DO RIO DE JANEIRO**

*...en todos estos encuêtros auemos de andar en la  
delantera...*

ANCHIETA



**Começo de nova guerra. O santo e a peste. O apelo do capitão Estacio de Sá em 1564, para fundação do Rio de Janeiro. Nóbrega e Anchieta em Guanabara, através da tormenta. Encontro de heróis e santos. Rumo a S. Vicente.**

Feitas as pazes de Iperoig, comunicava Joseph de Anchieta a Diogo Lainez: "...quero acabar de escrever o fim desta paz, que verdadeiramente foi termo de paz e começo de nova guerra, como podia esperar-se de gente tão bestial e carniceira, que vive sem lei nem rei" (99). Não tinha ilusões pacifistas o santo. Por um lado, ainda eram assustadoras as demonstrações de força do gentio, ao longo da costa; por outro, ainda continuava estrangeira a baía de Guanabara, possuída novamente pelos franceses, após a vitória efémera de Men de Sá. Os próprios tamboios apaziguados, que outrora vinham das alturas fluviais do Paraíba a S. Vicente e a Piratininga, no desenfreamento das suas incursões, traziam notícias desagradáveis. Com efeito, já o irmão Anchieta soubera no penhasco de Iperoig que os índios do Rio, animados e abastecidos pelos intrusos, conservando em seu poder mulheres e filhos de cristãos, aparelhavam duzentas canôas de grande porte contra S. Vicente. Já por duas vezes, depois do seu regresso, os antropofagos daquelas paragens haviam surpreendido os colonos, devorando-lhes alguns

---

(99) *Ibd.* *Ibd.*

escravos. Duas flotilhas indígenas haviam mesmo inquietado a colonia.

Nóbrega afugentara os quarenta barcos da primeira, sugerindo aos nossos que detivessem, como reféns, os principais de várias canoas, dez ou onze, cuja vinda fôra antecipada. Mas o núcleo de Bertioga sofrera as hostilidades da segunda, houvera mortos e feridos. Embora trouxesse da batalha uma perna flechada, logo depois ressequida, o guarda heróico da fortaleza, contando os que êle derribara a golpes de montante, dava por bem pago, nesse recontro sanguinário, o dano causado pelo inimigo.

Ante a bestialidade insaciável dos canibais, o irmão Anchieta revia neles os monstros do salmo davidico, as figuras do salmo XIII, modulado sôbre a corrupção humana. Era certamente de homens incréus e ferozes como êsses que o rei-poeta dizia: a sua garganta é um sepulcro aberto, as suas línguas movem-se para urdir a mentira, os seus pés aligeiram-se para verter o sangue, nenhum deles conhece o caminho da paz, e são êles que tragam o meu povo, como se fôsse um bocado de pão. Mais do que pão — clamava Anchieta, — mais do que todo o manjar.

Êle requintava por êsse tempo, como os outros irmãos e padres de São Vicente, em sagrado heroísmo e perfeita caridade. Súbito, quasi a findar o ano de 1563, invadira a capitania uma peste de varíola confluyente e gangrenosa, que alastrava por todo o corpo, da cabeça aos pés, com a sua lepra mortal, *semelhante a couro de cação*. Vermelhejando em botões, amadurecendo em pústulas, a erupção abrasadora matava ao cabo de três ou quatro dias. Como se fossem cadáveres, mas devorados pela febre pestilencial, os vivos apodreciam, desfeita a carne em sânie, recoberta de môs-



cas, fervilhante de vermes. Entre os miasmas, desentranhavam-se as índias fecundadas, morria com elas o seu fruto silvestre. Mandado a Piratininga, onde a peste recrudesecera, o irmão Anchieta confessava ou baptizava os moribundos, sangrava os doentes á ponta de canivete, retalhava porções de matéria corrupta e nauseante, lavando em água quente a carne viva, a carne rubra, exasperada por dores infernais. Alguns variolosos, tentados pelo demônio, furtavam-se ás mãos do operador, supondo que a morte de tantos era consequência das sangrias eclesiásticas. Preferiam outros a cura pelo fogo em covas extensas e adustas, braseiros faulhantes, sôbre os quais atravessavam paus recamados de ervas. Nesse leito de brasas deitavam-se os índios nús, ardendo em febre, torrados, estalando como se fossem castanhas ao lume... Dêles poude Anchieta livrar da peste e do fogo três, que as suas mãos arrancaram ao suplicio da cova dantesca.

\* \* \*

Ora em S. Vicente redobrava o anseio dos jesuitas, porque, de um a outro momento, poderia vir o capitão Estacio de Sá, com as velas da pequena frota, que a metropole enviara ao governador e êste decidira empregar na conquista e no povoamento do Rio, antigo sonho do padre Manuel da Nobrega. Já em 1560, ao ler a carta dirigida por Men de Sá, relatando-lhe o feito contra Villegagnon, a rainha D. Catarina estranhara que êle houvesse apenas demolido o forte, abandonando a terra ao domínio selvagem. Nobrega, por seu turno, aconselhava ao cardeal d. Henrique a fundação de uma cidade no Rio de Janeiro, como a da Baía, que assegurasse as capitánias de S. Vicente e Espirito Santo, demovesse das suas ambições coloni-

sadoras o francês, permitisse a catequese do gentio disperso e hostil (100).

Certo dia, na primeira quinzena de março de 1564, fundeou em S. Vicente um bergantim despachado por Estacio de Sá: ia buscar o padre Nobrega, a quem rogava conselho o capitão, já entre os morros de Guanabara, desde o começo de fevereiro.

Durante as primeiras semanas, o tamoio dissimulara o ódio, que lhe causava a expedição, composta de seis caravelas, uma nau da carreira das Índias, *Santa Maria a Nova*, que era a capitânia, o galeão *S. João*, os barcos aparelhados por Men de Sá, urgentemente, a galeota de Paulo Dias Adornó, comendador de Santiago, e o refôrço do Espírito Santo, donde vinham com Estacio, acompanhado já pelo ouvidor geral Braz Frágoso, o capitão-provedor Belchior de Azeredo e Martin Afonso, Arariboia, formidável guerreiro temiminó (101). Mas logo sobrevieram hostilidades do gentio. Nem os lusitanos, afinal, podiam assenhorear-se da terra com segurança nem os seus inimigos se deixavam atrair para o mar. A situação era difícil, o conselho de Nobrega indispensável.

Ao apêlo do capitão-mór, o padre Nobrega partiu com Anchieta, em 19 de março, para chegar ao Rio na sexta-feira santa, à meia noite. De passagem, esteve o barco em Iperoig, onde os selvícolas, festejando a visita dos missionários, antiga promessa de Joseph, restituíram a êste os seus livros e mais objectos, pro-

---

(100) MANUEL DA NOBREGA, carta de 1.º de junho de 1560 ao Cardeal D. Henrique: "Parcece muito necessario povoar-se o Rio de Janeiro, e fazer-se nelle outra cidade como a da Bahia..."

(101) FR. VICENTE DO SALVADOR, *Historia do Brasil*, liv. III, cap. X.

veram de mantimentos o bergantim, que transpoz Guanabara, afinal, meio desnorteado, entre o nevoeiro e a ressaca. Torvamente, ululava na barra o sudoeste, mudado em ciclone pelo ramalhar das palmeiras; largas nuvens caliginosas pairavam sôbre os morros espectrais; vagas bramiam num furor de leões espumantes, açoitados pelo vento na sua jaula de pedra. E os navegantes, com aflição, varando a baía revôlta e êrma, trevas encapeladas como as ondas, não avistaram dentro os navios da frota portuguesa.

Que era feito de Estacio e dos seus barcos, de toda a gente que ficara em Villegagnon, ao sair do Rio o bergantim? Desembarcando na ilha, Nobrega e Anchieta só encontraram cinzas de tectos, cabeças de mortos, fendidas pela vingança dos tamoios, que os haviam desenterrado, para saciar o velho ódio.

Ao presentimento de algum desastre, em que se houvesse abismado a frota portuguesa, acrescentou-se o espanto do sacrilégio.

E a impressão regelante foi quasi lúgubre certeza, ao notarem os dois, no palor da madrugada, que vinham boiando flechas, inúmeras flechas de taboca, emplumadas, á tona das águas fuscas. Nesses vestígios de batalha, prováveis sinâis de carnificina e desastre dos lusos, anteviram igual destino. Jaziam os recém-vindos, agora, entre as ondas, como entre os muros de um cárcere, fechado com estridor pelo vento, ruidoso claviculário: "*...el viento que era mui grande nos tenja cerrada la puerta, entrâdo por medio de la barra, y enni-guna manera podíamos salir*". Assim prisioneiros, só esperavam ser ferozmente abatidos, devorados pelos tamoios. E eis que uma vela branqueja, palpita nos longes ainda nevoentos; outras velas se enfunam, avançam, ostentando no claro-escuro do amanhecer a cruz vermelha

de Malta; com o panejar dos caravelões, asas de galés, antenas de barcos ligeiros e miudos, reentra na baía a frota comandada por Estacio de Sá.

Dois dias antes, como tardasse o padre Nobrega, e a armada estivesse reduzida à inação em Guanabara, os pilotos haviam tomado rumo para S. Vicente, onde o capitão desejava restaurar e abastecer os navios. Fora da barra, entretanto, a armada não pudera enfrentar os duros ventos ponteiros. Voltara.

Nessa travessia, a nau francesa incorporada á frota e o caravelão de Domingos Fernandes tinham sofrido um assalto de quasi cem canôas. Os índios combatentes, a machadadas, sob a fuzilaria dos arcabuzes e os pelouros dos obuzeiros, chegaram a fender na linha d'água os dois barcos. Vários homens caíram, trespassados de flechas, e os guerreiros indígenas abordaram o próprio caravelão, num espantoso alarido. Eram tantos que o navio afundou. Só intimidados pela fúria das ondas, pelo grosso da armada lusa, navegando a pouca distância, os tamoios deixaram a nau malferida (102).

O regresso da armada no sábado de aleluia foi a salvação dos jesuitas, mais uma bênção do céu vitorioso á terra sofredora, em que a divindade ressuscitava e esplendia. Celebrada a missa de Páscoa em Villegagnon, no domingo, aquietara-se o mar. Estacio e Nobrega, considerando a escassez de provisões, a urgência não só de reforços, mas também de reparos, decidiram partir com toda a frota real para Santos.

---

(102 ANCHIETA, carta de 8 de janeiro de 1565.

## II

**A esquadra no porto de Santos. Rumo a Guanabara. Esquadrilha anchietana. Incidentes da travessia. Desembarque em 1.º de março de 1565. Fundação da cidade. Baía de Guanabara. Primeiras escaramuças. Joseph de Anchieta e Gonçalo de Oliveira entre os combatentes. Novas agressões dos tamoios. Anchieta segue para a Baía.**

Nas águas de Santos a frota permaneceu quasi dez meses, restaurada e acrescida pelo esforço dos marujos, dos colonos, dos índios. Desde a cordoalha ao cavername, desde o pano das velas ao bronze das peças, todos os barcos deviam ser,meticulosamente, revistos e refeitos. Com o fragor de cada hora, em cada navio, o porto reboava como um grande estaleiro, onde se martelasse uma esquadra. Acepilhavam-se toros, breavam-se juntas, soldavam-se metais. O alcatrão fervia espessamente nas caldeiras; mãos callejadas recosiam trapos de cânhamo, espigavam os mastaréis, bruniam as armas negras. Iam e vinham calafates, grumetes, forjadores, tismados e rudes artífices de bordo, canoeiros selvagens ou mamelucos, e Estacio de Sá, dirigindo a faina, reerguendo ou acelerando o vigor com que era aumentada a frota, perpassava na multidão de operarios, entre duas sombras tutelares — Nóbrega e Anchieta.

Enfim, a 22 de janeiro de 1565, abençoada pelos

jesuitas, a capitania *Santa Maria a Nova* içou a âncora, o velame, tangido por vento galerno, e chegou nesse mesmo dia á ilha de S. Sebastião, onde foram ter, depois dela, cinco navios pequenos e oito canôas (103, trazendo a bordo o padre Gonçalo de Oliveira e o irmão Joseph de Anchieta. Somava 300 homens a tripulação dessa esquadilha. O galeão *S. João* e a nau francesa, corroidos pelo guzano, quedavam-se ainda na barra de S. Vicente, em consêrto, sob a vigilância de Braz Fragozo.

\* \* \*

Todo o mês de fevereiro é consumido nas dilacões, nos accidentes, nas intempéries de uma travessia penosa em que não logramos fixar datas seguras (104). Lenta viagem por mares torvos... Durante a primeira quinzena, os navios pequenos e as canôas de mamelucos e índios alcançam a ilha Grande, onde os expedicionários ocupam uma aldeia de tamoios e donde se transferem para outro porto, rico de peixe e de caça. Entretanto, destacam-se da frota as canôas, tripuladas pelo gentio impaciente, que vai esperar nas ilhas fronteiras á barra do Rio de Janeiro, seguido mais tarde pelos mamelucos, os navios da frota por tuguesa.

Exasperados pela fome, pelo vagar da capitânia, ora incerta e exposta aos ventos contrários, desarvo-

(103) *Ibd.* carta de 9 de julho de 1565.

(104) CAPISTRANO DE ABREU, interpretação da carta anchietana de 9 de julho de 1565, á margem da *História Geral do Brasil*, de Varnhagen, 3.<sup>a</sup> edição, secção XIX, pags. 419 e seguintes, nota A: "Vai em seguida uma, que diverge muito da que o Autor preferiu e não passa de ensaio imperfeito de eferide".

rada, ora quasi perdida nos baixios, os flecheiros de Arariboia querem transpor a barra ou ir-se para as suas terras. Anchieta prevê o malôgro da expedição, aparelhada com imensa dificuldade; aos guerreiros famintos, então, conforme assegura a lenda jesuitica, êle promete a vinda de mantimentos, antes que o sol brilhe em tal parte do céu, e logo branquejam no horizonte as velas dos três navios de João de Andrade, que fôra mandado de S. Vicente abastecer-se ao norte. Irrompe um clamor de jubilo e confiança entre os selvagens, para os quais Anchieta é cada vez mais o pagé sem igual, mas o próprio jesuita narra com simplicidade o caso, sem alusão a qualquer prognóstico: "A êste trabalho acudiu a Divina Providência, pois que logo no mesmo dia vimos os navios que iam de cá da Baía com socorro de mantimento..."

Ao raiar da manhã seguinte, afortunadamente, chega Estacio a bordo da capitânia, trazendo um navio com ela desgarrado, e em 1.º de março os conquistadores desembarcam no lugar denominado posteriormente *Vila Velha*, para uns o da actual Praia Vermelha, para outros o morro de S. João (105).

\* \* \*

---

(105) VARNHAGEN, *História Geral do Brasil*, 2.ª ed., t. I. s. XIX, pag. 302, n.º 1: "... Junto a um altissimo penedo, que, pela forma dele, se chamou *Pão de Açucar*, e outra penedia que por outro lado a cercava, diz a Cr. de D. Sebastião, p. 351, — Portanto foi esse local, como sempre julgamos, na Praia Vermelha, e não no Morro de São João. "P. RAPHAEL GALANTI, *História do Brasil*, 2.ª ed., t. I., pg. 291, nota 2: "Parece hoje certo ter sido no terreno da fortaleza de S. João, conforme se acha muito bem demonstrado na "Revista Brasileira" pelo Sr. Jayme Reis, ano III, tomo X, fasciculo 39, primeiro de junho de 1897, pgs. 296-316".

Na ilhota contornada pelos dois braços do rio Carioca e pelo mar, desde 1503 a 1506, teriam acaso permanecido os expedicionários da flotilha de Gonçalo Coelho, á sombra dos cajueiros, num acampamento provisório, como deduziu de vetustos portulanos o pai da nossa história. Certo (106), Martin Afonso mandou instalar a primeira forja, construir a primeira casa de Guanabara — uma casa forte ao centro da paliçada única de troncos ou semitroncos, sob a cobertura espessa de tabatinga e sapé. Aí eram guardados os mantimentos de que êle necessitava para um ano e a ferraria com que se aparelhavam num pequeno estaleiro dois bergantins de quinze bancos. Enquanto o navegador se fazia construtor, de passagem, quatro homens, quatro mergulhadores da selva brasileira, venciam com intrepidez cento e quinze léguas, correndo planuras, galgando pinçãos, donde chegara afinal com êles, ao cabo de dois meses, *um grande rei*, senhor dos campos vizinhos. O cacique teve honras e dádivas do capitão, a quem trouxera muitos cristais da serrania e boas novas de metal precioso no rio Paraguaí. Já os filões do Brasil subterrâneo desafiavam a cubiça de Martin Afonso, que apenas se deteve no Rio de Janeiro por três meses, velejando em seguida para Cananéa.

Outros seriam, trinta e quatro anos depois, os alvanéis da obra definitiva.

Portugueses, mamelucos e índios, sob o comando de Estacio e a bênção de Anchieta, iniciam a fundação

---

(106) MORALES DE LOS RIOS, *Subsídios para a história da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro*: "Ainda ao certo não se sabe onde foi o Porto de Martin Afonso entre as numerosíssimas enseadas da embocadura e da periferia da nossa baía."



ção da cidade tropical, roçando o mato, abrindo fossos, erguendo a tranqueira, depois o baluarte com as suas guaritas, os falconetes, esperas e berços da artilheria miuda, construindo no terraplano batido, em linhas paralelas, os primeiros tijupares ou ranchos, as primeiras casinholas de taipa e de telha vã. Estagnada entre as penedias, a água da lagôa é impura e salobra. Dois benfeitores, o genovês José Adorno e Pedro Martins Namorado, procuram no subsolo a água clara e doce, escavam aí uma cisterna, poço baptismal da *urbs* recém-nascida. E o fundador põe á cidade enfrincheirada o nome duplamente venerável de S. Sebastião, lembrando o mais belo dos mártires e o mais louco dos príncipes; dá-lhe por armas um feixe de setas; marca-lhe um raio de seis léguas, para cada lado, ao crescimento secular; faz doação de terrenos amplos, légua e meia, ao município vindouro.

\* \* \*

Filha de heróis portugueses e americanos, concebida entre as dqres e os lancês da guerra, nasce *urbs* meridional, que vai de um século a outro florescer, imperar sôbre a unidade brasileira. Como berço, tem o acampamento erguido á beira-mar e sombreado por um rochedo arqueano, sob o Cruzeiro do Sul, pouco antes descoberto pelos nautas da sua linhagem. Como espêlho azul, que entremostrasse magicamente o futuro, ela revê aos pés a baía de Guanabara, outro mediterrâneo a ondear na moldura sáxia da cordiuheira, por vinte e cinco léguas, dilatando-se para conter, ainda hoje, todas as frotas do mundo. Já o imprevisito contôrno, graças ao acaso das formações geológicas, antecipa em miniatura a imagem do Brasil ho-

dierno e dêsse. Mediterrâneo tropical ressai um arquipélago, verdejando em oitenta ínsulas gentis, surpresas do oceano, resumos da floresta virgem. Aqui, além, oblongos ou esféricos, lentamente brunidos pela onda, emergem pedrouços e matacões solitários, cabeços esverdeados de limo, desnudos de erva. Derredor, cumiadas de serrania, alcantis e arestas, degraus e nimbos, que sugerem lanços da mesma ascensão orográfica, esplendentes ao sol... Miragem de pedra superposta à cidade infantil, decompõe-se a anatomia do gigante deitado, sob o nevoeiro, em formas titânicas — braços que tumultuam, seios que repontam, gargantas que se estreitam, — rodeando o minúsculo berço, vigiado contra o inimigo francês pelas armas dos lusos e dos índios.

Largamente ondulada no álveo da baía, serpeia em dezeseite rios e ribeiros, flui dos mananciais, dorme nas lagôas, desfia-se pelas escarpas nuas, de queda em queda ressalta, cascadeante, a água do mar, das nuvens, das origens, a água que tudo banha e em tudo brilha, no jôgo perene das sombras e dos reflexos. Pródiga escultora de enseadas e esteiros, angras e calhetas, encurva, prateia, rendilha, insinuante e caprichosa, a orla da terra verde-negra. Embebida nesse frescor de linfa, exuberava a germinação agreste dos morros e das várzeas, frondejando em colossos, expandindo-se logo em arbustos, contorcendo-se toda em cipoal flexuoso. Pelo contraste á nudez violenta e adusta dos cortes graníticos, desdobra no horizonte o claro-escuro do reino vegetal, e a floração espalha, derrama por assomadas e vertentes as côres de uma festa solar — ametista nas quaresmas, ouro e rubi nos cachos sanguíneos ou fulvos do pau d'arco.

Em outro reino, e outros ciclos, a mesma energia povôa as águas de cardumes, vagueia os ares no frémito dos enxames; e a vida opulenta circula em toda a fauna como assombrosa multiplicação de reptis, pássaros, feras. Indomável, nú, encadeado a essa animalidade, o homem passa através das formas naturais com apetites e adornos bravios, o seu terror selvagem, as flechas do seu arco, a sua inumana crueldade.

Num desafio á inércia das rochas e das plantas, ao instinto dos brutos, á inconstância dos seres e das cousas, o espírito funda a cidade, hostilisada por bandos de sagitários e arcábuzeiros. É outra energia consciente, religiosa, batalhadora, a que vem agora do mar para a selva. Como que um sôpro de misticismo criador levanta a alma ingênua e guerreira aos novos homens da Nova Lusitânia (107), devotos da confissão e da eucaristia. Asseteada pelos selvagens, bombardeada pelos franceses, a cidade tropical resiste, renasce, aferrando-se á tranqueira com as suas garras leoninas. Por ela combate um herói modelar, nobre reminiscência da cavalaria andante e formosa de outras eras — Estacio. Lidam e oram por ela Joseph de Anchieta e Gonçalo de Oliveira. Emplumado e possante, Arariboia comanda os índios.

\* \* \*

Com o mês de março principia a guerra, frouxamente arrastada, longamente desenvolvida, até ao

---

(107) PERO ROIZ, *Vida do P. Anchieta*: l. I, cap. XI: "Veuião os homens como religiosos, confessandose e comungando a miudo, peleijsauão com grande animo e com a confiança em Ds, ha sombra do seu Capitam..." C. MALHEIRO DIAS -- *Introd. á Hist. da Col. port. no Brasil*, pag. LX.

comêço de 1567, em recontros, sortidas, escaramuças. A 6, na primeira cilada, os tamoios apoderam-se de um índio cristão, mas a ira da nossa gente os persegue e êles saltam em terra com a sua prêsa, fogem pelo mato denso, largando canôas e armas. Entre 11 e 12, uma flotilha de quatro barcos, dirigida por Estacio de Sá, intima á rendição uma nau francesa, avistada a légua e meia do baluarte. Na ausência do capitão-mór, 48 canôas inimigas abordam a tranqueira, mas o herói, deixando três navios contra a nau, investida e alarmada, prestamente acode na sua galé aos defensores do arraial, que transpõem a cêrca, rechassam os atacantes. Sob a vigilância dos três barcos, entretanto, capitulara a grande nave, cujo retôrno á França com os mareantes católicos foi concedido. Estacio de Sá manteve a promessa dos seus capitães, depois de tomar canhões e pólvora. Oitenta passageiros, que eram franceses luteranos, e temiam o ódio religioso dos contrários, haviam-se lançado ao mar, bons nadadores, procurando as aldeias dos tamoios, onde se refugiaram. Tanto melhor para o seu extermínio em campanha.

Ainda no mês de março, pouco antes da partida, o navio francês ajudou portugueses e brasileiros na repulsa a vinte e sete canôas de guerra, que foram pelos nossos, como as demais, repelidas a ferro de montante e fogo de arcabuz. Joseph de Anchieta celebra o esforço dos vencedores: "...assim os foram perseguindo por mar e por terra, até a meio caminho de suas aldeias, e tomaram-lhes canôas, e tornaram com grande alegria. Glória seja dada ao Senhor" (108).

---

(108) ANCHIETA, carta de 9 de julho de 1565.

Pela *urbs*, contra os nômades, pela fé, contra os calvinistas, Anchieta expõe serenamente a vida em todas essas lutas. O seu gesto reacende o valor, a sua palavra reanima a crença das hostes portuguesas, como a palavra e o gesto de outro missionário, Gonçalo de Oliveira. Ao partirem os dois, havia dito Nóbrega, em face da comunidade: "O padre (Gonçalo de Oliveira), por ser sacerdote, será superior; mas lembrar-se-á, pois o irmão (Anchieta) foi seu mestre, do respeito e obediência que se lhe deve ter e de tomar seus conselhos" (109). Quando não rezam à Nossa Senhora da Vitória, o padre e o irmão instruem os soldados europeus no modo como pelejam os tamoios; encorajam os índios fieis, recordando-lhes proezas dos antepassados (110), perfidias dos inimigos.

Durante o mês de março, não esmorecera no acampamento a acção dos fundadores da cidade. Haviam feito roças, plantações de legumes e inhame. Casas de madeira e barro, com tecto de palma, quatro ou cinco guaritas em volta do baluarte poderoso, construido de taipa de pilão e erriçado de artilheria. Mourjavam sem descanso. E para seu alimento, para sua lavoura, tinham já decidido alguns deles arrancar aos tamoios, combatendo, ramas e tubérculos de mandioca, nutriz lendária dos selvagens.

---

(109) PERO ROIZ, *Vida do P. Anchieta*, l. I, cap. XI: "...mandou com elles o pe Manuel da Nobrega ao pe Gonçallo do Liueira e ao Irmão Joze, sem cujo conselho ordenou que não fizesse o pe nada..."

(110) SIMÃO DE VASCONCELOS, Cr. liv. III, n. 75: "...sobre tudo lhes trazião á memoria os feitos valentes de seus antepassados; que he o mais fino da rethorica para persuadir esta gente."

A chuva torrencial do primeiro dia matara a sede ao exército. Logo depois, entre os fossos e as armas do proprio arraial, construíram-lhe o bebedouro. E havia também, segundo Anchieta, a brotar mais longe, de um penedo, cristalina e murmurante, “uma fontezinha d’água muito boa, com que todos se alegravam...”

Mas a fome os preocupava e afligia. Vindos de outras parágens, outras capitánias remotas do Brasil, muitos deles suspiravam pelos seus lares e campos. Anchieta formulara concisamente o dilema: “...se os não deixam vir, perdem-se-lhes suas fazendas; se os deixam vir, fica a situação desamparada e com grande perigo de serem comidos os que lá ficarem” (111).

No entanto, crescia o poder agressivo dos tamoi-os, que dispunham de oitenta canoas armadas, reunidas em Guanabara, e lançariam provavélmente cerca de duzentas contra os baluartes de S. Sebastião. Posto que esse momento fosse desejado com ansiedade pelos nossos, avultava o perigo, tanto mais quanto começara, ostensivo, o intercâmbio das náus francesas e dos aborígenes, para os quais poderiam elas transportar bocas de fogo e instrutores militares. Urgia levar notícias, pedir socorro a Men de Sá.

Devendo o irmão Anchieta, por esse tempo, receber as ordens sacras na Baía, o padre Nóbrega confiou-lhe a grande tarefa política: induzir o governador ao reforço da expedição. Anchieta seguiu em 31 de março (112). Com o destino da França Antártica, ia ser decidido o nosso, entre o governador geral e o apóstolo do Brasil.

---

(111) ANCHIETA, carta de 9 de julho de 1565.

(112) Partiu com Anchieta o fornecedor da esquadra, João de Andrada, que fôra enviado por Estácio, mais uma vez, a buscar mantimentos ao norte.

### III

**O governador e o apóstolo. Perfil do herói Men de Sá. A sua fé. O seu governo. Feitos de armas. Primeira missa de Anchieta.**

Anchieta visitou no Espírito Santo, onde laboravam por esse tempo quatro missionários, as aulas de leitura, escrita e catecismo, as duas igrejas de S. Tiago e S. João, as duas aldeias cristãs de índios flagelados pela última epidemia. Mais uma vez, socorreu os enfermos, consolou os aflitos, instruiu os irmãos. Transportando-se de um a outro lugar, sem fadiga, sem desânimo, a sua caridade perfumava o ambiente colonial.

Foi acolhido na Baía com affecto e devoção pelo governador Men de Sá. Lucidamente, expoz-lhe a situação dos nossos em Guanabara, os feitos praticados, as dores sofridas com o mesmo valor inquebrantável. Portuguezes, mamelucos e aborígenes, eram todos robustos, pacientes, destemerosos, mas ainda poucos diante do tamoio e do francês, reunido à intelligência deste o número daquele. À medida que o tempo decorresse para uns e outros, mais débeis seriam os nossos, talvez, no isolamento da sua tranqueira, mais fortes os inimigos, constantemente providos de armas pelas náus, de homens pelas tribos. S. Vicente dera á frota de Estácio o que lhe fôra possível dar; chegara o momento da Baía, núcleo da conquista portuguesa e séde episcopal. Fossem expedidos outros navios, equipadas outras milícias, e em vez de

consumir tanto heroísmo nas ciladas, nas escaramuças, nas provações da campanha infrutífera, poderiam os nossos desbaratar o inimigo, de chofre, num rijo golpe, que fortalecesse ao mesmo tempo, nessas paragens tropicais, a cidade tão desejada por S. Alteza.

O governador pensava como o religioso. Havia entre os dois concordância, ligada á mesma clarividência para os fins da estratégia. Na prática de tantas horas, na permuta familiar de tantos alvitres, o poeta cristão Joseph de Anchieta reconhecia, em toda a grandeza monumental, o herói do seu poema vindouro — *De rebus gestis Men de Sá*. Profundamente, com a intuição dos eleitos, sentirá nele a exuberância multiplicadora de uma raça, a energia construtora de um ciclo, aberto no Brasil pelo mais virtuoso dos homens, Tomé de Souza, aliado á experiência do padre Manuel da Nóbrega. Sem essa directriz moral, o quadriênio do seu antecessor Duarte da Costa (1553-57) resumira-se quase todo em oligarquia, inacção, discordia.

Justo e crente, o novo emissário do rei, fidalgo da sua casa e do seu conselho, voltou á primeira aliança em que se fundiam governo e apostolado nos mesmos ideais. Chegado á Baía em fins de 1557. Men de Sá recolhera-se desde logo ao santuário com o padre Nóbrega, passara oito dias absorto nos exercícios espirituais de S. Inácio de Loyola. Não fora outra a sua vigília d'armas para a longa cruzada jesuítica do Brasil, onde a Igreja Católica Romana lhe fecharia os olhos com amor quase maternal. Do oratório trouxera Men de Sá inspiração e fortaleza, esclarecida pelo saber administrativo e regional de Nóbrega a inteligência, escudada pela fé a vontade. Assim viveria toda a sua vida brasileira, ouvindo missa, de joelhos, cada manhã, confessando-se e comungando, aos pés do sacerdote, cada semana.



A religião moldava-lhe a conduta em preceitos iniludíveis. Sóbrio, sério, abominando todas as faces do pecado, todas as formas do vício, não perdoava a usura, a vaidade, o alcoolismo, o jogo, a rapina. Esbulhados num atrás regime de vendas a crédito, em que aos tormentos da sua dívida acresciam as extorções da cobrança judicial, os consumidores deixavam ás garras da justiça e do comércio tudo o que possuíam. Men de Sá reprimiu a ganância implacável, subordinando a propositura de novas acções ao seu consentimento, e em breve, no fôro vasio como um êrmo, sem litígios, ecoavam as graças rendidas a Deus pelo ouvidor Pero Borges.

Lidando o heroi para ver cristianisadas as relações dos brancos e dos índios, punha nos seus actos um fervor de catequese. A'queles vedara as guerras injustas, os resgates inumanos, o cativoiro do gentio, a perfídia com que acirravam, para ter peças á venda no mercado, ódios e lutas de selvagens. A estes proíbira, sob penas intimidantes, o canibalismo da vitória ou da vingança. Queria-os apaziguados, reunidos em vastas aldeias, num circuito de oito a nove léguas, para o trabalho, o ensino, a conversão. Restituia a liberdade aos que eram, iniquamente, vendidos ou ferados como bois. Ordenara a existência das tribos em quatro povoações jesuíticas — S. Paulo, S. João, S. Tiago, Espirito Santo, — nas quais se fundiam, agora, as tabas miúdas e esparsas da redondeza para o trabalho e a doutrina. Por instância dos jesuitas, escolhia os capitães dos povoados entre os tupinambás, iniciando-os na escola da autoridade. Indiferente á malícia e á murmuração dos colonos (113), edificava a

---

(113) NOBREGA, carta de 1.º de junho de 1560 ao Cardinal Infante D. Henrique: "...o certifico a V. A. que nesta

sociedade colonial, sugerindo ao governo da metrópole que enviasse para o Brasil, com todas as honras desejadas, os homens ricos da ilha africana de S. Tomé. Administrador zeloso das rendas públicas, elevou-as a seis mil cruzados, animando a cultura do solo virgem, o trabalho dos engenhos de açúcar. Construtor, finalizou as obras da Sé, da Igreja, da Santa Casa de Misericórdia, erigiu a capela do convento dos jesuítas, onde lhe seriam guardados os despojos, ergueu sólida torre de pedra e cal, junto ao paço dos governadores.

O prudente homem de governo era um homem d'armas denodado. Marchava dia e noite, surpreendendo, acoessando os antropófagos com a celeridade das hostes, o imprevisito dos golpes. Não raro, dos próprios vencidos ele fazia novos aliados, cativando os pela sua magnanimidade, e empolgara, dest'arte, numerosos arcos de chefes insubmissos e vorazes, como o *Sapo-Bufador* e o *Boca-Torta*. A clemência dos fortes adoçava-lhe o triunfo, mas no aceso da refrega o lidador não conhecia a piedade. Na capitania de Ilhéus, onde os tupiniquins assediavam os cristãos famintos, reduzidos ás laranjas dos seus pomares, depois de verem demolidas as casas, incendiados os engenhos, Men de Sá fôra terrível, deixando aldeias em sangue e cinza, tudo vencendo pelo ferro ou pela fome. Vasco Rodrigues de Caldas, o astuto e ousado capitão, ajudara-o soberbamente nessa empresa. De volta, como os tupiniquins lhe surgissem ainda á beira-mar,

---

terra, mais que nenhuma outra, não poderá hum Governador e hum Bispo, e outras pessoas publicas, contentar a Deos Nosso Senhor, e aos homens; e o mais certo signal de não contentar a Nosso Senhor he contentar a todos, por estar o mal mui introduzido na terra por costume."

o vencedor atraiu e envolveu o gentio, fê-lo imergir no oceano, em que outros índios nadadores, a seu mandado, o perseguiram, combateram, exterminaram, quase por duas léguas de costa brava. “Lá no mar pelejaram — diz o heroi, — de maneira que nenhum tupiniquim ficou vivo”. (114) Tal foi a batalha dos nadadores, ondulação rubra de sangue, entre as ondas glaucas dos Ilhéus. Estendidos ao longo da praia, rigidamente, os mortos ocuparam cerca de uma légua.

Ainda em Ilhéus, pouco depois, chega-lhe a notícia de um levante dos selvagens de Paraguassú e Itaparica, indomados como sussuaranas, a despeito das partidas anteriores de Vasco Rodrigues Caldas. Então, comandando trezentos brancos e dois mil índios, o governador, que logo acudira à Baía, avança a marchas forçadas, galga montes e brenhas, delinea e executa, em vinte e quatro horas, um caminho de tres léguas, aberto a machado e foice pelos seus peões, investe e suplanta o inimigo, derribando-lhe a fortaleza de Tarajó, belicamente arrasa mais de cento e trinta aldeias, compele o selvagem dizimado, espavorido, á submissão e á paz. É na fúria desses recontros que a morte lhe enegrece, mas não lhe quebranta a alma com o luto pelo filho moço — Fernão de Sá, vitimado no Espírito Santo, á margem do rio Cricaré, aonde fôra submeter os índios, bravo e gentil

---

(114) MEN DE SÁ, *Instrumento*, n. 15: “...e lhes foi forçado deitarem se a nado ao maar costa braua mandei outros Jndios tras elles e gente sollta quo os segirão perto de duas leguas e llaa no maar pellejarão de maneira que nenhum topenequim ficou viuo e todos os trouxerão a terra e os poserão ao longuo da praya por ordem que tomavão hos corpos perto de uma legoa...”

como um herói do fabulário medieval, capitaneando a sua esquadilha de seis velas.

Chefe da primeira expedição, em 1560, contra os franceses de Villegagnon, esse homem sizado e precatado, Men de Sá, não soubera fechar ao inimigo a baía de Guanabara. Imprevidência guerreira e política, verberada na própria corte. Outras pelejas, outros sucessos, notoriamente a guerra de Porto Seguro contra os aimorés, brutos ferocíssimos, e a peste de 1563, que levou quase dois terços á população indígena, retardaram por quatro anos a segunda expedição, confiada a Estácio de Sá. Ante o francês e o tamoio, porém, não bastavam as forças mobilizadas.

Urgia evitar-lhe o malogro possível, arrancando aos intrusos a mais linda joia do Brasil marítimo — Guanabara. Com esse pensamento viera ao encontro do herói o santo, que lhe havia de celebrar a vida num poema, abandonado á injúria do acaso ou do tempo. E afinal chegara da metrópole a armada do capitão-mór Cristovão de Barros, em 1566, trazendo o mandado ao governador para acudir ao Rio de Janeiro, desbaratar o inimigo franco-tamoio.

\* \* \*

Enquanto o herói Men de Sá reunia os homens e as armas disponíveis, acelerando a faina dos estaleiros, Joseph de Anchieta, sem abandonar outros deveres políticos, era iniciado nas ordens sacras pelo bispo d. Pedro Leitão, que o amava desde os tempos escolares. Sôbre o valor de Anchieta, preciosidade católica, esse arguto príncipe da Igreja Romana lapidaria mais tarde uma frase de joalheiro: “A Companhia é um anel de ouro e o padre Joseph a pedra preciosa”.

Três lustros haviam passado, religiosamente, após o ingresso no colégio de Coimbra. Dezessete anos tinha o noviço; trinta e dois, agora, contava o padre. Sulcara o Mar Tenebroso, por onde erravam galeões desarvorados, sequiosos de ouro; sentira no seu apostolado a vertigem do mundo bárbaro, a pulsação do mundo novo; amadurecera na crença e no saber. O que era vocação tornara-se destino, a esplendor sob outras formas, para outras gentes; o que era ansiedade, sonho, misticismo inquieto e nevoento, erguera-se flamejante, coluna guiadora das tribos pelo deserto americano. E a própria visão eucarística do noviçado, aureolando-lhe o sacerdócio em 1566, resume o holocausto da Fé cristã ao Deus dos exércitos, invocado pelas nossas armas, contra os hereges de Guanabara.

Sob o lavor da casula e a candidez da alva, revemos o padre Joseph de Anchieta diante do altar, celebrando a primeira missa.

Lunes, incenso, flores... No prelúdio, em que dialogam a experiência do sacerdote e a esperança do neófito, ressoa a tristeza de longas idades cavernosas, penumbra semelhante á era neolítica do gentio; no *confiteor* gemem os pecados da terra brasilica e selvagem. Contrito, subindo já os degraus, beijando a pedra simbólica do altar, lápide evocativa das catacumbas, ele revê o ossuário cristão de outros mártires, despedaçados pelos canibais da floresta. Quase soluçante, a invocação extrema irrompe do santuário para as alturas: "*Senhor, tende piedade de nós!*"

Mas á dor tumultuosa do *Kyrie Eleison* sucede a alegria universal, traduzida pelo *Gloria in excelsis*, em cuja ressonância vibra o *miserere nobis*, uma deprecação á infinita misericórdia pelos *brasís*. Liturgicamente, o es-

pirito do celebrante ascende á Epístola, verbo de precursores do seu apostolado nas selvas; busca depois o Evangelho, irradiação do verbo de Cristo, luz que as trevas de Pindorama ainda não compreendem. E nessa luminosidade espiritual, transfigurado, Anchieta recita o credo, lição da Igreja aos católicos, da Escola de Piratininga aos mamelucos.

Agora as suas mãos descobrem o calix de ouro, tomam o vinho e o pão, eucaristicamente, no gesto ritual do ofertório. Purificando-as sobre o mar de sangue das tribos, que se guerreiam e se devoram, o sacerdote arranca do próprio coração mortificado as palavras de angústia e de esperança cristã: "*Lavarei minhas mãos entre inocentes. Oh! não queirais que se finem meus dias entre os que amam o sangue.*" Transpondo o limiar do próprio santuário, chegando ao recesso trevoso e ululante das matas, o seu *Orate, frates* impele os homens degradados á humanidade, atrai os selvagens á oração.

Ele profere o louvor do *Sanctus*, irmanando vozes do povo recém-nascido aos coros de anjos, dominações, potestades. Terra e céus glorificam o Omnipotente. Pelos vivos, pelos mortos, o sacrificador impoluto oferece a Deus o sacrifício, consagra as espécies, unindo parte da hóstia ao vinho, alteia o corpo e o sangue do Redentor para o holocausto. Supremo lance eucarístico e suprema glória da vida de Anchieta, exaltada há quinze anos pela fascinação da Eucaristia: nas suas mãos corporifica-se a divindade, Jesus aparece aos fieis... Humildé, baixando a voz, o oficiante comunga: *Domine, non sum dignus*; com o acento dos predestinados encerra no brilho da manhã a cerimônia. E largamente abençoa o povo, que nasce, cristão, da braveza indígena e do comércio lusiada,

Como na sua pátena de ouro a hóstia, sob um raio de luz coado pela rosa dos vitrais, fulge no século XVI, glorioso Missal jesuítico, a iluminura da primeira missa de Anchieta.

## I V

**Segunda frota de Men de Sá. Dois anos heróicos. S. Sebastião e a cidade. Um conselho de capitães e sacerdotes. Ataque ao forte de Uruçumirim. Estácio de Sá. O embarque dos religiosos para S. Vicente. Regresso. Mudança da cidade. Execução de um herege anônimo. O santo e a lenda.**

Em 19 de janeiro de 1567, véspera de S. Sebastião, estava diante da nova cidade, em Guanabara, a frota aparelhada por Men de Sá.

Compunha-se de três galeões do reino, donde saíram capitaneados por Cristovão de Barros, seis caravelões e dois navios menores, tendo chegado enfermo o governador, seu comandante, que adoecera no Espírito Santo. Vinham com ele alguns prelados insignes — o bispo d. Pedro Leitão, o visitador Inácio de Azevedo, o provincial Luis da Grã, o padre Joseph de Anchieta, mais alguns religiosos da Companhia. Desde a partida, em outubro ou novembro, eram nutridos a expensas do governador os passageiros e tripulantes, os próprios homens d'armas, inclusive cem atiradores da hoste pernambucana.

\* \* \*

Quase dois anos haviam decorrido, incertos na expectativa, infindos nas provações, entre a partida e o regresso de Anchieta, o apelo dos herois e o socorro à nova cidade. Todo esse biênio fôra de escaramuças e embates,



São imprecisos os dados cronológicos, mas enumeráveis os factos principais: repulsa de franceses e tamoios no assalto ás nossas trincheiras; uma batalha em que três navios franceses e 30 canoas, vindo de Cabo Frio, tiveram quebrado o poder ofensivo pelo fogo dos artilheiros de Estácio; operações de abordagem, comandadas pelo capitão-mór, seguindo-se à defesa do seu reduto inexpugnável; arremetidas soberbas dos nossos a duas ou três aldeias, em uma das quais a cifra de mortos e presos ascendeu a 300; vitória de 14 das nossas canoas, após renhida luta, contra 64 dos tamoios; o feito do valente Belchior de Azeredo, provedor do Espírito Santo e capitão da galé *S. Tiago*, que apenas com oito canoas desbaratou vinte embarcações inimigas em julho de 1565, matando ele próprio seis guerreiros tamoios e da peleja trazendo muitos cativos. O mar ficara tinto de sangue na rota do seu barco (115).

Um ano depois, em julho de 1566, os tamoios astutos dissimulam num esteiro, cerca de uma légua do arraial português, cento e oitenta canoas. Destacando-se da frota, algumas delas manobram para trazer os ocupantes á cilada, nesse braço de mar. Com efeito, á vista do arraial, mais negaceando que investindo, ameaçam o barco do mordomo de S. Sebastião, Francisco Velho, que saíra em busca de madeira para a capela do martir — e é socorrido por Estácio com a sua gente, disposta em quatro canoas, apenas, porque as

---

(115) ESTACIO DE SÁ, fê de officio dada a Belchior de Azeredo: "...e chégando ao lugar, onde foi a dita peleja, vendo tantos mortos, e o mar tão tinto em sangue, se puzerão a apalhar e recolher os mortos, deixando de o seguir". Extr. da Torre do Tombo e publ. dos *Anais do Rio de Janeiro*, t. 1, cap. II, § 35,

outras andavam á pesca ou haviam já regressado ao porto de S. Vicente. Industriados fogem os tamoios; em seguimento deles voam os nossos, alheios ao perigo. De repente, dobrando o esteiro, são alvejados a flechas, perseguidos a remo por cento e oitenta embarcações, milhares de atiradores, cujas vozes anunciam já o triunfo. Mas deflagra por acidente a polvora de uma das quatro canoas de Estácio; o terror do incêndio, ás súbitas, desvaira a mulher do principal num barco inimigo. Ela braceja, clama, e a tudo mais se propaga a loucura dos seus gestos, o espanto dos seus gritos. Cento e oitenta canoas debandam, afugentadas por uma labareda. Bradam os nossos: milagre! E o seu deslumbramento religioso foi ainda maior, quando souberam, pouco depois, que os tamoios haviam fugido, não só ao clarão do incêndio, mas também aos golpes de um belo e forte soldado, gentilhomen de armas ofuscantes, que perpassava e feria, a saltar lesta-mente de canoa em canoa. Irresistível, como apregoaram logo os fieis, S. Sebastião pelejara entre os nossos, e a festa anual das canoas rememorou daí em diante o prodígio.

No alto relevo da história, entre flamas e setas, o prodigioso guerreiro foi Estácio de Sá.

• • •

O estado de guerra não impedira a organização do trabalho e da justiça na colônia. Por um lado, os carpinteiros falquejavam, os alvaneis construíam, erguendo novos baluartes de taipa de pilão, novas casas indígenas de barro, sob o tecto de folhas; por outro, escavado na aréia o poço, donde lhes vinha a água

para a sêde dos homens e das terras (116), os semeadores alargavam o plantio em volta das fortificações. Pedro Martins Namorado, primeiro juiz da nova cidade, lavrava as primeiras sentenças, e os officios reais do fôro e do fisco eram normalmente providos pelo governador geral ou pelo capitão-mór. Aos jogadores de naipes, dados e bolas, depois do indulto concedido em 1566, impunha-se a multa de cem mil reis para a confraria de S. Sebastião.

Francisco Dias Pinto, nomeado alcaide-mór pelo governador Men de Sá, tomou posse da cidade murada e fechada em 13 de setembro de 1566. Chegado á fortaleza com o juiz ordinário e o alcaide pequeno, Estácio de Sá deteve-se fóra dos muros, enquanto o novo claviculário da *urbs* transpunha o recinto, vedava portas e postigos com aldrabas de ferro, por suas próprias mãos. Em voz ressoante, depois, o alcaide-mór indagou do capitão-mór, através das muralhas, se queria entrar, quem era ele, ao que respondeu Estácio de Sá:

— Quero entrar, e sou o capitão desta cidade de S. Sebastião, em nome d'El-Rei Nosso Senhor.

Foi-lhe aberta a porta, reconhecido o poder. E assim o herói português, vitorioso, entrou na cidade do Rio e na história do Brasil, sob a mesma consagração (117).

\* \* \*

O conselho de capitães e sacerdotes da esquadra de Men de Sá, reunido logo depois da sua chegada, foi breve e audaz. Na manhã seguinte, ao raiar da

---

(116) SILVA LISBOA — *Anais do Rio de Janeiro*, l. I. cap. II, § 33 — “José Adorno e Pedro Martins Namorado... abriram na areia um poço...”

(117) *ANAIS* cit., t. I, cap. II, § 39.

aurora, duas hostes de bravos infantes capitaneados por Estácio, abençoados pelo bispo, galgando o outeiro da Glória sob o zunir das flechas, o troar dos canhões inimigos, assaltaram e reduziram o forte de Uruçú-mirim (118), solidamente construído naquele pincaro, talvez por Bois-le-Conte. Mortos ou feridos, na ascensão e na refrega, caíram muitos dos nossos, mas nenhum dos tamoiós sobreviveu á peleja, e dos franceses morreram alguns em combate, acabando os outros, nove ou dez, suspensos da forca ou traspassados a fio de espada. Do outeiro da Glória desceu o triunfador, Estácio, mal ferido no rosto, para morrer ao cabo de vinte e cinco a trinta dias. E em face da tranqueira, num desafio de peito descoberto á chusma dos incréus, succumbira Gaspar Barbosa, devoto capitão, que havia comungado por melhor combater, jurando não dar costas ao herege no campo de batalha.

Mais porfiada e sangrenta foi a luta na ilha do Governador, que os nossos tinham denominado ilha do Maracajá ou Gato Bravo, por habitar na espessura do arvoredado o chefe dos índios maracajás. Paranapécu, lingua de mar, era o nome indígena da ilha, e passava de mil homens o exército ali entrincheirado com artilheria. Renhidamente, durou três dias a acção. Vozeavam pela enseada as bocas de fogo, os obuzes erguiam, ferindo a onda ou a pedra, colunas de água ou de fumo no ar trepidante. Havia relâmpagos, que eram descargas de mosquetes; réplicas sibilantes e venenosas, que eram chuviros de flechas. Por esse tempo, já se embotavam as flechas nas cotas d'armas, no forro de

---

(118) *Uruçú-mirim*, consoante Varuhagen, ou *Yrassumirim*, como se lê no *Santuário Mariano*, ou *Iburugassu-mirim*, segundo Fr. Vicente do Salvador, ou *biraoçu-mirim* com outras variantes no *Instrumento de Men de Sá*.

algodão dos saios ou gibões talhados em seda. E os flecheiros tamoios visavam de preferência os olhos dos brancos.

Sitiados os maracajás, batidas as suas fortificações, de um a outro valado, de uma a outra cerca, pelo fogo martelante da esquadra, renderam-se os vencidos á conquista e ao cativeiro. O prestígio dessa vitória foi tão grande que os defensores de outra fortaleza maior, entre elles muitos franceses, ocupando baluartes, casas fortes, palissadas, juraram espontaneamente vassalagem ao rei de Portugal. Dois rápidos feitos de armas consolidavam a fundação da cidade. “Jamais uma guerra — escreve Southey, — em que tão pequenos esforços se fizessem, e tão poucas forças se empregassem de parte a parte, foi tão fértil de importantes consequências. Tivesse sido Mende Sá menos enérgico no cumprimento de seus deveres ou Nóbrega menos incansável, e esta cidade, que é hoje capital do Brasil, seria francesa agora”.

Com a vitória dos capitães Men e Estácio de Sá, dos jesuítas Nóbrega e Anchieta, findou o curto domínio erigido por Villegagnon sobre a aliança dos aventureiros da sua patria e dos tamoios confederados.

Etnicamente, dos *mairs* da França Antártica, dessa nova infiltração européia no elemento indígena, restavam só os mamelucos de origem normanda ou bretã, asselvajados. Ao norte, prosseguirá o curso das náus vindas de Honfleur e Dieppe no comércio de pau brasil, algodão, pimenta e papagaios com a gentildade, trocados por ferramentas e bagatelas. Mas á liga de coqsários e tupinambás ou á mescla de potiguaras e flibusteiros, em outro ponto do quadrante, só acharíamos vagos produtos mestiços, “que nasceram, viveram e morreram como gentios”, uma des-

condência loira de curibocas ainda “mais bárbaros que eles”, no dizer de Gabriel Soares. Em princípios do século XVII os luso-brasileiros expulsariam do Maranhão os franceses e os índios de La Ravardière, como tinham vencido as tropas remanescentes da colônia de Villegagnon e Bois-le-Conte em Guanabara.

Historicamente, não perduram das tentativas malogradas senão alguns vestígios impressos, algumas crônicas remotas: da França Antárctica duas narrativas, as de Lery e Thevet, da França Equinocial duas relações, as de Claude d’Abbeville e de Yves d’Evreux.

• • •

A fundação urbana vencera, mas parecia ao bater de asas da Vitória o fundador, Estácio de Sá, intrépido e amável como os seus primos Fernão e Salvador, obstinado e religioso como o seu tio Men, herói da mais pura linhagem como qualquer dos três. Em pleno triunfo, após dois anos de esforços redobrados e pacientes, imobilisara-se a energia concentrada nesse homem de tanto valor e tanta fé, que sustentara o animo das tropas com autoridade e brandura, entre perigos e provações. Havia nele a mocidade, a nobreza, a devoção, o casto idealismo e a serena altivez de um cavaleiro andante, perdido no mundo selvagem. Flor da sua estirpe, glória da sua raça, a *urbs* identifica-o, desde as origens, com o padroeiro, também soldado e moço, ferido também por uma horda de sagitários. Entre as nossas palmeiras, Sebastião de Narbona teve um irmão lusiada — Estácio de Sá, — o mesmo que lhe trouxe aos pés, com o seu mólho de flechas simbólicas, a cidade infantil, pequenina, asseteada como os dois no flanco e na face. Os despojos do herói, junto aos quais a Vitória pran-

teava, fechando as asas, foram guardados sob o altar da capela humilde, levantada no arraial da praia de S. João, até que Salvador de Sá, dezesseis anos depois, trasladando-lhe os ossos para outro jazigo, o do templo de S. Sebastião, mandou inscrever na lápide a verdade histórica: "*Aqui jaz Estácio de Sá, primeiro capitão e conquistador desta terra e cidade...*" (119).

\* \* \*

Vencidos os franceses, subjugados os tamoios, ditas sobre o corpo de Estácio as últimas orações, embarcaram para S. Vicente, com o bispo d. Pedro Leitão e a boa nova do triunfo, os padres Inácio de Azevedo, Luiz da Grã, Joseph de Anchieta e outros. Manuel da Nóbrega, envelhecido e alquebrado, mas fulgurante de santidade e heroísmo, abraçou com alegria os companheiros, bendisse a fortuna das nossas armas. E todos seguiram, visitando escolas, aldeamentos, santuários, até Piratininga, onde a gentilidade os acolheu, festivamente, como se lhe trouxessem alguma divina mensagem.

Nessa romaria a S. Vicente, depois do combate, o nimbo das lendas evocadas pelos agiógrafos reco-

---

(119) Os despojos mortais de Estácio de Sá foram trasladados, em 19 de janeiro de 1922, do morro do Castelo para a Capela dos Capuchinhos, á rua Conde de Bomfim.

Capistrano de Abreu informa nas suas anotações à *Hist. Ger.* de Varnhagen, pag. 434: "Em 1862 foi aberta a sepultura de Estácio de Sá por uma comissão do Instituto Histórico.

"Segundo esta, Estácio de Sá teria a altura aproximada de 1<sup>m</sup>, 741, pois a tíbia marcava 0,36; o corpo era regular, pois a clavícula media 0,14 cent., o que inculca que o peito na sua parte superior, de um extremo clavicular a outro, ofereceria mais ou menos 0,32 cent.; por outra que era um indivíduo de tipo português, de estatura regular. *Rev. Trim.*, 26, 301 o seg."

meça a envolver e enublar o perfil de Anchieta. Esmiuçando-as, atribui-lhe Simão de Vasconcelos, cronista da Ordem, primeiro, a notícia de uma vitória distante e imprecisa, murmurada no silêncio da noite a Manuel da Nóbrega: “Padre meu, dêmos graças a Deus, que alcançaram os nossos agora uma vitória dos inimigos”. Depois, a visão do martirio de uma índia, esposa cristã, que lhe trouxera pouco antes, pressentindo já esse final, duas velas de cera para a sua missa de martir, velas acesas por Anchieta no mesmo dia em que ela, cativa de um bárbaro sensual, a trinta léguas de S. Vicente, preferia ser trucidada a ser poluída. Enfim, outra visão semelhante, a da morte de um padre, antigo discípulo seu, longe, no colégio de Nossa Senhora de Loreto, alma encomendada pelo vidente a Deus no dia seguinte, que era o de S. João Evangelista. Sem questionar sobre a veracidade, notemos a possibilidade metagnômica desses casos, o primeiro de clarividência, os dois outros de telepatia, hoje comuns no domínio das investigações psíquicas.

Regressaram os padres em julho de 1567. Como lhe escasseassem os ventos á proa e emurcheassem as velas, o navio fundeou algum tempo defronte de Bertoga. Era véspera de S. Tiago; suspiravam os crentes pelo conforto da missa. Não querendo mais retardá-la, Inácio de Azevedo, Luis da Grã, Nóbrega e Anchieta demandaram a terra num batel, que em meio do caminho foi abalroado por um cetáceo. Depois de torcer a cauda sobre a popa, inundando o barco, debaixo do qual nadava, a baleia não despediu o golpe, já esperado pelos quatro missionários, todos eles de joelhos, postas as mãos diante da morte. Assim deixaram de perecer num só naufrágio as quatro figuras dominantes da Companhia no Brasil. Simples



acaso? Talvez. De qualquer modo, novo prodígio, esse, referido pelos jesuitas á influência apostólica de Anchieta, que o atribui modestamente a outro: “Estava o bispo, e os mais do navio a la mira, esperando o successo com grande temor, mas que não perigarião, por ir ali o Padre Inácio com seus confiados companheiros” (120).

Chegando ao Rio de Janeiro, os religiosos encontraram o governador imensamente ocupado em transferir do nascedouro a cidade para o morro de S. Januário, depois do Castelo, que sobranceava na espessura dos matagais, então, o fundeadouro habitual das naves. Era esse o alcantil mais estratégico e recomendável para assento da *urbs*, a juízo dos capitães recém-vindos e dos velhos conhecedores da terra. Foi necessário abater-lhe as árvores colossais, apropriar-lhe o terreno ás edificações projectadas. Com a sua rede metálica e farpada, os sus muros e baluartes, a potência da sua artilheria, branquejou a *urbs*, lindamente, na culminância frondosa. Uma a uma, ressaíram as construções ordenadas por Men de Sá, os celeiros da fazenda de S. Alteza, com espaçosas varandas, a cadeia espreitando o mar pelos renques de janelinhas gradeadas, o pouso da Câmara, a Igreja e o Colégio dos jesuitas, a erguida Sé de três naves. Tudo pobre, claro, simples, mas fadado a crescer, durar, florir. O governo ajudava os moradores na sua laboriosa nidificação de aves migratórias; sob a vigilância dos padres, mourejavam os índios nessas obras humildes. E tendo feito doações de terra, em nome do rei, á Companhia de Jesus e ao índio Martim Afonso Ara-

---

(120) SIMÃO DE VASCONCELOS, *Vida do P. Anchieta*, liv. II, cap. XIV.

riboia, punido outra vez o gentio rebelde nas imediações de Guanabara, nomeado Salvador Correia de Sá, em 4 de março de 1568, governador da cidade, Men de Sá, o heroi, seguiu para o Espírito Santo, onde logrou ainda vencer e domar, com intrépido esforço, as tribos ferozmente sublevadas.

A segunda conquista do Rio de Janeiro foi a coroação do *Instrumento de Serviços*, apresentado a El-Rei por Men de Sá. O governador geral não sobreviveu na Baía mais de quatro anos. Expirou num domingo, dois de março de 1572, ás dez horas da manhã, envelhecido e amargurado, saudoso da filha e do reino, a que nunca mais pode voltar, não obstante as suas deprecações ao soberano. Os padres da Companhia recolheram-lhe os despojos á capela do templo e os anais brasileiros guardaram-lhe o nome para a imortalidade. Com a mais formosa das terras, duas vezes arrancada ao estrangeiro, deve-lhe o Brasil, quase perdido entre os horrores do século XVI, a autonomia das origens econômicas, a segurança dos princípios religiosos.

\* \* \*

No assalto ao reduto do principal Uruçú-mirim, em que tombara Estácio de Sá, mortalmente flechado pelos tamoios, haviam sido capturados nove ou dez combatentes franceses. Tão inflexível quanto valeroso, Men de Sá mandou executá-los (121). Seguidamente, foram cativados outros na ilha de Paranapecú;

---

(121) Depoimento de João d'Araujo, fidalgo da casa d'el-rei e testemunha arrolada por Men de Sá no *Instrumento de serviços*: "...tomarão os francezes e os trouxerão ao dito governador dos quaes mandou fazer justiça".

ainda outros se renderam aos portugueses nos últimos baluartes e casas fortes de Guanabara. Muitos deles teriam sofrido a mesma sorte dos primeiros, justificados por Men de Sá.

Em alguma dessas turmas, se é verdadeira a narrativa do biógrafo Pero Roiz, havia um francês calvinista, um herege, condenado pela justiça do governador ao suplício da força e entregue aos cuidados espirituais de Anchieta, que tudo fez para o converter ao catolicismo. Não se lhe conhece o nome. Obstinando-se o pecador no erro, conseguiu o sacerdote que fosse adiada a execução. Anchieta queria salvá-lo, extinguir nesse rebelde a influência de um réprobo, Calvino, dragão do poema de Iperoig. Por ele convertido, afinal, o herege submeteu-se á confissão, aprestou-se para morrer no seio da Igreja Católica.

A' hora extrema, porém, como a imperícia do verdugo redobrasse o tormento ao condenado, o homem propenso á colera, Anchieta sentiu-lhe o desespero iminente, afrontando os céus na explosão de alguma blasfemia irreparável. Era a alma perdida para Deus, fisgada por Satanaz, e o jesuita repreendeu o algoz, ordenou-lhe que se apressasse: "...deu-lhe ordem como o fizesse bem".

Volveram os tempos sobre a fundação da cidade, a execução do herege. Ouvindo ao padre Anchieta semelhante caso, muitos anos depois, lembrou-lhe um irmão que as leis eclesiásticas proibem ao sacerdote acelerar a morte, sob pena de se ver suspenso do seu ofício. E a resposta foi que essa irregularidade não era "ofensa de Deus", podendo absolvê-lo a Igreja, mas outro remédio não tinha aquele desventurado, cuja salvação devia operar-se num prazo fatal: "— Para salvar uma alma, concluiu, vivera eu toda a vida

suspensão, dando o meu sacrifício por bem empregado” (122).

Joseph de Anchieta ficara no colégio do Rio, ajudando Manuel da Nóbrega, superior do novo instituto e das casas de S. Vicente, Santos, Piratininga e Espírito Santo, com todas as aldeias anexas. Excessivo trabalho para uma vida quase bruxoleante. Vencido pela enfermidade, Nóbrega morria docemente, e cada vez mais pesava a tarefa sobre Anchieta, mestre do gentio agregado ao colégio.

A criação oracular e taumatúrgica da lenda anchietana, começada em Piratininga, desenvolvida em Iperoig e S. Vicente, prosseguia no Rio de Janeiro, incorporando novos sucessos, tidos por miraculosos. Eram predições, descobertas, avisos. No púlpito, em dia de S. Vicente, Anchieta noticiara um lance feliz das nossas armas, ocorrido em Baía Formosa, naquele mesmo instante, conforme o seu vaticínio; outra vez, surpreendera um pecador com a revelação do impedimento conjugal, que ele trazia oculto; anunciara mais tarde o regresso dos maridos a damas supostamente viúvas. Florescia no berço da própria cidade a lenda colonial de um santo guerreiro e doméstico.

---

(122) PERO ROIZ, *op. cit.*, liv. II, cap. V.

L I V R O V

**A S C E N S Ã O**

Maravilhas são estas que sabe fazer a suma bondado  
de Nosso Senhor com seus escolhidos...

ANCHIETA



## I

**Anchieta nomeado reitor do colégio de S. Vicente. Os seus trabalhos nesse período. Exaltação das suas virtudes. Misticismo e renúncia. Grandeza e humildade.**

Entre 1569 e 1576, Anchieta governou a casa de S. Vicente, onde residiam sete jesuitas, laboriosos e mendicantes, que ensinavam leitura, escrita, música e oração aos meninos, diziam no púlpito o Evangelho, confessavam portugueses e aborígenes, semeavam nas terras bravias de Santos e Itanhaem a verdade cristã. Dez ou doze léguas além, por aldeias remotas, era-lhes necessário catequisar o gentio bronco e voraz. Ia com eles o padre Anchieta, vencendo os caminhos sinuosos tão rapidamente que lhe adveiu do prodígio dessa rapidez a fama lendária de caminheiro invisível.

Reitor do colégio de S. Vicente e das casas anexas de S. Paulo e Santos, o jesuita não se despede ainda, mas dia a dia se alonga do seu elemento selvático e histórico. Paradoxalmente, quando aferrado á obediência, em que se amortalha o Eu religioso, inerte, semelhante a um cadaver, fôra o homem de acção complexa na história do Brasil — missionário, diplomata, político, fundador entre os fundadores de cidades. Hierarquicamente, subindo agora da obediência á autoridade, primeiro como reitor, em 1569, depois como provincial, em 1578, o herói não tem já o relevo dos fortes lances épicos. A escola de Piratininga, o exílio de Iperoig, a missão da Baía, a tomada de Gua-

nabara, procelas e combates, esquadrihas de canoas, bandos de flecheiros guiados pela fé, tudo se esvaecera no turbilhão das guerras coloniais. Define-se para ele, com o revestimento da autoridade, a era agiológica das profecias, das revelações, dos milagres. Ao lado mesmo do homem representativo, criação dinâmica da vontade, sobrepairando á nossa primitiva e formidável natureza, assoma o taumaturgo, nebulosa figura construída, linha a linha, pela imaginativa brasileira do mundo colonial, feito de superstições e temores, povoado de bruxedos e espectros. Daí por diante, a vida histórica de Anchieta será esfumada pelo automatismo e anonimato da Regra ou pelo nevoeiro da lenda jesuitica. Não mais possuímos as observações, os aspectos, os dados originaes do epistolário com que logramos reconstituir-lhe o cenário e a acção. Como que o naturalista se desinteressa da própria natureza, o catequista reentra, absorto, no santuário e no silêncio.

\* \* \*

Novos trabalhos intellectuais, não obstante, deviam alternar com os duros trabalhos religiosos. Aduzido um biênio, sem funcções administrativas, ao septenario do reitor, contamos nove anos plácidos, fecundos para Anchieta na pobreza marítima do núcleo vicentino. Evocando através do silêncio, apenas quebrado pelo bater das ondas, porque o das tribos amorteceira, longe, na conquista de Guanabara, ele teria eucordado a lira diante do mar e composto os versos do poema, sumido no tempo como no pélagos um barco — *De rebus gestis Men de Sá*. Teria lavrado e repolido algo do Poema da Virgem, presumivelmente os *Laudes Virginis ordine alphabetico* e as *Horae Immaculatissimae*



*Conceptionis Virginis Mariae*, que nos lembram joias rendilhadas, sobrepostas na mesma devoção infatigável á urdidura poética do texto. O seu misticismo e a sua inspiração produziriam, ornando o ambiente claustral, novos autos e cantos piedosos, naturais como os botões de rosa e as cravinas, flores tratadas por suas mãos, outrora, na cerca modesta de Piratininga.

Desses trabalhos de autor, que apenas conjecturamos, não falam os biógrafos, mas um deles realça, durante o septenio 1569-1576, o progresso da mentalidade e o prodígio do saber de Joseph, autorizando a nossa conjectura (123). Sem outros estudos, afora o de humanidades, retórica e parte da filosofia, em Coimbra, ele versava, com a mesma facilidade, nas dissertações da aula e nas resoluções do confessionário, a teologia moral e especulativa, segundo informa o padre Simão de Vasconcelos. Maravilhando o clero pela exegese das Sagradas Escrituras, no púlpito, “a sua ciência parecia mais que humana”, o seu estilo rememorava aos doutos o verbo de S. Jerónimo e de S. Bernardo, acrescenta o panegirista. Um dos exercícios predilectos de Anchieta, a esse tempo, era compor vistosos ramalhetes de frases bíblicas, sob a forma epistolar, sem uma palavra dele, mas logicamente urdidos, solidamente ajustados, de modo que, revelando todo o seu pensamento, levassem á mesma convicção o destinatário. Ouvindo-lhe os sermões, diziam os fieis, que Deus lhe punha na boca tudo quanto havia de pregar. D. Pedro Leitão, bispo da cidade do Salvador, preferia o *gorgeio* desse canário a todo o bando sonoro de pregadores da sua diocese. E o jesuita Gaspar

---

(123) SIMÃO DE VASCONCELOS, *V. do P. Anchieta*, liv. III, cap. I,

Sampères jurou ter visto, quando pregava Joseph, em dia do Espírito Santo, pousar-lhe no ombro esquerdo, festivamente, uma sorte de canário, que os gestos do orador não logravam afugentar. Como procurasse conhecer o fundamento desse milagre, respondeu-lhe Anchieta:

— Eu vos direi, Gaspar, o que hà. Certo dia, navegando, vi um pássaro marinho, que esvoaçava de um a outro bordo. Estendi-lhe o braço para que nele descansasse, e no meu braço pousou, então, como pousaria numa das vergas do navio.

Outra vez, lembrando alguém que os pássaros, atraídos, lhe demoravam no braço, no bordão, no breviário, como nos galhos viçosos da floresta, Anchieta exclamou:

— Bom dito, grande milagre! E não se põem eles nos monturos e nas forcas?



Copiosamente, os biógrafos referem milagres ou dissertam sobre virtudes insignes do padre Joseph nesse período: o seu amor á pobreza e á castidade, ao cilício e à prece; o que havia nele de mansidão, paciência e renúncia; como era caridoso para o próximo em coisas temporais e espirituais; como revelava em todos os actos da fé um zelo sobrehumano.

A genuflexão interminável deixava-lhe em sangue os joelhos, asperamente calejados na pedra ou no barro. O seu oratório estava em toda a parte; a sua oração, cada instante, ascendia para a divindade. Lidando, comendo, até mesmo dormindo, o santo falava a Deus. Ao cair da noite, pela noite dentro, nos ermos e frios corredores do colégio de S. Vicente, descoberta a cabeça, os pés nus, ia e vinha, a rezar, ou ajoelhado

num canto da cela, imóvel sombra de eterna penitência, desfiava o rosário. Postas as mãos, entrefechados os olhos, resplendente a face, desatando a alma em suspiros profundos, quedava-se horas e horas no extase da prece. Quase de madrugada, exausto, acercava-se do leito, que era uma táboa ou um feixe de silvas agrestes. E a ressonância interior desse longo nocturno, agitando nervosamente o próprio somno, enchia-lhe os sonhos de imagens e de anseios cristãos.

Mais pobre do que ele, mais devoto da santa e casta pobreza não teria sido o Pobrezinho de Assis. Bastava a Joseph de Anchieta, como fortuna, a mesma visão radiante do sol, que o sentimento da natureza havia cantado, pela voz do monge, quase cego, tres e meio séculos antes dele, na cabana de S. Damião. Toda a roupagem lhe era uma nesga de pano, todo o calçado um velho par de ligeiras alpercatas. Nem arca nem livros possuía Anchieta. Se compunha alguma coisa, logo abandonava a outras mãos o que tinha escrito. Se lhe davam alguma coisa, logo restituía o dom precioso ou singelo, agradecidamente, quando não implorava que o dessem a outrém. O seu estoicismo desdenhava todos os sofrimentos: — "... não deixo de ter, dizia, algumas relíquias das enfermidades passadas, porém não faço mais conta delas que se não fossem".

Depois da tentação demoníaca e da vitória celeste de Iperoig, emudecera na carne, ainda não envelhecida, mas dia e noite mortificada, a voz do secreto desejo, inimigo de almas fortes e puras. Consumido pelo jejum, castigado pelas disciplinas, sangrando e sorrindo, ele acorrentara a mocidade ao isolamento glacial do seu voto. E os anos, pouco a pouco, extinguíam-lhe as paixões, agora quietas e mudas. Já lhe

não era penosa a guerra dos maus pensamentos, como dizia aos irmãos. Homem de armas espirituais, pug-nara e vencera. Contra os desejos lascivos, abrasado-res, eram tidos como relíquias os fragmentos da sua roupeta.

A paciência, a doçura e a humildade igualavam nele o espírito de renúncia aos bens e gozos materiais. Reflectindo a alma impassível, não se lhe mudava o aspecto com a ventura ou a desventura. De injúrias e desgostos retinha só a lembrança, evangelicamente, para encomendar ao céu os que lhe amarguravam a existência. E de um seu devedor impenitente dizia: "Mais pecou ele contra Deus que contra mim: se Deus o sofre, bem é que eu o sofra por amor de Deus."

Inteligência e erudição, poder e valor, nada lhe era agradável patentear aos homens como grandeza humana, vaidosa miragem dos efémeros, e Anchieta fazia tudo para encobrir os dons espirituais de predes-tinado. Considerava o próprio eu com infinito despre-zo, sentindo o horror da evidência, do realce, do man-do. Pero Roiz, seu biógrafo, que tratara pessoalmente com ele, mal suspeitava das suas virtudes heroicas. por saber ocultá-las aos demais, sob o *véu da hu-mildade e santa dissimulação*. Voluntariamente, o sacer-dote desaparecia na quietude severa dos colégios, abandonando o lugar decorativo a outrém; no tumulto bravo das aldeias, se o convidavam para baptismos e casamentos, deixava aos irmãos a pompa da celebra-ção, dedicando-se á tarefa mais obscura: ensinar os bugres, converter os tigres. Alarmado por escrúpu-los, rogava penitência, de joelhos, ao superior. Ver-gando aos sofrimentos do corpo, era o doce enfermo paciente, que abafava os gemidos, á noite, para não despertar o enfermeiro. Diogo Flores Valdez, coman-

dante da armada espanhola, que em 1583, demandando o estreito de Magalhães, fundeou no Rio de Janeiro, onde assistia o padre Anchieta como provincial, resumiu-lhe assim a grandeza oculta:

— Não queira Deus que eu deixe de fazer quanto ele mandar, pois nunca se me representou pessoa tão abjecta e desprezível, em nosso primeiro encontro. mas depois, olhando-o bem, nunca me vi tão apoucado em presença de qualquer outra majestade.

Inimigo de toda a maledicência e discórdia, ele fechava os ouvidos, sistematicamente, á lingua murmuradora, que viesse acusar ou denegrir os ausentes; reconciliando brutos e maus, a sua bondade oferecia ás próprias almas obtusas da selva uma consolação inefável. Na vigília das enfermarias, adoecendo, o padre Anchieta circulava para aviar xaropes e drásticos, temperar o caldo de outros doentes; na solidão hiernal dos caminhos, á noite, andava sutilmente por baixo das redes, atijando o braseiro aos índios adormecidos, que o fogo crepitante mal resguardava da geada.

## II

**Anchieta na tribuna sacra. O sermão de 1568 sobre a conversão de Saulo. Efeitos oratórios e locais. O pecador do Brasil-colônia. Vas electionis. Catequese dos maramomis. O amigo dos índios. Uma bandeira cristã.**

A eloquência de Anchieta, por esse tempo, ainda ressoa no púlpito com ardor belicoso e fascinante. Modelo de oratória entre selvagens e colonos, uma das poucas folhas arrebatadas ao vento, que tantas folhas iguais dispersou no côncavo das matas, é o sermão recitado aos fieis de Piratininga, em 1568, sobre a conversão de Saulo: imagens, conceitos e exortações, bíblicamente sugeridos ou associados, tomam a forma directa e objectiva, própria do seu estilo (124).

Nas cartas, nos poemas, nos sermões, o pensamento de Anchieta nunca se faz abstracto e difuso. Ataviada embora, poucas vezes, com os recursos do florilégio católico-romano ou acrescida, mais frequentemente, com excerptos latinos da Escritura, a sua forma revela uma tendência plástica, certo impulso flagrante para a modelação, o contorno, a realidade corpórea e tangível. Como se o amor patente das coisas naturais lhe determinasse a expressão das coisas místicas, Anchieta é um *realista* vigoroso, que observa com agudeza, incorpora com energia, usa a linguagem concreta e exacta, sem rodeios. Há um período feliz, recentemente divulgado, para comprovar o

---

(124) Rev. do Inst. Histórico, t. LIV.

objectivismo do sermão anchietano, corporificando as idéias do pregador, mesmo associadas em torno á divindade: “Outra causa, porque *Deus Nosso Senhor* deixou de ir curar o filho do regulo, e se ofereceu tão liberalmente para ir sarar o escravo, foi para condenar a negligência de tantos, que no Brasil tão pouco caso fazem dos seus escravos, que os deixam viver mal e morrer ás vezes sem baptismo e sem confissão; e para que saibam estimar as coisas segundo seu valor, não olhando no escravo o que tem de boçal, ou o ter-me custado o meu dinheiro, senão vendo nele representada a imagem de *Cristo Nosso Senhor*, que se fez escravo trinta e tres anos, por me salvar a mim” (125).

Estranho ao artifício, quando pensa e compõe fora da métrica religiosa, o orador não teme a violência do epíteto ou da locução. Daí, entre a sua espontaneidade verbal e a rudeza instintiva dos nossos primeiros auditórios, vergastados e seduzidos pelo catequista, essa corrente contínua e magnética, feita de simpatia, de enlevo, de temor. Nenhuma oratória mais adequada ao entendimento, nenhum prestígio mais forte e mais grato á sensibilidade das almas primitivas, cuja impressão era assim resumida pela devota ingênua: “O Espírito Santo põe na boca do padre o que há de dizer como a pomba na boca do filho o que há de comer”.

Nesses agrupamentos coloniais e indígenas do século XVI, pousos erguidos á beira-mar, ninhos suspensos á borda do campo, o estado de guerra é o necessário estado social. Falando a guerreiros, Joseph de Anchieta reveste a armadura da Igreja combatente,

---

(125) Extr. de *Jesuitas no Brasil*, do P. GONZAGA CABRAL.

rebusca as alegoriãs e analogias em que se compraz a índole batalhadora dos ouvintes. Sobre o motivo da prédica de 1568 — *vas electionis est mihi iste* — “é esse para mim um vaso escolhido”, como de Saulo disse Jesus em Damasco, temos um simúlacro de batalha, que entre os dois se fere: da parte de Jesus estão os coros angélicos e os santos: da parte de Saulo os exércitos infernais dos diabos e dos fariseus; em torno, folgando com esse desafio, os cristãos de Piratininga, valentes lutadores, comandados por valentissimo capitão das milícias eternas, Cristo, vencedor magnânimo, que ao mesmo tempo derriba e deslumbra, suplanta e exalta o inimigo.

Celebrando a conversão de Saulo e a vitória de Jesus, o pregador generalisa humanamente o episódio, que é sempre o desafio dos pecadores a Cristo. Assim deixamos a estrada real de Damasco pelo caminho serpeante de Piratininga. Cristo aceita o desafio, não para aniquilar, mas para converter o pecador. E então o converte de duas maneiras: ou instantânea, como fez a Saulo, ou sucessiva, amudando os golpes certos: ora a ideia da morte, ora um revez da fortuna; às vezes o terror do juizo e do inferno, outras vezes a lembrança da bondade infinita; hoje, um exemplo virtuoso, amanhã, um conselho de amigo.

Sente-se a predestinação do apostolado no Brasil, quando Joseph de Anchieta brada ao colono, pecador lançado á conquista da terra selvagem, repreendendo lhe a barbaria ou a iniquidade: “. . . todas as vezes que pecas, persegues a Cristo e pisas o seu precioso sangue. . . .” Perseguidores de Cristo são todos os maldizentes ou prepotentes, concussionários ou chicanistas, onzeneiros ou rapinantes, insensatos ou libidinosos, que injuriam, esbulham ou tiranisam o próximo,



bebem o sangue ás vitimas do foro e do fisco, arrebatam aos orfãos o espólio, aos trabalhadores o salário, aos casados a honra, violentam ou seduzem as moças da tribo nas malocas.

Flagrantemente avultam no quadro social da colônia todos os seus vícios e males: discórdia, injustiça, usura, extorsão, rapina, a lascívia dos brancos e dos mamelucos tripudiando sobre a carne das índias bronzeadas *as negras*. Que há de fazer o pecador, advertido e ofuscado por Deus? Responde o missionário: acolher-se á Igreja de S. Paulo, *vas electionis*, vaso de ouro lavrado e coruscante pedraria, modelo de outros vasos perfeitos, apóstolos, mártires e santos, dispostos sobre a mesa de Cristo, para sustento e deleite das almas. Vasos também existem, de matéria diversa, afeiçoados em pau, cobre, diferentes metais, que a poder de machado e martelo se esforçam por guardar os mandamentos de Deus. E os pecadores contumazes? São ínfimos vasos de barro, manufacturas do oleiro infernal, girando sempre na roda do pecado, “maus no princípio da vida como no cabo dela, maus na velhice como na mocidade, sem nunca acabarem de dar voltas nesta roda...” Infunde-lhes Deus o óleo da misericórdia, mas logo o derramam, jurando e perjurando, vivendo para a mentira, a cólera, a inveja, a avareza, o ódio, a luxúria, a ganância, e é assim que se perde a antiga devoção da vila de S. Paulo, enfeitada por broncos demónios: “Todo o empenho do jesuita é para que o fiel possa tornar-se, como S. Paulo, vaso eleito de Deus, *vas electionis*. Abrasado na sua fé, clama á impureza do homem de Piratininga, encerrando a prédica fulminante: “Rompe tu também, irmão, esse teu duro coração para que entre Cristo nele... Deixa-te vencer de Cristo,

sujeitando-te a seus mandamentos, que poderoso é ele com sua graça para de vaso de barro que és fazer-te vaso de ouro e de prata escolhido, e posto á sua mesa celestial..." Aos brasis dariam mais forte impressão dessas imagens, por equivalência, os trabalhos regionais da cerâmica, desenvolvida e aprimorada nas suas aldeias.

Nem de prata nem de ouro, lavrado amorosamente pelo artífice, mas de ferro ou de cobre, rijamente fundido, o sermão de Anchieta afigura-se um vaso religioso, sem ornatos, em cuja simplicidade irrompem, de onde em onde, expressões cortantes ou abruptas. Com essa veemência inculta de linguagem, destacamos ali o mesmo Cristo, sob a forma de cordeiro *esfolado* e morto na cruz, *Saulo a dar couces* contra o aguilhão da divindade, o pecador desafiando Jesus pelas más obras e *fazendo-lhe tantas em suas barbas*, ou *metido na água das deleitações* do mundo e da carne, uma *estocada* do amor divino, as *orelhas d'alma*, o Salvador feito *bichinho* pela redenção do homem, Deus infundindo o licor da misericórdia *pelo cano da castidade* e o pecador extravasando-o pelos *buracos da luxúria ou da cobiça*. Materialisa-se a fé, asperamente, para influir e actuar com energia sobre a emotividade ou a imaginação dos habitantes de Piratininga.

\* \* \*

Entre as nações tapuias da capitania, por esse tempo, vagueavam os maramomis (126), caçadores selvagens e amigos dos portugueses. Não eram botocudos nem antropófagos. Um deles, que o irmão Anchieta havia conhecido e libertado em Piratininga,

---

(126) Moromomis, maramimis ou maramômis, segundo PE-RO ROIZ, op. cit.

apareceu com outros nas imediações de Bertioga. Feita a sua visita ao reitor do colégio, despediram-se, mas, poucos dias após, seduzidos pela bondade anchietana, voltaram com os demais da tribo — homens, mulheres e meninos. A essa notícia, o padre Anchieta foi-lhes ao encontro, deu-lhes as boas vindas em nome de Jesus, distribuiu-lhes terras onde vivessem, edificou-lhes a igreja, começou a doutriná-los, e ainda conseguiu, mediante um intérprete, recolher o vocabulário, parcialmente compor, entre os seus afazeres, uma arte da lingua dos maramomis. Tudo isso em quinze dias, findos os quais, tornando ás occupações de reitor, o apóstolo deixou a catequese ao padre Manuel Viegas, que tanto fez por essa obra em santuários e aldeias.

Na instrução e defesa do gentio, clamando pela sua liberdade contra as guerras injustas ou contra os vexames dissimulados em resgates, lidava o jesuita. Recorrendo aos anatemas, se os avisos não lhe bastavam, erguia-se a voz do pregador, colericamente, sobre a ignómia dos mercadores de escravos.

Aparelhados para esse comércio, na vila de Santos, iam largar dois navios, demandando a terra dos carijós. Os capitães haviam ensurdecido ás preces dolorosas de Anchieta, que suplicara em vão pelos índios; a justiça local, desonesta na sua indiferença não lhe ouvira também as queixas. Então, da tribuna sacra, o apóstolo desfechou a ameaça profética dos castigos de Deus, se os navios largassem naquele rumo. Obstinadamente, os dois traficantes partiram. Certa noite, em meio da viagem, um deles sonhou que se despenhava de uma rocha no abismo e que o padre Joseph, salvando-lhe a vida, reprovava em nome de Deus a ganância. Despertando, o capitão arrependido

volta a proa do barco, regressa ao fundeadouro. Mas o outro navio prossegue no roteiro e vai ter, desventuradamente, á plaga dos carijós, onde naufragam os mareantes, e sucumbem ás mãos dos antropófagos, excepto dois, feridos, que trazem a noticia aos colonos de Santos. Assim redobra, para Anchieta, a fama de *amigo dos índios e porta-voz do céu*.

\* \* \*

Em 1570, receosos da justiça e rebelados contra o governo da capitania, fogem para o sertão, com as suas famílias, dois homens truculentos e aventureiros, ligando-se ao gentio inimigo. Dessa aliança não surgirá um poder, que em breve ameace e aniquile S. Vicente? Inquieta-se o povo; impressionam-se as autoridades. Só a força espiritual não vacila. Rogando e obtendo o perdão dos sublevados, espera Joseph arrebata-los á selvageria. Com o padre Vicente Rodrigues, certo Manuel Veloso, poucos homens fieis, organisa uma bandeira cristã. E parte em busca dos rebeldes.

Oito dias correm de navegação em *ubá*, leve canoa talhada em casca de árvore, que rapidamente sossebra, quando faz água. Transpostos os rios mais amplos e fáceis, arquejam os remadores, imergem os remos de pá no tumulto de um rio encachoeirado. Súbito, a violência da água espumosa, na altura de quatro ou cinco braças, inunda a *ubá*, santuário flutuante de cortex, onde navegam dois padres, Vicente e Joseph, rezando as horas de Nossa Senhora da Conceição. O lenho desaparece, alagado, com ele se afunda o padre Joseph, não sabendo nadar... Enquanto os demais expedicionários, bons nadadores, se avizinham da terra firme, um dos remeiros índios mergulha duas

vezes; longamente explora as ondas turvas, e afinal descobre Anchieta, que ele traz para a margem com as roupas gotejantes. Assim ficara o missionário por algum tempo, sob a correnteza, encomendando-se a Deus e á Virgem Maria, não tendo bebido água (127).

Sem fogo, sem pão, sem lar, caminham agora os naufragos, arrastando na espessura dos matagais o peso das vestes encharcadas. Anoi-tece. Lentamente, sob a chuva torrencial, vagueiam sem roteiro. Zurzidos pelo vento, desgarrados na treva, nenhuma esperança têm mais de agasalho, quando vão dar, cegamente, á porta das choupanas, onde vivem os dois rebeldes. No assombro dessa visita, a horas mortas, através da tempestade, lançam-se os malfeitores aos pés de Anchieta, em lágrimas: “Ó’ padre, os nossos pecados haviam de molestar Vossa Reverendissima!” E o hospede maravilhoso, que assim leva o perdão aos réprobos, temíveis como leões na furna, consegue trazê-los pouco depois a S. Vicente, gratos e dóceis.

---

(127) Os biógrafos PERO ROIZ e SIMÃO DE VASCONCELOS narram o facto com outras circunstâncias milagrosas. Adoptamos a versão mais breve e simples — *História de la fundacion del Collegio del Rio de Henero y sus residencias*, cap. 6.

### III

**Tragédia da nau Santiago. Mortos ilustres.  
Paz e Força. Na praia de Itanhaem. Adão.**

Anchieta e os demais jesuitas esperavam, em 1570, o regresso do visitador Inácio de Azevedo, que tornava da Europa, naquele ano, com os missionários portugueses e espanhois do Val de Rosal.

Desabrochava entre rosas o espírito dessa missão. Era uma pleiade cristã de 70 religiosos, fascinados pela selva americana. Os bons missionários, que o visitador já instruíra e escolhera em Val de Rosal, nos arredores de Lisboa, passaram à frota do novo governador nomeado para o Brasil, d. Luis de Vasconcelos. Quarenta deles vinham com Inácio de Azevedo a bordo da nau *Santiago*.

Na ilha da Madeira, destacando-se da armada, a *Santiago* tomou rumo para as Canárias, desavisadamente, afrontando a pirataria daqueles mares. Em 15 de julho, pouco depois do amanhecer, defronte da ilha de Palma, branquejaram velas distantes, que a voz do gageiro anunciou no tope real. Purpureavam-se as águas e os céus, feridos pelo clarão do sol nascente. E eram velas hostis de corsário as que avançavam, enfunadas ao sopro matinal, velas da esquadra de Jacques Sore, almirante huguenote da Rochela. Um pelouro cortou os ares. Intimada pelo galeão *Príncipe* a que amainasse, respondeu a *Santiago* com outro disparo de artilheria. Foi a sua perda.

Os obuzes de cinco náus caíram-lhe á proa, romperam-lhe os flancos, e entre as nuvens do bombárdeio, logo depois, o inimigo ferrou-lhe os dentes do harpéu, repuxou-a para a manobra da abordagem. Cinquenta soldados ferozes e ágeis saltaram no convés. Mas a audácia dos infantes ruivos de Sore topava, com imprecações, o valor dos marujos trigueiros de Portugal. Embebiam-se as lanças, de chofre, nos peitos musculosos e ofegantes; voltavam no ar, golpeando a esmo, terçados e machadinhas: troavam os arcabuzes á queima-roupa; cingiam-se os combatentes; afogavam-se os gritos na mesma onda rubra de sangue. Acutilado e aturdido, ao pé do mastro grande, tombara Inácio de Azevedo, encorajando os patrícios á luta. Religiosos eram precipitados no mar. Um deles, Manuel Alvares, cuja voz reboava sobre o escarcéu, teve a face lanhada a cutelo, as tibias quebradas pelo coice rijo das escopetas. A outro irmão os hereges, batendo com o punho das espadas, fenderam o crânio até aos miolos; a outro mutilaram barbaramente o queixo e a lingua. Enfim, morto na refrega o capitão, flor dos valentes, rendeu-se a nau, e os padres foram levados á tarefa da bomba, porque se afundava os poucos a **Santiago**, desarticulada pelo fogo dos calvinistas.

Entre os vencidos, morreram decapitados alguns, como Simão Costa, o mestre e o calafate do navio. Olhando os jesuitas esfalfados no trabalho da bomba, sentenciou Jacques Sore: "Lançai os perros ao mar". Dispostos em dois pelotões, o de bombordo, o de estibordo, e apunhalados os mais idosos pelos carrascos, impelidos todos eles como fardos, baquearam nas mesmas águas reverberantes, sobre as quais flutuava o cadaver de Inácio de Azevedo, simbolicamente, com

os braços abertos em cruz. Um tripulante moço, a quem o visitador prometera o ingresso na Companhia, não tendo sido martirizado com os inacianos, veste uma roupeta manchada de sangue, corre ao lugar do suplício, bradando: "Matai-me. Também eu sou jesuíta!"

Apenas dois irmãos escaparam á mortandade para narrar ao mundo a tragédia (128). Quarenta martires haviam conquistado o Paraíso, sob o estandarte de Loiola. Todas as rosas cristãs do Val de Rosal sangravam nesse martírio, entre as rosas de fogo do sol nascente.

\* \* \*

Poucos meses depois, em 18 de outubro de 1570, expirava no colégio do Rio de Janeiro o fundador da catequese. Manuel da Nóbrega, jesuíta primacial nas origens católicas da história do Brasil, teve o seu epitáfio lavrado pela justiça de um protestante, Southey: "Não ha ninguém a cujos talentos deva o Brasil tantos e tão permanentes serviços".

Dilectos amigos, Inácio de Azevedo e Manuel da Nóbrega reviviam saudosamente no coração de Anchieta, mais do que nunca resignado, entretanto, a vontade de Deus. E eis que lhe surgem tristezas iguais funebremente, do eclipse de velhas afeições: em 1572, perece o governador Men de Sá, herói do seu poema; em 1573, o bispo d. Pedro Leitão. Nesse ano, entre 2 e 4 de novembro, caiu em Piratininga um chuveiro de tamanhas pedras que os viandantes lapidados pelo céu, estarecidos, bradavam de joelhos: Misericordia! Al-

---

(128) *Ibd. Ibid.* "...solos dos escaparon por mia Dios para dar cierta informacion de la muerte de ñros heroes..."



gumas rolavam como esferas de cristal, outras como se fossem cruces de gelo, e uma destas afigurou-se aos jesuitas um vago crucifixo, recordando no seu albor momentâneo a cristianisação passageira dos índios (129).

Mas a vida traz ao reitor Joseph de Anchieta, por outro lado, novas esperanças e novos estímulos. O governador Antônio Salema, reunindo aos seus homens d'armas os de S. Vicente, portugueses e naturais, capitaneados por Jerónimo Leitão, conseguira expelir os franceses e naturais de Cabo Frio, apaziguar os tamoios de Paraíba do Sul. Anchieta não acompanha os guerreiros ao campo de batalha, mas rejubila com o advento da grande paz indígena, pela qual tanto sofrera, ainda moço, no desterro de Iperoig. Realizava-se destarte o que ele prädissera em 1554: "...nenhum ou certamente muito pouco fruto se pode colher deles (os índios), se a força e o auxilio do braço secular não acudirem para os domar e submeter ao jugo da obediência" (130).

Sobre a paz da colónia, imposta definitivamente pela força, expandia-se a catequese sem perigo. Eram mais fáceis os caminhos, mais dóceis os corações, e o jesuitismo louvava nessa conquista o favor dos quarenta mártires da *Santiago*, padroeiros do Brasil. (131) Todas as rosas cristãs do Val de Rosal se entrelaçavam agora, no mesmo santuário, às orquídeas da selva brasileira. E a musa anchietana deveria

---

(129) *Historia de la fundation del Collegio del Rio de Henro y sus residencias.*

(130) ANCHIETA — *Cartas quadrimensais* de maio a setembro, 1554.

(131) *Historia de la fundacion del Collegio del Rio de Henro y sus residencias*, cit.

compor mais tarde o elogio sacro ao bem-aventurado Inácio de Azevedo, testemunhando a conversão miraculosa do protestante Jacques Sore na velhice:

A la fé, de corazon  
 se redujo en la vejez,  
 porque tu, con oracion,  
 ganaste de Dios pardon  
 al enemigo francêz (132).

\* \* \*

Anchieta denominava a praia de Itanhaem, jovialmente, o seu reino dos Incas, o seu Peru, transbordante de almas nascidas para a cristandade, opulento de conversões, baptismos e alianças, como o outro, inverosímil, de ouro e prata aos quintais, de pedraria em toneis. Medindo oito léguas, com o templo erigido á Nossa Senhora da Conceição pelos jesuitas, era esse o caminho habitual do missionario nas infindáveis peregrinações evangélicas. Por toda a ourela da praia alvejavam ossos colossais, despojos de cetáceo, que vinham boiando á flor das enchentes e afinal jaziam em seco, inertes, no refluxo das vasantes. Itanhaem, ossuário imenso de baleias, antepunha ao choque das ondas a rijeza do solo, em que as rodas chiantes dos carros de bois, ajoujados e morosos, não deixava sequer vestígio.

O irmão Joseph, em 1563, baptizara nesse lugar um índio centenário, que aprendera as lições do catecismo, inesperadamente, quando mal podia ver

---

(132) P. GONZAGA CABRAL, *Jesuitas no Brasil*: "Encontrei entre os Manuseritos inéditos, que estou citando, uma poesia em castelhano, do próprio punho de ANCHIETA, dirigida ao Bemaventurado (INACIO DE AZEVEDO), na qual refere a conversão ao catolicismo de JACQUES SOURIE (Sore), o capitão calvinista, que comandou a carnificina da nau *Santiago*."

e ouvir. Com a pele enrugada sobre os ossos frágeis, quase surdo e cego, o macróbio teve ainda vigor de cbração e entendimento para se cristianizar. — "... o que a muita idade lhe negava, escreve Anchieta, supriu nele a grande vontade de ser Cristão." Aos cento e trinta anos de idade, temendo o inferno, desejando o paraíso, aborrêceu os antigos pecados, compungiu-se á lembrança das torturas, que sofriam os seus parentes selvagens, pecadores mortos, decorou os mistérios da Encarnação e da Ressurreição, os nomes de Deus-Pai e Deus-Filho. Só não sabia articular o do Espírito Santo, por intraduzível na lingua tupi. Enfim, recebeu chorando o baptismo, e esperava desfeito em lágrimas, depois de ser baptizado, a vida eterna e feliz.

Sobre a realidade anchietana os biógrafos Pero Roiz e Simão de Vasconcelos expõem a metamorfose lendária:

Certo dia (conta-nos a lenda), passando por aí com o seu breviário, o seu bordão, sentiu-se Joseph impellido por estranha força a entrar na selva misteriosa. Sob a ramagem de uma das árvores, sentado, avistou o padre um velho índio, tão velho como a própria árvore, que lhe estendia á velhice um pouco de frescor e de sombra. Perto, corroida já pelo tempo, havia uma enxada de lavrador ou de coveiro, ao abandono. O missionário deteve-se um pouco, entre as suas reminiscências, ira surpresa de tal encontro. Veiu-lhe á ideia outro pagão secular e rugoso, convertido e baptizado por ele, quando era apenas irmão, nessa mesma praia lendária (133). Como se o es-

---

(133) ANCHIETA — Carta de 16 de abril de 1563: "Entre estes índios, de que falo, está um que creio passa de cento e trinta anos..."

perasse com ansiedade, ao pé daquela ramaria, desde milénios, o gentio venerável disse:

— Acaba de vir, padre, que há muito aqui estou suspirando pela tua presença.

Então, acelerando os passos, inquiriu Joseph o seu nome e o da sua aldeia, soube com espanto que ele não era da Província do Brasil, mas de terra estrangeira, além mar, para as bandas do oriente, e compreendeu, maravilhado, que de tão longe o trazia uma força invisível, sobrenatural.

Docemente, perguntou-lhe a causa da sua vinda o que dele queria. Conhecer a lei de Deus e a vida boa, respondeu-lhe o índio pre-histórico, derradeiro exemplar de antiguidade selvagem, arquétipo moldado no bronze da raça americana.

Pensativo, quase transfigurado pelo sentimento dessa predestinação, acolhendo-se á mesma fronde, pousando sobre as mesmas raizes, o pegureiro de almas confessou o nomade envelhecido nas jornadas e nos combates da tribo. Ouviu com alegria que os seus amores não tinham sido bestiais nem injustas as suas guerras. Se havia nele a grande mácula do pecado original, escurecendo-lhe os dias incontáveis, não havia o secreto fogo do pecado infernal contra a natureza humana. E o padre serenou a tormenta do velho coração, que pulsava ingenuamente por Deus, avizinhandando-se da hora extrema.

Um por um, desvendou-lhe os mistérios da fé: á passagem de cada revelação, com a sua lampada acesa entre os véus do santuário, explicava o iniciado como já pressentira, mas não soubera dizer a verdade. Erguendo-se para o baptizar, Anchieta procurou, em vão, manancial ou ribeira naqueles arredores. Mas rompia dentre os calhaus, perto, como trofeu de gládios

vêgetais, um lustroso cardo silvestre, cujas folhas denteadas, ponteagudas, intumescidas, ainda ressumbravam água da última chuva.

E o nome? Com que nome o baptizaria Anchieta? Olhando em torno, viu que esse homem devia ser, nas evocações genésicas do mundo, tão vetusto e sagrado quanto as florestas, os fragedos, os mares. Símbolo das primeiras idades humanas, semblante crepuscular dos tempos idos, lentamente vergava ao peso das culpas edênicas. Habitara com inocência o Paraíso, sob o olhar carinhoso dos anjos; mordera com avidez, nos lábios crespos da tentadora, o fruto acidulado e proibido. Era dos beijos de ambos que provinham os gêmeos rivais, gerações impenitentes e orgulhosas, desafios ao céu, deleites da carne, impurezas e atrocidades, que eternizam o mal. Curvado e contrito, enfim, sob a ramaria dos jequitibás, ali estava aos pés de Anchieta, reconciliando-se com Deus, o mais velho dos homens. Vozes da selva e do mar dialogavam. Aspergindo a cabeça nevada, ritualmente, com água puríssima das nuvens, colhida ás folhas de um cacto bravo, deu Joseph ao macróbio o nome de baptismo, Adão. E aos pés do sacerdote, enlevada a alma na promessa dos seus olhos azuis e tranquilos, claros e profundos, Adão expirou suavemente, desceu á cova aberta por Anchieta, quedou-se a dormir, para sempre, nesse recanto de terra brasileira; junto ao cardo silvestre. (134).

---

(134) PERO ROIZ — ob. cit., liv. II: SIMÃO DE VASCONCELOS — *Vida do P. Joseph de Anchieta*, liv. III, cap. VII.

## IV

**Anchieta no colégio da Baía. O novo provincial; o novo governador. Piedade e cavalheirismo. Fundações da província. Os subditos da Ordem.**

Um dia, na casa de S. Paulo de Piratininga, entre dois irmãos e tres padres, Anchieta meditava. Era inverno. Fora, adensava-se a garoa; dentro, o fogo de lenha crepitava. E ele disse profeticamente aos companheiros:

— Olhai o que dizem as velhas: é que hei de ser provincial, e tenho boas costas para o cargo.

Sorriu, á ideia da própria corcova. Remirando as brasas, pensativamente, acrescentou:

— Dizem mais que hei de ser nomeado reitor da Baía, mas não servirei o cargo.

Ouviram-no os jesuitas com espanto, retendo asfrase, a hora, o lugar dos seus vaticínios, confirmados pelos sucessos de 1578.

Nesse ano, vindo ás terras de S. Vicente o padre Inácio Tolosa, então provincial, com ele foi para a Baía o padre Anchieta, que, a partir de 1576, vivia humildemente como subdito da Ordem.

Ao entrar Joseph no colégio de Salvador, com a sotaina em farrapos, macilento, giboso, ínfimo, perguntou mentalmente um irmão, enquanto os demais abraçavam o recém-vindo:

— Que vem isso cá fazer?

Penetrante leitor de almas, boas ou más, Anchieta adivinhou-lhe o pensamento no olhar, foi para ele

cóm os braços abertos, iluminada a face por um sorriso:

— Assim é, assim é, meu irmão, que entre tantos sómente vós me conhecestes: a que venho eu aqui, homem inútil, de nenhum proveito?

Confuso, o outro sentiu a veneração instintiva, que os reveladores da vida interior despertam. Mas o seu pensamento secreto, assim divulgado, era o de toda a comunidade. Quando o geral Everardo Mercuriano, pouco depois, lhe manda a patente do novo reitor, Joseph de Anchieta, o colégio protesta e replica. Não se compreendia que o reitorado mais illustre, mais erudito do Brasil fosse atribuído á insignificância religiosa de um corcunda, tão alheio aos caracteres e ás condições da autoridade — hierarquia, vestimenta, cerimoniaal — para ludíbrio dos inacianos.

Então, renunciando ao colégio, fez-se Anchieta o missionário da ilha de Itaparica. Aí conheceu, de certo, os horrores já descritos pelo irmão Antônio Blasquez em 1556: a bestialidade voraz do gentio, a sordidez nauseante das habitações, que os piás doutrinados comparavam ao purgatório, a eterna bebedice dos velhos e dos moços, o pecado irremissível dos maus cristãos, diabolicamente perversos, não amando senão a mercância e a mentira, não querendo senão o cativo e o extermínio dos aborígenes: "... folgam e se regosijam de os ver matar e comer, como se vissem lebreus encarniçados e porcos montezez." (135)

\* \* \*

Estava ele, certa vez, a ouvir de confissão uma velha índia, agonisante na rede. Sentado perto do fo-

---

(135) ANTONIO BLASQUEZ, carta de 1558 ao Padre Geral.

gão, sobre um toro, que ardia pelo extremo oposto, recusara mudar de assento.

— Antes que termine a confissão dessa mulher — disse ao dono da casa, — hão de me trazer um assento de menos gosto.

Não tardou, com efeito, a mensagem do padre Inácio Tolosa, para que ele voltasse à Baía, onde o esperava a suma dignidade provincial. Transferindo-lhe o cargo, diante de toda a comunidade, o seu antecessor predicou aos irmãos, beijou-lhe os pés, debulhado em pranto. No dia seguinte, depois da prática, fez outro tanto Joseph de Anchieta, rogando a todos o auxílio espiritual da prece.

Durou sete anos (136) o provincialato efetivo de Anchieta, sobre o qual silenciam os biógrafos, rareiam os documentos. Teria o novo provincial, mediante relações ou iniciativas da sua autoridade, influido mais poderosamente na formação histórica do Brasil? Não

---

(136) SIMÃO DE VASCONCELOS, *V. do P. Anchieta*, liv. IV, cap. I: "...no fim do mesmo anno de 1578 foy trazido Joseph pello Padre Provincial Ignacio de Tolosa, que alli acabaua de visitar, ao Collegio da Bahia..." *Ibid.*, *ibid.*, cap. II: "Entrou no cargo da Provincia no anno do Senhor de 1578". *Ibid.*, *ibid.*, liv. V, cap. I: "...deixou o cargo do seu Prouincialato no fim do anno de 1585." Não sabemos como Simão de Vasconcelos e Antônio Franco, depois disso, podem contar oito anos ao provincialato anchietano. O padre Serafim Leite, por sua vez, informa que "ainda ficou (Anchieta) á frente da Província do Brasil por mais três anos, além dos sete que já levava." Pero Roiz, entretanto, determinou-lhe claramente a fase de actividade real no provincialato — um *septennio*: "Começou (Anchieta) a gouernar a Provincia no anno de mil quinhentos setenta e oito, e continuou *por obra de sete annos*, com muita prudencia e inteireza". E antes dele já escrevera na sua "Breve relação da vida e morte do P. José de Anchieta 5.º Provincial, que foi do Brasil, o padre Quiricio Caxa: — "Teve o cargo perto de 7 anos."



o sabemos. Com ele se transmutaria, em outras bases, a grande acção política e moral de Nóbrega, o fundador? Não o supomos, examinando-lhe os vestígios da obra indefinível, por evanescente. Sem a mesma preponderância, talvez, é o mesmo sistema religioso de conversão e defesa do gentio o que logramos induzir ou entrever, folheando a crônica e a história, nesse período incerto do jesuitismo brasileiro.

Entretanto, assinala-se o ano da posse de Anchieta, 1578, por dois grandes sucessos: a batalha de Alcacer-Kibir, ocaso da glória portuguesa, antecedendo o longo domínio espanhol; a restauração da unidade administrativa do Brasil, cujo governo fora bipartido pela carta régia de 1572, que entregara o norte a Luis de Brito, o sul a Antônio Salema. No primeiro dia de 1578, com a sua guarda pessoal de doze homens, Lourenço da Veiga começa a governar todo o Brasil. E ainda nesse mesmo ano o prelado Bartolomeu Simões Pereira, bacharel, é investido na jurisdição eclesiástica das capitanias do sul, movendo-se como pastor de um rebanho inconfundível, num aprisco independente da mitra baiana.

Ao novo governador não faltavam precedentes heroicos. Ele servira na mocidade em Arzila e fora mesmo ferido sob os muros de Tanger; combatera em algumas esquadras, como soldado; capitaneara outras na rota de Guiné e das Índias. Quando veio para o Brasil, aos quarenta e oito anos, tinha a sensibilidade fácil, a devoção meticulosa e assídua. Todas as manhãs ouvia missa, indo e vindo, a cavalo, sem aparato ou séquito. Em visita aos aldeamentos jesuíticos, seguindo Anchieta, derramava lágrimas, ao ver os índios ajoelhados para o catecismo ou a comunhão, enfileirados nas procissões, avergoados pelas disciplinas.

Com os olhos rasos d'água, ouvia na igreja os pequenos tocadores de órgão ou de flauta. Não tolerava que os portuguezes oprimissem os aborígenes, marcados a ferro candente nas espáduas, como reses, ou na própria face amarela ou acobreada. Libertá-los para o baptismo, sob a tutela dos padres, era o seu intuito religioso. Patriota, honesto, sentimental, morreu de tristeza em 1581, com cinquenta e um anos de idade, ao saber que Tristão Vaz da Veiga, seu irmão, assediado por vinte e quatro canhões do senhor Duque de Alba, entregara aos castelhanos a torre de S. Julião, com ela o próprio reino, apressando a queda do forte da Cabeça Seca e a derrota final de d. Antônio, prior do Crato.

No desditoso governador Lourenço da Veiga a Companhia perdera um amigo devotado. Após a sua morte, como não existissem *vias de sucessão* (137), improvisou-se um governo composto do bispo, do ouvidor geral, Cosme Rangel, e da Câmara da Bahia.

Em breve, arredado o bispo, desfeita a câmara, eleitos vereadores servis, copiada a instituição popular e reinícola dos *mesteres* (138), dominou exclusivamente o arbítrio de Cosme Rangel, homem virulento e ambicioso. Não poderia estimá-lo a caridade jesuítica de Anchieta, irreconciliável, por temperamento e doutrina, com o regime de usurpação, intriga e ódio, que subsistiu quase um ano. Só em 20 de maio

---

(137) VARNHAGEN, *História Geral do Brasil*, t. I, secção XXI.

(138) P. GALANTI, *História do Brasil*, t. I: "Os Mesteres eram quatro homens que no senado da camara de Lisboa serviam de procuradores dos 24 officios mechanicos. Concorriam com a camara em dar regimento aos officios e taxa aos preços da mão d'obra, em feitos. Votavam com os ministros do senado e deviam ser sempre officiaes mechanicos."

de 1582 chegava á Baía o governador Teles Barreto, com uma guarda de vinte homens, arautos da nova soberania espanhola, declarada por esse régio preposto às capitánias brasileiras. Devia ter sido grata aos jesuítas a sua nomeação, pois de Teles Barreto espera mais tarde Anchieta, registrando-lhe a vinda, que *ajude a cristandade e favoreça a libertação dos indígenas*.

Responsável pelos destinos da Ordem no Brasil, como provincial, dividia ele todo o seu cuidado, mais ardentemente que nunca, entre as missões e os institutos da provincia, a formação dos alunos e a catequese dos índios. Semelhante ideal não era compreendido, muita vez, pelos dignitários da própria Igreja, onde o bispo d. Álvaro Barreiros, por exemplo, tinha em despreço a gentilidade tosca e boçal, visitando-lhe raramente as aldeias, crismando-a sem fervor.

Na provincia de Anchieta 'culminavam tres fundações — os colégios de Pernambuco, da Baía, do Rio de Janeiro, dotados por el-rei d. Sebastião, erigidos num topo de monte, olhando para o nascente e para o mar. Em todos eles, havia uma igreja pequena, mas ornada, uma aula de casos, uma classe de gramática, uma escola de música e de primeiras letras, oficinas modestas, laborando, e a vasta cerca murada com a sua fonte, o seu poço, leiras vicejantes de horta, copioso arvoredo a frutificar e frondescer. Por léguas de terra, em quadra, não muito longe da vila, cada qual tinha os seus domínios, as suas pastagens, os seus rebanhos. E o mais rico desses colégios era o da Baía, seminário da provincia, donde saíam vigários e casuístas, cônegos da igreja mór e teólogos pregadores. No templo coruscante de alfaias, entre as relíquias encastoadas em prata, exhibiam-se tres cabeças das Onze

Mil Virgens. Afora os colégios, a Ordem possuía no Brasil as casas de Ilheus, Porto Seguro, Espírito Santo, S. Vicente e Piratininga, situadas ao pé do mar ou entre rios e serras — núcleolos da grande fé, alvéolos da grande colmeia, em que as abelhas viviam de esmolas, revoando sobre o alarido e a braveza famélica das tribos.

Eram subditos de Anchieta, soldados que militavam pela glória divina, 68 padres, 35 coadjutores e 37 estudantes, ao todo 140 religiosos, entre sacerdotes e irmãos, além dos índios escravos da Companhia, artifices ou lavradores, carreiros ou boieiros, por centenas, e dos índios cristãos e livres, por milhares, nas aldeias confiadas aos colégios ou às residências. Anchieta comandava as hostes evangélicas, por montes e varzeas, desde o mar de Olinda ao Tieté.

Os clérigos estranhos á Ordem não sabiam a lingua da terra. Se baptizavam algum índio, automaticamente, pouco significava o baptismo sem revelação. Infecundos, não pregavam sequer aos portuguezes, de que eram confessores os inacianos. Limitavam-se os próprios vigários a quatro ou cinco formas rituais do sacerdócio, entre os colonos: missa, eucaristia, casamento, extrema-uncção e officio dos mortos.

Assim, devorados pelos canibais de Porto Seguro os primeiros missionários franciscanos, alijados ao mar pelos franceses hereges, possivelmente, os sete ou oito frades de hábitos brancos, que Villegagnon, em 1560 ou 61, mandara da França ao Rio, só os jesuitas apostolavam por esse tempo no Brasil. Pertence-lhes o reino espiritual do século XVI nestas paragens, onde se vê o terreno da catequese, fundamente lavrado por elles, irreductivel ao dominio. Mesmo

depois de 1584, os beneditinos, franciscanos e carmelitas observantes, vindo para o Brasil, são monges piedosos e sedentários, amigos do claustro, devotos do livro. Não têm a mobilidade selvática e a finalidade histórica dos jesuitas.

**Jornadas e viagens do provincial. Hábito de mansidão. Defesa do gentio. Ensino. Trabalhos e perigos da catequese. Estoicismo de Anchieta. Casos de profecia. Valdez e a sua armada. Ortega e Filds, emissários anchietanos. Vitória dos catecumenos sobre os hereges.**

Com espírito omnipresente, acção meticulosa, o provincial reanima o apostolado, multiplica viagens apostólicas, entre o fausto mundano de Olinda e a nudez ingênua de Piratininga. Nenhuma relação possuímos, entretanto, das visitas à capitania fundada por Duarte Coelho.

Jornadeando pelos sertões, Anchieta não cavalga nem se transporta em rede, como os demais: é sempre o mesmo andarilho descalço, levemente apoiado ao bordão de pegureiro. Navegando, apenas leva consigo o breviário e papeis urgentes. O seu camarote é o mais pobre, a sua roupeta é a mais velha, o seu alimento é o mais escasso. Durante a viagem, o provincial está sempre no convés, ao sol e á chuva, ao morraço e á neblina, ajudando os marinheiros na faina de bordo, acudindo ao leme e á bomba do navio. Ele prevê os temporaes, conhece os baixios e as correntezas, aconselha os capitães, encoraja os tripulantes á hora da procela, surpreende os pilotos mais adestrados com os avisos da sua experiência náutica. Vive para os enfermos e os indígenas, para a doutrina e a caridade. Não repousa um instante, no correr do dia; quase não dorme, á noite; apenas o faz, ligeiramente,

encostado a um rolo de corda, ao mastaréo do traquete, á unha de ferro da âncora. Mas logo desperta, em sobressalto, como se lhe fosse um dever a vigilia, um descuido o sono, para imergir outra vez na oração, velar por outros destinos, flutuantes e adormecidos em pleno abismo. Só, na coberta, é o confidente dos astros, o interlocutor das ondas, o olhar sereno do homem feito á imagem de Deus, cosmicamente bom.

\* \* \*

Discreto e benigno, o provincial nunca impõe aos subditos da Ordem “Fazei isso ou aquilo”. Prefere solicitar ou sugerir com acento de fraternidade: “Irmão, podeis fazer? Convem que façais”. Se lhe dizem que não deve tardar, como aviso, repreensão ou penitência, a emenda hierárquica das faltas religiosas, obtempera o sacerdote:” — E eu vos digo que o superior não há de notar ao subdito a falta, sem que primeiro a tenha chorado por duas ou tres vezes, perante Deus. “Querendo saber do padre Afonso Gonçalves, ministro do colégio, porque fala com aspereza a um irmão, dele ouve Anchieta que é preciso, oportunamente, exercitar a paciência dos subalternos. E assim lhe responde: “Pois eu, *in nomine Domini*, vos dispo esse hábito de rigor e visto agora outro de mansidão com que nunca deis, a subdito algum, ensejo de paciência, mas antes a deis a todos de amor e afabilidade.”

Certa vez, tendo posto á cabeça o amicto, vestia a alva de celebrante, para officiar, quando vieram dizer-lhe que õ procuravam. Talvez fosse um necessitado. — “Melhor é a misericórdia que o sacrificio”, — disse o provincial. Tirando o amicto, saiu para atender ao

recem-vindo. E após o gesto de caridade, humanamente, é que volveu á celebração da missa.

Revestindo esse hábito de mansidão, ele dirigia a marcha do apostolado no Brasil, onde haviam sido baptizados pelo jesuitas, desde 1549, mais de cem mil indígenas, lamentavelmente reduzidos, trinta e cinco anos depois, a vinte mil cristãos, nominais, por enfermidades contagiosas e agravos dos colonos. O seu eterno desgosto era a iniquidade portuguesa, contra a qual pedia leis severas, que lhe não consentissem ferrar ou vender o indio, submetê-lo á escravidão, arrebatá-lhe mulher e filhos, determinando o éxodo selvagem, até duzentas ou trezentas léguas da costa, por brenhas inacessíveis á doutrina. O seu único enlevo, de quando em quando, era a submissão dos gentios mais domésticos aos padres, no abandono de usos depravados, no entendimento dos artigos da fé, ou a inteligência vivaz dos meninos, aprendendo sem esforço, mesmo com alegria, português, solfejo e catecismo

Nos colégios, nas residências, nas aldeias, a Companhia lidava para cristanisar o Brasil, vencendo perigos e trabalhos. Quantos não foram conhecidos de Anchieta, por Anchieta' descritos? Enumeremos com ele as cobras peçonhentas e onças esfaimadas; a selvageria das tribos inimigas, emboscando-se para o momento da presa e da carnagem; torvo nos horizontes, bravo nas penedias, o mar das procelas e dos naufrágios, estourando por toda a costa, ouriçada de abrolhos; inundações de rios caudalosos, vadeados com água pela cinta, pelo torax, pela gorja; ás vezes, o calor tropical, reverberante, a esbrasear o âmago das rochas, calcinar o esqueleto das florestas; outras vezes, o frio das terras do sul, frio implacável de S. Vicente, onde morriam no inverno os próprios selví-



colas, regelados; águaiceiros estrepitosos ou nuvens de mosquitos insaciáveis, azoimantes ao cair das trevas; o crivo das geadas, que aos missionários cortavam o sono, por ausência de fogo, ou crestavam as pernas, por escassez de roupa; o desconsolo das noites brumosas na solidão, em que os padres nús, tiritando, estendiam as vestes molhados ao braseiro.

Ainda nos últimos dias do seu provincialato, não sem amargor, o santo queixava-se dos homens indiferentes ao martirologio da catequese: “nada disto se estima e muitas vezes por acudir a baptizar ou confessar o escravo de um portuguez se andam seis e sete léguas a pé, e ás vezes sem comer; fomes, sedes, *et alia hujus modi*; e finalmente, a nada disto se negam os nossos, mas sem differença de tempos, noites nem dias, lhes acodem e muitas vezes sem ser chamados os andam a buscar pelas fazendas de seus senhores, onde estão desamparados. E quando há doenças gerais, como houve cá, muitas vezes, de bexiga, priorizes, tabardilho, câmaras de sangue etc., não há descansar, e nisto se gasta cá a vida dos nossos, com que se tem ganhado, em todo o Brasil, muitas almas ao Senhor”. (139). Mais que todos os outros, conheceu Joseph de Anchieta semelhante fadiga. — “O’ quantas vezes o vimos (exclama o padre Quirício Caxa), sentado sobre um tição pegado com a rede do indio doente e, ás vezes, de doenças que podiam causar horror, consolando-o...” Nesse momentos de caridade e sacrificio, como o sacerdote ainda relembra, não tinha ele menos affecto, menos brandura, “do que uma mãe pode ter em tal tempo com um filho que muito ama!”

Heroicos e simples, alegravam-se os missionários, ao cabo de todos esses riscos, todas essas dores,

---

(139) *Inf. do Brasil e de suas capitánias* (1584).

com as festas católicas e musicais do gentio, as danças dos *columins* ou dos guerreiros empenachados, quando soavam rusticamente flautas, violas e tamborins no adro de um templo erguido pelas suas mãos... Anchieta era o mais alegre de todos. Defluíam-lhe a serenidade e o contentamento da grande paz interior. Socorrendo, instruindo, evangelizando, outrora moço e lesto, agora encanecido e enrugado pelo tempo, ele passava com a mesma alegria no olhar, no sorriso, na voz — a perfeita alegria de S. Francisco de Assis.

\* \* \*

Em 1583 chegou à Baía o visitador Cristovão Gouveia com o secretário Fernão Cardim. Na sua visita às casas de Ilheus e de Porto Seguro acompanhou-o Joseph de Anchieta, precocemente envelhecido e alquebrado, porque lhe voltara a doença da espinha.

Quando marchavam os religiosos, certo dia, ao longo da praia de S. Mateus, requeimada pelo sol, baixou do monte vizinho uma indígena seminua, que trazia dessas alturas um prato de queijadinhas d'açúcar e um vaso d'água fria, como dádiva de um morador ao provincial. Cristovão Gouveia e Fernão Cardim tomaram-lhe das mãos a salva de porcelana da Índia com os doces, mandaram levar ao padre Joseph o púcaro d'água. Lentamente bebeu o padre sequioso. E a figura apostólica de Anchieta, ao relanceá-la nesse momento o secretário do visitador, é um dos instantâneos mais vívidos e tocantes da *Narrativa Epistolar*:

— “Tomámos o padre visitador e eu a salva, e o mais dissemos desse ao padre Joseph, que vinha de traz com as abas na cinta, descalço, bem cansado: é este padre um santo de grande exemplo e oração, cheio de toda a perfeição, desprezador de si e do mun-

do; uma coluna grande desta província, e tem feito grande cristandade e conservado grande exemplo: de ordinário, anda a pé, nem há retirá-lo de andar, sendo enfermo. Enfim, sua vida é *vere apostólica*”.

\* \* \*

O mais puro estoicismo, conjugando-se à mais pura modéstia em Joseph de Anchieta, dominava pela vontade o sofrimento e a repugnância.

Adoecendo ele na Baía, veiu o irmão enfermeiro trazer-lhe a dieta — um prato de abóbora cozida: ao primeiro bocado, sentiu Anchieta que lhe serviam, inconscientemente, uma espécie má de abóbora silvestre, amarga como fel. Depôs a colher no prato e olhou o enfermeiro, sem dizer palavra. Cuidando ser de fastio esse gesto, o irmão insistiu com o provincial. Joseph bebeu o caldo amargoso, comeu a abóbora intragável, e ao cabo fez uma pergunta, sorrindo:

— Haverá outro doente, a quem reserveis a mesma dieta?

— Sim, foi a resposta.

Enigmáticamente, sorriu de novo Joseph, apenas disse:

— Não o façais, então, sem que lhe proveis o sabor.

Impressionado por esse aviso, o enfermeiro teve uma suspeita. Provou o sobejo do caldo, sentiu-lhe o amargor, compreendeu tudo:

— Ah! padre meu, que matei vossa Reverendíssima com o meu descuido.

Mas o santo lhe tornou com a mesma doçura:

— Não me matastes, irmão. Antes quis Nosso Senhor dar-me saúde, ministrando-me alguma coisa

semelhante à esponja de fel, que os seus lábios tocaram por mim e por vós na cruz.

\* \* \*

Entre os herois da catequese, Anchieta governa e profetisa. A tendência dos jesuitas, por ele governados, é fazer do provincial o profeta, da sua vida uma lenda, como se vê dos tres casos seguintes, extractados á relação infindável das maravilhas anchietanas:

I — Um dia, no campanário da igreja de Salvador, o pedreiro João Fernandes, homem devoto e casado, estava sòzinho a cunhar os sinos, quando passou por ali o provincial e em voz alta lhe disse: “João Fernandes, cunhai bem os sinos, porque sereis o primeiro irmão da Companhia, por quem eles vão dobrar”.

Instado pelos religiosos, meses depois, Anchieta seguiu para o norte, a contragosto, em visita ao colégio de Pernambuco. “Aqui devo estar — objectava ele — no dia de Nossa Senhora da Conceição”. Nesse dia, com efeito, arribou o navio á barra de Salvador, tangido por ventos contrários ao seu rumo.

Desembarcando, Joseph encaminhou-se para a casa, onde se agasalhavam os operários do colégio, tendo achado enfermo e viuvo João Fernandes. “Consolai-vos, amigo, diz-lhe o santo, porque sois recebido como nosso irmão e estareis daqui a sete dias sob a graça da Virgem, perante a qual me recomendareis”. Em outra visita ao pedreiro, afirmou-lhe que a sua companheira o esperava no céu. Daí a sete dias, com efeito, sucumbiu o irmão, e entre os demais religiosos, de pé, à cabeceira do morto, assim falou o provincial:

— Irmãos, a esse homem, que entregou o espírito nas mãos de Deus, tendo sido pedreiro toda a vida, e a mais dela casado, deu o Senhor, em sete dias, o prêmio da religião, e a vida religiosa, porque se entregou a Deus de todo o coração para julgar com ele e para confundir no Juízo, entre os que vejo neste cubículo, alguns que nunca se entregaram completamente a Deus, mesmo depois de muitos anos, e nunca receberão, por isso mesmo, o prêmio devido aos bons religiosos.

Disse, e partiu da câmara ardente, onde se quedaron todos perplexos. O tempo confirmou-lhe as previsões no esmorecimento da vocação de alguns deles (140).

II — Antes de uma viagem a Pernambuco, foi o provincial despedir-se do grande jesuita Francisco Pinto, desenganado, á enfermaria do colégio, no momento em que traziam os Santos Óleos. Risonhamente, acercando-se do leito, Joseph exclamou:

— Ficai-vos aí, que eu levarei boas notícias á vossa Mãe e aos vossos irmãos. **Longa tibi restat via.** Tendes ainda muitos serviços que fazer a Deus na Companhia e não haveis de entrar no céu por morte folgada. Levantai-vos, ide ao coro dar graças ao Santíssimo Sacramento, que vos deu saude.

E voltando-se para o enfermeiro:

— Irmão, dai-lhe a roupeta.

O padre Francisco Pinto vestiu-se, foi rezar no coro da igreja, não tornou doente á enfermaria. Vinte e quatro anos depois, em 11 de janeiro de 1608, como lhe profetisara Anchieta, findou martirizado pelos

---

(140) PERO ROIZ, *V. do P. Anchieta*, liv. III, cap. VII.

tapuias, ao sopé da serra de Ibiapaba, na conquista evangélica do nordeste (141).

III — Em março de 1582, estando no colégio do Rio o provincial, apareceram defronte da barra, misteriosamente, dezessete naus de alto bordo. Como-veram-se os habitantes, pressentindo um assalto, e cada qual rebuscava o melhor dos esconderijos para o seu tesouro. Já os próprios religiosos tratavam de acautelar as coisas sagradas, temendo o corsário luterano ou calvinista, mas Anchieta dissipou o temor com esse aviso: “Ninguém se perturbe; aquela frota não é inimiga.” E acercando-se de uma janela, donde se descobria a armada, concluiu: — “Uma daquelas naus traz um homem, oficial carpinteiro, que há de entrar na Companhia, e prestará grandes serviços á religião.”

Com efeito, a armada era castelhana e demandava o estreito de Magalhães, onde o general Diogo Flores Valdez, comandante, deveria fundar um reduto e uma povoação, como lhe ordenara Filipe II. O novo jesuita, anunciado por Joseph de Anchieta, foi o carpinteiro Francisco Escalante, que, ao visitá-lo após o desembarque, lhe caiu de joelhos aos pés, em silêncio, e pela sua mão teve ingresso na Companhia, sem dizer palavra.

A esquadra invernou seis meses no Rio, ocupando-se a maruja em fazer estacas e lavrar madeira para a fortificação do estreito. Não lograria alcançá-lo, porém, Diogo Flores Valdez, historicamente fadado a construir nessa viagem outro reduto, o de S. Felipe da Paraíba, quando voltasse á Espanha.

Vinham a bordo, em 1582, mais de tres mil espanhóis, muitos dos quais enfermos ou necessitados, socorrendo a todos Anchieta com agasalho para os

---

(141) *Ibd. Ibid.*, liv. IV, cap. VI.

doentes num hospício, germe da S. Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro (142), e alimentação para os famintos na portaria do Colégio. Diogo Flores Valdez, amando o provincial, visitava-o frequentemente e assim lhe deferia os pedidos: "Faça-se como o padre manda". Reconhecendo nessa figura exígua

(142) P. MADUREIRA, *A Companhia de Jesus. Sua Pedagogia e seus resultados. A liberdade dos índios*. — "Ao Ven. P. Anchieta é geralmente atribuída a fundação da S. Casa de Misericórdia. E' o que afirmam, entre outros escritores, BRASÍLIO MACHADO, o BARÃO DE STUDART, JOSÉ VIEIRA FAZENDA e FREI AGOSTINHO DE SANCTA MARIA: "Pelos anos de 1582 (diz o último) se entende teve princípio a Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, ou poucos anos antes; porque neste ano chegou àquele porto uma armada de Castela... de que era general Diogo Flores Baldez. Com os temporais padeceu esta armada muyto, porque lhe adoeceu muyta gente e assim chegou ao Rio de Janeiro bem necessitados (sic) de remédio e de agasalho. Achava-se naquela cidade o veneravel P. Joseph de Anchieta visitando o Colégio que ali tem a Companhia, fundado no ano de 1567.

"Como o Ven. Padre Joseph de Anchieta era varão saneto, levado da Caridade tomou muyto por sua conta a cura e remedio de todos aqueles enfermos, — dando traça como se lhes assistisse huma casa, em que pudessem ser curados todos e assistidos... entendendo muytos que então tivera principio a Casa de Santa Misericordia, que hoje é nobilissima".

"Entretanto, apezar da afirmação categórica de BRASÍLIO MACHADO de não haver hospital antes da Santa Casa, CAPISTRANO DE ABREU vê nesses escritores a tendência a exagerar os serviços de Anchieta "no Rio, onde parece só esteve de passagem, ao contrário do Nóbrega, primeiro Reitor do Colégio".

"E' muito provável, afirma CAPISTRANO, no Rio, com alhures, se fundasse Casa de Misericórdia — desde o começo e não se esperasse quinze anos para começar. As palavras de Fr. Agostinho de S. Maria — tomadas ao pé da letra parecem corresponder melhor à realidade." Em todo o caso, a Santa Casa do Rio de Janeiro está ligado o nome do P. Anchieta pelos cuidados que aos doentes ali dispensou, ainda mesmo que a não tivesse fundado, e é essa mais uma glória para o nome venerado do apóstolo do Brasil."

sob um farrapo, a mais deslumbrante das majestades, Diogo Flores Valdez, general de Espanha, sentia-se pequeno diante do missionário das selvas.

\* \* \*

D. Francisco Vitória, bispo de Tucuman, rogou em 1584 a Joseph de Anchieta que lhe enviasse alguns jesuitas para o serviço da sua diocese. Foram designados, então, dois missionários portugueses — Manuel Ortega, Estevão de Grã, — dois italianos — Leonardo Armínio, João Salônio, — e um escossês — Thomas Filds.

Mas o encontro desses jesuitas com outros irmãos, que vinham do Perú, não parece ter sido fraternal. Prevendo já o dissídio á expansão das conquistas portuguesas e castelhanas, até mesmo entre religiosos, Leonardo Armínio e Estevão de Grã voltaram ao Brasil. Os seus companheiros preferiram demorar na América espanhola.

Ortega e Filds tornaram-se catequistas, levando a estranhas paragens, fervorosamente, o grandioso espírito das missões anchietanas. Em 1589 desceram o rio Paraguai e entraram na província de Guairá, vasta região de pinheiros e cachoeiras, onde havia duzentos mil índios aparelhados para o reino de Deus

Muitos anos durou, por brenhas e aldeias, a peregrinação dos emissários de Anchieta. Conhecendo mais de uma vez os horrores da peste e das inundações, eles desbravaram caminhos novos á milícia, que viria depois estabelecer as reduções, invadidas e arrasadas no século XVII pêlo tropel das bandeiras paulistas.

A sua caridade e o seu denodo foram inigualáveis. No quadro mais teatral, mais comovedor da evangelização, aparece Manuel Ortega, como num



cenário diluviano, sobre um ramo nodoso de árvore, cuja fronde oscila entre as águas tumultuantes da cheia. Perto, seguro a outro ramo, está o acólito do missionário, e ambos vêem nesse miradouro de catástrofe a imensa planície avolumada em rio escachãoante, a ferver, subir, troar com a fúria das ondas roleiras e bravias. Vêm com infinito assombro, de repente, uma cobra desmesurada enroscar-se a um braço da árvore, serpear na folhagem para o seu lado. Ortega e o companheiro sentem-se abismados naquela tauce tremenda. Mas o galho verga, estala, quebra-se ao peso do monstro, sumido na voragem.

Dois dias, dois longos dias, passaram eles, tragicamente aferrados ao lenho solitário. Na segunda noite de aguaceiro e trovoada, nadando sob relâmpagos, um índio aproxima-se de Ortega, diz-lhe que seis guaranis, refugiados além na espessura da floresta, vão morrer sem baptismo. Deixando o companheiro atado ao ramo por lianas inquebrantáveis, o missionário não hesita. Forte nadador, com algumas braçadas vigorosas acerca-se do outro refúgio, baptiza os moribundos, cinco dos quais, logo depois, se despenham no torvelinho da enchente.

Não havia findado, porém, o drama fluvial de Ortega no Paraguai. Voltando ao cimo da árvore, a nado, ele revê o acólito preso ao galho robusto, mas imerso até ao pescoço na água, que em torno crescerá. E ainda lhe é necessário desprendê-lo, ajudá-lo a galgar outro ramo, nadando incessantemente, exaustos os pulmões, lacerada uma perna, a sangrar, nos espinhos ocultos sob a violência das ondas. Vinte e dois anos após, não cicatrizara essa ferida.

Ortega recebeu o prêmio de tanta heroicidade, ao ser metido no cárcere da Inquisição pela justiça eclesiástica de Lima. Um desafecto seu, habitante de

Vila Rica, imputara-lhe falsamente haver publicado o que ouvira em confissão. Só no leito de morte o acusador se penitenciou da calúnia.

Em 1609, quando Mazeta e Cataldino transpueram os bosques de cedros, atingiram a confluência do Pirapé, havia naquela região duzentas famílias indígenas baptizadas por Filds e Ortega, mensageiros do provincial Joseph de Anchieta. Não lhes foi pequena a surpresa evangélica. Das sementes anchietanas brotou em seguida a redução de Loreto, primeiro núcleo do império jesuítico, esfacelado pelos mamelucos no seu começo, em que as flechas nada valiam contra os arcabuzes e as couraças paulistas (143).

\* \* \*

No último ano do provincialato de Anchieta, 1585, tres anos depois do malogro de Fenton, em S. Vicente, afugentado por Diogo Flores Valdez, a Baía foi atacada pelos ingleses da expedição Withrington. Os canhões inimigos troam, bombardeando a cidade, e o apóstolo reza entre os muros do colégio. Vergado pela doença, não pode mais Anchieta mobilisar flotilhas ou exércitos para a defesa. É o padre Cristovão Gouvea, visitador dos jesuitas, quem se opõe na cidade aos flibusteiros, guarnecendo-lhe as imediações, valorosamente, com os milhares de arcos das tribos aldeadas.

Em vão os ingleses tentaram a guerra predatória no Recôncavo, durante seis semanas, e um assalto á ilha de Itaparica. Foram por toda a parte repellidos, afugentados pelo barcos de Sebastião de Faria, pelas hostes de Cristovão de Barros. Suprema alegria do provincial... O seu governo tinha um epílogo ressoante nessa vitória dos catecumenos sobre os hereges da Gran-Bretanha.

---

(143) SOUTHEY, *História do Brasil*, cap. XXIII.

## VI

### Éxodo e cativoiro do gentio. Aniquilamento da raça indígena. Os negros.

A tragédia baiana da gentilidade começara em 1562, quando havia grandes povoações eclesiásticas, onde o bispo d. Pedro Leitão, por vezes, baptizava mais de mil indígenas. Deixando o concubinato e a poligamia, então, casavam-se os índios baptizados *em lei de graça*. Espontaneamente, com a fé, vinha aos nómades o gosto do trabalho, que florescia em volta das igrejas modestas, construídas perto do mar, para se nutrirem das pescarias abundantes os fieis, ou perto das matas, donde os flecheiros lhes traziam a caça.

Mas a ideia da vingança obscurece a inteligência e a piedade, mesmo num espírito iluminado, como o do herói Men de Sá. Nesse próspero ano de 1562, o seu erro administrativo, do qual se arrependeu tardiamente, foi a sentença proferida contra os caetés, por haverem trucidado o bispo d. Pero Fernandes Sardinha e quase cem companheiros de viagem. Culpados ou inocentes, poderiam escravizá-los sem distinção os colonos, que outro desejo não tinham. Até nas povoações eclesiásticas, nos aldeamentos religiosos, poderiam ferrá-los e vendê-los. Espavoridos, em fuga, internavam-se pelas matas os *brasis* de Paraguassú e Cirigipe. Uma por uma, despovoaavam-se as igrejas de Bom Jesus, S. Pedro, S. André e S. Antônio, primitivos educandários, nos quais só permaneceram mil catecumenos, tornando á selvage-

ria onze mil. Desolado e arrependido, Men de Sá revogou o acto escravizador, mas não lograria impedir o surto á ganância.

Era tarde. Às ocas mais distantes, pelos sertões, os mercadores de homens iam comprar os caetés inocentes, alheios ao morticínio da plaga situada entre o rio S. Francisco e o Cururipe, onde fôra vitimado o bispo. Inflexíveis, apartavam das mulheres os maridos, e das mães os filhos. O éxodo cresceu. Não o conseguiram atalhar outras medidas oficiais, proibindo que se vendessem os índios das igrejas, determinando que aos senhores não fossem de novo entregues, sem ordem do governador, escravos asilados nas povoações eclesiásticas. Desta forma, pretendia o governador examinar-lhes, concretamente, a legitimidade da posse. Mas afinal despediu, por inúteis, os capitães nomeados para execução de tais providências, e acabaram totalmente despovoadas as igrejas de Bom Jesus, S. Pedro e Santa Cruz na Baía.

Dos sertões de Itapucurú e Rio Real traziam os salteadores, agora, bandos de escravos famélicos, dizimados por enfermidades atrozes. Vindo no mesmo rebanho, sob os duros açoites, eram dados por alimento os mais débeis aos seus contrários mais fortes, que os devoravam com alegria.

Terríveis senhores ainda queriam todos os brasis repartidos, segundo a prática espanhola do Perú e das Antilhas, como bestas de carga, em lotes. — Não, sem o doutrinamento! clamavam os jesuitas. — Não, de qualquer modo! resolveu Men de Sá. Duas cartas régias estimulavam o apoio aos inacianos. Formalmente, d. Sebastião vedou a prática de resgates e cativos injustos. Mas irrompeu a grita dos colonos, usurpadores e escravistas; abandonou-se a legislação

humanitária. Como negrejasse a fome das tribos, os pais vendiam os filhos ou a própria liberdade por uma cuia de farinha. E a própria Justiça, desvendando os olhos, contemplava o horror desses actos de compra e venda para os legitimar nas decisões do Tribunal da Mesa de Consciência.

Aberto na sua imensidade ao éxodo, recrescera o deserto, por efeito da peste. Exauria-se a vitalidade no ambiente da fauna, mesmo da flora; em toda a região malsinada os índios pereciam como as aves e as plantas. Um hálito de morte, envenenando a atmosfera, vinha das nuvens e das pragas de um céu flagelador.

\* \* \*

Entristecia-se a alma cristã de Anchieta, ao considerar o aniquilamento fatal do gentio, doutrinado pelo verbo, redimido pelo sangue dos jesuitas. Alunos da catequese ou alimarias no cativeiro, fixando-se para o trabalho das aldeias ou dos engenhos, os selvícolas perdiam toda a robustez; o contacto dos brancos e a mudança de regime provocavam moléstias, desconhecidas, outrora, á plenitude alacre do seu nomadismo. Só a peste dizimara em S. Vicente e na Baía, entre 1561 e 1563, dois terços dos catecúmenos.

Tambem a fome assolava os sertões. E a guerra das tribos, exacerbada vorazmente pela antropofagia, instigada continuamente pelos dominadores portuguezes, e a caça humana de escravos, já irreprimível nesse tormentoso prenúncio das bandeiras, completavam a imensa destruição. Eram onze os aldeamentos fundados na Baía por Men de Sá, e alguns deles contavam de cinco a seis mil tupinambás; eram quatorze as igrejas dos jesuitas;

congregando mais de quarenta mil neófitos. Ora em 1583, vinte anos depois, as igrejas estavam reduzidas a tres e os neófitos a tres mil e quinhentos (144). Por mais que o padre Gaspar Lourenço trouxesse para as aldeias o gentio de Arabó, por mais que trouxessem cativos para as suas fazendas os colonos, indo procurá-los a duzentas e cinquenta ou trezentas léguas, decrescia em umas e outras o elemento selvagem. Inadaptação? Fatalidade? Castigo de Deus? Os jesuitas optavam por esta hipótese, e um deles escrevia: "Vão ver agora os engenhos e fazendas da Baía, acha-los-ão cheios de negros de Guiné, e mui poucos da terra, se perguntarem por tanta gente, dirão que morreu, donde se bem mostra o grande castigo de Deus dado por tantos insultos como são feitos, e se fazem a estes índios..." (145).

A raça indígena morria nos braços de Anchieta e dos seus irmãos, expropriada e vencida. Símbolo da catequese, erguia-se o cruzeiro de pedra nas aldeias sobre a mortandade dos tupis, a desolação da vasta família tapuia. Mas no flanco da negra e da índia, pela fusão com o português, violentamente, germinavam para outro ciclo novas estirpes de lavradores e guerreiros.

\* \* \*

Não vinham só os conquistadores e os corsários brancos pelo Mar Tenebroso. De outro hemisfério vinham agora os negros. A terra virgem, dramatizada pela escravidão ou pelo morticínio dos seus filhos, chegavam as primeiras ondas de cativo das

(144) *Trabalhos dos primeiros jesuitas no Brasil*, Bib. Publ. Eborense, códice CXVI — publicado na *Rev. do Inst. Hist.*

(145) *Ibd.* *Ibd.*

plagas africanas. Outras reventariam nos séculos vindouros por todo o litoral, encapeladas e enegrecidas, maiores, trazendo como despojos lamentáveis os descendentes de Cham. Ressaca de maldições da preamar negreira... Dor infinita e ululante de escravos amontoados no porão dos *tumbeiros*, onde havia danças macabras e lutas ferozes, sob as cadeias do tráfico...

Entre o português e o índio, forças genésicas do nosso caos, veríamos o negro da Guiné, do Congo, de Boa Esperança, de Moçambique, de toda a costa da Mina, desnudo ao sol para o trabalho do eito, impellido nas sombras para a fusão misteriosa de outros elementos sexuais, amálgama das raças do Brasil ou de Babel nas suas variantes indefiníveis.

Cham, réprobo lendário do Genesis, diversificado sob os nomes das tribos, é quase sempre o arquétipo de uma escravidão oposta á braveza indomável. É o escravo paciente e perfeito, que as mais abjectas, mais hediondas formas de cativo da Africa nos enviam ás fazendas de criação e aos engenhos de açúcar. Um escravo feliz, muitas vezes, sob o poder tranquilo do senhor benevolente, após mutilações e tormentos sofridos na côrte de régulos atrozes, flagelos da sua raça. Insurgindo-se por excepção como salteador ou escondendo-se como fugitivo, recai logo depois aprisionado, jungido ao tronco pelos indios mansos das aldeias jesuíticas.

Espiões e caçadores, os indigenas derribam a flechadas certeiras "os macacos do chão", os pretos, "e onde se achem negros de Guiné fugidos os tomam e trazem a seus donos". Sem essa perseguição dos aborígenes, que os espreitam e subjagam, fieis aos brancos, o dono da terra cultivada pelos africanos —

enorme pérola negra para o colar da Nigrícia reluzente — seria desde muito Cham.

Índios e negros se odeiam. Hostilizam-se a idade selvática de pedra e a idade bárbara de ferro, malocas e aringas, os maracás do *pagé* e os orichas do pai-de-terreiro. Desde o início, repelem-se como electricidades do mesmo nome as duas formas selvagens de feitiçaria, antes que se mesquem os sortilégios do seu animismo impuro nas vozes e nos gestos rituais da macumba.

Vencendo as náuseas do tráfico e as dores da senzala, irrompe o africanismo, estrepitante, com a violência dos candomblés e o aparato das congadas. A' dança mímica dos índios, escarvando o solo, tão insexual que se entrelaçava ás festas religiosas, sem escândalo dos jesuitas, ele quebrou a monotonia com o saracoteio e a lascívia dos jongos ou dos sambas. Fez do alvoroço um batuque, da lentidão a infinita melopéia. Dissimulou a revolta e aligeirou o trabalho, cantando. Reteve a imensa nostalgia do *banso*, a saudade negra do caçador de elefantes ou de hipopótamos para as canções tropicais e plangentés. Quando se aliaram as duas almas bárbaras nessa tendência musical, pela mestiçagem, nasceu da floresta a música do *Guarani*, desprendeu-se como volúpia, tristeza e sonho a música brasileira.

O indígena será o defensor dos baluartes e dos santuários coloniais, sempre que os não investir, aliado ao francês. Será o guia das bandeiras na expansão territorial, o mestre da caça e da pesca, mas nunca deixará de ser, lavrando a terra, descobrindo o ouro, combatendo forças estrangeiras, o nómade insatisfeito e indolente, *expropriado* pelos conquistadores. No africano teremos um *expatriado*, um forasteiro, que se



adapta melhor ao novo estádio social e se faz o criador da riqueza com os *jalofo*s e *bijagós*, mareantes, os *bancumbis* e os *libolos*, pastores e semeadores, os *ambuelas* e *margraves*, bons ferreiros, os *guimbandos*, pacíficos e industriosos, os *quissamas*, os *ambaquistas*, os *maquiocas*, os *cabindas* lesto e hábeis, quinze milhões de escravos chamitas, em três séculos, para o caldeamento e para as metamorfoses da raça histórica.

Iniciara a metrópole, satirisado em Lisboa nos versos de Garcia Resende, o conúbio afro-lusitano. Com os mulatos, produtos originais dessa combinação reatada no Brasil, os mamelucos ou curibocas, provenientes da mestiçagem do branco e do índio, os cafusos, derivados de cruzamento do índio e do negro, veríamos sub-produtos inumeráveis, cambiantes novos da escala antropológica. Só nos indígenas, porém, Anchieta reconheceria os seus alunos, estranho como os demais jesuitas ao cativo legal e á proliferação multicolor do negro, diferenciada pelas condições geográficas e etnogênicas.

Dessa transfusão de germes, cada vez mais perturbadora, advem outros valores étnicos, outros caracteres, atributos e aptidões a inteligência curiosa e volúvel na instabilidade emocional dos mestiços, o gosto das aparências, das minúcias e dos ornatos, o encanto de Eva morena, sob os cabelos densos e lisos, a ternura e a delicadeza, o vago sentimentalismo, os estados de alma versáteis. Desse complexo biológico ainda se espera, hoje, um tipo abstracto, ignoto, o homem brasileiro, oculto nas possibilidades indecifráveis da sua nebulosa — o tempo.

**Informações históricas. Desventura de Ilheus, Porto Seguro, Itamaracá. Opulência de Pernambuco e da Baía. Começo do Espírito Santo e do Rio de Janeiro. Infância de S. Paulo. Vae victis! Desejo de ouro e de poder, síntese das forças do novo ciclo. Egoísmo e caridade.**

Relanceando as capitanias, a terra, os aborígenes de Santa Cruz, *pouco sabida*, conforme a linguagem camoniana, o apóstolo do Brasil pode contemplar, nessas alturas, a sua obra jesuítica: está finalizada com o vigor, serenamente hercúleo, que a desenvolvera e sustentara por tres decênios de heroicidade e sacrifício. As condições históricas da nossa evolução, determinando já o extermínio de uma raça e o cativo de outra, que funda a riqueza nos engenhos para a supremacia dos brancos e dos mestiços, não haviam propiciado á catequese o sonho do vasto império tupi-guarani, sujeito á Companhia de Jesus, semelhante pela forma teocrática ao sistema das reduções paraguaias. Mas o espírito inaciano lançara as bases cristãs da sociedade brasileira. E o precursor Joseph de Anchieta, que em breve será, pela renúncia e pelo cilício, o ermitão do Espírito Santo, envelhece aos pés da imagem de Nossa Senhora. Duas informações históricas, escritas em 1583 e 1584, delineiam o estado social das capitanias, onde o personalismo econômico inpele o comunismo eclesiástico á ruina, o esforço das bandeiras vai lançar o seu desafio á alma religiosa do século XVI (146).

1.º — Ilheus e Porto Seguro decaem, assoladas pela bruteza dos aimorés, nómades sem aldeias, rojando e dormindo sobre as folhas secas do mato, colossos guturais, sem pelo, temendo só as águas correntes e profundas, caçadores famintos de carne humana, que em vinte e cinco anos, com arcos e flechas de gigantes, haviam caçado mais de trezentos colonos e tres mil escravos. Dos quatrocentos ou quinhentos moradores brancos de Ilheus já não restam duzentos; dos canaviais abandonados já não vem cana para os seis engenhos de açúcar, improdutivos e desertos. Porto Seguro é outra ruina igual, quase erma, com um só engenho, relíquia dos sete ou oito, que entre as canções dos escravos moiam pròsperamente, no bom tempo do senhor d. João de Alencastro, duque de Aveiro. Dizimou-lhe os rebanhos a *herva mata-pasto*; sem domador, pelos campos, voam as éguas contentes e lustrosas, ao relinchar dos jumentos bravos. Itamaracá empobrece e agoniza, despovoando-se lentamente, como as suas irmãs. Joseph de Anchieta medita sobre a desolação dos berços coloniais...

2.º — Acima das vilas nascentes, como Piratinin-ga, ou decrépitas, como Porto Seguro, propaga-se a fama de capitánias opulentas — Pernambuco e Baía. No lavor das pedras, nas alfaias dos templos, na baixela das casas, no aparato das suas festas, na indumentária dos seus habitantes, as pequenas cida-

---

(146) Com a *Informação do Brasil e de suas capitánias*, que Varnhagen e outros historiadores lhe atribuem, Joseph de Anchieta, provincial, encera o provincialato, instruindo o geral da Ordem sobre as coisas históricas, económicas e naturais da provincia em 1584. Nessa época, Fernão Cardim havia já elaborado a "*Informação da Província do Brasil para o nosso Padre*", que é de 1583, e seguiu com assinatura do visitador Cris-tovão Gouveia,

des de Olinda e Salvador transpõem o fausto da era manuelina, resumidamente, para a orla da selva americana.

Pernambuco envia á metrópole, por ano, quarenta a cinquenta navios carregados de assucar, o melhor, e de pau-brasil, o mais fino da costa. Essa produção reflui para a capitania em moedas de ouro. Na classe dos fazendeiros, homens ativos e pródigos, mais de cem haverá, tendo mil a cinco mil cruzados de renda; alguns possuem mesmo de oito a dez mil. Desassombrado o sertão de caetés, por cinquenta léguas, cada engenho é uma forte povoação. Nesse trabalho, para essa riqueza, suam dez mil escravos de Guiné e de Angola, dois mil indígenas, dois mil colonos. Ao apelo da torre olindense de Duarte, o velho, a capitania do filho, Jorge de Albuquerque Coelho, pode mobilizar oito mil homens de armas, rijos e destros.

Ornamentando a vida, o luxo dos senhores desenvolve os seus caprichos e as suas criações, magicamente, acima das forças econômicas. Entre o culto e a copa, tudo reflecte a paixão asiástica, renová o anseio oriental do gozo e do fausto. Nas capelas ou na matriz, formosa igreja de tres naves, os brocados enroupam as imagens e as devotas com a mesma sumptuosidade. No interior das casas senhoriais fulgem as pompas, que tornam lugares de maravilhas, em Lisboa, o terreiro do Paço da Ribeira e a rua Nova dos Mercadores: azulejos e cristais, louças e talhas, colchas da Índia, a argentária das baixelas maciças e lavradas, a tapeçaria de couros sobredourados e preciosos, os contadores de ébano e marfim, os leitos de damasco, franjados de ouro, que intimidam o padre visitador Cristovão de Gouveia. Em palanquins e ser-

pentinas, ondulosamente, passam as damas, rutilantes de joias, rescendentes a benjoim ou nardo. Os cavaleiros, ajaezando os cavalos, põem nas selas e nos arreios o brilho das vestimentas de seda, veludo e damasco. Escoam-se os dias em banquetes, jogos de cana, do pato e da argolinha, corridas de touros, cavalgatas, e o luxo devora anualmente o seu milhão de cruzados, o prazer amontoa dividas formidáveis. A beleza feminina e o gosto ornamental de Viana do Castelo exalçam Pernambuco, senhoriado pelos viazeiros (147). Como adverte o padre Fernão Cardim, “em Pernambuco se acha mais vaidades que em Lisboa”, os vinhos da Madeira e das Canárias acendem nas festas populares uma inquieta chama dionisiaca. E a nutrição do clero é magnificamente custeada pelos devotos. Aos visitantes oferecem eles “grandes banquetes de extraordinárias iguarias” com que nunca teriam sonhado, outrora, os ascetas da Escola de Piratininga. Fugidia, através de todo esse mundanismo, perpassa a humildade cristã de Anchieta.

3.º — Menos rica, mas igualmente vaidosa, fabricando cento e vinte mil arrobas de asucar por ano, produzindo, ás vezes, quatro mil de gengibre, senhora de mil e quatrocentas embarcações, muitos rebanhos, muitas alfaias, a Baía esplende aos olhos de Joseph. Duas mil e oitocentas famílias povoam a terra, sessenta e duas igrejas bendizem a colônia pela voz de bronze dos sinos. Fitando o poente, sobre o mar, a cidade murada e torreada, com a sua catedral, o seu pelourinho, a sua praça de touros, abre

---

(147) FERNAO CARDIM, *Tratados da terra e gente do Brasil*.

quatorze bocas de artilheria grossa, quarenta e quatro de artilheria miuda, sem alcance as da barra, entretanto, para destruir naus inimigas. Mas não lhe custa improvizar uma esquadra pitoresca de galeotas e barcas dos engenhos, artilhadas, reunir com eficácia, num exército original, dois mil brancos, entre cavaleiros e infantes, quatro mil arcabuzeiros negros de Guiné, seis mil flecheiros americanos (148). A vida luxuosa dos ricos, mesmo dos peões e das suas mulheres, trajando seda e veludo como gente fidalga, imita desde a cidade ao recôncavo os moldes orientais da gente pernambucana. E a devoção dos baianos, entre relíquias e turíbulos, alvas e sobrepelizes, tem igual colorido nas procissões ou nas capelas ornadas de alcatifas e guadamecins.

4.<sup>o</sup> — Espírito Santo, lugar predestinado ao repouso final do apóstolo, branqueja timidamente, sob a ermida branca de Nossa Senhora da Penha, que lhe apazigua os escarcéus, num píncaro negro da barra. Foi-se-lhe a desventura com o espectro do fundador Vasco Fernandes Coutinho. Os padres têm aí boa casa e boa igreja, um pomar de limeiras doces e cajueiros viçosos, fartura de cidras e laranjas. Produzindo o mel dos engenhos, cultivando a flor do algodão, rica de cedro e balsamo, dona de pastagens e rebanhos, a capitania labora, usufrui a paz de um redil católico, entre os seus penedos, com as suas oito aldeias, “por haver ainda muito gentio e não tão escandalizado dos Portugueses”. Vivem nesse redil mais de cento e cinquenta famílias europeias, mais de quatro mil índios aldeados e mansos. Na quietude

---

(148) GABRIEL SOARES, *Tratado descriptivo do Brasil*, cap. XIV.

umbrosa das matas, como num oratório selvagem, o missionário entrevê o retiro crepuscular dos ascetas...

5.<sup>o</sup> — Desabrochada no cabeço de um morro, defendida por vários fortes, Joseph avista a cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, onde há cento e meio de colonos, tres engenhos, fruta deliciosa, abundância de peixe. Semeia-se o trigo, poda-se a vinha. O sândalo branco e fino rescende na verdura das matas; são talhados navios de lenho odorífero nos estaleiros, preciosamente, como eram outrora na Judeia os balaustres e as cítaras da casa de Salomão. Com o arratel de pescado a quatro reis, hortaliça e fruto da cerca, melões e uvas, andam fartos os vinte e oito padres e irmãos do colégio. “Duvidava eu — escreve Fernão Cardim, louvando-lhe a fartura — qual era melhor provido, se o refeitório de Coimbra, se este, e não me sei determinar...” Essa minúscula cidade tropical de hortelões e de pescadores semelha uma flor perdida na curva das montanhas. Silente e vasio, o anfiteatro colossal, traçado pelos morros, aguarda o seu drama e a sua glória. Joseph de Anchieta, um dos herois — fundadores, exercita nesse ambiente e nesse prelúdio a caridade, precursora da Santa Casa de Misericórdia.

6.<sup>o</sup> — Exibindo aos navegantes a pobreza senil de tres vilas marítimas, S. Vicente desmedra. Só a quarta, Piratininga, que ele fundara com outros irmãos no alto da serrania, longe, reverdece e frutifica, exuberante pomar, velado de névoa, em que se abrigam cento e cinquenta casais portuguezes. A benção dos jesuitas fôra-lhe propícia, desde o nascedouro. A fusão de S. André no seu corpo infiltrara-lhe o sangue dos mamelucos. Tecem-lhe agora uma coroa vernal,

de onde em onde, rosas e lírios alpestres. Os rebanhos avultam, referve o mosto nos lagares. Carne e vinho com que se alimenta a infância heroica de S. Paulo...

Fervorosamente, o apóstolo do Brasil inspeciona as escolas e residências as casas de instrução preliminar, situadas em Ilheus, Porto Seguro, Espírito Santo, S. Vicente, Piratininga, os colégios de Pernambuco, do Rio de Janeiro e da Baía, onde ás classes de latim e humanidades acrescem as de filosofia e teologia, baptiza e resgata, socorre os índios, semeia virtudes cristãs, verbera os pecados mortais, compõe novas rezas e novos autos, sermões ou hinos, cartas ou notas, através de todo esse comércio e toda essa volúpia. A magnificência da Baía e de Pernambuco — bem o sabe Anchieta — nutre-se de sangue humano, dor humana, como todo o apetite social dos ricos. Não basta o carregamento africano dos navios negreiros ás duas capitánias, soberbas e pródigas, instaladas no seu domínio de plantações e moendas, como num trono de ouro e ferro. Se as guerras, ao sul, reduzem os vencidos á escravidão, o final das entradas, ao norte, em busca de pedras e metais preciosos, é sempre o cativo do gentio, atrozmente zurzido e ferado. Antônio Dias Adorno, o descobridor de esmeraldas no Rio das Contas, Sebastião Alvares, que navega o rio S. Francisco, tendo ao lado o morubixaba Porquinho, vestido de escarlata, com uma vara na mão, o belicoso Luis Alves Espinha, dos Ilheus, Gaspar de Taide e Francisco de Caldas, pernambucanos, traidores e vítimas dos chefes tabajaras, ainda outros sertanistas e aventureiros cativam milhares de seivícolas.



Os pregadores clamam, *quebram os púlpitos* na sua ira, segundo a expressão de frei Vicente do Salvador, mas pregam num deserto. Com o morticínio ou o cativeiro dos vencidos, por esse tempo, vai findar a conquista da Paraíba do Norte, rapsódia em que a filha de Iniguassú, obscura Helena dos ranchos de Copahoba, feiticeira e tentadora selvagem, arrebatada por mamelucos á tribo, foi a causa da guerra entre os potiguaras e os brancos. Quatro anos depois, ocorrerá em batalhas sangrentas a conquista de Sergipe. E os capitães do novo ciclo, Fernão da Silva e Frutuoso Barbosa, d. Filipe de Moura e Diogo Flores Valdez, Martin Leitão e Francisco Barreto na primeira dessas expedições, Cristovão de Barros na segunda, já não obedecem como os heróis de Guanabara aos ditames da Companhia. Por toda a parte investem, pelejam, conquistam, á revelia dos missionários. Enfim, os bandeirantes alargarão a superfície do Brasil, sob o domínio espanhol, invadindo, através das reduções jesuíticas, os territórios coloniais á Espanha, quebrando pela força das armas a linha meridional do tratado de Tordesilhas.

Como se fossem reis, prodigamente, os conquistadores distribuem pelos soldados e filhos as terras, subdividem capitanias em sesmarias. Pastoril ou agrário, desdobra-se o latifúndio sobre o deserto. Inicia-se a formação do tipo rural, nobre ou plebeu, senhor do pastoreio e da lavoura; germina a expansão da vida rural, núcleo de mestiçagem, de escravaria, de trabalho e de riqueza. Já os escravos "são os pés e as mãos dos senhores", vicentistas ou pernambucanos. Já os mestiços defendem como zangões as colméias do apiário colonial, os engenhos. Desbrava-se a mata, replanta-se o algodão ou a cana. Por "des-

cimentos” e “entradas”, arremessos de sertanistas contra as malocas, vemos operar-se a conquista indígena do escravo, odiosa ao padre, mas necessária à posse e ao labor dos feudos, á opulência e ao prestígio das grandes famílias senhoriais.

Os desbravadores não querem apenas o sangue dos índios: sofregamente ambicionam pedras azuis e verdes, rebuscam o ouro da nigromancia do Padre Mágico, a prata dos tesouros evanescentes de Roberto Dias, as esmeraldas e safiras do vago roteiro de Gabriel Soares, o minerio de S. Vicente, o metal das lavras auríferas, que enleia o mais arguto e prudente dos governadores, d. Francisco de Souza, por alcunha d. *Francisco das Manhas*.

Certo, não poderia escapar o novo fenômeno da luta pela terra, pelo domínio dos homens e das jazidas, sem compromissos religiosos, á clarividência de Anchieta. Se em 1585 a expansão da Sociedade de Jesus antecipava a *Imago primi seculi*, debuxada e colorida pomposamente em 1640, o sistema brasileiro de Nóbrega e de Anchieta, declinando com a existência dos fundadores, entrara no seu ocaso. Bruxoleava o misticismo; divorciavam-se guerreiros e sacerdotes; definiam-se como sinais do tempo a soberberia dos governadores, indiferentes á Ordem de Loiola, o sentimento de poder e a cubiça de ouro dos colonos, surdos á ira ou á queixa dos padres. Esse violento desejo precipitará contra o jesuitismo as bandeiras tumultuosas, findo o primeiro século, de modo tal que, entre as cinzas dos aldeamentos incendiados pelos caçadores de homens, veremos extinguir-se a flama do apostolado, transposto para o nordeste brasileiro.

Anchieta previa de certo o epílogo... Só o egoísmo triunfa, por um lado, mas a caridade espontânea dos moradores, por outro, ainda o reconforta. Em quase todas as capitâneas, venturosas ou malaventuradas, patenteando a mesma crença na diversidade econômica, a fortuna e a pobreza levantam Casas de Misericórdia, assistem aos doentes, amparam as crianças, acolhem as viúvas, casam as orfãs, sustentam os padres. Assim o eterno contraste da natureza humana, a entrelaçar nas origens sociais o bem e o mal, justifica a esperança com que o missionário ainda sorri aos homens, fechando o Livro de Horas, cansadamente, na soledade crepuscular do seu último dia.

## VIII

**No reino dos milagres. O sobrenatural dividido em parágrafos: 1.º, Anchieta, o Provedor; 2.º, Médico; 3.º, Revelador; 4.º, Como domina a terra e os animais; 5.º, Como influi sobre a água e o fogo; 6.º, Como lhe obedecem as aves.**

Daqui por diante falham os dados cronológicos ou biográficos sobre o reitor e o provincial. Chegamos à porta do santuário, Eleusis ou S. Vicente, em que o oráculo desvenda o futuro aos homens ou o taumaturgo imprime às leis naturais o selo divino da sua lei. Minudente e copioso, um autor descreve centenaes de casos maravilhosos nesse período sacro: revelações, profecias, descobertas, curas, êxtases com ou sem levitação, domínio sobre as aves e as feras, visões, prodígios de ubiquidade e celeridade. Em vários momentos e aspectos sobrenaturais ou subjectivos fixados á parte lendária da vida anchietana, sem compromissos, ver-se-á neste livro como a sensibilidade e a imaginativa dos grupos coloniais foram taumaturgicamente impressionadas pelo missionário. Sombra que o excede, mas acompanha, a criação popular e religiosa acentua o desenho histórico. Por abreviaturas ou instantâneos, salteadamente, vamos reconstituí-la, em plena miragem colectiva do século XVI, alvorecendo na escola de Piratininga, sobredouorando o ocaso de Reritiba.

1.º — Anchieta é o provedor milagroso da sua estância ou do seu redil nas horas escassas. Um dia,

em S. Vicente, manda tanger a campã do refeitório. — Só temos laranjas e farinha de guerra, informa o dispenseiro. — Que fazer? O taumaturgo reza. Logo depois, ouve-se tilintar a sineta da portaria. Corre o porteiro e acha um cesto de mantimentos oferecidos por José Adorno, mareante genovês, bom amigo dos padres.

Outra vez, no colégio da Baía, onde faltava peixe, o provincial assomou á janela e disse ao lançador, mostrando-lhe certo ponto da barra: “Ide lançar a rede”. Não estava propício o tempo, mas o cardume afluiu, voltou a canoa transbordante. Rede benzida por Anchieta era a fortuna dos pescadores, mesmo nas quadras tempestuosas ou nas zonas desfavoráveis. Expressivamente, os índios chamavam-lhe senhor da pesca.

Segundo o estilo das bodas de Caná, ele mudou para os seus companheiros em vinho a água das seras. Por milagre, ainda supriu a falta de vinho na missa de Natal, em Santos, a de azeite no colégio de S. Vicente, a de óleo para as lampadas no altar da Virgem de Itanhaem. Assistindo a um irmão, que adoecera, converteu-lhe o xaréu em presunto, o vinho rascante em vinho maduro. Valendo á tristeza das mulheres devotas, suspensas dos seus lábios, tornou alvo e brando, com a sua benção, o pão requemado no forno.

2.º — Anchieta é o médico infalível do corpo e da alma, o santo da floresta e da família. Entrando nos lares, modestamente, compõe as discórdias, adivinha o paradeiro ás coisas perdidas ou ocultas, anuncia o regresso do filho á mãe inconsolável ou o do marido á esposa enlutada, previne casos de bigamia, revela ás moças o próximo casamento, salva as en-

fermas, socorre as parturientes, baptiza as criancinhas, abençoa os amores fecundos. Dizia-se que ele resuscitara, em Santos, a filha de Oliveira Gago, amortalhada entre flores, no seu esquife. Se o padre, ás vezes, prognostica doenças, mortes, incêndios, castigos ou ruínas, descortinando o lado sombrio á existência humana, é quase sempre uma voz de bom agouro, o amável profeta dos caminhos em flor, trazendo consigo a mesma promessa de alegria, chegando e partindo na mesma claridade solar.

O seu contacto infunde saúde e graça. Emendam-se os pecadores, advertidos; saram os enfermos, tocados por um gesto da sua mão, o sinal da cruz, ou por um escrito, um barrete, um crucifixo, um relicário com que se aproxima deles o taumaturgo. Magnetizados, sentindo-lhe o poder, todos se levantam e caminham, desde os mais ilustres sacerdotes — Inácio Tolosa, Francisco Pinto, Fernão Cardim — até ao índio rastejante, que se ergue da animalidade para fitar os céus, humanisando-se, ao toque do seu bordão.

Já em Piratininga, armado de lanceta e provido de ervas, para infusões e sangrias, ele curava os selvagens. A lenda amplificou-lhe o renome, desdobrado em milhares de curas nessa medicina espiritual, que vence os males com exorcismos, fluidos, aspersões, bençãos e missas, ora uma palavra em nome de Deus, ora uma gota de óleo do Santíssimo Sacramento. Baptizado pelo taumaturgo, purifica-se o leproso; á imposição das suas mãos, como num lance do Evangelho, nada mais sofre a viuva epiléptica; e o prestígio da sua voz afugenta o impaludismo. Não falha nos casos de hemorragia, cefaléa, asma, cobreiro, disenteria, engasgo e fastio a medicação anchie-

tana. Por vezes, reponta um efeito de humorismo na sua clínica singular. Durante a festa da aldeia de S. João, após a cavallhada, exigiam dois cavaleiros o prêmio, que era um pato, e Anchieta foi aclamado juiz da contenda. Havia entre os circunstantes um menino de cinco anos, mudo de nascença. Perguntou-lhe o santo: "De quem é o pato?" E o menino sagaz recobrou a fala para dizer: "O pato é meu. Quero levá-lo à minha mãe."

3.<sup>o</sup> — Anchieta é o revelador sem igual nos lares e nas selvas, na terra e no mar. Ora denuncia hostilidades iminentes — visita de corsários a Santos, aproximação de inimigos, assedio posto á nossa gente —, ora antevê sucessos militares — rendição de aldeias, vitória sobre os tamoios. Assegura o resgate do preso aos canibais, e impede o sacrificio; aos canoieiros o mantimento de guerra, e evita a deserção da sua esquadilha na conquista do Rio. Profetiza com a mesma translucidez o risco de um navio ou a morte de um homem, a queda de um pelouro ou o incêndio de uma casa, o desastre de um afogado ou a vinda de uma náu, o assalto do gentio ou a punição dos caçadores de escravos, o malogro dos noviços na Companhia, trabalhos e martírios de religiosos. Um dia, escavados em Guanabara os alicerces à fortaleza da barra, hoje de Santa Cruz, e erguidos os muros de cantaria, disse ao capitão Gonçalo Correia de Sá, em lingua brasilica: "Amigo, baldado é o vosso trabalho, porque o mar há de comer a fortaleza". Traduzida em portuguez, comunicou a profecia aos demais circunstantes, que sorriram, incrédulos. Mas dali a poucos meses, concluida a obra, o mar devorou a fortaleza com a sua artilheria, sem que lhe deixasse ao menos uma pedra.

Essa misteriosa faculdade anchietana, manifestada como preciência, revelação ou segunda vista, compreende factos históricos — a primeira ida de d. Sebastião á África e a desventura de Alcacer-Quibir, — mas desce também aos mínimos factos da vida colonial. Joseph prognostica a um viajante o dobro da viagem, a um morador sequioso de vinho o recebimento do tonel desejado, a um bando de alvaneis a interrupção do seu trabalho. Joseph adivinha o conteúdo ás cartas fechadas, assinala os frutos de pouca duração ou longa resistência ás mulheres gravidas. Acolhendo na sacristia um padre tentado por Eva, mas incólume, atalha ao reverendo Pedro a confiança: "*Et ego rogavi pro te, Petre, ut non deficiat fides tua*". Muito antes de qualquer noticia, às vezes no mesmo dia do óbito, celebra missa por alma de pessoas falecidas á distância, calculada em sessenta, duzentas, mil léguas, ainda mais longe, como quando lhe morreu na Itália um condiscípulo amado, entre os irmãos do colégio de Loreto. Segue através de misérias e fraquezas humanas, detendo amigos extraviados na brenha infernal do crime, acudindo aos jesuitas na penumbra das tentações carnis, afastando escrúpulos vãos á consciência honesta ou dissipando névoas á alma escurecida pela melancolia, predizendo ás moças donzelas o casamento na terra ou no céu, aos leigos a data do ingresso na Ordem, aos fracos a do seu desvio, aos perjuros o castigo, aos perversos a ruina.

Quando resvala um pecador, no silencio da noite, para a tentação criminosa, diz-lhe só Anchieta: — "Recolhei-vos, Colaço". E assim o livra da morte. Quando um irmão se deixa vencer pelo demónio da ira, ordena-lhe, de passagem: "— Fora com isso que



não presta". E assim expele da alma o obscuro inimigo. Quando a uma devota enferma e honesta o diabo, cerrando-lhe os dentes, impede a confissão do pecado, que em silêncio guardara por trinta anos, manda-lhe dizer ao ouvido o erro. E a pecadora sem voz, recuperando-a, confessa o pecado de tres decênios para sobreviver na sua fé, tranquilamente, absolvida e loquaz.

O inaciano revela os episódios mais encobertos, sejam de bigamia ou de concubinato, decifra os pensamentos mais ocultos, sejam de vingança ou de luxúria. Salva com a sua oração quatro naus em perigo, com o seu aviso os caminhantes abrigados na mata, com as suas palavras — "Dou-te a Deus, criatura!" — um menino de seis a sete meses, ao vê-lo cair do alto de uma torre.

4.º — Anchieta é o domador dos quatro elementos, perfeito mago de Vera Cruz. Obedecem-lhe a terra e os animais; a água do mar, das fontes, da chuva, e os seres aquáticos; o ar e os seus habitantes; o próprio fogo. Por influência do seu contacto e da sua prece, vemos consolidar-se a terra movediça de S. Jorge ou dos Erasmos em S. Vicente, desprender-se de um bloco inabalável a do Espírito Santo, restituir criaturas já sepultadas a de Ibirapuera. Cobras e onças rëndiam-lhe a mesma vassalagem. Na fazenda de Magé o padre amansou um boi furioso, lançando-lhe a benção. Fora da choupana, quando os mais dormiam, orava ao luar, entre as feras, que esperavam dele a ração, agachadas e submissas. Por desenfado, ás vezes, o taumaturgo compunha cenas hilariantes, como o funeral dos símios, através da floresta de Maricá.

Lendariamente, surge-nos o padre com algo dos encantadores orientais de serpes, ao recolher, afagar,

despedir para outros caminhos uma jararaca, ensinando ao gentio como os próprios réptis andam sujeitos á vontade humana, que não transgride a lei de Deus. Certa vez, tendo um offidio enovelado sob o calcanhar, disse-lhe com energia: "Morde-me o pé, vinga os agravos, que tenho feito ao Creador". Mas a cobra, meneando a cabeça, não ousava morder, e o santo deixou-a com essa advertência cristã: "Vai-te, não faças mal a ninguém". O toque do seu bordão immobilizava as serpentes, o eflúvio do seu gesto reprimia os cetáceos.

5.º — Ostenta-se o poder miraculoso na atmosfera, nos rios, no oceano. Basta evocar os lanços de pescaria assombrosa; a nuvem que se vai romper, bojando, prenhe de água, e fica suspensa por tres horas, como o apóstolo deseja, sobre o auditório do seu drama em verso; as chuvas atraídas pela força pluvial das orações, em plena seca fulguranté; léguas de caminho enxuto, para as suas vestes e os seus passos, em meio do àguaceiro despenhado sobre as matas circunvisinhas; tufões, que ele subjuga, nevoeiros, que ele desfaz na travessia, ao salvar os barcos, de joelhos, invocando Nossa Senhora; enfim, a magia dessa roupeta esgarçada, impermeável à própria enchente, que tudo alaga e nivela, fragorosa, excepto a pedra situada na confluência das vagas, onde o religioso descansa e medita.

Se a água tempestuosa de Bertioga, da ilha de S. Sebastião, de Iperoig, dos Abrolhos, de Guanabara e do Espírito Santo refluia ao mando de Joseph, também o fogo lavrava sob o mesmo império. De alguns incêndios foram prevenidos os homens pelo taumaturgo, e o milagre do pão, que se fez novamente branco e tenro, depois de queimado no forno, deixou-lhe ainda em relevo o poder sobre as chamas.

6.º — Como no texto da vida de S. Francisco de Assis, obedeciam-lhe as aves com instintiva e alacre doçura. Quando o poeta andava a escrever o seu poema na areia, junto ao mar de Iperoig, uma avesinha graciosamente colorida esvoaçava em torno, roçando-lhe os ombros, as mãos, a cabeça. Durante a pregação, em dia do Espírito Santo, um pássaro vinha pousar-lhe com insistência no ombro esquerdo. As rolas do refeitório, em S. Vicente, acudiam-lhe ao chamado. Ele próprio contou ao padre Gaspar de Sampêres como as aves marinhas se lhe quedavam no braço. Outra vez, em canoa, Anchieta recolheu um bando de papagaios exaustos, que se haviam distanciado imprudentemente da terra, sem forças para a viagem, e de novo os mandou á floresta natal. Costumava falar aos passarinhos em língua brasílica, estendendo a ponta do index: — Pousa aqui, louva a Deus, ordenava o santo á ave preferida e obediente. Gorgeado o louvor sobre o dedo imóvel, despedia em tupi-guarani o passarinho: — “Já louvaste o Senhor. Vai-te embora”. E as duas asas estremeciam na luz, desferindo o voo.

Dizia-se que as andorinhas o festejavam, ao romper da aurora, quando o padre vinha á janela na casa do Espírito Santo; que aí também era servido e acompanhado, com surpresa de toda a gente, por duas lindas aves, o tuim e o canindé; que a sua doutrina melodiosa atraia os voos dispersos no azul. Se as gaivotas importunavam os pescadores indígenas, por ocasião da salga, recomendava-lhes Joseph: — “Esperai o vosso alimento, socegadas. A inquietação das aves famélicas cessava.

Em S. Vicente e no Rio de Janeiro, ao meio dia torrido, sobre as ondas altas do mar, Joseph pediu mais de uma vez aos guarás que viessem fazer-lhe sombra, distendendo as asas purpúreas; mais de uma vez, a sua canoa evangélica perpassou á flor das águas verdes, na costa do Brasil, sob o frêmito desse toldo escarlata, vibrante de asas unidas contra o sol.

## IX

**Outros aspectos da lenda. Êxtasès. Caso do índio Diogo, o ressuscitado. Pescaria de Maricá. Esplendor da capela de Bertioega.**

Não bastam ainda os prodígios enumerados á lenda anchietana. Invisível, o missionário perpassa entre os companheiros de jornada ou aparece à mesma hora em S. Vicente e Piratininga, em S. Vicente e Santos, na projeção radiante da sua ubiquidade. Transpõe oito léguas, espiritualmente, para alcançar o breviário deixado em casa; vence duas léguas, instantaneamente, para trazer as hóstias esquecidas no carro. Onde se quebra a força dos selvícolas, triunfa o seu gesto, impelindo barcos ao mar; "... chegou-se ao costado — narra Simão de Vasconcelos, -- tocou com o bordão, e começou a nau a correr com maravilha grande". Onde passa Joseph, nuncio da primavera, gênio da bondade, viceja-lhe sob os pés a hortelã, dá figos maduros a figueira, uvas douradas a videira. Crestado pela seca, todo o arvoredo espectral se enfolha, reverdecendo, e a campina mais erma, de súbito, ondula num vergel.

\* \* \*

Os transportes e êxtases do padre eram divulgados, nessa época, em toda a capitania de S. Vicente. Quando trabalhava com outros irmãos na abertura do caminho de S. Paulo a Santos, Joseph apartou-se dos companheiros um dia, foi orar ao pé de uma ár-

vore distante. Sobreveiu a chuva, quedou-se o religioso no mesmo lugar, sendo ali encontrado inerte, alheio ás bâtegas de águas e ás vozes dos irmãos, que por ele bradavam. Houve quem o avistasse, dentro da cela, ora em levitação, *coisa de meio covado*, ora transfigurado, entre resplendores divinos. Mais tarde, já provincial,\* oficiando na capela interior do colégio da Baía, desprendeu-se do chão, ficou suspenso e extático, por longo tempo. Chamado pelo acólito, veio o padre Tolosa á capela, repôs Anchieta nos degraus do altar, e a missa continuou. Fenômenos iguais de levitação foram testemunhados á hora da missa, em Porto Seguro e no Espírito Santo. Adorando a imagem de Cristo no colégio do Rio, perdeu Joseph os sentidos; pependentes os braços, quase extintos os olhos, arrimado o corpo a uma cadeira, parecia morto. O irmão Francisco Escalante viu Anchieta no coro da igreja, com asas de serafim, abrasado pelo fervor da prece. Descendo por veludosos caminhos, a noite cercava de fulgores e melodias os seus arrebatamentos, como no templo de N. Senhora de Itanhaem ou na capela do forte de Bertioiga.

\* \* \*

O caso do índio Diogo, em Santos, é culminante na lenda taumatúrgica. Estando amortalhado o cadaver, aberta a sepultura, Diogo ressuscita e pede á senhora da casa, Gracia Rodrigues, que lhe mande afrouxar o sudário. Livre, começa a dizer: "Chamem agora mesmo o padre Joseph para me baptizar". Impossível, retrucam, porque há duas léguas da vila de Santos a S. Vicente, residência do padre. Mas o ressuscitado informa; "O padre está em Santos, veiu até ao ribeiro da vila em companhia do meu espírito

e mandou-me reentrar no corpo para ser baptizado". Não tardando Joseph, avisado pelos mensageiros de Grácia Rodrigues, pergunta-lhe o índio se trazia consigo o relicário, que lhe mostrara em caminho. "Sim, responde o taumaturgo, mas, antes do baptismo, conta o mistério da tua ressurreição". Diogo ressuscitado exulta, e pormenorisa, então, o episódio maravilhoso. Ao sair desta vida para outra, advertira-lhe uma voz, a própria voz de Joseph, que ele não seguia a estrada real do céu, porque não entrara na Igreja de Deus pelo baptistério. Urgia-lhe voltar ao corpo, e assim o fez para ter das mãos do sacerdote o baptismo redentor. Baptizado entre orações e lágrimas, Diogo pede á senhora da casa que lhe faça rezar duas missas, lhe ponha na mão uma vela de cera benta, lhe arrecade os pobres vestidos para outra nudez ainda mais pobre, e assistido por Joseph, impetrando licença á dona Grácia Rodrigues, como bom servo, expira segunda vez, transpõe o limiar da vida eterna.

\* \* \*

Joseph acompanha em 1584, como celebrante e confessor, o religioso Pedro Leitão, os serventes da casa e alguns indígenas, pescadores, á lagoa de Maricá, sete léguas distantes do Rio. Nessa pescaria famosa revemos as modalidades principais da lenda anchietana. Simão de Vasconcelos definiu-a: "*...huma como comédia de toda a variedade de acções, e figura: ao divino*".

Junto de um penedo, Itapoig, pouso nocturno dos viandantes, o taumaturgo começa por alimentar duas onças, dois carnívoros tremendos, servindo-lhes á porta da choupana um dourado *cacho de bananas!* Depois, á margem da lagoa, orienta aos pescadores o lanço

das redes, e é tão abundante o peixe que os serventes não podem salgá-lo todo, as aves de rapina, em bandos vorazes, dificultam esse labor. Anchieta repreende as gaivotas em língua brasílica, ordena que se afastem daquela paragem, voltem depois da pescaria, em busca do seu quinhão. Obedecem-lhe as aves, submissas e confiantes.

Por mandado seu, duas esplendidas onças deixam a floresta, acercam-se da ribeira, vem exhibir-se á curiosidade enlevada e tranquila dos que navegam com ele em canoa. Outro dia, retirando-se Joseph, em contemplação, a um ponto descoberto na vasante, sobreveiu a enchente, mas o deixou ileso, entre muralhas verdes e fluidas, coroadas de espuma. E á noite, ceando com os pescadores, ele anteviu a chegada de um mensageiro, adivinhou o texto de uma carta, deu saude a Aires Fernandes, ausente e em perigo de vida.

Ao termo da pescaria, avultando a carga, foi levada primeiro á aldeia de S. Barnabé, dai conduzida para o colégio do Rio com auxílio de novos índios. Chovera toda a noite, e era penoso o caminho ao transporte, como advertiu Pedro Leitão. Mas o taumaturgo prometeu bom tempo e boa estrada á caravana. Entre os charcos da terra inundada, intransitável, desdobrou--se até ao colégio um suave caminho, aplainado e enxuto.

Depondo a carga, em meio da jornada, um flecheiro visou um grande mono barbudo e hostil, que fazia esgares, do alto de um ramo nodoso, á passagem dos homens... Ao tombar ferido o macaco, entre guinchos e urros, vieram outros cercá-lo, e outras flechas dizimaram o bando para deleite dos índios esfomeados. Mandando suspender os arcos, porém,



Joseph consolou os monos sobreviventes: "Fazei vossas exéquias, que eu vos asseguro o campo". E o funeral dos simios, ordenado pelo taumaturgo, encheu de lástimas e prantos a selva. Por fim, regressando em canoa, Joseph e os companheiros foram protegidos, mais uma vez, contra o sol dardejante, pela sombra das asas dos guarás.

\* \* \*

Repentinamente, quando ele orava no silêncio da noite, cobria-se toda a cela de fulgurações cambiantes e mágicas. Em 3 de outubro de 1602, inquirido pelo reverendo Martin Fernandes, vigário geral do Rio de Janeiro, o depoente Afonso Gonçalves trouxe á formação da lenda anchietana o esplendor de uma alegoria. Hospedado certa vez pelo capitão, sogro da testemunha, no reduto de Bertioaga, onde fora ter com o padre Manuel Viegas, ao encontro dos maramomis, Anchieta preferiu dormir na capela de Nossa Senhora, a trinta passos do forte. Alta noite, despertando o marido, a mulher de Afonso Gonçalves segredou-lhe, comovidamente: "Senhor, acordai, e ouvireis uma coisa maravilhosa." Electrizado pela curiosidade, Afonso entreabriu a janela do quarto, espreitou, escutou... A' maneira de uma fonte encantada, jorrando luz, toda a ermida resplandecia, e da fonte corriam lágrimas sonoras, brotavam melodias cascadeantes, que não eram da terra, mas de outras paragens celestes, onde voos repassam, vozes ressoam á face de Deus. Maior que o deslumbramento foi o espanto de Afonso Gonçalves e da sua mulher. Arrepiava-lhes os cabelos, impedia-lhes os passos um temor sagrado. E dentro da noite a ermida de Nossa Senhora, vibrando como as líras, ardendo como os

astros, dava ás ondas, ás pedras, aos ramos, ás almas vigilantes um pouco do seu encantamento. Mas o santo, na manhã seguinte, como lhe falassem desse prodígio Afonso Gonçalves e sua mulher, aos quais não podia já encobri-lo, recomendou que em segredo o tivessem.

**Ascensão lendária. Receptividade da alma portuguesa e da alma indígena para o milagre. Caracteres do feiticeiro. Zumé ou S. Tomé. Entre o pisiqismo e a fisiologia. Definição táctica do taumaturgo. O maior dos prodígios.**

Ascensão na ordem jesuítica e na ordem espiritual, dupla ascensão hierárquica e taumatúrgica, eis o facto que sobrepára ao nevoento período anchietano, entre 1569 e 1585. Primeiro como reitor do colégio de S. Vicente e das casas anexas, depois como provincial do Brasil, ascende Joseph de Anchieta. Santifica-se. Volta á idade angélica de ouro, á criação immaculada e paradisiaca, misto de força humana e glória divina, em que o demiurgo situara o homem, acima de todos os seres e todas as coisas terrestres. Nele revive Adão original, anterior ao erro e á queda. unido pela substância e pela obediência a Deus. É por essa união que ele se torna profeta e se faz taumaturgo, no dizer dos panegiristas.

Com extrema receptividade a fé primitiva dos indios e a fé quinhentista dos portuguezes acolheriam, então, a catadupa desses milagres. Se a grandeza selvática do Brasil, cheia de assombros e mistérios inviolados para a superstição indígena, compunha o necessário lusco-fusco ao desabrochar do novo mito ou da nova lenda, não era menos propício o estado da alma portuguesa a semelhantes ideações. Os tres decênios de actividade maior do taumaturgo coincidem, expressivamente, com a fase delirante do cato-

licismo peninsular. Era o tempo anunciado pelas estranhas aparições da Sé e do paço de Xabregas — e a ataúde em chamas, a dona coberta de luto, bandos de mouros a psalmejar, levando tochas acesas... Portugal esquecera a própria realidade pela quimera doidejante — o sebastianismo, — quando as imaginações voavam, como fogos fátuos, em redor de um espectro vencido. Portugal criava a sua lenda messiânica, e o rei desejado, mas evanescente, abria lugar aos dois reis efêmeros de Penamacor e da Ericeira, aos profetas, aos inspirados, ao *sapateiro-santo*, ás ilusões e esperanças místicas, sob o terrorismo assoberbante. (149)

Essa onda psíquica de milagres, fluindo através do Mar Tenebroso, e das origens trazendo a alma lusitana, rolou até ao Brasil catequisado pelos jesuitas. Não se desfez. Cresceu, mesclando-se á alma obscura do gentio e á alma fetichista do negro, em que havia o terror secreto das forças naturais, confusão do sonho e da verdade, propensão á miragem.

No elemento virgem das suas ideias o aborigem conservava os germes de outras ficções: credulidade, animismo, tendência para inventar mitos e numes, povoando a natureza de genios protectores ou malignos, ouvindo a cada passo os espíritos dos seus mortos, vendo a cada momento o Anhangá, o Caapora, o Corupira ou o Saci-Cerê demónios bravios da floresta sul-americana. Em alguns episódios de mitozoologia — lendas do jabuti, da onça, do gavião, da anta, dos macacos, do gambá, do sinimbú — dialogavam os bichos, por vezes com os homens, e é curioso

---

(149) OLIVEIRA MARTINS — *História de Portugal* — “Como nos primeiros tempos cristãos, agora, na limitada arena de Portugal, os prodígios e os milagres pululavam.”

notar que o Anchieta lendário fala aos animais em língua brasílica, invariavelmente, segundo os cronistas da Ordem.

A concepção diabólica do feiticeiro (pagé ou bari) antecede e prepara entre os índios a concepção eclesiástica do taumaturgo. O feiticeiro governa as almas, faz predições, antevê o desfecho das guerras, localiza as colmeias, sabe onde fervilha o peixe, revela o esconderijo da caça, interpreta os sonhos, adivinha tudo. Comunica-se familiarmente com entidades extra-naturais; cura por meio de infusões, sangrias, gestos. Nas suas metamorfoses é pássaro, e voa dentro da noite, é onça, e ruga dentro da mata. Nas suas invocações aos espíritos, caindo em transe, perde os sentidos, parece morto. E acerta quase sempre, antevendo sucessos próximos ou remotos, como testemunhou, escreveu em 1919 um missionário salesiano: "Mais de uma vez verificamos a exactidão dos ditos e profecias. Não se pode duvidar da influência do espírito demoníaco, que fala e opera por meio dos seus fieis mediuns, os *Baris* e *Aroetoraris*". (150)

\* \* \*

Debuxado pela tradição oral, já existia entre os selvagens uma figura lendária de precursor ou iniciador, Sumé ou Zumé, o estrangeiro alvo de longas barbas, que lhes revelara coisas sublimes e o uso da mandioca, — figura convertida pelos jesuitas no apóstolo S. Tomé, cujas pégadas eram ainda visíveis, por toda a costa meridional do Brasil, impressas na dureza de lages veneradas como objectos sagrados. Zumé ou Sumé, em outras idades, fôra talvez um dos

guias e mestres da raça indígena. Efige católica de herói civilizador, Anchieta viu também formar-se a lenda agiográfica das suas maravilhas, *dentro e fora de casa*, interiores e populares, sob a influência conjunta dos inacianos, que se glorificavam no santo, e do rebanho devoto, que lhe fundaria o culto bárbaro, vedado em 1625 pela Santa Sé. Aliás, no dilúculo da vida brasileira, alvorecendo nessas emoções religiosas, a ciência imprevista de Anchieta sobre a terra e o clima, a fauna e a flora, o homem e as suas artes, era já uma forma de conhecimento supra-normal, verdadeira fonte de milagres para o gentio e o colono.

\* \* \*

Muitos casos anchietanos — vidência, telepatia, intuição premunitória, adivinhação de pensamentos etc. — seriam hoje vulgares, depois da metapsíquica, embora inexplicáveis na esfera dos conhecimentos positivos (151). Fenômenos de outra espécie, como transportes, êxtases, visões, teriam a sua causalidade no sistema nervoso, afectado já pelo desvio da espinha dorsal, pela doença eucarística dos tempos de Coimbra, em que era ideia fixa do noviço rever na hostia o corpo de Jesus (152). Derivariam ainda certos fenômenos, talvez, dos exercícios espirituais, do regime ascético e da auto-hipno-

---

(151) CHARLES RICHTER, *Traité de Metapsychique*, pag 16: "Dans presque toutes les religions, les miracles et les prophéties ont joué un grand rôle. De vrais phénomènes metapsychiques, télékinésies pour les miracles, prophéties pour les prémonitions, sont peut-être à l'origine de certaines croyances religieuses".

(152) ARARIPE JUNIOR. *A doença eucarística do noviço José*.

se, práticas semelhantes ás que se observam, com efeitos prodigiosos, nos conventos lamaicos do Tibét. Macerado pela castidade, retalhado pelos açoites, consumido pelo jejum e pela insonia, absorto na contemplação e na prece nocturna em solilóquios do seu misticismo, estava Anchieta predisposto, neuricamente, segundo os psiquistas, á clarividência e á mediunidade? Se a hipótese fosse admissível, essa mediunidade seria em todos os casos a mais electrizante e dinâmica. Trazendo nas veias o cáldo sangue espanhol dos grandes Iluminados, que se chamaram Inácio de Loiola e Tereza de Jesus, sentindo a mesma paixão realizadora e actuando com o mesmo poder sobre as almas, Joseph de Anchieta não comprehendia a imobilidade como princípio de beatitude nem se abismava no mundo invisível como no seio de uma nuvem glacial. Recolhia-se para melhor se exteriorizar, depois, em radiações de energia fisio-psiquica, através do elemento selvagem. O contacto da natureza e o hábito da acção, equilibrando-lhe a vida espiritual pela correspondência harmoniosa com o meio brasílico, neutralizaram os germes da primeira doença, integraram as faculdades excepcionais — vontade heroica, intellecto admirável, pujante memória — no ritmo e na beleza do seu destino. “A história de todas as nações, como já se escreveu (153), apresenta individualidades, que entre os contemporâneos se destacam pela sabedoria, pelo dominio da natureza, pela fascinação empolgante. Denominam-se profetas, mágicos, feiticeiros, em geral magos. São eles que provocam fenômenos, aparente-

---

(153) SOKOLOWSKI — Memória<sup>a</sup> publicada em *L'état actuel des Recherches Psychiques*, ed. Paris, 1924, pag. 301-312.

mente sobrenaturais...” Joseph de Anchieta foi um desses predestinados.

\* \* \*

Ao catolicismo repugnam tais concepções. Na sua doutrina, logicamente desdobrada, humildade e sacrifício, amor e renúncia, caridade e penitência elevam ao plano celeste da criação o venerável Joseph de Anchieta, remodelado em espírito á imagem e semelhança de Deus. Unindo-se a Deus, santificando-se, é que ele ascende á categoria de profeta e de taumaturgo, sob um lampejo da Graça, mas também por um acto supremo de livre arbitrio. Duzentos e oito testemunhos *antigos* e *graves* nos processos informativos e apostólicos, feitos em S. Paulo, no Rio de Janeiro, na Baía, em Olinda, em Evora e em Lisboa para a sua canonização, autenticam-lhe as virtudes e os milagres perante a Congregação dos Ritos.

Na crónica religiosa, moldura eclesiástica da lenda, Anchieta é o novo taumaturgo, como o apelida Eusébio de Nierenberg (*Ideais de Varões claros*) ou Adão inocente, como prefere chamar-lhe Jacobo Damiam (*Sinopse*). Adão do novo mundo é ele na biografia do padre Simão de Vasconcelos, que lhe atribui, exemplificando, os mesmos dons refulgentes do primeiro homem, antes do peccado original: inocencia, entendimento ilustrado, vontade recta, corpo impassivel e o domínio dos quatro elementos.

Tendo nascido para enlevo do Brasil no paraíso das Ilhas Afortunadas, o nosso Adão segundo, obediante a Deus, impera também sobre o homem racional e os seus órgãos, sobre a vida e a saúde, os bens materiais e a própria alma. Daí a influência curativa, que era sentida pelos enfermos na cabeça, nos



olhos, na boca, nos dentes, na garganta, no peito, nas costas, nas entranhas, nas mãos e nos pés. Daí o poder sobre a vida humana, prolongada ou ressuscitada por Joseph, e a maravilhosa instantaneidade com que ele abastecia os homens. Daí o conhecimento das almas pecadoras, a familiaridade com o céu, as profecias, os êxtases, as revelações. Mais de uma vez, Joseph-Adão triunfa do demónio ou converte os segredos e poderes do Criador, generosamente, em dádivas a criaturas necessitadas. Quanto aos demais atributos edênicos — pureza, obediência, humildade, amor espiritual, infinito saber, — o padre Simão de Vasconcelos apenas sublinha uma diferença notável entre os dois arquétipos: é que o primeiro Adão perdeu logo a inocência, por mal do mundo todo, enquanto o segundo a conservou para bem do novo mundo (54).

Formada pela turba e pelo clero, a lenda proporciona-se, depois de 1569, á imensidade geográfica do Brasil: dentro e fora das casas jesuíticas não têm mais conta as obras maravilhosas. Anchieta caminha através, do *Flos Sanctorum*, cheias as mãos de rosas e lírios, graças e dons, como um divino semeador.

Morto o apóstolo do Brasil, ainda operou centenas de milagres em todas as capitánias, aparecendo aos enfermos num sonho, acudindo ás invocações, actuando por meio de relíquias, tornando-se advogado infalível contra os partos e abcessos, febres e eu-quecas (155). Decorridos mais de sessenta anos sobre a morte do padre, venerava-se ainda na sacristia de todos os colégios e casas dos jesuitas uma re-

---

(154) SIMÃO DE VASCONCELOS, *Recopilaçam da Vida do P. Joseph de Anchieta*, liv. IV, intr.

(155) *Ibd.* *Vida do P. Anchieta*, liv. VI.

líquia dos seus ossos, engastada em prata, com que eram benzidos os vasos de água para os doentes.

Anchieta sonhava morrer no ápice da sua caridade, em jornada cristã, por escarpas nuas ou brejos lutulentos. Não se lhe fez realidade a última aspiração. Mas teria ele compreendido, ao findar na palhoça de uma aldeia bárbara, que atingira pelo amor o extremo da perfeição religiosa, concedida a um homem no seu tempo e no seu meio. Fora da lenda taumatúrgica seria o mesmo Iluminado, criador de milagres do pensamento e da acção, delimitados pelo catolicismo ortodoxo e beligerante. Ele foi bem o discípulo do patriarca Inácio de Loyola, "o homem da sua Ordem", militando contra os hereges, mas foi também, nesse quadro, um exemplar de rara humanidade altruista. Como as virtudes heroicas do sacerdotício preocupam muito mais a Igreja que os milagres (156), não diverge da concepção eclesiástica, nesse ponto, o espírito moderno. E o mais ofuscante dos prodígios, eclipsando todos os outros da lenda jesuítica, espelho ardente de coisas sobrenaturais, mágico espelho de forças indefiníveis, foi o da própria natureza humana, espiritualizada pela fé cristã — ele próprio, Anchieta.

---

(156) CONEGO MANOEL VICENTE DA SILVA, *A sublimidade moral de Anchieta*: Análise do processo de sua canonização.

O mesmo sacerdote escreve nesse trabalho: "Abalar a base em que assenta o decreto de beatificação do venerável Padre Joseph de Anchieta é consentir na extinção completa de toda a ciência histórica". Sobre a irradiação moral do evangelizador consultem-se ainda *O Jesuíta José de Anchieta*, monografia de Accioli, e a *Significação da obra de Anchieta na História do Brasil*, conferência de Escragnolle Doria,

## LIVRO VI

# OCASO DE RERITIBA

Buena ventura llamo una vida conservada en gracia  
de Dios y una muerte que corresponda á tal vida.

ANCHIETA



**Declínio de Anchieta. Reritiba. O eremita,  
O vidente. Última viagem á Baía. Volta á  
solidão.**

Com as fadigas do provincialato haviam recrudescido os males de Anchieta, que em 8 de agosto de 1584 já escrevia ao geral da Ordem: — “Como a minha doença começou há muitos anos e agora, com a idade e os trabalhos, apertou mais, há poucas esperanças de saúde: e assim espero que o padre visitador me tirará o cargo da Província, se a morte não tiver cuidado de o fazer antes.” Ouviu-lhe os rogos, com efeito, o segundo visitador da Província, Cristovão de Gouveia, no fim do ano de 1585.

Fôra-lhe um septénio de trabalhos constantes e heroicos o provincialato a que os seus biógrafos mais antigos, Quirício Caxa e Pero Roiz, contam o mesmo prazo, sete anos. Como substituto de Anchieta, só em 1588 chegou á Baía o padre Marçal Beliarte.

Doente e exausto, depois de tanto lidar, passou Anchieta, em 1586, a servir no colégio do Rio de Janeiro, onde havia poucos sacerdotes, muitos afazeres, e a despeito dos sofrimentos, por ele denominados mensageiros da morte, o missionário ajudava na cidade e nas aldeias o padre Fernão Cardim, reitor.

Quebrantado pela moléstia e pelo trabalho, Joseph esteve prestes a succumbir. Alarmou-se todo o colégio, em pranto. Mas o enfermo, reparando no choro dos irmãos desolados ao redor do catre, sere-

namente disse: “Não haja lágrimas, porque não hei de morrer desta vez, neste lugar: no Espírito Santo acabarei os meus dias”. E assim foi.

A ideia cristã da hora derradeira já lhe andava por esse tempo no espírito, voltado só para Jesus. Um dos seus irmãos predilectos, Antônio Ribeiro, suspirando no colégio de S. Paulo por viver com o apóstolo do Brasil, não o persuadiu a mandar buscá-lo. Dele apenas teve, em resposta, conselhos de obediência, castidade e oração. Joseph renunciara ao próprio conforto das amizades humanas: “. . . convem que trabalhemos — escrevia ele em 1587 a Antônio Ribeiro — de ter sempre por companheiro aquele que em todas as partes e em todo o tempo está conosco. O qual, ainda que nós, ás vezes, o enjeitemos, contudo está batendo á porta do nosso coração, esperando que lhe abramos para entrar, e fazer morada em nós, vindo juntamente com ele o Padre e o Espírito Santo, para que nenhuma parte de nós fique que não seja cheia. *nem haja outro que em nós possa ter quinhão, nem no mais pequeno cantinho da nossa alma*”. Como que ele se desprendera de todos os affectos, ou melhor, se desatara da humanidade, transfigurado pelo ideal do amor celeste. Já lhe era indiferente, desde muito, a sorte da própria família (157).

Nesse mesmo ano de 1587, concedeu-se ainda licença ao enfermo para mudar de ares, como e quando lhe aprouvesse. Quarenta e dois anos votados á santa obediência, porém, levavam o padre Anchieta a des-

---

(157) PERO ROIZ, op. cit., ltv. II, cap. II: “Nhua como-nicação tinha o p.<sup>e</sup> com os seus q<sup>e</sup> crão ainda viuos na ilha de Tanarife hua das Canarias, e dandolhe hua carta de hua irmã sua leo o sobre escrito e antes de habrir dise o que nella se continha, e com muita alegria dise que sua irmã estaua conforme com a vontade deuina, em hua infirmitade que padeçia”.

confiar jesuiticamente da liberdade, causa de humana cegueira e de trânsito errado, no seu entender. Para o eleito, definia-se a obediência como sujeição á vontade de Deus, interpretada pelos superiores, não sabendo o homem escolher o que mais lhe convem. Orientado por essa humilde certeza, pediu a Fernão Cardim que lhe traçasse o rumo, e foi mandado para a aldeia de Reritiba, no Espírito Santo, com o padre Diogo Fernandes, missionário. Dêsse lugar, confiantemente, escreveria Anchieta a Inácio Tolosa: "... a disposição corporal é fraca, mas basta com a força da graça, que da parte de Deus não faltará..."

\* \* \*

O asceta foi habitar no declive de um monte, ao pé do rio, que os selvícolas chamavam *Iriritiba*, por corrupção Reritiba (158). Não mais lhe veremos a figura dramatizada pela história, batida pelas tormentas, sobre o convés dos galeões ou a táboa frágil das canoas. Desaparece do cenário tumultuoso o apóstolo, fundador de estâncias e colégios, defensor de igrejas e cidades, eclipsado pelo anacoreta, imerso na penitência e na contemplação. Vai findar o ciclo anchietano do Brasil meridional com a marcha das bandeiras paulistas. Mas a idade heroica do jesuitismo brasileiro, acabando nesse teatro invadido pelos mameucos até á bacia do Prata, incendiado pela conquista econômica e geográfica dos bandeirantes, continuará pouco depois ao norte, desde a vila de Olinda ao rio Amazonas, por incontáveis léguas de costa e de

---

(158) *Iriritibá* ou *Beritigbá*, mais tarde rio e vila de Benevente. (Cesar Marques, *Dicionário da Província do Espírito Santo*, 1878).

sertão. As brenhas do Nordeste e do Equador, mudado o polo á catequese, fascinam agora os inacianos. E a terra virgem dos passos de Nóbrega e de Anchieta será orvalhada, em breve, com o sangue de Francisco Pinto, martirizado pelos cararijus, que lhe despedaçam o crânio, levando aos feiticeiros a batina e o altar portátil, nas paragens de Ibiapaba.

Devotamente, o anacoreta vivia á margem do Reritiba os seus últimos dias, como um santo da lenda bramânica á orla do Ganges, na solidão florida de preces e lotos. O sentimento da perfeita quietude oriental, porém, não se casava nesse espirito fecundante á renúncia e á piedade. Com efeito, o seu cuidado era sempre a conversão dos índios, pelos quais havia transposto o oceano, entre os quais estava melhor do que entre os portugueses (150). A sua derradeira esperança, perdido o sangrento ideal do martírio, era alguma entrada nos sertões, para trazer novos fieis á Igreja, ou a morte no declive de alguma das montanhas, que se esfumavam á distância, vaporizadas, num remoto plano fugaz de sombras e nimbos (160).

Se a natureza lhe restituia momentaneamente a saúde, voltava o eremita a ser missionário, aventurando-se por tremedais, boqueirões e fraguedos, á caça de almas para Deus? É temerário ou incerto nesse caso o depoimento dos biógrafos. Consumido o herói pela idade e pela doença, não lhe seria dado, talvez, acompanhar Diogo Fernandes no itinerário selvagem

---

(159) ANCHIETA, *carta ao Padre Tolosa*: "Pus-me nas mãos do Padre Fernão Cardim, e ordenou nosso Senhor que acompanhasse ao Padre Diogo Fernandes nesta aldeia de Reritibá, para o ajudar na doutrina dos índios, com os quais me dou melhor que com os Portuguezes, porque aqueles vim buscar ao Brasil, e nam a estes..."

(160) *Ibd.*, *Ibd.*



das missões, por sete ou oito vezes, como pretende Simão de Vasconcelos. Mas a presença do taumaturgo concorreu, sem dúvida, para o estabelecimento de várias tribos em Reritiba, núcleo social de Benevente e outras vilas do Espírito Santo. O exemplo da sua velhice animaria a prática de ações heroicas, semelhantes ás que lhe realçavam o nome, aureolado pela tradição dos campos de Piratininga, das praias de Iperoig. Não duvidemos que ele, cansadamente, ainda socorresse almas distantes, visitasse de quando em quando, pelos arredores, os seus índios amados. Ao irmão Jerónimo Soares, em algumas dessas jornadas, indo a pé e descalços os dois por um atascal, teria dito Joseph: "Irmão, uns desejam morrer nas casas e outros nos colégios, ajudados de seus irmãos, mas eu vos digo que não há coisa melhor que morrer num atoleiro destes por obediência e bem das almas".

Celebrava todos os dias, além de ouvir, genuflexo, as missas de quatro sacerdotes, que oficiavam na aldeia. Ao redor do contemplativo, absorto em Deus, passavam as coisas illusórias com o mesmo susurro das folhas, dos ventos e das águas, correndo para o nada. Eram-lhe as noites cheias de suspiros, e ais, e monólogos, em que vibrava o desejo do céu. Os índios chamavam-lhe pai, vinham narrar-lhe os seus desgostos, pedir-lhe consolação e coragem ás suas tristezas. E as dores humanas, recrescendo com a idade, não lhe anuviavam a paz, o luminoso contentamento da vida interior.

Tudo era nele doçura, quietação, placidez carinhosa e envolvente. No seu pôr de sol gorgeava a música do amanhecer, no azul fascinante dos olhos, já esmaecidos pela tarde, pelo tempo, lampejava uma alegria celeste de estrela d'alva, repontando sobre os

corações atribulados ou inquietos. Após quatro decênios, como que a íntima experiência da terra e da gente lhe identificara o ascetismo com a própria natureza circundante, de que ele constituía um dos aspectos grandiosos, o Homem no ápice da Fé, no esplendor da bondade universal, no desenvolvimento supremo da alma, entre colossos vegetais e píncaros de serra.

\* \* \*

Joseph de Anchieta, nesse período, segundo as testemunhas do processo de canonização e os agiólogos inacianos, continuava a manifestar entre religiosos e catecúmenos a mesma vidência de Iluminado, sondando espaços remotos, destinos vindouros, a penumbra dos corações humanos. Ele prevê ao sacerdote João Fernandes Gato o conhecimento da língua do Brasil, em pouco tempo, quando o aluno já desanima na longa aprendizagem; certifica-lhe uma demora imprevisível de quatro meses na vila do Espírito Santo; adivinha-lhe certo escrúpulo, antes da confissão; anuncia-lhe, de repente, jornadeando pelas fazendas dos moradores, o perigo criado á alma de um jesuita, em lugar distante, e acode no momento oportuno a essa fraqueza espiritual; outra vez, arrasta o companheiro a uma aldeia longínqua, dizendo-lhe que *era assim necessário*, e ao chegar desarma com a sua presença um bando de assaltantes. A' mulher de Manuel da Gaia, que ela julgava morto, duas vezes prediz o regresso do marido: primeiro, de uma viagem á Europa; depois, de uma entrada nos sertões.

O experimentado saber da sua velhice, indulgente e amorável, possuía todos os segredos da alma brasileira. Ouvindo em confissão a uma índia que ela fora tentada por um dos padres mais virtuosos da al-

deja, o confessor tomou-se de espanto e de tristeza. Com essa dolorosa impressão foi rezar as horas canônicas, desolado, em companhia de Anchieta. Fitando nele os grandes olhos azuis, sem nada perguntar, Joseph conheceu-lhe o desgosto, que o anuviava. Risonhamente disse:

— Padre meu, não se desconsolle. Esse mesmo caso de confissão já o tive em Piratininga. Uma índia veio acusar-se de pecado semelhante com outro religioso. Esmiuçando, porém, as circunstâncias, achei que tudo fora entre sonhos. Torne a examinar o caso e verá como foi apenas sonhado. O nosso pobre gentio é tão rude que ainda não distingue da verdade o sonho.

\* \* \*

Nos fins de 1591 ou princípios de 1592 viajou do Espírito Santo á Baía, chamado á Congregação, em que foi eleito procurador a Roma o padre Luis da Fonseca, seu companheiro e amigo, para instruir o geral da Ordem sobre as coisas mais relevantes da Provincia. Enfermos os dois, esforçavam-se mais que os outros, sãos e vigorosos: — “Depois de sua eleição até agora, escrevia Anchieta ao capitão Miguel Azeredo, do Espírito Santo, nem ele nem eu temos vida; ele com escrever e outros negócios, e eu com escrever, para o que os dias me não bastam, nem descansarei, até que ele... se embarque”.

Após o embarque de Luis da Fonseca, houve quem estranhasse o consentimento á escolha de um homem exausto, semi-morto, indagando se o padre voltaria ou não ao Brasil. Respondeu-lhe, porém, Anchieta:

— O padre Fonseca vai aonde Deus o manda. Se andava com pouca saude até á Congregação, melho-

rou em viagem, nas alturas de Pernambuco, devendo chegar, mesmo doente, a Roma. Dará conta do seu trabalho com aplauso de todos e verá o fim de suas jornadas em caminho, ao tornar, como Deus lhe tem assinalado.” Luis da Fonseca desempenhou-se brilhantemente do seu mandato religioso e expirou em Madrid no ano de 1594.

Enquanto permaneceu na Baía, esfalfou-se o padre não só a escrever, mas também a demandar e conseguir provisões do Governador, exigidas pelos negócios da capitania donde viera. Ortodoxamente, registrara a pena de galés, imposta ao sacrílego Rocha, que, por duas vezes, á noite, desfechava o seu arcabuz á janela do inquisidor, um capelão fidalgo d’el-rei. Heitor Furtado de Mendonça: — “... se os Padres..., adjuntos do inquisidor, não trabalhavam muito nisso, ele não escapava da morte de fogo, conforme a bula do Papa”. Nessa mesma cidade não escapara um francês herege, queimado em 1573, como relapso. E da Baía recomendava Anchieta ao capitão de ordenanças do Espírito Santo, prevendo assaltos marítimos dos infieis ou guerras dos indígenas, que lhe poupasse as munições: — “Não há cá pólvora, poupem lá a que houver.”

Voltando á Reritiba, mergulha novamente o anacoreta na solidão e na penitência. Até 1593, não lhe publicam da vida os biógrafos senão alguns casos maravilhosos. Ele profetisa longevidade a um índio agonisante, verificando-se a profecia comunicada ao padre Jerónimo Rodrigues; estende o bordão de peregrino a outro, disforme, que andava centenas de leguas á maneira dos quadrumanos, e o aleijado caminha logo depois, humanamente, com os olhos erguidos ao céu; enfim, pela virtude única do

gesto, lança s águas uma canoa desmesurada, que a força de vários hércules não conseguira deslocar.

Longe, seduzidos pelo demónio, os cristãos de Piratininga extraíam vagamente ouro ás primeiras jazidas abertas na serraia.

A ilusão das entradas de Tourinho e Adorno só descobrira nos sertões da Baía turmalinas verdes e azuis, em lugar de esmeraldas e safiras; a miragem do *Grifo dourado*, urca flamenga, onde Gabriel Soares trouxera algumas centenas de homens á conquista das minas, findara com a morte do capitão, lugubremmente, nas cabeceiras do Paraguassú. Mas a indústria do asucar brasileiro já exportava tres milhões de arrobas por ano; o monopólio do pau-brasil dava cerca de 200.000 cruzados á coroa; florescia a lavoura do algodão e do tabaco; aumentavam os rebanhos; era grande a pesca. E o corso dos hereges inglêses, de Cavendish, tendo surpreendido o povo de Santos na igreja e recolhido como tributo algum ouro de Piratininga, incendiado as casas da Ilha Grande e largado em outra, S. Sebastião, os enfermos de bordo, vinha quebrar-se agora, impotente, contra o fortim da barra do Espírito Santo.

José de Anchieta rezava pela sorte do Brasil católico e trabalhador, como rezara entre os montes de Iperoig pelo Gran-Palma, que lhe pedia longevidade e fartura.

## II

**Anchieta na casa do Espírito Santo, como superior. Pobreza e perfeição. Um discípulo inglês do taumaturgo. Novos milagres. Rimas de um profeta.**

Em 1593, andava Joseph com o padre João Fernandes pelos arredores da sua aldeia, quando lhe mandou recado o superior da casa do Espírito Santo para que fosse á vila. Pressentindo nesse convite a imposição de maiores trabalhos, o apóstolo disse ao companheiro:

— Padre João, sabe que é? Chamam-me para superior: veja Vossa Reverência em que estado.

Não era outra, com efeito, a ordem do provincial Beliarte, *por serviço de Deus e bem da Companhia*. Envelhecido e alquebrado, Joseph obedeceu. Tremendo encargo para a sua debilidade... O governo da casa do Espírito Santo abrangia, então, quatro aldeias — Reritiba, Guarapari, S. João e Reis, — onde havia milhares de índios congregados pela catequese. Mas a força espiritual reanimava ainda o corpo vacilante e doente de Anchieta, ressurgia da invalidez.

Vergavam-lhe os joelhos a cada passo, vinham-lhe cada dia novos sófrimentos. Para não deixar sem doutrina, sem conforto, o gentio de quatro aldeias longinquoas, ele consentiu, não obstante o seu desgosto de caminheiro das selvas, que o levassem pelos sertões em rede. Se lhe perguntavam os fieis ou os irmãos: — “Porque não cavalgais?” — redarguia jo-

vialmente com outra pergunta, aludindo á própria deformidade: — “Que vos parece o efeito das minhas costas, indo eu a cavallo?”

Superior da casa do Espírito Santo, era o mais afável, o mais paciente, o melhor dos religiosos para os seus irmãos ou para as suas ovelhas, de si mesmo tão esquecido nas piores doenças quanto desvelado ao pé de outros enfermos. Posto que viver já lhe fosse penar, maltratava incessantemente o corpo dolorido com abstinências, vigílias, flagelações, cilícios. Dono de uma veste poída e remendada, não se despia á noite para dormir. Não usava lençol nem manta. Escritor, sem uma pena, sequer, para escrever os seus apontamentos, costumava pedi-la aos subditos da casa por empréstimo. No seu cubículo desguarnecido, mas nunca desolado, havia só um púcaro d'água, o breviário, instrumentos de flagelação e alguns trapos inservíveis á comunidade; entre os irmãos, no refeitório, Joseph dialogava mentalmente com Deus, como na penumbra de um horto ou de uma cela.

Mais do que nunca, brilhava-lhe a alma perfeita, submissa á regra, na exaltação daquela obediência, traduzida pela carta anchietana de 1591 ao irmão Francisco Escalante. Nada exprimem longos colóquios com a divindade, sem a voluntária sujeição moral, disciplina do religioso obediente, que se faz operário ou lavrador. Por ele reza o trabalho. Deus converte em suave exercício de orações o áspero labor das suas mãos calejadas.

Assim eram glorificados os trabalhadores por Anchieta, e a pobreza do sacerdote havia de ser, pensava ele, como a indiferença escultural do mármore, que se deixa insensivelmente recobrir ou despojar de vestes efêmeras. Modelo espiritual da humanidade, Joseph considerava-se o mais vil, o mais pecador, o

mais ignorante dos homens. Na assinatura das cartas evitava o sobrenome fidalgo de Anchieta, escrevia humildemente — *pobre e inutil Joseph*. Rogava aos irmãos, de joelhos, que lhe arguissem as culpas, lhe dessem penitência. Deparando com algum deles, nos corredores, baixava os olhos, sumia-se todo na roupetta, colado ao muro. Elogios dos grandes da terra — governadores, bispos, generais, — como a reverência fanática dos pobres e dos simples, todas as honras deste mundo eram coisas vãs para Anchieta. Não gostando que lhe atribuissem o dom excelso da profecia, replicava o superior aos indiscretos: “Boas costas são estas para lançardes sobre elas coisas tão grandes; andai, andai, que não sabeis quem sou”.

Excepcionalmente, certa vez, irritara-se contra um vizinho, cujo prédio, em construção, fechava o horizonte ás janelas da casa dos jesuitas. O egoísmo secular da propriedade tirava-lhe assim a derradeira vista do céu. Exasperou-se. Mas logo se arrependeu e se desculpou. A satisfação foi tal, refere um biógrafo, que o vizinho fronteiro, pouco antes irreligioso e desafecto á Ordem, veio lançar-se aos pés de Anchieta, em confissão, tornando-se amigo e devoto da Companhia. Não se lhe conhece outro momento de enfado no seu declínio...

Ele visitou ainda as capitâneas do Rio de Janeiro e de S. Vicente, por determinação do provincial Beltrarte, segundo a carta dirigida em 1594 ao geral Cláudio Aquaviva.

Tornando ao Espírito Santo, observara que os portugueses, ávidos de honras e officios na sua interminável discórdia, hostilizavam sempre os jesuitas, por se oporem com energia á escravatura dos índios cristãos naquelas paragens. — “... como esta guerra é antiga, escrevia..., não se acabará senão com os mes-



mos Índios...” Através da sua velhice, perpetuavam-se os labores e canseiras. — “Eu, ainda que velho e mal disposto, acrescentava, desenganado estou de ter descanso nesta peregrinação...”

\* \* \*

Em 1593, deixando o colégio da Baía, fora servir na casa do Espírito Santo com Anchieta, seu mestre, o noviço João de Almeida, que nascera em Londres, e vinha fadado á glória de rivalizar com o profeta Ezequiel no gênero alimentício. Entre os horrores e prodígios da vida ascética, narrada por Simão de Vasconcelos, foi esse o caso mais violento de mortificação no Brasil, surpreendendo pelo requinte os próprios inacianos. Porqueiro, veterinário, cavador das hortas, varredor dos corredores, ajudante da cozinha e copeiro, João de Almeida tornou-se o escravo mais vil dos seus irmãos. Sob os feixes de lenha, os fardos que ele trazia ás costas por destino e deleite, jovialmente, considerava-se um asno. Queria ser para a Ordem, para os trabalhos jesuíticos, um simples animal de carga. “...porque o conceito de si — escreve Simão de Vasconcelos — era de jumento, assim se chamou por toda sua vida”. No delírio da penitência feria, a golpes de tesoura, as partes mais sensíveis do corpo. Na vertigem do seu espiritualismo desafiava a própria repulsão das coisas imundas. Sendo veterinário, e como lhe repugnasse tratar a chaga cancerosa de um animal, que fez João de Almeida? Certo dia, segundo a narrativa do cronista da Ordem “...ajuntou por vezes a matéria, e bichos malcheirosos, que dela tirava, e os meteu na boca, e levou ao ventre, com valor...”

Tal foi o assombroso discípulo de Anchieta. Deste aprendeu o comedor de vermes, acentua o cronista, a pureza de anjo sobre a rebeldia da carne macedrada; a arte de amar a Deus, chegando a fazer do coração um tabernáculo; a arte mais complexa e difícil de amar o próximo; o espírito de profecia; o dom celestial dos milagres. E assim conclue Simão de Vasconcelos, "... quem ler a lenda deste venerável aprendiz, verá um retrato das maravilhas de seu Mestre Joseph".

\* \* \*

São inumeráveis os milagres com que se enflorou na casa do Espírito Santo, lendariamente, o primeiro superiorado anchietano. Joseph antevê os sucessos ocultos, adivinha o paradeiro dos objectos perdidos, anuncia trabalhos e tormentos, desvenda os pecados e erros mais secretos, avisa ao porteiro, saindo repentinamente do cubículo, que um homicida em fuga lhe bate á porta, alcança o divino favor das chuvas torrenciais em plena seca, extingue as dores com a sua benção, dá voz a um mudo nas festas da aldeia de S. João, faz remover, tocando-a só duas vezes, a pedra do engenho de Miguel de Azeredo, lage desconforme sobre a qual sucumbira o vigor de toda a gente dos arredores, manda tanger a rebate contra os hereges e corsários franceses, que se avizinhavam da barra, invisíveis na bruma. Foram notáveis as suas predições durante a guerra declarada pelos moradores do Espírito Santo aos goiatacazes, antropófagos colossais, inexpugnáveis nas choças lacustres. Amiudavam-se as contemplações e os êxtases do santo. Obedeciam-lhe as aves ao gesto ou á palavra, desde o tuim, que o festejava no púlpito, à andorinha, que lhe esvoaçava aos ombros. Por ele atraída e ensinada,

certa mona bravia não tornou ás matas do engenho de Miguel de Azeredo. Contava-se ainda que o seguiam dois canindés por toda a parte, como dois pajens vistosos e alados.

\* \* \*

Quase vencido pelos achaques, pelas fadigas da idade, Anchieta renunciou ao governo da casa do Espírito Santo, recolheu-se de novo ao seu eremitério. Em caminho para a aldeia, ergueu-se da rede oscilante, onde o levavam quatro índios, e outra vez caminhou lestante, como nos tempos de moço, á luz do sol, pelo meandro folhoso das brenhas. Mas a antiga seiva estancara, e os males recresciam, inexoráveis. Agravada por occupações e cilícios, a doença immobilizou-o na choupana de Reritiba, onde o padre Jerónimo Rodrigues lhe deixara ao lado, certo dia, um fragmento de espelho. Remirando nele a face engelhada, escurecida, Anchieta notou, ainda assim, o rubor contrastante dos lábios. Como entrasse o amigo, nesse momento, o poeta recitou-lhe a famosa décima, improvisada com alegria:

“Padre Jerónimo,  
Vi-me agora neste espelho,  
E comecei a dizer:  
Coreóz, toma bom conselho,  
E faze bom aparelho.  
Porque cedo has de morrer.  
Mas, com juntamente ver  
O beijo um pouco vermelho,  
Disse: fraco estás, e velho,  
Mas pode ser que Deus quer,  
Que vivas para conselho.”

Pouco tempo depois, com efeito, Joseph de Anchieta foi nomeado admonitor da casa do Espírito Santo.

### I I I

**Apontamentos de cronista e biógrafo. Manuel da Nóbrega, o Fundador. Vida em Portugal; vinda para o Brasil. Acção religiosa e social de Nóbrega. Catolicismo e nacionalismo. O apóstolo severo. Zelo e santidade. Frases indeléveis. O místico.**

No seu cubículo, em Reritiba, se a doença, o trabalho e a oração lhe deixavam alguns instantes vagos, Anchieta escrevia apontamentos sobre a história da Ordem e a vida dos primeiros jesuitas mandados ao Brasil (161). Falam desse manuscrito, certamente longo e rico de informações, tres autores inacianos — Pero Roiz, Simão de Vasconcelos e António Franco, dando impressões ou excerptos. Valeram-se dele os dois últimos com largueza no painel das suas apologias. Desconhecemos-lhe hoje o paradeiro, mas da galeria evocada por Anchieta conservamos ainda nomes e traços, que nos permitem reviver figuras inseparáveis, sob o prestígio da mesma evocação.

\* \* \*

Os primeiros jesuitas são os telamones da Igreja do Brasil, homens-colunas, talhados por Deus na pedra evangélica da fundação imperecível. O maior desses gigantes espirituais é Manuel da Nóbrega, e

---

(161) Essa obra devia ter sido composta depois de novembro de 1586. CAPISTRANO DE ABREU, *Inf. e Frag. do P. Joseph de Anchieta*.

todos eles compõem a mesma unidade escultural no plano da catequese, no bloco da Companhia de Jesus. “Antes de tudo — escreveu Joaquim Nabuco em 1897 — como separar Anchieta de Nóbrega? Podeis compreender um sem o outro, ver o jovem irmão sem que o Fundador se mostre ao lado dele?”

Filho de um juiz, sobrinho do chanceler-mór do reino, o herói da catequese americana veio ao mundo, para o fecundar com a sua espiritualidade, em 28 de outubro de 1517. Estudante de humanidades em Salamanca, rematou na primeira dessas escolas, onde já era notado, o curso teológico. Feito presbítero, concorreu á vaga de uma colegiatura, mas o favoritismo suplantou o merecimento, arrebatando-lhe a séde universitária.

Sem essa decepção, Nóbrega teria sido, apenas, um cônego pacato e erudito. A dor da vitória mutilada, em pleno voo, rasgou-lhe o caminho estelar para a santidade. Irmão da Companhia aos vinte e cinco anos, desenganado pela vida, ele renunciou a todos os bens materiais e a todas as honras eclesiásticas. Fez-se mendicante e missionário.

Por aldeias e vilas, pregava ferrenhamente aos campónios, repisando as sílabas, gaguejante, e o esforço da sua gaguez provocou a ternura de uns, a zombaria de outros. Mas o padre gago, como o apelidavam, era imperturbável. Com o seu bordão, o seu breviário, os seus andrajos, ia de porta em porta, a esmolar, induzir, converter. Jornadeando pelas estradas cobertas de neve ou batidas de sol, chegava muitas vezes ás raias da Galiza ou de Castela.

Nessas peregrinações, entre Portugal e Espanha, lidava o jesuita pela salvação dos condenados á morte, das pecadoras atormentadas por incubos, das possesas, que haviam sido amantes de clérigos, imersos

na concupiscência. Abrasado pelo amor ao próximo, tomava sobre si, perante Deus, os pecados alheios. E evangelicamente sofria a rudeza dos maus, a injúria dos violentos, o desprezo dos blasfemadores, a vaia dos obscenos, o ar de mofa dos plebeus chocarreiros, a risota das galegas na praça pública, imitando a sua gaguez.

Em 1549, opondo-se o rei, e o povo de Lisboa ao embarque do padre mestre Simão Rodrigues para o Brasil, veio em seu lugar Manuel da Nóbrega, como superior da primeira missão.

No próprio dia da chegada, subindo ao topo de uma colina, donde avistava só estâncias indígenas, palhoças incontáveis na espessura do arvoredor, tabas de selvícolas por toda a linha azul do horizonte, Nóbrega sentiu a enormidade apostólica da sua obra. Mas não lhe intimidava o coração, ainda maior, a grandeza continental de Pindorama. O missionário exultou, o evangelista deu começo á tarefa.

Ele planejava uma guerra de cem anos, ou mais, somando as forças jesuíticas, revendo os objectivos católicos. De um lado, era necessário combater o desleixo dos sacerdotes (162), a poligamia dos colonos (163), o embuste e a crueza dos salteadores de escravos, a ganância dos chatins, a inércia religiosa dos cristãos velhos; de outro lado, vencendo pela doutrina e

---

(162) MANUEL DA NÓBREGA, *Carta da Baía ao Padre Mestre Simão*, 1549: "Cá ha Clerigos, mas he a escoria que de lá vem."

(163) *Ibd.*, *Carta da Baía ao Padre Mestre Simão Rodrigues*, IX agosto 1549: "Nesta terra ha um grande pecado, que he terem os homens quasi todos suas negras por mancebas, e outras livres, q' e pedem aos negros por mulheres, segundo o costume da terra, que he terem muitas mulheres."

pelo amor o canibal, submetê-lo ao império da Igreja e da Lei.

Com o reforço de padres e irmãos, vindos em 1550, o jesuita organizou duas falanges: uma para instrução do gentio, outra para socorro do branco e da sua prole. Desde o primeiro ao último dia do apostolado, ergueu-se o fundador da Nova Igreja, perante os poderes do céu e da terra, denunciando abominações e escândalos. Verberava nos clericais dissolutos a corrupção da obra encetada por mãos fortes e puras (164). Entre os colonos, a ira das suas maldições punha o terror na alma dos increús, dos blasfemadores, dos sensuais, dos traficantes. Reprendendo os homens, proibindo o que eles mais estimavam, opinando contra o que eles mais pretendiam, era odiado e perseguido. Não se iludia sobre as paixões suscitadas por essa intransigência: "*Eu — dizia ele — se houver de ser martir, há de ser à mão dos nossos Portugêses cristãos e não dos Brasis.*"

Os inimigos premeditavam-lhe a morte, sem que as suas maquinações, geralmente sabidas e faladas, lhe turbassem de leve a coragem. Afrontando-os com impavidez, o primeiro abolicionista do Brasil clamava a Estácio de Sá e aos tripulantes da armada, que havia de conquistar Guanabara aos francêses: "*Se agora tomassem sete destes ladrões, que têm destruido os pobres índios da Baía e de toda a costa, e os enforcassem, Nosso Senhor se aplacaria e se mostraria favorável ao que pretendemos* (165). Todo o arrebatamento da alma evan-

---

(164) *Ibd. Carta da Baía ao Padre Mestre Simão, 1549*: "Não se devia embarcar Sacerdote sem ser sua vida muito aprovada, porque estêes destruem quanto se edifica."

(165) SIMÃO DE VASCONCELOS, *Cr.*, liv. IV, n. 129. pag. 128.

gelizadora de Nóbrega está nessas palavras, em que a ideia do holocausto, comum ás religiões, assume outra forma repressiva e justiceira. A divindade, como a sociedade, não quer vitimas inocentes, mas peccadoras.

Religioso e civico, entre a fereza dos indios e a mercância dos lusos, o seu ideal supremo era a incorporação do gentio ao catolicismo e á lusitanidade. Exortava na sua correspondência os irmãos de Portugal a que viessem fundar com ele a nova Jerusalem. Antevendo a expansão da catequese, tanto conservou o gado pertencente á Ordem, mesmo nas fases de extrema necessidade, que assim poudo multiplicar os rebanhos, acudir ao sustento dos colégios da Baia e do Rio. Imaginava o Brasil rapidamente evangelizado pelo esforço e pelo número das almas de Cristo. Enquanto não vinha o exército, porém, alguns batedores, por ele conduzidos através dos sertões, deslocavam montanhas, e nunca foi mais inventivo o gênio da acção, mais criadora a fé, mais pródigo de resultados o heroismo. Varnhagen acentua como o fundador, pela unidade da Companhia de Jesus, serviu á própria unidade do Brasil. Com a doutrina e o exemplo dos missionários, indo e vindo por toda a parte, omnipresentes, houve maior comunicação entre os povoados, melhor vizinhança entre os habitantes.

\* \* \*

Duplamente, o ignoto da selva e do homem preocupava Manuel da Nóbrega. Como possuir o idioma brasileiro, que ele desconhecia, e aplacar o selvagem, que os portuguezes, comprando, vendendo, traindo, haviam exasperado? A' custa de afagos e dádivas, paternalmente, Nóbrega começou por domesticar os fi-



lhos menores dos índios. De sorte que os jesuitas, ensinando-lhes o alfabeto e o catecismo, aprendiam com eles a lingua geral, por meio deles chegavam á convivência e á compreensão dos índios. Curioso diálogo escolar. Assim o *padre gago*, reunindo os primeiros neófitos boçais, arremontava desde logo os primeiros noviços militantes da Ordem.

Mais de uma vez, irrompeu a sua heroicidade, como a dos seus companheiros, no aldeamento dos canibais em festa, e arrancou ás velhas sanguinárias, cozinheiras de carne humana, o corpo destinado ao banquete, expondo a sorte de uma cidade ao furor de uma tribo. Em pleno terreiro, o doutor laureado em canones lidava contra os pagés, sacerdotes de maracá e feitiço, compelindo-os a morder o pó, achatados sob a verdade esmagadora. Sabia perfeitamente que, entre semelhantes criaturas, missionar é magnetizá-las com o poder da vontade ou ser trucidado pela sua fereza.

Tinha a cólera fácil, mas pronta a caridade, e no horror nauseante da variola, transmitida pelos brancos aos índios, passava dias inteiros a sangrar os doentes, sobrando-lhe ainda energia para confundir os pagés malignos, que attribuiam todos os males ao abajonho das tradições e á influéncia da água baptismal. Era-lhe a vida um jornadaear incessante pelas capitánias, pelos núcleos esparsos da catequese. Ia e vinha de Pernambuco a S. Vicente, por Ilheus, Porto Seguro, Vila Nova do Espirito Santo, como se fosse de uma a outra cela do mosteiro. Nas terras de Duarte Coelho mandara ensinar a doutrina, por interpretes, a cem caetés adolescentes, que foram mais tarde cém catequistas. Na Baía edificara o seminário, persuadira o governador Men de Sá, entre murmúrios hostis da colônia, a submeter o canibalismo,

proibir as guerras injustas, congregar os tupinambás em quatro poderosas aldeias cristãs. Promovera a fundação religiosa de S. Vicente, confiada ao padre Leonardo Nunes, e a do Espírito Santo, cometida ao padre Afonso Braz. Em 1553, na primeira dessas capitâneas, organizara a confraria do Menino Jesus, em que deveriam fraternizar os orfãos de colonos e os filhos de índios ou de brancos, errantes no sertão e afundados no selvagismo, aprendendo estes o português, aqueles o guarani. Ainda em S. Vicente, no mesmo ano, vencera quarenta léguas sertanejas a pé, com o seu bordão, planalto acima, chegando á aldeia de Maniçoba ou Japiuba, e nessas paragens erguera um santuário, atalaia piedosa do Oeste. Em peregrinação a esse oratorio longinquo morreriam, sob tiros de flechas e golpes de clava dos tupis, vários bandos de carijós.

Manuel da Nóbrega, cuja fama voara além dos nossos limites, erá chamado entre os paraguaios Barcaclué, o homem santo.

\* \* \*

Com o título de superior, em 1549, o de vice-provincial, desde 1550, Nóbrega comandava as operações da catequese. Depois, como Loiola fundasse a província jesuítica do Brasil, foi nomeado provincial, ascendendo á profissão solene dos quatro votos, último grau da Companhia. Não só no provincialato, mas até á véspera da sua morte, no colégio do Rio, o homem santo detem o poder espiritual do Brasil nascente, desde as coisas domésticas aos negócios políticos. É conselheiro de governadores e capitães-móres; confidente do rei d. João III, da rainha d. Catarina, do cardeal-infante d. Henrique; árbitro das rixas coloniais; defensor perpetuo dos índios.

Na sua cronologia resplendem os feitos e as ideias. Em 1549, o missionário escreve ao soberano, patenteando já o sentimento da unidade brasileira contra o espírito feudal e separatista: "... a jurisdição de toda a costa devia de ser de V. A. (166)". Em 1554, inaugura a casa de Piratininga, germe cristão da *urbs magna*, S. Paulo. Em 1558, com o aldeamento dos índios na Baía, demonstra a força doutrinária e civilizadora do seu próprio sistema. Inimigo de protestantes e forasteiros, aconselha, em 1560, ao governador Men de Sá, contra os pareceres oficiais, a expulsão dos francêses de Guanabara, e apesar dos seus males, da sua debilidade agravada por hemoptises (167), vem com ele ao Rio, prossegue até S. Vicente, donde lhe manda reforço. Em 1563, ameaçado pela confederação dos tamoios o domínio português, delibera ir com Anchieta a Iperoig e alcança do gentio a paz necessária aos colonos.

Logo depois, entre 1564 e 1567, é ele o verdadeiro autor espiritual da fundação do Rio de Janeiro. É ele quem aprovisiona e fortalece as esquadras portuguesas, cujos tripulantes o denominam *pai dos necessitados*, quase tudo esperam da sua velhice alquebrada. O valor de Nóbrega, um doente, encorajava os próprios cabos de guerra. Indeciso, na indecisão geral dos moradores de S. Vicente, dos marujos da armada, rece-

---

(166) NÓBREGA, carta de 1551, a El-Rei d. João III.

(167) ANCHIETA, carta de 1.º de junho de 1560: "Com o Governador veiu o Padre Manuel da Nóbrega mui doente, magro, com os pés e cara inchada, pernas cheias de postemas, e com outras muitas enfermidades." O irmão António Blasquez, na sua correspondência, fala das contínuas indisposições de Nóbrega. Escrevendo ao provincial de Portugal, o próprio Manuel da Nóbrega informa: "...a mim devem-me já ter por morto, porque ao presente fico deitando muito sangue pela boca."

ando medir-se com o poder francês, dizia-lhe Estácio de Sá, em vésperas de largar para o Rio: “Que contas, padre, darei a Deus, e ao rei, se todo este armamento se perder?” “Senhor — calmamente redarguiu o jesuita, — de tudo darei contas a Deus, e, se for necessário, irei também perante el-rei, responder por vós (168)”. Nessa mentalidade unitária, fundamentalmente portuguesa, o nacionalismo parece defluir do próprio catolicismo.

\* \* \*

O espirito de mortificação e obediência rivalizava com a sua heroicidade. Inexorável consigo mesmo, também o era no trato dos subditos, em face da Igreja e da Ordem. Na Baía fez apregoar pelo missionário Vicente Rodrigues, em hasta pública, um sacerdote de alta linhagem, o padre Manuel de Paiva, experimentando-lhe a alma cristã. Sómente á última hora, pouco antes do lanço definitivo, explicou ao governador que a venda fora simulada para sujeitar o religioso á mais dura das provas. Em S. Vicente impoz a um mameluco transviado, aluno da Companhia, o castigo romano (169), infligido ás vestais poluidas: Seria enterrado vivo, ao dobrar dos sinos, após o officio de defuntos, porque manchara no seu recolhimento a pureza da Ordem. Acorreram fieis portuguezes e indios á cerimônia. Então, celebrada missa de corpo presente, o pecador amortalhado baixou á cova aberta no próprio templo. Uma a uma, lentas e surdas rolavam as pás de terra sobre o corpo, envolto no sudário, quando o irmão Pedro Correa caiu aos pés de Manuel da Nóbrega, invocou a sua misericórdia.

---

(168) SIMÃO DE VASCONCELOS, *Cr.* liv. III, n. 62.

(169) *Ibd. ibd.*, liv. I, n. 129.

Era um lance teatral, combinado entre os dois. Gemendo e rogando, os fieis acompanharam a prece do irmão. Nóbrega cedeu. O pecador foi retirado á sepultura pelos coveiros, despedido pela Companhia. Daí em diante, vagueava nos caminhos de S. Vicente como um espectro e como um exemplo, sob o nome de Fulano da Cova.

\* \* \*

Sentiam-lhe os irmãos, de onde em onde, o peso da autoridade inflexível. A um deles o mestre determinara que fosse pelas ruas da cidade, em trajo de penitente, açoitando as próprias costas; a outro que emborcasse um vaso transbordante de azeite. Obedeciam todos, mesmo na enfermidade, mesmo na agonia, se a ordem era dada para não adoecer ou não succumbir (170).

Na sua rispidez e obstinação, na impetuosa veemência dos gestos e brados, no trovejar da ira contra os pecados mortais, Nóbrega remontava, bíblicamente, á ascendência profética de Elias, de Isaias ou de João Baptista, vultos ameaçadores, vozes tonitruantes. Se a concupiscência de um sacerdote o scandaliza, ele corre á porta da casa impura, com os seus anatemas, grita á cidade inteira que ali estão crucificando Jesus. Se um marinheiro, aferrando a vela do barco, graceja com o poder de S. Lourenço na tormenta, ele

---

(170) *Ibd. ibd.*, liv. IV, n.º 139: "Até na doença, e morte fazia provas de obediência; porque por esta mesma soubessem adoecer e morrer os verdadeiros filhos da Companhia. Pare aqui vossa doença", disse a Vicente Rodrigues: "Não morrais até eu não tornar", disse a Salvador Rodrigues: e obedecerum hum e outro".

clama, de joelhos: "Bendito sejais vós, Senhor S. Lourenço, rogai a Deus que não nos castigue pelas blasfêmias que disse contra vós esse mau homem". E anacoreta não houve mais rigoroso. A sua castidade lacerante, implacável, retalhava-lhe o dorso a golpes de látigo, assombro dos pagés. O seu amor á pobreza não lhe permitia como enxoval, no dizer do cronista da Ordem, mais que um breviário, umas contas, um bordão, a disciplina, o cilício, a roupeta velha, alpercatas de couro ou botas enlameadas e roidas, quando não andava descalço. Erva dos campos e farinha dos índios eram o seu alimento.

No primitivo colégio, durante as visitas do governador, trazia um lenço atado ao pescoço, resguardando-lhe a nudez, porque não tinha camisa, e chamava esse resguardo, jovialmente, a sua hipocrisia. Por vezes, diz um biógrafo, não podendo com o peso da sotaina e para não ser levado ás costas alheias, caminhava sem ela (171).

\* \* \*

Só, na Baía, tendo mandado á catequese os demais padres, ele decide fazer todo o serviço em duas igrejas. Só, exercita em S. Vicente, de um a outro povoado, todos os ministérios. A gaguez, travando-lhe penosamente a língua, redobra o tempo das missas e dos sermões (172). Gago e trópego, officia, prega, confessa, mantém no culto divino a solenidade possível de coros e alfaias. Entra nas selvas com a mú-

---

(171) ANTONIO FRANCO, *Imagem da Virtude*.

(172) *Ibd.*, *ibd.* "Dizia sempre missa e como era muito gago, gastava de ordinário nela uma hora e ali se comunicava muito Nosso Senhor",

sica, em procissões, alteando a cruz vitoriosa, e o canto das ladainhas, entoado pelos catecumenos, atraí docemente a alma bravia dos selvagens ao cristianismo (173).

Humildade e caridade igualavam nele o fervor do ritualista. Provincial, governando rigidamente a sua provincia, Nóbrega queria, entretanto, dois confesores: um padre, que o absolvesse, um irmão, que o advertisse. Ouvia a palavra do seu colateral no governo, Luis da Grã, como se fosse a do patriarca Inácio de Loiola. Não desdenhava o juizo mais obscuro. Inclinando-se á vontade dos superiores, desistia de empresas já iniciadas, revogava ordens já expedidas. Orava pelos inimigos, sabendo ou supondo que eram mortos. Fustigado pela tormenta, uma noite, impeliu o companheiro á porta de um seu desafecto: "Ide vós adiante e dizei-lhe que estou aqui e faça ele o que quizer". Ganhava com essa intrepidez os corações empedernidos ou assanhados pelo ódio. Cada vez mais, orientavam-se os passos do velho soffredor para os lugares de maior soffrimento: hospitais e enxovias.

\* \* \*

Tão expressivas quanto os feitos são as frases de Manuel da Nóbrega. Uma lhe patenteia a magnífica intransigência, quando os simuladores mascaravam

---

(173) B. TELLES, *Crónica da Companhia de Jesus*. CERNICCHIARO, *Storia della Musica nel Brasile*, pag. 20: "...Manuel da Nóbrega, sacerdote di grande virtù, il quale ad altro non pensa che alla religione e alla musica, massime questa, necessaria agli indigeni, per renderne piú dolci i costumi; anzi, egli la considerava como una secouda religione, tantoche, spesso soleva dire: "Colla musica o l'armonia, io ardisco a trarre a me tutti gl'indigeni dell'America",

nas transações o horror da escravatura, vendendo os serviços dos aborígenes em vez das pessoas. Com essa distinção cápciosa pretendiam os leguleios remediar-lhes a fortuna. — “Praza a Deus, exclamava Nóbrega, que, por assim remediar os homens, não nos vamos com eles ao inferno.” Outra lhe perpetua o espírito de mortificação, tendo-a ele traçado, em latim, sobre a escolha do grau de professo ou de coadjutor: “Quizera eu, não sabendo querer fosse o que fosse, em tudo querer a Cristo, e este crucificado” (174): Outra lhe condensa toda a pureza de um voto inflexível e uma vida intemerata: “Mal-aventurado será aquele, por quem se quebrar o selo virginal da Companhia”. Outra, inspirada pelo receio da morte de Anchieta, refem dos tamoios, em Iperoig, manifesta o desejo fervente do sacrifício: “Ah! meu irmão, que vos deixei só entre inimigos e não fui eu merecedor de morrer convosco por amor de Cristo”.

O apóstolo severo, afeiçoado em colégios e aldeias ao regime do látego e do jejum para as crianças (175), ora por disciplina, ora por devoção; tinha o dom perene das lágrimas, uma sensibilidade que se desfazia em pranto nos actos religiosos, na lembrança de affectos idos, no convivio de alheias dores, no enlevo de horas musicais (176). Sentia a beleza natural

---

(174) SIMÃO DE VASCONCELOS, *Cr.*, liv. IV, n. 141.

(175) ANTÓNIO FRANCO, *Imagem da Virtude*: “Aos pequenos não faltavam disciplinas, quando era necessário, que lhes mandava dar, as quais aceitavam com muita humildade, e com ser muita a pobreza e o comer muito fraco, fazia-os jejuar os dias que a Igreja manda e ainda toda a quaresma e para tudo lhes dava força Nosso Senhor”.

(176) SIMÃO DE VASCONCELOS, *Cr.*, liv. IV, n.º 135: “...era terrissimo nas lágrimas: qualquer sentimento do Céu; ou tocar de viola, ou música devota, o constringia a desfazer-se nella”.



das nossas paisagens, exprimindo por analogias graciosas e originaes a sua admiração: “Os montes se-melham grandes jardins e pomares, que não me lem-bra ter visto panno de raz tão bello.” Aos cinquenta e tres annos, quando expirou, tão definhado e consumido estava pela sua cruz, pelo seu labor, que parecia contar setenta de combate e amargura. Despedira-se de toda a cidade, na ante-véspera da morte, respon-dendo aos que indagavam, surpreendidos, para onde partia elle: — “Para o céu, a nossa pátria”.

Como justo lidara, como santo vivera. A santi-dade abreviava-lhe os dias, immortalizando mais de-pressa Manuel da Nóbrega, o Fundador, na constela-ção erguida pela fé sobre as origens do Brasil.

## IV

**Galeria de santos: Leonardo Nunes, a invicta fé; Aspilcueta Navarro, a imaginação; Luis da Grã, a sabedoria; Pedro Correa, a eloquência; João de Souza, a humildade; Domingos Pecorela, a inocência; Salvador Rodrigues, a submissão; Francisco Pires e Diogo Jacome, a candidez; António Rodrigues, a predestinação; Mateus Nogueira, soldado e forjador, síntese plebéia da Ordem.**

Em torno de Nóbrega, sustendo a mesma arquitetura, perfilam-se outros atlantes, modelados biograficamente por Anchieta.

O primeiro deles é o padre voador (177), Leonardo Nunes, cuja celeridade por montes e brenhas dava ao gentio a ilusão fremente do voo. Fundador espiritual de S. Vicente, em 1549, reprime desde logo a sensualidade e a impiedade, que manchavam a capitania. Reacende a fé nas almas entenebrecidas; purifica ou dissolve alianças inconfessáveis. Pregador e celebrante, exorta o pai dos mamelucos, João Ramalho, polígamo facinoroso e excomungado, a sair da igreja, onde a sua presença constitui uma profanação. Munido de poderes do governador, levanta-se contra o cativo injusto dos índios, alcança de vários moradores que os libertem. E a sua coragem desafia no púlpito, dar-

---

(177) *Ibd.*, *Ibd.*, liv. I, n. 68: "...era tal o espírito, e pressa, com que corria os lugares circumvizinhos, a pèzar de frios, neves, e calmas excessivas, que vieram a por-lhe por nome da lingua do Brasil *Abaré Bebé*, que quer dizer "Padre que voa"

dejando anátemas, o erotismo, a ganância, a dureza de alma dos velhos colonos ou dos novos mestiços.

Tamoios e tupis, brutos irmãos pelos quais viera de tão longe o missionário, vagavam nas serras nevoadas e distantes... Como trazê-los dos alcantis e das furnas para o Evangelho semeado á orla do mar? Leonardo Nunes converte á sua causa, empolga no seu voo dois homens principais — o eloquente Pedro Correa, o valoroso Manuel Chaves, — exímios sabedores do tupi-guarani, feitos agora noviços e intérpretes da Ordem. Esses homens traduzem o catecismo para os selvagens, propagam nas selvas a lição de Jesus. Incorporam-se á Companhia alguns jovens mestiços, e em breve, sob o tecto do seminário, os orfãos vindos de Portugal têm como seus condiscípulos, fraternalmente, os pequenos filhos dos índios, que os entregam aos jesuitas, com eles vem para a margem do oceano, para a luz do Evangelho.

Se a crença dos missionários era grande, a sua casa era pobre, ainda mais pobre que a terra inculta dos colonos. Os óbulos não cobriam as necessidades do sustento. Leonardo Nunes, então, conjugando o santuário e a oficina, fez da casa de Deus uma escola profissional, do religioso um operário. Era a lei vital de S. Paulo. Forjador incansável, este malhava a bigorna candente, recurvando anzois, refundindo peças, rebatendo cunhas e facas. Aquele, que nunca fora aprendiz nos ofícios mecânicos, engenhara um torno de pé, onde tornejava como um artifice destro, sem cessar, produzindo incansavelmente rosários e coroas de pau. Outros irmãos teciam alparcas de caragoatá. Deles havia um, depois sacerdote, que era carpinteiro por instinto, acepilhava por vocação, tendo erigido belos altares, sólidas igrejas. Na risonha pobreza da comunidade primitiva, tecelões e alvaneis, mestres de for-

ja e de torno laboravam com a mesma alegria em S. Vicente, em Piratininga, ritmado o esforço pela cadência dos hinos sacros.

Até 1554, ano da sua morte, o apóstolo de S. Vicente (178) padeceu com resignação a maledicência dos injustos, a mesquinhez dos ingratos. Duas vezes, pecadores advertidos por ele decidiram matá-lo; duas vezes, ajoelhado, o servo de Deus esperou tranquilamente os golpes, que só por milagre o não abateram. Transpondo serranias, o seu valor poude restituir aos colonos as esposas roubadas pelos tamoios como poude a sua caridade salvar na ilha dos Patos, á cem léguas de S. Vicente, um bando de náufragos castelhanos, ameaçados pelos carijós. Escolhido para informar o padre geral sobre as coisas da província, nos meados de 1554, Leonardo Nunes apartou-se do Brasil. Havia chegado a sua hora. Com os destroços da nau perdida no Mar Tenebroso desapareceu o voador, erguendo o crucifixo em uma das mãos, na outra a disciplina, e exalando a alma num brado á misericórdia infinita: *Miserere mei Deus.*

\* \* \*

Um dos gigantes da Companhia, vergóntea da casa Aspilcueta, nobilíssima estirpe do reino de Navarra, que os genealogistas aparentam com a família de Loiola, fundador da Ordem, e a de Francisco Xavier, apóstolo do Oriente, foi o padre João Aspilcueta Navarro.

Antes de outro qualquer, aprendeu o falar dos índios, vertendo para uso deles orações e diálogos pie-

---

(178) *Ibd.*, *ibid.*, liv. I, n.º 169: "...foi ele, depois do Padre Nóbrega, o primeiro obreiro da missão do Brasil, um vice-Nóbrega de S. Vicente, um Apóstolo daquelas partes",

dosos; mais do que outro qualquer, defrontou a sanha dos alarves, empolgando o corpo da vítima para a sepultura cristã. Movidas pela sua eloquência, as próprias velhas, sanguissedentas, abandonaram o cadaver, que em postas de carne violácea começavam a repar-tir.

Casavam-se espontaneamente ao fervor de Aspilueta a imaginação e a astúcia. Na catequese do gentio, ampliada por essa inventiva, os contemporâneos viam mais um trofeu da sua linhagem (179). Ousada e fecunda, a inteligência apostólica do padre renova os ardis contra o inimigo. Se a barbaria lhe proíbe, ameaçadora, o baptismo da presa humana, ele consegue baptizá-la secretamente, no horror da festa canibalesca, levando sob a roupeta um lenço gotejante de água. Se a degradação dos aborígenes envergonha a terra e desafia o ceu, ele veste o sacco de penitente, vai flagellar-se diante das tabas, de aldeia em aldeia, sangrando no acto expiatório pelos selvagens, até que lhes prometem, abalados e arrependidos, não pecar outra vez. Se a mímica dos feiticeiros impressiona o gentio, ele tenta apropriá-la ao ensino da lei cristã, desenvolvendo-lhe o prestígio como instrumento religioso. A' noite, no terreiro das ocas, fazendo visagens, espalhando as mãos, desferindo assobios, pisando e repisando á maneira dos pagés, Aspilueta Navarro anunciava o reino de Deus aos canibais. (180).

---

(179) *Ibd.*, *ibid.*, liv. I, n.º 92: "...vierão commumente a dizer d'elle, que parecia que andava avinculada a conversão da gentilidade na gente Aspilueta Navarro; aludindo à conversão que o Padre Mestre Francisco Xavier no mesmo tempo fazia no Oriente e comparando-a com a que o Padre fazia no Brasil, ambos da gente Aspilueta Navarro."

(180) *Ibd.*, *ibid.*, liv. I, n.º 90: "...este inconveniente vencia o grande fervor de Aspilueta... em começando a noite a desenrolar seu manto, começava elle a despregar a torrente da

Só para converter os grandes pecadores, empregava-se o nobre de Espanha como servo, principalmente nas horas de enfermidade, suportando as injúrias mais aviltantes, o peso dos maiores fardos, enquanto não trazia novas almas aos pés de Jesus. As flagelações do catequista ensanguentavam as pedras da cidade, mesmo diante da porta do governador, e nas aldeias, conforme a lenda, ruíam os tectos em cinza, violentamente incendiados, se lhe não era ouvido o conselho. Em sangue e fogo, dest'arte, relampeia nas trevas do nosso primeiro século a effigie de Aspilcueta Navarro.

Pouco mais de cinco anos durou na colonia a fulguração dessa vida apostólica. Mandado por Nóbrega nos fins de 1553, o padre Navarro incorporou-se á expedição do castelhano Bruxa de Espinhoso, que se aventurava pelos sertões da Baía á cata de ouro. "Eles vão a buscar ouro — escreve Anchieta, — e ele (o padre) vai a buscar tesouro de almas, que naquelas partes há mais copioso..." (181). Os brancos da expedição eram doze, afeitos á língua dos naturais e ao trato das selvas, acompanhados por muitos índios. Jornadeando pelos sertões, ano e meio, os expedicionários venceram quase trezentos e cinquenta léguas, desde Porto Seguro, através de serranias fragosas, rios sem conta, planícies que semelhavam pomares, terras pluviais, sombreadas de árvores corpulentas, joazeiros sempre moços, no verdor luzidio e eterno da sua fronde. Dormiam ao relento, sob as estrelas; sangravam-se de

---

sua eloquencia, levantando a voz, pregando-lhes os mysterios da fé, audando em roda delles, batendo pé, espalmando mãos, fazendo as mesmas pausas, quebros e espantos costumados entre seus pregadores, para mais os agradar e persuadir."

(181) ANCHIETA, *carta de julho de 1554*.

pé nas suas doenças; curavam as suas feridas com o mel de abelhas; nutriam-se escassamente de água e de farinha. Em torno deles, una fauna bravia ou insidiosa: gatos e porcos monteizes, onças e cascaveis. símios e antas. Pássaros de toda a cor, de toda a casta, revoavam no meandro e na verdura da folhagem. De onde em onde, manava dos troncos uma resina, escura e densa, com que os sertanistas calafetavam os barcos, á margem dos rios. Eles sentiram nos ermos calcinados, por vezes, a angústia da fome e da sede, avistaram pelo caminho, galgando a serra, blocos de mármore, alterosos, mas não descobriram nessas paragens infinitas e agrestes o ouro desejado.

A desilusão do padre Navarro, caçador de almas, foi maior que a deles. Nas aldeias horríveis dos tapuias e dos catiguçús, nações estranhas e carniceiras, o jesuita assistiu, perplexo, aos ritos singulares do maracá, o Amabazorai, cabaça pintada á guiza de cabeça humana, em torno da qual bailavam os índios, com outras cabeças iguais na mão, retorcendo a boca espumante, gesticulando como doidos, uivando como perros, a esperar que lhes brotassem do campo os mantimentos, sem trabalho, e as flechas, por si mesmas, fossem á mata flechar os veados. Melancolicamente, o pregoeiro da lei divina assistiu a cerimónias fúnebres ainda não vistas na matança dos inimigos. A porta da aldeia banhada pelo rio Monail ergueu uma cruz, uma capela, e foi por outras aldeias, baptizando, instruindo os selvagens, forte na sua esperança e na sua doutrina. Mas lidava infrutiferamente, porque os bugres não lhe retinham as palavras, embora as ouvissem com alegria. Tudo esquecendo, logo depois da sua partida, eles tornavam á delicia dos vinhos e á crueza das guerras. Sem que fosse pelos cristãos

povoada, não via o missionário como redimir, cristianizar a terra dos canibais (182).

Envelhecido e exangue, pouco sobreviveu Aspilcueta á fadiga herculea dessa jornada. Tão macilento viera de caminhos tão áridos que aos irmãos parecia a imagem da própria morte. Serenamente, em 1555, adormeceu para sempre o evangelizador, bandeirante espanhol da catequese.

\* \* \*

Assim desfilariam nos apontamentos de Anchieta, uma após outra, as efígies mais belas e mais graves. Fixando-as, revemos os capitães á milícia eclesiástica, sangrentamente disciplinada para o triunfo espiritual. E assinalamos os seus atributos heroicos: A perseverança, o equilíbrio, a ciência das coisas divinas em Luis da Grã, reitor do colégio de Coimbra, que foi colateral de Nóbrega no seu provincialato, em seguida provincial, e como Nóbrega se fez modelo de caridade através dos ciclones e das pestes, hierofante do apostolado na costa e nos sertões, vencedor de hereges e feiticeiros, convertendo milhares de almas gentílicas, orientando o nomadismo das tribos para as aldeias cristãs, edificadas no seu itinerário. A eloquência em Pedro Correia, primeiro noviço do Brasil, antigo caçador de índios, que se tornou a boca de ouro da Ordem, pregando ao gentio cada noite, longamente, sob as estrelas, e foi o enlevo das hordas sanguinárias, antes de ser, pelo martírio, o das hostes celes-

---

(182) ASPILCUETA NAVARRO, *carta de 1555 aos irmãos da Companhia*: "O fructo solido desta terra parece que será quando se for povoando de christãos". Publicada na "Historia do Brasil", de Varnhagen, tomo I, 1.<sup>a</sup> ed., e na *Revista do Arquivo Público Mineiro*, ano VI, pags. 1.159 a 1.162.



tiais. A humildade em João de Sousa, martir como Pedro Corrêa, e devotado aos mais baixos officios para aniquilar no silêncio de uma perfeição rastejante as vaidades do mundo. A impavidez e a resignação no padre Manuel de Paiva, que se deixava apregoar pelas ruas, sendo um fidalgo, como negro da Ordem, posto á venda, com a mesma impassibilidade ouvia ameaças e injúrias, sendo um atleta, e marchava diante dos soldados portuguezes, em combate, alçando a cruz sob nuvens de flechas. A inocência em Domingos Pecorela, servo dos próprios servos, irmão do próprio jumento, que ele ornava e conduzia, retirando-lhe metade da carga para os seus ombros. A obediência no padre Salvador Rodrigues, agonisante, que não ousava morrer, porque lh'o proibira Manuel da Nóbrega, indo á capitania de S. Vicente, enquanto desse lugar não voltasse ao leito do moribundo. A candidez em Francisco Pires e Diogo Jacome, que findaram após uma vida tormentosa, angelicamente, com o sorriso da graça infantil nos lábios roxeados pela morte. O escrúpulo, a suave e heroica diligência em Gregório Serrão, padre reitor, padre cozinheiro, maravilha de paz e boa vontade nos trabalhos mais rudes, nas doenças mais longas. A predestinação em Antônio Rodrigues, homem d'armas, que venceu a pé duzentas léguas, desde o Rio da Prata a S. Vicente, suspirando pelo regresso á Lisboa, e ali foi tocado por um lampejo do céu, entrou na Companhia, subiu de noviço a padre, tendo vivido quatorze anos, como doutrinador de feras, construtor de templos. O domínio implacável sobre os appetites rebeldes em Mateus Nogueira, outrora soldado portuguez na África, entre os mouros e os leões, depois soldado e ferreiro no Espírito Santo, afinal introduzido na casa de S. Vicente, como noviço, por Leonardo Nunes.

\* \* \*

Ausente, respirando a morte na violência dos combates ferozes e do clima africano, ele fôra traído pela mulher, que a sua piedade cristã deixara sobreviver ao pecado. Vindo para o Brasil, acabou o guerreiro, exemplarmente, como religioso, a punir o corpo no seu retiro (183), malhar o ferro na sua bigorna. Saíam-lhe das mãos calosas para as dos índios, que o adoravam por esses milagres de forjador, machados, cunhas e foices. Vulcanicamente, revelava Mateus Nogueira o Brasil da idade de ferro ao Brasil da idade de pedra. E o ferreiro-atleta, reverenciado como um ídolo benfeitor, deslumbrava o gentio com o seu poder siderotécnico, as suas dádivas de ferro, ensinando-lhe o catecismo, atraindo-lhe os filhos ao seminário. Manuel da Nóbrega disse uma vez de Mateus Nogueira: "...ferreiro de Jesus Cristo, o qual, posto que com palavras não prega, fá-lo com obras e marteladas" (184).

Talhado na robustez de um vasto arcabouço, ele consumiu a rizeza do corpo e sublimou a ardência da alma na forja, na devoção, no cilício. Venceu as tentações da carne a poder de açoites e jejuns. Em doze anos de esforço e penitência, fundindo as horas de trabalho e as horas de tormento nessa estrepitosa, coruscante obra sideral, Mateus liquidou a sua fortaleza nativa. Quando já não podia ter-se de

---

(183) SIMÃO DE VASCONCELOS, *Cr.*, liv. II, nº 120: "...tomou por exemplo a seu mestre Leonardo Nunes, especialmente na resolução eficaz de castigar o seu corpo, o qual tratava como tratara um jumento de carga.

(184) *Diálogo do padre Nóbrega sobre a conversão do gentio: interlocutores, Gonçalo Alves e Matheus Nogueira.*

pé nem estar mesmo de joelhos, amparava-se a uma sorte de muletas, durante os exercícios religiosos, trazendo ao pescoço um tiracolo para erguer na prece as mãos regeladas, semi-mortas.

Por último, o ferreiro-espectro, quase extinto, era a sombra inerte e dolorosa de uma vontade férrea, colectiva, moldada em criaturas diversas pelo sangue, pelo saber, pela hierarquia, mas igualmente invencíveis na militante unidade cristã do seu ideal, desde Inácio de Azevedo, excelso visitador e martir, ao obscuro irmão Fabiano, desde Gonçalo de Oliveira, o catequista illustre, a Gaspar Lourenço, o interprete mestiço, desde Antônio Blasquez, o epistológrafo, a Vicente Rodrigues, o hortelão, e tantos outros ainda, como Simão Gonçalves e Fernão Luis, Antônio Pires e Braz Lourenço, Manuel Viegas e Manuel de Chaves, artífices da obra prima de Loiola no século XVI, forjadores do mesmo signo de humanidade, cultura e fé para o Brasil.

## V

### Última jornada á Vitória. O conselheiro da casa do Espírito Santo. Despedida. Morte em Reritiba. Funeral. Glorificação de Anchieta.

Joseph tornou ainda á Vitória, quase moribundo, por obediência a um desejo do superior, conquanto os padres de Reritiba e de Guarapari, ouvidos pelo enfermo, lhe desaprovassem a jornada, que supunham fatal. “Padre Jerónimo, dizia ele a um dos companheiros, estou determinado em ir para a vila, porque não quero deixar exemplo aos moços de pouca obediência, e que se diga que, sendo eu desta idade, deixei exemplo menos bom”. Como os índios chorassem á despedida, pressentindo-lhe a morte, Joseph tranquilisou os seus amigos selvagens: “Fiquem ai contentes, que ainda nos hemos de tornar a ver nesta vida”.

Conselheiro da casa do Espírito Santo, não tardou que assumisse de novo o governo, por escolha do provincial, aguardando o novo superior, Pedro Soares, durante cinco ou seis meses. Anchieta previra o encargo, aliás, na aldeia de Reritiba, como testemunhou o padre Braz Lourenço. E a lenda continua a envolver-lhe amorosamente o perfil no mesmo nimbo. Com o toque da sua mão ele salva o amigo João Soares; profetiza a uma devota o regresso do marido, há oito anos ausente; escrevendo a um padre da Companhia, que lhe mandara da vila sumptuosa de Olinda, sem nomear o doador, certa esmola destinada aos pobres da casa do Espírito Santo, adivinha o nome do grande

esmoler, Cristovão Paes. A derradeira profecia, em Vitória, foi a da entrada de um navio com o trigo e o vinho, que faltavam aos moradores, até aos sacerdotes para o holocausto da missa.

Enfim, chegando á Vitória o novo superior, Pedro Soares, voltou Anchieta a Reritiba pela última vez. No adeus carinhoso a João Soares despediu-se do mundo: "Filho meu, ficai-vos; jamais nos comunicaremos nesta vida; ainda que vós me haveis de tornar a ver neste mesmo sítio, será em tempo que vos não poderei falar."

O seu regresso á aldeia foi celebrado pelo choro dos índios, cujas lamentações ecoam na dor e no prazer com a mesma retumbância. Durou-lhe tres semanas, então, a vida bruxoleante, ainda sorridente á própria agonia, sem um queixume. Tanto podia nele o amor infável do próximo, que uma noite se ergueu do leito, espectralmente, seguiu até á cozinha, trôpego e tacteante, para aviar o remédio a outro enfermo. Os últimos passos nocturnos do santo eram de caridade cristã. Exânime e frio, ele caiu de repente no chão, como um lírio desfeito por uma rajada. Foi para a cela em braços, pediu com ansiedade o Viático. Cinco sacerdotes oravam, ajoelhados á cabeceira. E na algidez crescente de todo o corpo a agonia quieta e suave do bemaventurado era como um celeste murmúrio, em que se exalavam com a própria vida os nomes de Jesus e de Maria. Assim expirou Joseph de Anchieta num domingo, nove de junho de 1597, com 63 anos, de idade, sendo 46 de religião, e destes 44 vididos apostolicamente no Brasil.

\* \* \*

Um brado repercutiria, propagando-se a notícia, desde o planalto brumoso aos sertões adustos. Os la-

mentos das tribos amigas, evangelizadas pelo missionário em 44 anos de peregrinações, desvelos, sacrificios, combates, os seus prantos bárbaros como os seus cantos de guerra encheriam as selvas. Caira o grão-pagé dos cristãos, emudecera a grande voz, que havia protestado nas origens brasileiras, em nome da liberdade, contra a velha opressão do homem pelo homem.

Alçada a cruz, processionalmente, os índios de Reritiba levaram-lhe o corpo fechado em uma caixa de cedro até á vila de Vitória, por toda uma distância agreste de 14 ou 15 léguas, marchando com eles o padre João Fernandes, revestido de alva e estola. Nesse pequeno féretro, leve como um berço, repousava meio século de heroicidade cristã. Por intercolúnios, labirintos, arcarias, degraus tapetados de musgo, através das florestas, ia descendo e ecoando o séquito. Guerreiros bronzeos, carpideiras semi-nuas, piás ingênuos lamentavam o eclipse da grande força miraculosa. Na câmara ardente do ocaso, longe, dir-se-ia que a hora vespéral gotejava sangue... Depois, ao anoitecer, o cortejo seguia entre massas, que eram troncos, fantasmas, que eram palmeiras, vultos colossais e montanhosos, denteadas bocas de caverna... Ouviase a espaços o coaxar dos batraquios, um grito de ave nocturna varando a solidão, o choro de alguma fonte oculta nas matas, sob o limo das pedras carcomidas. Penoso era o caminho de tantas léguas, mas não sentiam fadiga ou sono os caminhantes. Ramos em flor pendiam sobre o ataúde, exalando o perfume silvestre. A' passagem de um rio, em canoa, cessou a fúria das ondas na presença do corpo de Anchieta, e sobre o leve despojo, simbolicamente, resplandecia o Cruzeiro do Sul.

Quando o féretro chegou à Vitória, *houve muito alarido em toda o povo*, no dizer dos cronistas. Vieram ao porto recebê-lo o capitão da terra, Miguel de Azeredo, o prelado administrador, Bartolomeu Simões Pereira, o clero, os franciscanos, os irmãos da Misericórdia com o aparato das suas andas, as confrarias de todas as igrejas com os seus lumes erguidos. Aberto ao sol o ataúde, por instâncias de João Soares, quatro dias após o falecimento, nenhum odor se evolava do corpo inanimado, mas incorrupto. Seguindo à procissão até à porta do templo, construído pelos jesuitas, aí foi guardado o féretro para as exéquias de tres nocturnos. Bartolomeu Simões fez no dia subsequente, depois da missa cantada, o elogio sacro de Anchieta, dizendo-lhe a vida, lembrando “o Missionário Santo, o Bemaventurado, o Apóstolo do Brasil”, e essas palavras refloresceram no espirito das novas gerações.

Os religiosos deram sepultura ao catequista, enfim, junto á de Gregório Serrão, como ele predissera: “*vade, frater, non longa enim dies nos loco conjunget.*” Pela última vez, na terra, encontravam-se os dois amigos. Mais tarde, vasio das suas reliquias (185) o túmulo de Anchieta, sobrepoz-lhe a piedade uma lápide comemorativa (186).

---

(185) XAVIER MARQUES, *Comunicações feitas ao Instituto Histórico da Baía.*

(186)

HIC IACVIT VENE  
RAB P IOSEPHVS  
DE ANCHIETA SOC.  
L BRASILIAE APOST  
ET NOVI ORB NO  
WS THAVMATVRG  
OBIIT RERITIRA

Joseph, o taumaturgo, exaltado por decreto de 10 de agosto de 1736, quando o papa Clemente XII lhe reconheceu, em grau heroico, as virtudes teologais e cardiais, ainda não saiu do Vaticano para os altares, do processo de canonização para a magnificência da liturgia e do calendário. Através dos séculos, porém, vibra na mesma lenda, como na mesma glória, o culto de Anchieta, *pobre e inútil Joseph*, santificado pela consciência de um povo.

\* \* \*

Realizações econômicas, científicas e militares compõem orgulhosos, mas precários sistemas nacionais, frágeis colossos de egoísmo e vaidade, pesando efemeramente sobre a terra, se os não aviventa e consolida a força moral. Vinculando-se á formação histórica do povo brasileiro, o Evangelho perdura em toda a sua idealidade, através do jesuitismo anchieta-

DIE IX IVNA N N  
MDXCVII

Inscrição real, divergindo um pouco da que foi comunicada pelo sr. Sá Benevides a Ramiz Galvão em 20 de dezembro de 1876. (*An. da Bib. Nac.*, v. II, f. I, pag. 126). Mais de trinta e seis anos depois, transmitiu-a o sr. Lordello dos Santos, em agosto de 1913, a Xavier Marques (*Comunicação feita por este ao Instituto Histórico da Baía*), com algumas variantes ortográficas. E' a mesma que o Sr. Pereira de Vasconcelos imprimiu no *Ensaio sobre a historia e estatística da provincia do Espírito Santo*, em 1858, apenas diferenciada, inexactamente, por um tempo de verbo: *jacet*, em vez de *jacuit*.

Examinando fotografias, que nos foram enviadas recentemente do Espírito Santo, vemos insculpidas no frontão do monumento cívico, erigido em 7 de setembro de 1922 ao Apóstolo do Brasil, sobre o túmulo vazio, as datas do seu nascimento e da sua morte: 1533-1597. Destas a primeira é um erro cronológico e a sua correção impõe-se ao governo local. Joseph de Anchieta nasceu em 19 de março de 1534. Consulte-se a primeira nota (pag. 47)''



no, como se faz dinâmica social para os Estados Unidos, através do puritanismo colonizador.

Irmanadas pela tradição, refulgem no mesmo santuário as imagens apostólicas da selva. Fraternalmente repassam... Joseph de Anchieta e Manuel da Nóbrega, tantos outros nomes e lumes da Companhia de Jesus, perfis aureolados, clareiam o ápice da vida colonial. Quanto mais se humilhava neles o pó, mais a fé os engrandecia para o Brasil. Na consagração do heroísmo e da humildade, atributos desses irmãos, renasce ainda, por vezes, a flama espiritual dos nossos dias.

Baixando ás plagas tropicais, onde se perpetuavam os sacrifícios humanos, a alma evangélica fundou a *urbs* latino-americana para maior glória de Deus, *ad majorem Dei gloriam*, interpretada a legenda cósmica da Ordem num alto e puro sentido. Ensinou a lei, transmitiu a luz. Deu alicerces morais á família inculta, á sociedade informe.

Os primeiros jesuitas foram acolhidos na Baía "á maneira de anjos vindos do céu", e o mesmo prestígio celeste envolveu, depois disso, os que vieram nas expedições de 1550 e 1553. É que eles traziam consigo as palavras candentes da fé, os dons luminosos do saber e da arte. Com eles aprenderam os filhos da terra a lavrar o solo, fundir os metais, erguer colunas e altares, possuir letras e números; deles receberam a água do baptismo e o fogo do espírito nos santuários, nas escolas, nas oficinas.

A transcendente ficção dos emissários ideados pelo misticismo nórdico, semeadores e architectos, anjos e mestres, foi com Anchieta e os seus irmãos uma realidade social para as origens brasileiras no século XVI — epílogo do nosso mundo selvagem, prelúdio da nossa vida cristã,



ELUCIDARIO



# I

## LETRAS ANCHIETANAS

Copiosa e constante, sob várias formas, a produção anchietana vai desde a mentalidade auroral dos vinte anos, em Piratininga, até aos pensamentos e ás visões crepusculares de Reritiba. Dispersando-se quasi toda em folhas avulsas e instantaneas, ao desabrochar com a timidez religiosa da obediência, não tinha senão raramente aquele interesse humano, que eternisa as letras do passado. Muitas dessas poesias arcaicas, inanimadas na frieza da sua correcção latina ou vernácula, nada mais dizem hoje ao espírito e á sensibilidade. Fatores ocasionais circunscreviam-lhe já o destino á festa de uma aldeia, ao doutrinamento de um principal ou á recepção de um visitador.

Materialmente, a bibliografia procura ainda hoje recompô-las e coordena-las, esquadrinhando os arquivos da Ordem. Quantas não se perderam ao acaso de um sôpro, de uma flama, de um gesto, ou devoradas pela traça dos velhos manuscritos, como os seus apontamentos sôbre os primeiros missionários da Companhia de Jesus, vindos ao Brasil? (1) Quantos não

---

(1) SOTIVEL — *Historia et vita Clarorum Patrum qui in Brasilia vixerunt*. Referem-se aos Apontamentos, de Anchieta o padre Simão de Vasconcelos, na sua *Crônica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil*, e o padre Antonio Franco, depois dele, na *Imagem da virtude em o noviciado da Companhia de Jesus no Real Colégio de Coimbra*.

têm, hoje, impugnada a fidelidade da sua tradução em português (2) ou não ressurgem como hipóteses eruditas, algumas insubsistentes? (3) Uma edição actual das *obras completas* de Anchieta, reunindo mesmo os trabalhos duvidosos, seria na realidade *a mais incompleta* das colectâneas. Até onde os inéditos existentes nos arquivos da Ordem ou as descobertas dos bibliófilos poderão modificar o nosso conceito não o sabemos.

De qualquer modo, a variedade anchietana compreende, além dos trabalhos didáticos, ora coligidos ou apenas indicados pelos bibliógrafos, as cartas e os sermões (4), os cantos (5), autos e mistérios (6), poesias

(2) BATISTA CAETANO DE ALMEIDA NOGUEIRA — *Cantos do Padre Anchieta*. “Diário Oficial”, de 11-15 dezembro 1882: “Como se vê, a tradução do padre João da Cunha será tudo o que quizerem, mas não é, de modo nenhum, tradução dos versos do padre Anchieta, ainda fazendo de conta que, em consequência dos erros de cópia, está muito alterado o texto; arranjam-se as palavras tupís como quizerem e sem sujeição nem ao metro, nem à rima, e não é possível, ainda assim, concordar tradução e texto.”

(3) *Informações e fragmentos históricos do Padre Joseph de Anchieta* (1584-1586), publicados por CAPISTRANO DE ABREU, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1886.

(4) *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões do Padre Joseph de Anchieta, S. J.* (1554-1594). Outras peças do mesmo gênero devem existir, manuscritas, nos arquivos da Companhia.

(5) ANTONIO FRANCO. *Vida do Admirável Padre José de Anchieta*: “Como era muito destro nas quatro línguas, Portuguesa, Castelhana, Latina e Brasílica, traduziu em todas elas em romances pios e mui engraçados as cantigas profanas que andavam em uso.”

(6) PERO ROIZ, *Vida do P. Anchieta* liv. I, cap. IX: “Entre outras muitas fez uma obra que se representou em diversas partes com grande aplauso...” Simão de Vasconcelos fala de *várias comédias*. Sotivel consigna também na sua relação: *Drama ad extirpanda Brasiliae vitia*.

esparsas, um poema religioso (7), um poema heroico (8), e as biografias constantes da lista de Sotivel.

No gênero epistolar discriminamos as cartas meramente eclesiásticas, relatórios da catequese, e as que foram escritas sobre a natureza ou a formação do Brasil colonial. Entre os documentos mais vetustos da nossa história, sobreleva a sua autoridade com o proveito de uma leitura singular. Medida, clareza e despreensão caracterisam a linguagem; de onde em onde, o estilo é forte, a narrativa fluida, a observação feliz. Em harmonia com os ideais cristãos, evangelizados ás tribus, resulta por vezes o poder mental do *homo sapiens*, transparece a paixão do conhecimento directo e objectivo, testemunhado pelos sentidos, agudamente, fixando nas impressões e nos conceitos uma tendência de naturalista, que a piedade não faz menos arguto e exacto. Com a sua epístola sobre os ares, as plantas e os bichos de S. Vicente, a mais pitoresca e notável dentre as cartas já divulgadas, foi Joseph de Anchieta, não obstante a ingenuidade ou simpleza de algumas reflexões, o precursor dos sábios europeus, que nos ilustraram ou nos enriqueceram a história natural. Dela pode afirmar convictamente o prefaciador á edição da Academia Real de Ciências de Lisbôa, em 1812: "...He um monumento das Virtudes, como da grande instrução daquelle illustre Jesuita..." Mais do que a terra, conheceu-lhe Anchieta o homem. Sentimentos e superstições, costumes e perfis indígenas tiveram sagaz observador nesse místico, e as figuras, os episódios selvagens da carta de Iperoig, por exem-

---

(7) Poema em louvor da Virgem Nossa Senhora. *De Beata Virgine Dei Matre Maria.*

(8) *De rebus gestis Men de Sá.*

plo, dão-lhe ainda hoje um relêvo sem par no epistolarío brasileiro do século XVI.

\* \* \*

Duas modalidades inconfundíveis apresenta a poesia anchietana: uma rústica e popular, série de cantos em português, espanhol e tupí; outra clássica e erudita, o poema em louvor da Virgem, *De Beata Virgine Dei Mater Maria*, imenso rosário constituído por mais de cinco mil pérolas cristãs do Lácio, colhidas á orla do mar de Iperoig (9). Se o tivesse folheado, não escreveria certamente Remy de Gourmont que os derradeiros acentos, os suspiros extremos da poesia eclesiástica, em latim, haviam sido o *Stabat Mater* e o *Dies Irae* (10).

Anchieta retoma e desenvolve nos sonoros dísticos, em que êle glorifica Nossa Senhora, o lirismo dos monges-poetas, cuja inspiração medieval desfo-

---

(9) Desde o prelúdio á *Recommendatio*, podemos contar exatamente 5.902 versos ou 2.951 dísticos, incluindo as *Horae Immaculatissimae Conceptionis Virginis Mariae*, acrescentadas á *Dedicatio Operis* na publicação feita pelo cronista Simão de Vasconcelos. Sem estas, o poema em louvor da Virgem compõe-se de 5.786 versos ou 2.893 dísticos. Rectificamos assim a contagem dos Padres Pero Roiz (5.732 versos ou 2.866 dísticos) e do Padre Simão de Vasconcelos (4.172 versos ou 2.086 dísticos).

Em 1940, foi luxuosamente editado pelo Arquivo Nacional o texto latino com a versão de A. Cardoso S. J., que se apresenta como tradutor de valores do poema no ritmo da sua linguagem. — "... tradução valorisada, escreve, é o nome que devemos dar ao trabalho... não escolhemos nem o verso nem a prosa, mas uma participação de ambos — o ritmo — harmonia de que já usou Herculano na *Voz do Profeta* e de que muitos dos modernos tiraram efeitos surpreendentes como Nuno de Montemór no Cântico da Dôr (*Amor de Deus e da Terra*)."

(10) REMY DE GOURMONT. *Le latin mystique*.



lhou tantas açucenas aos pés de Maria ou lhe ergueu a imagem sôbre os arrebóis, com a doçura da *Ave preclara maris stella, a Alma Redemptoris ou a Salve Regina*, os louvores de S. Bernardo e as preces de S. Hildegarda, o hinário de Anselmo, arcebispo de Cantorbery, as estrofes musicais de Adam Saint-Victor ou a *Ave Mundi spes*, do Papa Inocencio III. Ele continua o ciclo anônimo da Virgem, renovando metáforas, símbolos, antiteses, a própria composição artificial dos hinos alfabéticos, leite e requinte de Sedulius.

Como fato literário, a poesia anchietana, consubstanciada em versos elegíacos nesse trabalho, será julgada pelos doutos uma obra considerável de latim místico, emanção do culto da mãe de Deus, sobrevivente ao espírito medieval, conquanto só tenha dele o catolicismo, aspirando á energia e pureza dos clássicos na sua religiosidade.



Southey, historiador e protestante, que foi também o poeta da escola inglesa do Lago, descobriu-lhe "fulgores de *poesia e paixão*". Religiosamente, o poema decorre da Bíblia e do Breviário. Esteticamente, do humanismo enraizado no Lácio, renovando em seus hexâmetros e pentâmetros a cadência das Elegias ovidianas. Subjectivamente, dos pendores quasi medievais dessa natureza ascético-mística, embora dinâmica no apostolado, para a clausura meditativa e o cilício mortificante, a renúncia e o êxtase, a purificação do mundo interior e o holocausto necessário á conquista da Bemaventurança.

Anchieta reuniu, metrificando-lhe o tema, as aquisições humanísticas e os preceitos católicos. É como se as flores sacras do Antigo e do Novo Testamento,

as próprias flores teológicas dos Santos Padres da Igreja, lhe desabotoassem no culto de Maria, á sombra dos loureiros clássicos de Roma.

Em paráfrases, reminiscências, variantes moduladas pelo seu estro, sob a guarda feroz dos tamoios de Iperoig, lacrimejam as fontes bíblicas, rumorejam as fontes pagãs, umas e outras inesgotáveis, borbulhando aos pés de Nossa Senhora. Virgílio e Ovídio, Tibulo e Propércio, como David e Salomão, o Eclesiastes e os profetas, S. Paulo, S. Agostinho, S. Bernardo, S. Boaventura, toda uma legião de poetas, e sábios, e santos, os magos e os mestres do seu espírito, perpassam com estrofes ou versículos, cânticos ou lamentos, epístolas ou reflexões, imagens ou idéias, fecundando-lhe a Musa. Diríamos que a vetusta sabedoria das Escrituras, latinisada, reveste o manto de púrpura e cinge o ramo de louro do classicismo.

Imperfeito o plano, excessivo o ornato, quasi monótono o desdobramento dos estados de consciência, fulgura o poema, entretanto, nos melhores trechos, quer pelos dons estilísticos de clareza, elegância e harmonia, quer pela humanidade empolgante dos valores subjectivos. Se através da cadência e da correcção o humanista é admirável, na profundidade das suas revelações o asceta é comovedor. Elementos de tragédia e lirismo, de *poesia e paixão*, vislumbrados por Southey, dominam a espaços os demais, lendários ou descriptivos.

Com a veemência dos seus affectos, das suas inclinações, amando os castos, os crentes, os pobres, maldizendo os ímpios da Antiguidade e os heréticos da Reforma, a idolatria sensual e a tirania orgulhosa, identificamos, então, a Psiqué anchietana. De onde em onde, intercala-se á narrativa um solilóquio. E a vida interior, destacando-se dos episódios, recompõe o mun-

do secreto em que se deplora ou se desvenda a alma de um anacoreta nas suas inquietações e nos seus contrastes.

Atormentado pela concupiscência, dominadora dos mais fortes, como S. Jeronimo no deserto, Anchieta personalisa a tentação universal. Por vezes, longamente, recordando as emoções, revivendo a insônia e a tortura das noites cálidas em que Eros inflamava os desejos á adolescência, chora a queda humana da alma, a perda humana da virgindade. Nada mais angustioso que êsse remorso do homem no apóstolo das selvas, êsse instante adamita do pecador no missionário. A castidade é o tormento e a esperança do seu coração, voltado para a fonte celeste, que o banha e purifica:

Tu mihi cor vivis purificabis aquis.

Une-se á contrição o amor filial do canarino extirpado e órfão, desde os 13 ou 14 anos de idade sem pai, sem mãe, sem pátria, vagueando por terras alheias ou bárbaras, desprendido moralmente de todos os vínculos do sangue e do solo. O sentimento de abandono migratório, de ausência e expatriação do filho pródigo, geme nos versos cadenciados pelo metro das Elegias:

Et procul aufugiens, patrem matremque reliqui,  
Offendens factis teque Deumque meis.

Distante do lar, terá êle na Virgem o novo carinho materno. Confidencia-lhe os êrros, quando certos actos se afiguram delitos de réprobo, exageradamente, aos seus escrúpulos de noviço; defende-lhe o nome e o dogma, irado pelas blasfêmias de Helvidio e Calvino.

A hiperdulia reflorescendo em primavera, desde muito, abre-lhe o coração á presença vitoriosa do Bem, ainda que o Mal nos avassale e escureça os dias, ensanguente os berços, envenene os frutos da terra. Se o labor do poema lhe é um refúgio á castidade, o culto da Mãe de Deus, visitadora dos enfermos, dos navegantes, dos presos, dos cativos nas suas algemas, dos moribundos na sua agonia, dos pecadores arrependidos, mas principalmente dos religiosos enclausurados, bafeja-lhe o Canto da Visitação, admirável trecho do poema. Nossa Senhora infunde-lhe a graça do amor materno com que o visitante de Iperoig, buscando em vão o martírio, adopta e embala no seu degredo o marabá da tribu.

Então, uma das suas maiores tristezas naquelas paragens foi o destino sem a aureola de mártir, glória da eterna Bemaventurança. Queria êle fazer da vida uma hóstia ao Senhor, e o exemplo do martirológio é que o impele, o arrebatava em jornadas lacerantes, sombras de eclipse, duras penas de cativeiro, medindo os pressentimentos e sofrimentos da Virgem Mãe, até á cruz do Golgota, aos cimos e aos versos dolorosos onde sangram dois corações — o de Jesus e o de Maria. Simbolicamente varado pelas mesmas lanças, a sofrer e a brilhar, vemos-lhe o coração de poeta nas estrofes, irradiando sob os mesmos espinhos.

Assim, o poema reflecte e concentra, por vezes, não só as imagens, mas também os segredos e aspirações da grande Psiqué anchietana, que em Iperoig tanto desejou a morte concedida aos heróis, um final semelhante ao dos Irmãos Pedro Correa e João de Souza, trucidados pelos carijós.

A' crítica literária não pertencem, mas evidentemente á prática religiosa, os cantos populares de An-

chietta, originais ou transpostos da lingua geral, como *O Pelote domingueiro*. Escapa-lhe tambem o julgamento de autos e mistérios, como *Jesus nas festas de S. Lourenço*, ou o da *Pregação universal*, em que os pecados indígenas são escarnecidos para emenda moral dos pecadores. Tais produções quasi sempre monótonas e ingênuas, apropriadas á mentalidade e ao sentimento do auditório, têm no seu objeto a razão do seu estilo. Variantes do catecismo, destinam-se umas á instrução do gentio; impressões do antifonário, exalçam outras, devotamente, a gloria de S. Ursula ou S. Francisco de Assis (11). Ora as delícias da eucaristia, ora os combates imaginários de arcanjos e demônios passam na mesma linguagem desataviada e incolor, única linguagem acessível aos catecúmenos boçais. Metrificando sem intenções literárias, Anchieta só utilisaria a cadência ou a rima para gravar na memória dos simples e dos brancos a sua doutrina. O ritmo foi sempre nas origens sociais um elemento de vitória da intelligência e da fé sôbre o instinto. Quanto á idéia sòmente doutrinária ou litúrgica das canções e dos autos, nada a esclarece melhor que o simples confronto da sua nudez sem adornos, do seu primitivismo, com os dísticos do poema néo-latino á Virgem, cuja decoração tem algo de basilica, pompeando em rosáceas e capitéis, retábulos e sacrários.

---

(11) No volume *Primeiras letras*, publicação da Academia Brasileira e edição do *Anuário do Brasil*, de 1923, foam colecionados os remanescentes dos autos e poesias de Anchieta em vernáculo, tendo servido para essa publicação o "*Apêndice*" ao *Curso de Literatura Brasileira*, 2.<sup>a</sup> ed., Rio, 1882, de Mello Moraes Filho, e dois manuscritos existentes nos arquivos do Instituto Histórico, sob ns, 2.105 e 2.106.

Todavia, de onde em onde, um lirismo suave de pastoral bafeja a devoção das estrofes anchietanas, entre a mirra e o incenso dos altares, como um eflúvio da noite em que os lírios do campo desabotoam. Leiam-se, por exemplo, os versos graciosos e tocantes, modulados á Santa Inês:

“Virginal cabeça  
Pela fé cortada  
Com vossa chegada  
Já ninguém pereça.

Vinde mui depressa  
Ajudar ao povo,  
Pois com vossa vinda  
Lhe dais lume novo.

Vós sois cordeirinha  
De Jesus formoso,  
Mas o vosso esposo  
Já vos fez rainha.

Tambem padeirinha  
Sois do vosso povo,  
Pois com vossa vinda  
Lhe dais trigo novo. (12)

---

(12) Estrofes de uma poesia descoberta em códice manuscrito e divulgada pelo rev. FRANCISCO RODRIGUES no seu livro — *A formação do Jesuita*. Reproduziu-a toda o padre GONZAGA CABRAL na sua monografia — *Jesuitas no Brasil*.

## O HEREGE DE GUANABARA

No capítulo V, livro II, da *Vida do Padre José de Anchieta*, cujo manuscrito, enviado ao geral Cláudio Aquaviva, em 1606, pelo provincial Fernão Cardim, serviu de fonte a Beretário para a sua biografia anchietana, Pero Roiz fornece a primeira notícia, colhida entre o inacianos, sobre a execução do herege anónimo de Guanabara, que o santo convertera ao catolicismo em vésperas do suplício:

“Conquistando o Governador Men de Sá, a segunda vez, o Rio de Janeiro, quis fazer justiça de um herege muito pertinaz, que *entre os soldados francçses tomara*. Encarregou-se dele o padre José, teve dificuldade em o reduzir, e pediu mais tempo: finalmente o reduziu com a divina graça e o fez confessar e aparelhar para bem morrer; chegando ao ponto da execução, estava o padecente mui afligido e impaciente pelo algoz se embaraçar no ofício; repreendeu, então, o padre ao algoz, e *deu-lhe ordem como o fizesse bem*; contando o padre dali a muitos anos este caso a um Irmão nosso, lhe disse o Irmão: e V. R. não via que ficava regular (1), se bem advertia nisso; respondeu o padre: porém a minha irregularidade não era ofensa de Deus e tinha remédio, mas aquele pobre não tinha outro remédio, porque sua salvação tinha tempo limitado, e

---

(1) Erro provável de cópia. Deve ser lido — irregular.

por salvação de uma alma, ainda que ficara toda a vida irregular, o dera por bem empregado". (2)

Além desse caso herético, que trasladamos do liv. II, cap. V, Pero Roiz particulariza outro, o de João de Bolés, no liv. I, cap. VI. Nada relaciona as duas inscrições marginais: uma — *O que passou com hum hereje q. enforcaram*; outra, que é talvez posterior e apócrifa — *João de Bolles caluenista*. Nada aproxima os dois episódios e as duas efigies no espaço e no tempo. Mas o jesuita Sebastião Beretário, autor de uma *Vida do Padre Anchieta*, escrita em latim e publicada em 1617, vinculou as duas passagens independentes, refundiu numa só as duas pessoas distintas. Foi secundado no erro, inadvertidamente, pelo tradutor espanhol, Paternina, e por vários escribas da Companhia de Jesus, em vários idiomas. Confundiram todos eles o herege de Guanabara, anónimo, com o famoso aventureiro, cujo perfil traçámos no cap. III do liv. II desta obra — *A Escola de Piratininga*.

\* \* \*

Com o erro de identidade, porém, coexistem outros ainda mais deploráveis sobre o facto e as circunstâncias. Em 1567, conforme a inexacta versão de Beretário e Paternina, generalizada pelos seus repetidores, Bolés teria sido enviado ao governador Men de Sá por d. Pedro Leitão, bispo da Baía, afim de sofrer no Rio a pena capital, imposta por efeito de velhos ou novos crimes. Herege de tantas letras reclamava um sacerdote letrado, que o iluminasse, o convertesse. Não podendo eximir-se a outras ocupações, nesse momento, o padre Inácio de Azevedo, notável como latinista e como teólogo, foi chamado de S. Vicente o padre An-

---

(2) Modernizamos a ortografia e corrigimos a pontuação desse trecho.



chieta, que afinal persuadira Bolés á conversão. Mas no lugar do suplicio, á hora ultima, o verdugo, pouco destro, fazia sofrer duplamente o condenado, prestes a blasfemar. Vendo em risco a salvação dessa alma Joseph de Anchieta não só repreendera o algoz, como também o instruiu no seu officio. Assim o escreveu Beretário: "castigatum carnificem monet ratione expedite illo numere de fungeretur". Assim o traduziu Paternina: "...*le industrió para que hiciese prestamente su officio.*"

Do texto latino ou do texto espanhol, reproduzido pelos demais escritores católicos, o erro passou, então, a circular impunemente na lingua portugueza. Fr. Vicente do Salvador conta que Anchieta "...repreendeu o algoz, e o industriou para que fizesse com presteza o seu officio". (3) Simão de Vasconcelos acentua: "...entrou em zelo, repreendeu o algoz, e instruiu-o ele mesmo de como havia de fazer seu officio com a brevidade desejada" (4) António Franco repete a linguagem do cronista da Ordem: "Entrando o padre em zelo, repreendeu ao algoz, e o instruiu no seu officio, para que a morte se apressasse" (5).

No campo inimigo, acesa a polémica em torno do centenário da morte de Anchieta, em 1897, pretendeu-se apoucar-lhe a figura, obscurecer-lhe a memória, sob a densa névoa de uma incompreensão original. Houve quem o denominasse *mestre do algoz*, substituindo João de Bolés pelo calvinista André de Balleur (6),

---

(3) FR. VICENTE DO SALVADOR — *História do Brasil*, liv. III, cap. XII.

(4) SIMÃO DE VASCONCELOS — *Vida do V. Joseph de Anchieta*, liv. II, cap. XIV.

(5) ANTONIO FRANCO — *Vida do Admirável Padre José de Anchieta*, cap. IX.

uma inverdade por outra, como se lhe fora dado ensinar, tecnicamente, a um profissional do patíbulo, o que ele nunca aprendera. É o caso tomou proporções de fábula monstruosa no livro do Sr. Arthur Heulhard — *Villegagnon, Roi d’Amerique*, pag. 171: “Anchieta conseguiu extorquir a Boulier uma confissão católica. Falhando o golpe do carrasco, Boulier impacienta-se, vai blasfemar. Anchieta, receioso de perder uma alma, toma a espada (!), e manejando ou ferindo, não o sabemos, diz ao carrasco: “É assim que se faz”. Anchieta decapitador de Bolés ou Boulier, entre os historiadores francêses, éis a consequência do erro inicial de Sebastião Beretário. Converteu-se o próprio laço da forca em fio de espada.

Mau grado a evidência resultante de contestações e documentos, subsiste a inverdade, tres e meio séculos depois, na órbita dos estudos mais sérios. João Francisco Lisboa, divulgando-a, exclama nos *Apontamentos para a Historia do Maranhão*: “. . . abominável fanatismo que assim perverte e transforma um missionário sublime em miserável ajuda do algoz!” (*Obras completas*. vol. II, pag. 400) Antônio Henrique Leal, autor de uma *História dos jesuitas no Brasil*, escreve: “Uma vez logrado este intento foi o pobre Bolés relaxado ao braço secular. Não era porém perito o algoz e fazia sofrer o paciente. O padre Anchieta, que se doia deste erro de ofício, passou a ensinar ao inexperiente carrasco como devia manobrar”. E a professora Carlota Carvalho, ainda em 1924, no seu livro *O Sertão*, pag. 104, citando Henrique Leal e João Ribeiro, lança mais um doesto á memória do santo: “De uma só vez Joseph de Anchieta, que “a apologia venal” qualificou “o apóstolo do gentio”, praticou duas infâmias e a peor foi o

---

(6) ALVARO REIS — *O martyr Le Balleur*.

engano insidioso com que obteve a abjuração escrita (?) a preço da vida e, uma vez de posse deste documento, traiu o infeliz e foi cinicamente ensinar o carasco a matar sua vítima." Não cessou a repercussão do erro de Beretário, agravada pelo sectarismo, na própria mentalidade contemporânea.

\* \* \*

Tudo isso é profundamente inverídico e injusto. O herege francês João de Bolés, da França Antártica, foi enviado pelo bispo da Baía, não ao governador Men de Sá, em 1567, com destino ao Rio, mas em 1563 á Inquisição de Lisboa, onde abjurou todos os erros e cumpriu a sua penitência no convento de S. Domingos. Ainda mais: um documento jesuítico, a *Informação*, atribuído ao próprio Joseph de Anchieta e escrito em 1584, *dezessete anos depois da conquista do Rio de Janeiro* e da execução do herege anónimo de Guanabara, consigna expressamente que o dito Bolés fôra mandado da Baía a Portugal, de Portugal á Índia, e *nunca mais apparecera no Brasil*.

\* \* \*

As inexactidões pululam no texto de Beretário, onde o bispo manda João de Bolés (Joanes Boullierius), em 1567, da Baía para o Rio, acabando o herege ás mãos do verdugo e aos olhos dos francêses, justificado pela crueza do seu amigo Men de Sá. Ora o bispo da Baía, d. Pedro Leitão, veio para o Rio nesse mesmo ano de 1567, na rota desse mesmo governador geral, a quem não lhe era possível, antes da sua volta, mandar o réprobo, mas a impossibilidade continua, admítida a hipótese, porque o francês anónimo, supostamente executado no Rio, foi tomado *in loco*, entre os soldados

francêses, pelo governador. Não se trata de alguém, que viesse da Baía ou que o Santo Ofício condenasse, num processo moroso, a expirar entre as labaredas do auto de fé: trata-se apenas de um soldado preso no campo de batalha, no calor da acção. O juizo inquisitorial, vestindo ao herege um sambenito escarlata e amarelo, te-lo-ia mandado á fogueira; o espírito militar, porém, não vendo nele senão um combatente aprisionado, manda enforcá-lo na sua praça d'armas.



Sem discriminar antecedentes ou pormenores, afirma Pero Roiz que o padre Anchieta se encarregara da conversão do herege. No falso presuposto de ter sido este o helenista João de Bolés, acrescenta Beretário, entretanto, que o sacerdote fôra chamado de S. Vicente (*accercitus est Sancto Vicente Joseph*), não dispondo a Companhia, nesse momento e lugar, de outro latinista, pois Inácio de Azevedo, visitador da Ordem, atendia a maiores occupações. É como o traduz Paternina em espanhol: "Para ayudarle en tan riguroso trance, vino desde S. Vicente el Padre Joseph de Anchieta, porque el padre Azevedo attendia a occupaciones mayores en el rio de Janeiro, donde se executava la justicia." Mais uma inexactidão. Os padres Inácio de Azevedo e Joseph de Anchieta, como o bispo d. Pedro Leitão, o provincial Luis da Grã e Manuel da Nóbrega, tornaram ao Rio, juntos, nos meados de 1567. E no Rio permaneceu Anchieta, coadjuvando Nóbrega, especialmente na instrução dos índios aldeados em terras do colégio (7). Retido por esses deveres, não consta

---

(7) SIMÃO DE VASCONCELOS — op. cit., liv. II, cap. XIV, n. 3.

que ele voltasse á capitania de S. Vicente em 1567. O apelo do Rio a S. Vicente, do catolicismo ao padre Anchieta para a conversão de Bolés, portanto, é mais uma fábula do imaginoso Beretário. Nem o texto de Pero Roiz lhe autorizava a conjectura, ao dizer simplesmente do herege e do catequista: “Encarregou-se dele o padre José”.

\* \* \*

Se um herege foi executado no Rio, em 1567, se o padre Anchieta o converteu á fé católica e lhe assistiu á morte, não era ele, portanto, João de Bolés, mas um anónimo, capturado entre os soldados francêses. E agora podemos reconstituir o episódio nas suas linhas originaes.

Porque fosse o algoz pouco destro, exacerbava-se a angústia do padecente, e Anchieta sentiu que ia perder-se a alma convertida pela sua força doutrinária. Temendo a explosão infernal de uma blasfemia, repreendeu o algoz, *deu-lhe ordem como o fizesse bem*, segundo a frase de Pero Roiz.

A conjunção *como*, proveniente de *cum* (*quum*) significa por vezes **que**, em linguagem clássica, e desta significação há exemplos vários:

“...e veemdo como lhe nom vijnha acorro de Portugal...” FERNÃO LOPES, *Cr. de D. Fernando*.

“Vindo saber *como* seu pai quer casar...” ANTÓNIO FERREIRA, *BRISTO*.

“Deveis de ter sabido claramente  
*Como* é dos Fados grandes certo intento

Que por ele se esqueçam os humanos...” CAMÕES,  
*Lus.*, c. I, est. 24 (8).

---

(8) Há outros exemplos dos *Livros de Linhagens, da Vida de São Francisco Xavier*, por Lucena, e dos próprios *Lusíadas*, citados no *Grande Dicionário Português*, de Fr. Domingos Vieira.

Tal se afigura, no texto de Pero Roiz, o valor da locução — *deu-lhe ordem como...* Não só para abreviar um suplicio, mas notoriamente para impedir que se perdesse uma alma, consoante a sua fé, Anchieta repreendeu *o algoz, deu-lhe ordem como*, por outas palavras, *ordenou-lhe que o fizesse bem*.

Certo, o zelo da conversão desafiava, nesse tremendo lance, as penas da Igreja, mas a caridade evangélica teria suplantado em Joseph o escrúpulo religioso. Pela salvação eterna de uma alma, o padre recentemente ordenado, que vivera quinze anos para o sonho dessa investidura, sacrificaria de boa vontade o próprio uso das vestes eclesiásticas.

Desconhecendo, talvez, o sentido invulgar da palavra *como*, diferenciada em conjunção, Beretário tomou-a por advérbio, oriundo de *quo modo*, traduziu em latim a frase de Pero Roiz — *deu-lhe ordem como* — por *monéo*, verbo transitivo e cambiante nas suas acepções: advertir, lembrar, avisar, exortar, admoestar, *instruir*, *ensinar*, *pre-dizer*, prognosticar, profetizar, repreender, castigar, punir, excitar, estimular, avivar, animar.

Paternina, o espanhol, preferiu entender e traduzir o verbo *monéo*, empregado por Beretário, não já por *ensinar* ou *instruir*, mas tecnicamente por *industriar* — *le industrió para que hiciese prestamente su officio*. Ora *industriar* significa adestrar, amestrar; *industria* equivale á destreza, habilidade para fazer alguma coisa, *para executar um trabalho manual*. Daí nasceu a lenda sinistra, que fez do padre Anchieta, admoestador de um verdugo moroso, como vimos, o colaborador material do suplicio. Essa inverdade foi repetida, assoalhada pelos demais cronistas ou biógrafos, reverendos escribas da Ordem.

A confusão adveiu, portanto, da Igreja para a História. Os piores inimigos de Anchieta, expondo-lhe o nome veneravel, tres e meio séculos depois, ao

libelo dos sectários, foram exactamente os inacianos, que lhe apregoam a beatitude e lhe publicam os milagres. Aos panegiristas é que ele deve o ter sido, mais de uma vez, maculada por semelhante falsidade a sua glória cristã.

Divulgadas as peças irrecusáveis do processo de Jean Cointha (des Boulez), a carta anual do padre Leonardo Valle, a verídica *Informação* de 1584, concluíram novos autores (9), depois disso, que não fôra uma realidade a catástrofe de Bolés. Mas alguns deles se equivocaram, por outro lado, atribuindo á mera inventiva de Beretário, á sua fantasia clerical, todo esse drama referente á conversão e execução de um herege no Rio, em 1567: "Nada disso teria acontecido — afirma um deles, entre 1897 e 1900 (10), se os autores que escreveram a vida do venerável padre Anchieta, em vez de andarem em busca de novidades, se tivessem cingido escrupulosamente á biografia que dele escreveu o padre Pedro Rodrigues, seu contemporâneo. Nella não se diz *ne verbum ne quidem* da execução de Bolés".

Com efeito, nenhuma palavra se diz acerca da execução irreal de Bolés, mas a do herege anónimo só foi omitida no incompleto manuscrito da *Vida do Padre José de Anchieta* pelo padre Pero Roiz, em 3 livros e 25 capítulos, pertencente á biblioteca de Evora. Na longa cópia da Biblioteca Nacional de Lisboa, dividida em 4 livros e 43 capítulos, vem referido o caso do herege francês e anónimo de 1567. Daí novas pesquisas, novos trabalhos para identificação desse calvinista, executado no Rio pela justiça do governador Men de

---

(9) Candido Mendes d'Almeida, p. Américo Novais, Carlos de Laet.

(10) P Américo Novais, sobre o caso João de Bolés, apêndice á conferência anchietana de 1897.

Sá. Fôra ele o genebrino André Lafon ou o francês Jacques Leballeur, modelos de calvinismo intransigente, que Villegagnon, rei da América selvagem, condenara em fevereiro de 1558 á detenção perpétua, quando eram precipitados ao mar, do alto de um rochedo, por igual motivo, os seus companheiros Du-bourdel, Mathieu Verneuil e Pierre Bourdon? As indagações históricas só têm produzido vãs conjecturas nesse domínio. E há mesmo um trabalho erudito pelos seus dados, mas inadmissível nas suas conclusões, O MARTYR LE BALLEUR — que é um espécimen de confusão protestante, sucedendo em 1917 á dos autores católicos.

\* \* \*

Em resumo: afora a passagem de Pero Roiz, nada encontramos, historicamente, sobre a conversão anchietana do herege de Guanabara. Quer na correspondência de Anchieta e de outros jesuitas, quer no *Instrumento* de Men de Sá, nenhum vestígio lhe descobrimos. Os documentos da época não referem semelhante episódio.

Imprecisa e lacónica, a estranha versão de Pero Roiz omite o nome da vítima, só inscrevendo á margem, na cópia existente em Lisboa, o género do supplicio — *o q. passou com hum hereje q. enforcaram*. Falta-lhe mesmo o elemento objectivo de um testemunho certo, pois o caso, *dali a muitos anos*, teria sido contado por Anchieta a um irmão, cujo nome também não se declarou. Havendo folheado os processos de canonização do venerável Anchieta, em Roma, o padre Américo de Novais pode assegurar no apêndice á conferência anchietana de 1897: "...embora as testemunhas tenham affirmado *in genere* que foram muitas as conversões



operadas por Anchieta, contudo, *in specie*, não atestam senão a conversão de dois portuguezes que viviam entre os índios, como se não fossem cristãos.”

Essa ausência de objectividade, traduzível por nomes e datas, subtrai ao lance final da conversão de um herege anónimo; em Guanabara, todo o valor histórico. Ainda que fosse documentado, porém, só exprimiria novo requinte de caridade humana e sacerdotal. Quantas vezes não desejamos, com efeito, que se abreviem os sofrimentos de uma pessoa querida no estertor da sua agonia? Comovendo-se á vista do supplicio e á ideia da perda de uma alma, possivelmente exasperada até á blasfemia, teria dito Joseph de Anchieta ao verdugo que se apressasse, *fizesse bem o seu officio*. Nada mais. E o próprio Anchieta salientou essa intenção caridosa, ao frisar que a sua irregularidade *não era ofensa de Deus*.

### III

## RELÍQUIAS DE ANCHIETA

As relíquias de Anchieta, em parte, foram transferidas para a igreja do Colégio da Baía, por determinação de Cláudio Aquaviva, geral da Ordem, no ano de 1611, ficando ao pé do altar-mór, veneradas pelos romeiros e devotos. Em 1625, porém, como o breve pontifical de Urbano VIII, de *non cultu*, vedasse aos fieis o culto dos não beatificados ou canonizados, passaram a outro lugar. Uma delas, por esse tempo, foi enviada a Roma. (SIMÃO DE VASCONCELOS, *Vida do V. Padre Joseph de Anchieta*, liv. V, cap. XV). Expulsos do Brasil os jesuitas, mandou o chanceler Thomaz Roby a d. José I, em 12 de abril de 1760, as relíquias anchietanas do Colégio da Baía — tíbias e peroneos, mais duas túnicas — num cofre de jacarandá, forrado a prata. (XAVIER MARQUES, *Nova comunicação ao Instituto da Baía*, 1914). Das que permaneceram no Espírito Santo já não existem documentos comprobatórios nem sequer vestígios. Apenas, de um trabalho do Sr. PEREIRA DE VASCONCELOS (*Ensaio sobre a história e a estatística da Provincia do Espírito Santo*) consta o seguinte: “Na sessão do Instituto histórico e geográfico brasileiro, celebrada em 17 de agosto de 1855, foi apresentada pelos Srs. Pereira Pinto e Norberto uma proposta para que se solicite do governo a entrega de um fragmento dos despojos mortais do missionário Anchieta, que se conserva em uma caixa com lavor de prata no tesouro público da Corte ou da Provincia do

Espírito Santo”. Comentando essa informação, escreve Teixeira de Melo: “O Tesouro Público de que fala dubitativamente Vasconcelos seria de certo o da capital da Província do Espírito Santo, se não se soubesse que se trata aqui da igreja dos Jesuitas na capital da Província do Espírito Santo, onde se acha vasia a lousa tumular do santo varão apostólico, de cujos restos mortais alguns presidentes da Província, com mais cortezia para com os vivos do que veneração para com os mortos, têm lançado mão para obsequiar a amigos ou a altas personagens, que visitaram a igreja em que eles jaziam”. — JOSEPH DE ANCHIETA, *An. da Bib. Nas.*, v. II, f. I. O sr. Sá e Benevides, em 20 de dezembro de 1876, informava ainda a Ramiz Galvão que existiam na sacristia da igreja dos Jesuitas, ao lado do palácio do Governo da Vitória, duas caixas de prata, contendo a primeira uma canela de Nóbrega e a segunda um fragmento da canela de Anchieta. Em suma, as relíquias do santo espalharam-se pelas capitanias do Brasil, onde se alardeava o seu poder curativo, de norte a sul, havendo sempre uma na sacristia de cada templo dos jesuitas, que benziavam com ela os vasos de água para os enfermos.

## VI

### DECRETO PONTIFICAL

**Relativo á beatificação do venerável servo de Deus, Joseph de Anchieta, sacerdote professo da Sociedade de Jesus.**

Aos 31 de julho do corrente ano de 1736, perante o papa Clemente XII, nosso santo padre, reuniu-se a congregação geral dos ritos, na qual o reverendíssimo Senhor Cardial Imperiali propôs a causa da beatificação e da canonização do venerável servo de Deus Joseph de Anchieta, sacerdote professo da sociedade de Jesus. Nessa congregação foi inquirido: “Se constam virtudes teologais e cardiais do venerável servo de Deus, *no caso e para o efeito de que se trata*”. S. Santidade, tendo ouvido os pareceres dos reverendísimos senhores cardiais, julgou mais acertado, conforme a praxe, diferir a solução de tal dúvida, para invocar, antecipadamente, por meio das suas orações, e demais preces, o socorro e as luzes do Altíssimo. Feito o que S. Santidade, chamando á sua presença o reverendo padre Luis de Valentibus, promotor da fé, comigo secretário, abaixo assinado, neste dia de S. Lourenço, ordenou a publicação de uma resposta afirmativa sobre a dúvida proposta, declarando: “Constam das virtudes do venerável servo de Deus, Joseph de Anchieta, em grau heroico, *no caso e para o efeito aludidos*, tanto virtudes teologais, a saber, fé, esperança e caridade, como

virtudes cardiais — prudência, justiça, força e temperança.”

Feito aos 10 de agosto de 1736.

A. F. Card. ZONDADARI, Prefeito. T. Patriarca de Jerusalém, secretário da sagrada Congregação dos Ritos.

(Extr. da *Vie du Venerable Joseph Anchieta*, por Charles Sainte-Foy).



## INDICE

Pags.

Prefácio (Juizos Críticos) .....	5
Ecce liber .....	42

### LIVRO I

#### VOCAÇÃO

CAPITULO I — Nascimento e infância de Anchieta. Os seus estudos em Coimbra. Misticismo. O patriarca Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus. Prestígio da Ordem. Ingresso de Anchieta no Colégio dos Jesuítas .....	47
CAPITULO II — O noviço. Primeiros exercícios espirituais. Mistério da Eucaristia. Devoção e doença. Conselho do padre mestre Simão Rodrigues. Vinda para o Brasil na missão de 1553 .....	59
CAPITULO III — Desembarque de Anchieta na Baía. Indumentária do tupinambá. O arquétipo selvagem. Animismo e canibalismo .....	68
CAPITULO IV — Barbaria colonial. Tomé de Souza. União da Igreja e do Estado. D. Duarte da Costa e d. Pero Fernandes Sardinha .....	77
CAPITULO V — Visita de Orfeu. Anchieta segue da Baía para São Vicente com outros religiosos. Tempestade. Chegam os jesuítas a S. Vicente. Em busca de Piratininga. Noivado de Anchieta e da terra do Brasil .....	88

### LIVRO II

#### A ESCOLA DE PIRATININGA

CAPITULO I — Fundação da casa de S. Paulo. — Os religiosos. Mulheres cristianizadas. Homens incon-	
--	--

versíveis. Antropofagia. Esperança dos padres. Baptismo. Socorro aos enfermos. Regime da casa de Piratininga .....	101
<b>CAPÍTULO II</b> — O inferno selvagem de Piratininga. Concupiscência, uranismo e poligamia. Explosão do amor livre. A luta pela castidade. Intrigas dos mamelucos. Os demónios de S. André da Borda do Campo. Um gigante amável, Caubi. Epidemias e flagelações. O cancer. Um episódio sinistro. Regresso dos conversos à antropofagia. Holocausto ao gênio da tribo .....	113
<b>CAPÍTULO III</b> — João de Bolés em S. Vicente. Perfil do aventureiro. Tragi-comédia religiosa da França Antártica. Villegagnon e Bolés. Expulsão de um teólogo como boca inútil. Desforra. <b>Monsior de Bolés</b> , herege. Denúncia das suas heresias. Inquérito mandado com o reu à justiça eclesiástica da Baía. Relações do herege e do governador. Bolés na tomada do Forte Colligny. Nova prisão, novo processo, advogado pelo Santo Offício de Lisboa. Julgamento. Penitência no mosteiro de S. Domingos. O aventureiro segue de Portugal para a Índia e não torna mais ao Brasil .....	128
<b>CAPÍTULO IV</b> — Martírio dos Irmãos Pedro Correa e João de Souza. Começo de uma lenda. Bruxos e padres. O taumaturgo beluário .....	142
<b>CAPÍTULO V</b> — Trabalhos e vigílias de mestre-escola. Anchieta catequista. Mistérios e autos. Diálogos e cantos populares. Cerimónias da Igreja de Piratininga. <b>O Auto da Pregação Universal</b> . Anchieta e a nuvem. Sugestão. O herói da catequese .....	148
<b>CAPÍTULO VI</b> — Anchieta, o naturalista. Carta descriptiva de seres e coisas do Brasil. Influências meteorológicas. Singularidades da fauna. Virtudes e aspectos da flora. A pedra elástica .....	154

## LIVRO III

## O POEMA DE IPEROIG

<b>CAPÍTULO I</b> — Assalto dos portugueses ao forte Colligny em 1560. Confederação dos tamoios. Defesa de Pi-
--



ratinha. Tibiriçá, o lidaçor. Anchieta e Nóbrega, emissários da paz, no quartel-general do inimigo ..	165
CAPÍTULO II — Primeiros dias de Iperoig. Aula infantil de catecismo. Guerra aos canibais. Missa da primavera. Irreverência dos tamolos. Vexames e tentações	178
CAPÍTULO III — As canoas. Hostilidades iniciais dos tamolos. O Gran-Palma. Torna a Iperoig o navio de José Adorno. Um visitante feroz. Perigos e atribulações. O francês luterano e a sua malícia. Os franceses asselvajados e a sua cruza .....	185
CAPÍTULO IV — Anchieta e Nóbrega escapam às flechas dos tamolos. O Grão-Mar. Socorro imprevisto. Cunhambebe .....	194
CAPÍTULO V — Na aldeia do grande chefe. Antropofagia. Nóbrega volta a S. Vicente. Promessa de Anchieta à Nossa Senhora. O poema da Virgem ....	200
CAPÍTULO VI — Marabá. O filho de Anchieta. Baptismo dos inocentes. Demónios do mar. Gesto sublime de Anchieta. Um paladino cristão entre os selvagens	211
CAPÍTULO VII — Sacrifício de um tupi. Anchieta em face da Morte. Anchieta em face de Deus, através dos sonhos. Expansão da lenda nos rochedos de Iperoig. Prodígios da caridade anchietana. Um prisioneiro indomável. Novas desventuras de Antonio, companheiro de Anchieta. O seu regresso a Bertloga ..	220
CAPÍTULO VIII — Conclusão da paz. Anchieta obtém de Cunhambebe a sua liberdade. Rixa de mulheres. Um oratório em chamas. O regresso do santo na canoa de Cunhambebe. Salva-se a colónia. Tristeza de Anchieta .....	231

## LIVRO IV

## FUNDAÇÃO DO RIO DE JANEIRO

CAPÍTULO I — Começo de nova guerra. O santo e a peste. O apelo do capitão Estácio de Sá, em 1564, para fundação da cidade do Rio de Janeiro. Nóbrega e Anchieta em Guanabara, através da tormenta. Encontro de heróis e santos. Rumo a S. Vicente .....	239
CAPÍTULO II — A esquadra no porto de Santos. Rumo a Guanabara. Esquadilha anchietana. Incl-	

dentes da travessia. Desembarque em 1.º de março de 1565. Fundação da cidade. Bafa de Guanabara. Primeiras escaramuças. Joseph de Anchieta e Gonçalo de Oliveira entre os combatentes. Novas agressões dos tamolos. Anchieta segue para a Bafa .....	245
CAPÍTULO III — O governador e o apóstolo. Perfil do heroi Men de Sá. A sua fé. O seu governo. Feitos de armas. Primeira missa de Anchieta .....	255
CAPÍTULO IV — Segunda frota de Men de Sá. Dois anos heroicos. São Sebastião entre os nossos. Trabalho e justiça. O capitão e a cidade. Um conselho de capitães e sacerdotes. Ataque ao forte do Uruçumirim. Estácio de Sá ferido. Combate na ilha do Governador. Morte de Estácio de Sá. O embarque dos religiosos para S. Vicente. Regresso. Mudança da cidade. Execução de um herege anónimo. O santo e a lenda .....	264

## LIVRO V

## ASCENSAO

CAPÍTULO I — Anchieta nomeado reitor do colégio de S. Vicente. Os seus trabalhos nesse período. Exaltação das suas virtudes. Misticismo e renúncia. Grandeza e humildade .....	279
CAPÍTULO II — Anchieta na tribuna sacra. O sermão de 1568 sobre a conversão de Saulo. Efeitos oratórios e locais. O pecador do Brasil-colónia. <i>Vas electionis</i> . Catequese dos maramomis. O amigo dos índios. Uma bandeira cristã .....	286
CAPÍTULO III — Tragédia da nau <b>Santiago</b> . Mortos illustres. Paz e Força. Na praia de Itanhaem. Adão ..	294
CAPÍTULO IV — Anchieta no colégio da Bafa. O novo provincial; o novo governador. Piedade e cavalheirismo. Fundações da provincia. Os subditos da Ordem	302
CAPÍTULO V — Jornadas e viagens do provincial. Hábito de mansidão. Defesa do gentio. Ensino. Trabalhos e perigos da catequese. Estolicismo de Anchieta. Casos de profecia. Valdez e a sua armada. Ortega e Filds, emissários anchietanos. Vitória dos catecumenos .....	310

<b>CAPÍTULO VI</b> — Exodo e cativoiro do gentio. Aniquilla- mento da raça indígena. Os negros .....	323
<b>CAPÍTULO VII</b> — Informações históricas. Desventura de Ilheus, Porto Seguro, Itamaracá. Opulência de Pernambuco e da Baía. Começo do Espírito Santo e do Rio de Janeiro. Infância de S. Paulo. <i>Vae Victis!</i> Desejo de ouro e de poder, síntese das forças do novo ciclo. Egoísmo e caridade .....	330
<b>CAPÍTULO VIII</b> — No reino dos milagres. O sobrena- tural dividido em parágrafos: 1.º, Anchieta, o Pro- vtdor; 2.º Médico; 3.º, Revelador; 4.º, Como domina a terra e os animais; 5.º, Como influi sobre a água e o fogo; 6.º, Como lhe obedecem as aves ....	340
<b>CAPÍTULO IX</b> — Outros aspectos da lenda. Extases. Caso do índio Diogo, o resuscitado. Pescaria de Maricá. Esplendor da capela de Bertloga .....	340
<b>CAPÍTULO X</b> — Ascensão lendária. Receptividade da alma portuguesa e da alma indígena para o milagre. Caracteres do feiticeiro. Zumé ou S. Tomé. Entre o psiquismo e a fisiologia. Definição católica do tau- maturgo. O maior dos prodígios .....	355

## LIVRO VI

**OCASO DE RERITIBA**

<b>CAPÍTULO I</b> — Declínio de Anchieta. Reritiba. O ere- mita. O vidente. Última viagem à Baía. Volta à so- lidão .....	365
<b>CAPÍTULO II</b> — Anchieta na casa do Espírito Santo, como superior. Pobreza e perfeição. Um discípulo inglês do taumaturgo. Novos milagres. Rimas de um profeta .....	374
<b>CAPÍTULO III</b> — Apontamentos de cronista e biógrafo. Manuel da Nóbrega, o Fundador. Vida em Portugal; vinda para o Brasil. Acção religiosa e social de Nóbrega. Catolicismo e nacionalismo. O apóstolo severo. Zelo e santidade. Frases indeléveis. O mís- tico .....	380
<b>CAPÍTULO IV</b> — Galeria de santos: Leonardo Nunes, a invicta fé; Aspilcueta Navarro, a imaginação; Luis da Grã, a sabedoria; Pedro Correa, a eloquencia;	

João de Souza, a humilhação; Domingos Pecorela, a inocência; Salvador Rodrigues, a submissão; Francisco Pires e Diogo Jacome, a candidez; António Rodrigues, a predestinação; Mateus Nogueira, soldado e forjador, síntese plebeia da Ordem .....	304
CAPÍTULO V — Última jornada à Vitória. O conselheiro da casa do Espírito Santo. Despedida. Morte em Reritiba. Funeral. Glorificação de Anchieta .....	404

## ELUCIDARIO:

I — Letras anchletanas .....	413
II — O herege de Guanabara .....	423
III — Relíquias de Anchieta .....	434
IV — Decreto pontifical .....	436

